





**Marinheiro só**



Claudio Guerra

# Marinheiro só

1ª edição

Natal[RN]

Editor: Carlos Gregório B. Guerra-MEI  
[O baú de Macau - Editora e Artes]

2011

Copyright @ Claudio Antonio Guerra

Capa

O baú de Macau - Editora e Artes

Revisão, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

O baú de Macau - Editora e Artes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
[CIP]

---

Guerra, Claudio

Marinheiro só/ Claudio Guerra.

Natal[RN]/O baú de Macau -Editora e Artes - 2011

218 p.

ISBN 978-85-64496-01-9

CDD B869

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: 2. Literatura brasileira

Natal[RN] - setembro/2011

Editor: Carlos Gregorio B. Guerra-MEI

[O baú de Macau - Editora e Artes]

CNPJ: 12.994.099/0001-73

Rua Presidente Cunha Barreto, 1417 -[Anexo]

Barro Vermelho

59030-540 - Natal [RN]

Telefone: [84] 2010-2188

obaudemacaed@obaudemacau.com

Para o marinheiro José Manoel,  
mártir do povo brasileiro  
e  
para todos os que lutam contra o esquecimento,  
em especial para  
Geni  
que não deixou a ditadura brasileira  
tripudiar sobre o cadáver  
do seu companheiro.



“Quem é essa mulher,  
Que canta sempre o mesmo arranjo?  
Só queria agasalhar meu anjo  
E deixar seu corpo descansar”.

Angélica, Chico Buarque



## Índice

1. Um cemitério no Recife	13
2. Os marinheiros do Potengi	23
3. Festa de padroeira	29
4. Um casamento no Alecrim	33
5. Os marinheiros da Guanabara	39
6. O golpe	45
7. O marinheiro João Cândido	51
8. Um dia de fuga no Rio de Janeiro	59
9. Abril de 1964 em Natal	65
10. Itapissuma	71
11. Marinheiro só	81
12. Companheiro Moisés	85
13. Jonatas, que não era mais	89
14. Paratibe, adeus!	97
15. O Comando Gelson Reicher	103
16. O marinheiro Custódio	109
17. Um cachorro chamado Kimble	117
18. Primavera em Santiago	125
19. Um sequestro em Toritama	135
20. Sequestros no Recife	141

21. É como se mata cachorro	149
22. Um dia de muita chuva no Recife	157
23. Todas as mortes de José Manoel	161
24. Uma sessão de tortura	163
25. Um pé de fruta-pão	173
26. Barro Vermelho	179
27. Terroristas em Natal	183
28. Recordações de Pernambuco	187
29. Incidente em Brasília	191
30. Tecendo a manhã	195
31. Hoje, morreu um cristão	203

# 1. Um cemitério no Recife

O homem olhou-a com a cara fechada. Com ódio. Cara de mau. Tirou os óculos escuros e disse numa grosseria de meter medo:

— É o quê, hôme!

Aos gritos, chamando a atenção de todo mundo e avançando sobre ela como se fosse passar por cima. Era mesmo para intimidá-la, humilhá-la.

Ela fitou o homem com espanto. Uma lágrima escorreu mansinha, imperceptível.

Eu é que não vou dar gosto para esse animal, pensou.

Foi falar e a voz ficou enroscada na garganta. Aí, não conseguiu segurar. Outra lágrima rolou, agora cheia, estourando na face. Baixou a cabeça envergonhada. Estava quase vencida. Virou-se e quando ia saindo, sentiu a mão grosseira do homem da cara de mau segurando com força o seu braço. O homem falou baixinho junto do seu ouvido:

— Cemitério da Várzea...

Em seguida, num grito histérico para que todos ouvissem:

— Suma daqui e não volte nunca mais!

Ela olhou assustada, em pânico, atarantada. O rosto do homem parecia de cera, sem vincos. Várzea?! Várzea... conhecia tão pouco o Recife. Seria mentira? Teria dito só para se livrar dela que vinha ali quatro, cinco vezes ao dia com a mesma pergunta.

Não teve tempo para dúvidas. O homem da

cara de mau, apertou ainda mais forte o seu braço e sussurrou:

— Se disser uma palavra eu juro que lhe mato...

Saiu da sala confusa, meio sem saber o que fazer. Caminhou com as pernas bambas pelo corredor comprido, escuro e com um sem fim de portas dos dois lados, vermelhas descoradas, sentindo o cheiro forte de urina e merda. Ouviu gritos de pavor e uma voz mais forte ordenando:

— Fala, filho da puta!

Pela porta entre-aberta ela pode ver um homem dobrado e pendurado a poucos centímetros do chão, suspenso em duas mesas. Mais tarde ela assistiria aquele tipo de tortura, o pau-de-arara. Amarravam os punhos da vítima e atravessavam um pau entre os joelhos dobrados e os punhos amarrados e penduravam entre duas mesas. Naquela posição o torturado recebia choques elétricos e era espancado com um objeto de madeira, a palmatória. Como pode haver tanta maldade? Sentiu um frio intenso em todo o corpo. O policial que a acompanhava sorriu e bateu na porta entreaberta. A porta foi fechada violentamente com um grito de protesto:

— Porra! Eu já não lhe disse prá não deixar essa merda aberta!

Na calçada, um carro com a sirene ligada estacionou de sopetão e dele desceram dois homens à paisana e esbarraram nela, quase derrubando-a. Entraram arrastando um rapaz de cabelos pretos e longos e olhar de pavor. Aquela fachada suja e

decadente do prédio e aqueles homens lhe causavam asco.

Passavam os ônibus. Passavam muitos carros para um lado e para outro. A rua estava movimentada, cheia de gente, bicicletas e automóveis. Estava espantada. Recife se tornara uma cidade grande, assim, de repente. Ficou ali na rua sem saber direito para onde ir e viu quando um corcel verde dobrou numa rua próxima e passou bem perto dela. De longe o carro chamara sua atenção e teve certeza que era o carro de Zezinho. O homem no volante usava um chapéu de couro, de vaqueiro. Eles também haviam levado o carro de Zezinho. Só agora ela dava conta disso, envolvida que estava em descobrir o corpo do marido. E afinal porque aquele homem de chapéu de vaqueiro estava com o carro de Zezinho?

Surgiu um caminhão grande onde ela achava que seria o começo da rua. Era o começo e era o fim, porque era de lá que os automóveis surgiam e os que iam, sumiam. Ficou olhando aquilo, os carros sumirem na rua, parecia um buraco engolindo carros e gentes. Não conseguia pensar em outra coisa que não fosse chegar no cemitério. Ela tinha que ir ao cemitério naquela hora imprópria de sol quente do meio dia. Não sentia fome nem nada.

Finalmente apontou um ônibus. Conferiu, não passa. Depois de um tempo veio outro. Esse deve ir, pensou. Foi alertada por um rapaz:

— Moça, este passa!

Deu com a mão e quando o ônibus parou, conferiu. Passa. Este passa na Várzea. Subiu ela e mais três passageiros e uma criança chorando. Subiu no ônibus chorando e assim ficou, chorando. Um choro contínuo, monótono, sentido, de grande mágoa.

Pediu ao motorista que a deixasse no Cemitério da Várzea. Quem escutou, olhou logo para ela. Uma mulher no banco de trás benzeu-se e depois, beijou a mão.

Ficou olhando para nada dentro do ônibus. Parecia em estado de choque. Depois de algum tempo, recobrou o ânimo e ficou preocupada. Perguntou ao motorista se faltava muito. Faltava. Ficou lendo as placas. Encruzilhada, Casa Amarela, Apipucos, Caxangá, Curado, Cidade Universitária, Iputinga e não chegava a Várzea. Finalmente chegou. Não sabia que chegara. Não viu o cemitério. O motorista foi quem falou:

— Moça, o cemitério da Várzea é aqui!

Um rapazinho de cabelos compridos comentou:

— Aqui não quero vir tão cedo!

Quando descia do ônibus, atribulada e insegura, ainda ouviu o diálogo entre duas mulheres:

— Seu Totonho do Marco Zero foi enterrado aqui! Você conhecia?

— Não conhecia e agora nem quero conhecer!

Respondeu a outra, benzendo-se.

Desceu, ela e mais uma mulher de vestido azul que sumiu logo em seguida. Ficou procurando o

cemitério. Um homem de chapéu marrom vinha atravessando a rua. Perguntou.

— É por ali! Disse o homem solícito, feliz por prestar a informação.

E ela foi por uma ruazinha mais estreita. Foi caminhando e ouvindo uma música de Roberto Carlos que vinha de alguma casa por perto. Era uma música nova de Roberto Carlos. Ela ouvia a toda hora no rádio.

E Geni acompanhou os versos: “Não tinha medo de nada/Não tinha medo de escuro/ Não temia trovoadas/ Meus irmãos à minha volta/ E meu pai sempre de volta/ Trazia o suor no rosto/ Nenhum dinheiro no bolso/ Mas trazia esperança”. E chorou. Caminhava quase que empurrada por uma força que não sabia de onde vinha.

“Essas recordações me matam/Essas recordações me matam”. Era a música que continuava ao longe. E recordou os seus irmãos em Natal, todos solidários com o seu sofrimento e com a sua dor, todos sofrendo com ela desde muito tempo, desde que haviam começado as perseguições a José Manoel. E lembrou-se do seu pai, seu querido pai, que assim como ela e os irmãos estava sem saber direito o que significava tudo aquilo.

As barracas dominavam a rua toda. De uma ponta, o colorido das lonas. Ali se vendia de tudo. Muita gente fazendo refeição naquelas barracas, uma por cima das outras. Parecia uma feira. Parou numa delas para confirmar se era ali mesmo. Era.

— É aqui mesmo! Respondeu um senhor de camisa amarela que bebia alguma coisa, sem dar tempo da dona da barraca virar-se para responder. O homem olhou-a de alto a baixo, assim como surpreso, assim como se perguntasse como é que uma criatura não sabia onde ficava o cemitério da Várzea. Todo o Recife sabia.

Achava aquilo tudo uma loucura. Como viera sem ter certeza: e se aquele brutamontes mentira e dissera aquilo só para se livrar dela? E se fosse uma armadilha? Mas agora ela já estava lá. Agora era saber a verdade, se o corpo de José Manoel estava ou não naquele cemitério.

Havia pouca gente no cemitério. Perguntou pelo coveiro e alguém lhe indicou. O coveiro era um homem curvado sobre a sua magreza e com um chapéu enterrado na cabeça. Estava fazendo algum trabalho e demorou-se muito para virar-se e responder. Tinha a cara de bom, mas olhava desconfiado.

— É sobre um homem que morreu há uns quinze dias! Perguntou vexada.

— Acidente? O coveiro virou-se indagando com sua voz forte, sonora.

— Não! Respondeu e completou quase como um apelo:

— Ele era meu marido!

O coveiro olhou desconfiado e desconversou:

— Aqui nós enterramos essa gente desgarrada de todo esse Pernambuco! Como é que eu vou saber?

Sei não! Virou-se e voltou ao que estava fazendo.

Ela insistiu:

— Ele foi assassinado!

Aí, o coveiro demonstrou não só no rosto como nos gestos que estava preocupado. Olhou meio interrogativo para ela, parou o trabalho, foi se afastando desconfiado e disse taxativo:

— Aqui na Várzea não foi não!

Ela insistiu mais uma vez:

— Foi ele e mais quatro ou cinco e tinha uma moça também!

Agora os olhos do coveiro piscaram de medo. Dava para ver que era de medo. Olhou mais uma vez para todos os lados. Estava acuado:

— Olha moça, eu não quero complicação para mim não! Falou finalmente com a voz limpa, sonora.

Ela estava angustiada. Não esperava que tudo fosse fácil mesmo. Tinha certeza que sua “via crucis” seria grande, mas estava disposta a enfrentar. Não sabia de onde tirava as forças. Precisava agora buscar a informação. O primeiro impacto já fora quebrado. O coveiro já tivera coragem suficiente para ficar na defensiva. Era um bom começo.

Abriu o jogo. Foi honesta:

— Veja bem, como cristã eu preciso saber do corpo do meu marido! Ele precisa ter um túmulo onde eu possa vir rezar pela sua alma! Onde meus filhos também venham rezar por ele! Eu não sei quais os erros que ele cometeu para ter sido torturado e assassinado da forma como foi! A minha vida com

ele era o seu trabalho de fabricante e vendedor de calçados, os nossos filhos e a nossa casa! Nada mais eu sei, mas preciso cumprir minha obrigação de cristã! Foi tudo dito assim de sopetão, aos trancos. Precisava dizer logo tudo. Tomou folego e completou:

— E mais a mais ele não é um indigente, um mendigo! Ele tem família e não pode ficar assim numa vala qualquer! Fez um enorme esforço para não chorar. Conseguiu, mas a palavra indigente quase não saía.

O cozeiro percebeu o desespero dela:

— Olha, moça, nós vivemos aqui no terror! E antes fosse o terror das almas penadas! Mas é de outro terror que eu falo! Desse mesmo que matou seu marido! E eu nunca imaginei que minha profissão pudesse ser tão cheia de perigos! Por favor moça, eu não quero problemas para mim nem para minha família! Já sei de companheiros de profissão que estão passando dificuldades e eu não quero estas confusões para minha vida não!

Ele vai falar. Ela percebeu que toda aquela justificativa, que todo aquele medo sincero exposto assim daria forças para ele falar.

— Eu só preciso saber sim ou não! Você me diz somente sim ou não! Não precisa dizer mais nada!

Encarou o homem que baixou os olhos medrosos. Quando levantou a cabeça percebeu o olhar de súplica de Geni:

— Senhora, disse tirando o chapéu pela

primeira vez, eu tenho família, crianças pequenas e eu não quero me comprometer não! A senhora mesmo sabe como é nos dias de hoje! E mais a mais esse povo vive rondando todo dia e toda hora aqui pelo cemitério, fazendo perguntas, querendo saber quem esteve aqui, a que horas e que dia! Aí, colocou o chapéu e olhou para ela nos olhos. Era um olhar de sofrimento. E disse, quase chorando:

— Querem relatório detalhado e sempre nos ameaçam! Olha, eu estou apavorado com tudo isso!

Geni suspirou aliviada. Sabia que o brutamontes não mentira.

Restava agora o coveiro falar. E ele falou:

— Senhora, o carro da Caridade veio aqui faz alguns dias e trouxe cinco corpos para serem enterrados na área dos indigentes!

Tomou fôlego, olhou para os lados e continuou, agora, mais assustado ainda:

— Eu nunca procuro saber do que se trata pois aqui na Várzea é sempre bom a gente não saber de nada, mas o motorista disse que se tratava de terroristas...

Baixou ainda mais a voz e quase balbuciando, completou:

— Disse que eram três rapazes e duas moças e que estavam todos estropiados...

**1973. Ditadura, ditadura militar, regime militar, regime autoritário, regime autoritário-burocrático. Estado de Segurança Nacional, Estado totalitário.**

**A república brasileira sangrava em 1973. Quase uma década de mando dos militares. Em 1964 a burguesia pressentiu perigo e deu o golpe. O presidente eleito democraticamente, João Goulart, foi deposto.**

**No Brasil não existe mais eleição para presidente, nem para governador nem para prefeito de capital. Muitos não se curvaram. José Manoel foi um deles.**

## 2. Os marinheiros do Potengi

Um homem parou junto ao portão da pequena vila de quartinhos encravada no Alecrim e ficou ouvindo. Devia ser um homem sensível à poesia, porque parou para ouvir. Ele ia apressado, quem sabe para onde àquela hora da madrugada, mas parou para ouvir José Manoel de voz bem postada, declamando os versos:

“sei que não vou ter rosas nem flores  
ninguém cantará hinos de amores,  
ninguém abraçará o meu caixão!...  
Afinal... Quem sou eu?! Um peregrino...  
No além não soará as badaladas de um sino,  
e ninguém dirá... Hoje, morreu um cristão!”

O homem continuou seu caminho quando ouviu lá de dentro, do corredor estreito e comprido, uma voz mais forte de um homem, que mesmo na penumbra viu tratar-se de um marinheiro:

— Avie, Zezinho! A Marinha precisa de marinheiros e não de poetas! Não é o que sempre diz o capitão?

José Manoel interrompeu a declamação e guardou com cuidado o seu caderno de poesias numa estante improvisada junto à cama e disse sorridente saindo do quartinho:

— Hoje eu estou feliz! Ontem recebi uma carta

da minha mãe! E ontem mesmo fiz esta poesia para ela! Gostou da poesia, Zé Raimundo?

— Hôme! Vamos embora senão chegaremos atrasados! Aperreou-se José Raimundo:

— Vamos deixar a arte para depois! Agora é a obrigação! Nos apresentar, embarcar e levar a santa até a Pedra do Rosário! Completou.

E daquelas casinhas baixas, grudadas como siamesas, ainda no escuro, saíram seis ou sete marinheiros caminhando silenciosamente pela calçada alta, irregular até saltarem um a um para a rua larga de pedras irregulares e escorregadias. Rua íngreme que ia de ponta a ponta da colina que separava o Alecrim da Ribeira. Desceriam até o rio e nos trilhos, seguiriam pela estrada de ferro até a Base dos Fuzileiros Navais, nas Quintas.

E dali, do alto da rua onde estavam aqueles marinheiros naquele momento, descortinava-se o rio, o manguezal, o mar e mais ao longe as dunas que refletiam agora, à primeira claridade, uma tênue linha luminosa no horizonte.

Um pouco mais tarde o rio iria dourar e depois ficaria azul escuro até à tardinha quando voltava a dourar de novo. Era assim que o Potengi sempre fora: um rio dourado e azul escuro. Era assim que ao menos ele, José Manoel, poeta, prenhe de sonhos e vindo do sertão de Pernambuco para ser marinheiro em Natal, via o rio Potengi, o rio grande do norte.

E como José Manoel, eram todos jovens

irrequietos e cheios de esperanças que fugiam dos confins do sertão árido e pobre, da caatinga tirana e começavam a descobrir o mundo: Estocolmo, Amsterdã, Nova Iorque. O mundo para eles já era muito mais que Natal, João Pessoa e Recife.

Vieram atraídos pela propaganda que lhes prometia muito e cumpria pouco. Um dia, seriam oficiais: não seriam. Naquela época, o almirantado buscava jovens que não contestassem a quase escravidão dos navios.

A revolta da Chibata e João Cândido ainda estava muito presente. E eles, jovens sertanejos, estavam lá naquele grande depósito de mão de obra, que se tornara o sertão nordestino, mantidos com as sobras das verbas das campanhas contra a seca, esperando uma oportunidade para sair daquele mundo opressivo do mando dos coronéis, dos empregos de favor, do voto comprado e exigido, dos favores cobrados nas eleições, da falta de perspectiva, da miséria e da humilhação.

Mas estávamos nos sessenta e, no Brasil, falavam-se em mudanças. Havia esperança.

Conversavam pouco, mas tinham muito para falar. Mas àquela hora, naquele dia estavam todos com o pensamento voltado para a festa da padroeira. Não a sagrada, pois deles, poucos tinham fé suficiente para fazer aquilo tudo sem reclamar: acordar mais cedo que o costume e escoltar a santa rio acima desde o cais da Ribeira até o cais da Pedra do Rosário. Assistir a interminável pregação de Dom

Marcolino e sair dali com o rosto queimado pelo sol e com a certeza de que Nossa Senhora da Apresentação era a maioral das santas e com ela se conseguia tudo, ou quase tudo.

Na verdade, o que esses jovens marinheiros aguardavam mesmo e com ansiedade era a festa profana a noite na Praça André de Albuquerque em frente da catedral. A festa das quermesses, das barraquinhas de comidas, das barraquinhas das argolas, dos tiros e das prendas. Das mocinhas bem vestidas e bem perfumadas, moças de família, moças para casar e que vinham do Alecrim, do Baldo, da cidade Alta, das Rocas e até do distante bairro das Quintas e que também aguardavam ansiosas a festa da padroeira.

Caminhavam calados quando viram surgir um automóvel em grande velocidade lá no começo da rua. Logo em seguida ouviram uma freada brusca e o barulho dos pneus arrastando no calçamento por alguns segundos e depois, o baque surdo do choque com alguma coisa. Ouviram gritos de imprecensões e em seguida risadas altas, debochadas.

Viram quando um rapaz e uma moça desceram do automóvel e foram olhar a frente do carro. Avaliavam o estrago. O rapaz gritou um palavrão e a moça deu uma risada escandalosa. Dentro do automóvel riram e gritaram:

— Vamos embora! E logo!

O rapaz e a moça voltaram para o carro que arrancou em grande velocidade. Desceram a rua na

direção dos marinheiros que ainda estavam no meio da rua, embasbacados com todo aquele barulho àquela hora da madrugada.

Edson puxou José Manoel pelo braço em direção à calçada. O veículo vinha em disparada e diminuiu a velocidade passando muito próximo deles. Era um Chevrolet Impala vermelho, novinho, novinho. O cheiro de borracha queimada e gasolina acompanhavam o veículo que levava moças e rapazes excitados e sorridentes.

Passaram gritando insultos contra os marinheiros. Gritavam e sorriam. Vinham de alguma festa e pareciam embriagados.

— Serão as mulheres da Maria Boa? Perguntou um dos marinheiros.

— Não! De maneira nenhuma. Elas são mais honestas! Respondeu outro.

Um marinheiro fez menção de apanhar uma pedra para atirar contra o veículo. Os outros recriminaram e José Raimundo disse:

— Não! Não vale a pena! Amanhã vão dizer que a Marinha do Brasil cometeu um atentado contra jovens indefesos do Tirol...

— Deixa prá lá! Completou.

**3 de outubro de 1960. Varre varre vassourinha... Jânio Quadros venceu a eleição para presidente afirmando que é um homem acima dos Partidos e que vai acabar com a corrupção. Uma parte da burguesia e dos militares não gostavam do Jânio. Eles**

**pensavam em resolver a sucessão de Juscelino de outro modo. Há muitos anos que queriam resolver de outro modo. Diziam que Jânio bebia muito e que também era excêntrico. Afirmavam que ele ia criar problemas.**

**Os americanos também não gostavam, diziam que Jânio não era confiável. Nos Estados Unidos da América, Lincoln Gordon estava sendo preparado para ser embaixador no Brasil.**

### 3. Festa de padroeira

O menino ergueu o rosto assustado, envergonhado, com ar de choro. Estava estendido na calçada, junto ao meio fio e todos olhavam para ele. Era um menino franzino e devia ter uns nove anos. Vestia roupas surradas, grandes para ele e calçava uns Sete Vidas azul, de solado muito gasto, bem lisinho. As pipocas estavam espalhadas ao seu redor, por toda a calçada. A mulher com a qual esbarrara provocando-lhe a queda, não tinha comiseração e gritava histérica, olhando se manchara o seu vestido.

Não fosse este fato, quase normal nas festas das padroeiras, o grupo de marinheiros, talvez dez ao todo não teriam visto as duas mocinhas que passavam naquela hora e que pararam para ver o menino no chão e a mulher histérica que gritava.

E naquele momento em que as duas mocinhas pararam no meio da rua para ver o incidente, dois marinheiros vieram em socorro do menino, levantaram-no e compraram outro saquinho de pipocas. O menino mal agradeceu, saiu envergonhado, olhando para os lados e desapareceu na multidão.

E a conversa dos marinheiros, recostados na barraca da quermesse, passou imediatamente da queda do menino para a mocinha de vestido de bolinhas amarelas, que agora, já não estava mais

ali. Já ia, com sua amiga, dobrando a rua na esquina da catedral, em direção à Avenida Rio Branco em busca do ônibus que as levariam para casa.

Jovens do interior, tímidos, mas descobrindo um mundo que nunca imaginaram existir e cheios de sonhos e esperanças, experimentavam a sensação de algum reconhecimento social naquela festa sagrada e profana, afinal, eram da Marinha do Brasil. Na Marinha, uma contradição tremenda e que parecia estimulada pelos altos escalões. O marinheiro deveria ficar no seu lugar. E seu lugar era embaixo. Se subisse, deveria subir com ele também, toda a pompa e toda glória do almirantado. Afinal, não se buscava oficiais nos confins do sertão brasileiro. Os oficiais tinham origem. Um almirante sempre gostava de frisar isso.

— Dois... três... quatro...

— Ah! Geni! Para com isso que é feio! Reclamou a prima.

Elas estavam agora na praça Padre João Maria e Geni dava as passadas contando alto de acordo com as badaladas do relógio da catedral, sorrindo feliz, numa brincadeira inocente e ainda com aquele gostinho da lembrança de ter sido o centro da atenção dos marinheiros. Não só ela, mas a prima também percebera os olhares compridos dos marinheiros.

O relógio parou na décima badalada e Geni olhou preocupada para a prima:

— Nossa! Dez horas e a gente ainda aqui e

mamãe nem sabe que eu vim nessa festa! Vamos embora depressa!

Desceram até o Cine Rex e ficaram olhando os cartazes dos filmes, mas nem esperaram muito. Apontou na avenida buzinando e com um ronco choroso, vindo lá da Ribeira, o Bossa Nova da Rocas/Quintas, que parecia trazer o povo todinho das Rocas.

No Alecrim, desceu quase todo mundo no Quitandinha. Elas também desceram e caminharam na direção da Avenida Dez. Àquela hora o Alecrim era sempre bem movimentado do povo que voltava para casa. Não andaram muito e foram abordadas por um marinheiro de olhos grandes. Ele foi mais que direto:

— Eu vim porque gostei de você! Disse para Geni com um tom de voz quase autoritário.

A prima não esperou:

— Eu vou indo! Disse, já saindo.

— Não! E mamãe vai dizer o quê se ver você chegar sozinha?

A prima contemporizou:

— Está bem! Eu espero um pouco, mas só um pouco, viu?

— A gente viu quando você subiu no ônibus, mas pensei que você também morava aqui no Alecrim! Disse Geni, agora mais calma.

José Manoel sorriu e cravou os grandes olhos em Geni:

— É, eu moro! Quase todo mundo da Marinha

mora no Alecrim! Os comandantes não, é claro! E então?

— Não sei... mamãe não gosta muito de marinheiros não! Aliás, ela não gosta de homem de farda porque vocês vivem brigando aqui pelo Alecrim! Ela vai reclamar! Eu sei que ela vai reclamar!

José Manoel nem esperou que ela terminasse:

— Amanhã eu venho aqui e falo com sua mãe, com o seu pai e com todo mundo! E depois, apertando sua mão, disse sorrindo:

— Palavra de marinheiro!

Foi um sorriso sincero. Geni sentiu que era sincero.

**1 de janeiro de 1961. Jânio Quadros assumiu a presidência. Condecorou Chê Guevara e os militares ficaram possessos, não todos; a burguesia ficou de cabelo em pé. Os americanos também não gostaram e aprovaram mais verbas para a Escola das Américas. Jânio vai renunciar. Está sendo pressionado para renunciar. 25 de agosto é o dia do Soldado, foi o dia que Jânio renunciou em 1961. Agora, a burguesia, os militares e os americanos não querem que o vice assuma. O vice é João Goulart e foi eleito democraticamente pelo voto livre do povo brasileiro. Preferem outra solução. Há muitos anos que a burguesia brasileira, uma parcela dos militares e os americanos querem outra solução.**

## 4. Um casamento no Alecrim

— E agora que eu não acho a alva!?

— Vai sem alva mesmo! Respondeu o sacristão.

— Bote este sobrepeliz! Completou grosseiro.

— É grande... veja se tem um menor! Pediu quase chorando.

— Tem não! Se vire com este mesmo! Foi a resposta seca e mal educada que ouviu.

— E avie que padre João já vai entrar! O sacristão falou com a maior autoridade do mundo. E o coroinha, menino magrinho e pequenino, vestido com um sobrepeliz sobrando por todo lado, arrastando pelo chão, aperreou-se quando viu que padre João vinha do fundo da sacristia e se dirigia a passos rápidos para a celebração.

— Venha até aqui! Disse rispidamente o sacristão.

— Mas o padre João já vai entrando!

— Preste atenção! “Et introibo ad altare Dei!” disse autoritário o sacristão, esperando a resposta.

— “Ad Deum qui laetificat juventutem meam!” respondeu quase sem fôlego o coroinha correndo para entrar no altar junto com o padre.

Era a tarde de 11 de novembro de 1962 e tinha pouca gente na igreja. Todos ficaram de pé à entrada do sacerdote e do coroinha.

Os noivos já aguardavam no altar. A igreja ficava espremida entre duas ruas que ligavam os bairros

com a estação rodoviária, o porto e a ferrovia. De quando em quando o barulho de um veículo invadia a igreja.

— É Fenemê! Disse o menino de camisa amarela.

— É não! É um Studebeique! Respondeu o outro.

— Quer apostar? Completou, se levantando e encarando o menino de camisa amarela.

— Aposto!

Sentados na escadaria da igreja, haviam fugido da cerimônia de casamento e vadiavam ali fora quando ouviram o ronco surdo de um caminhão que vinha lá da Ribeira e passava pelo Baldo em direção ao Alecrim.

Padre João também ouviu aquele som arrastado ao longe e preocupou-se. Quando chegar na pracinha ninguém ouve mais nada aqui dentro, pensou. E apressou a cerimônia.

Nem esperou a noiva terminar o, “assim como manda a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana”, e acrescentou:

— “Ego conjúgo vos in matrimónio. In nomine Patris, et Fiii, et Spiritus Sancti!”

— Amem! Todos responderam.

No altar, ela e José Manoel pareciam duas crianças. José Manoel num terno escuro e um olhar de esperança, de uma longa vida pela frente na Marinha do Brasil. Geni num vestido branco simples e belo, véu e grinalda, olhava a expressão calma do pai que contrastava com o ar preocupado de sua

mãe. O terno branco de linho, os óculos largos e a calvície bem acentuada dava um ar de segurança ao seu pai. Aquilo lhe confortava.

E se lembrava das conversas com sua mãe. Das demoradas conversas enquanto lavavam a louça e arrumavam a cozinha. A mãe ansiosa lhe enchendo de perguntas, os porquês marinheiros não podiam casar, nem votar e nem andar à paisana. E se aquilo tinha futuro para ela, casar assim e ir para longe.

E ela insistindo que tudo iria dar certo, que se casariam na igreja e depois, no Rio de Janeiro, se casariam no civil e que Zezinho na última carta lhe contara sobre a associação dos marinheiros que estava ficando cada vez mais forte e que logo logo iriam conseguir que os marinheiros pudessem casar como todo mundo, pudessem votar e até eleger um marinheiro deputado e que o soldo iria quase dobrar e eles marinheiros passariam a ser respeitados.

A angústia da mãe era grande.

E dava conselhos: Olha, mantenha o chão da sua casa sempre encerado, e as panelas bem areadas, viu! Seja uma boa dona de casa e não dê motivos para ele reclamar de você!

E todos estes pensamentos vinham agora para Geni, ali no altar, prestes a mudar radicalmente sua vida.

Em seguida padre João aspergiu a água benta nas mãos dos esposos dizendo:

— “Per áquae benedictae aspersionem det vobis omnipotens Deus suam grátiam et benedictiόνem!”

E passou logo para a bênção das alianças.

— “Adjuntórium nostrum in nomine Dómini!”

O barulho do caminhão já começava a atrapalhar a cerimônia.

— “Qui facit caelum et terram!” Respondeu o coroinha com sua voz sumida, presa na garganta.

— “Domine, exáudi oratióem meam!”

Novamente o sacerdote elevou a voz para ser ouvido.

— “Et clamor meus ad te véniat!”

— “Dóminus Vobiscum!” Padre João agora gritava.

— “Et cum spiritu tuo!” Desta vez a voz do coroinha saiu límpida e seus olhos brilharam pela primeira vez em toda a cerimônia.

Tudo foi simples e breve. Demorada apenas para os noivos sempre ansiosos. Interminável mesmo para o pequeno coroinha, que pela primeira vez participava de uma cerimônia como auxiliar do padre João.

Só Geni, que mesmo preocupada com o casamento e a mudança para o Rio de Janeiro no dia seguinte, percebera o desconforto do atrapalhado coroinha, com um cingulo grosso, acima da barriga, prendendo as vestimentas que não haviam sido feitas para ele.

Quando padre João pronunciou:

— “Confirma hoc, Deus, quod operátus es in nobis!”

O coroinha mais que depressa respondeu:

— “A templo sancto tuo, quod est in

Jerusalem!” e sentiu uma alegria como nunca sentira em toda a sua vida. Estava radiante agora. Passaria a vida toda ajudando o padre João em batizados, casamentos e missas.

Por fim, José Manoel cumprira o que prometera há um ano, no dia que conheceu Geni. No segundo encontro eles conversavam numa esquina do Alecrim, quando, um dos irmãos de Geni passou e viu os dois namorando:

— Vou contar para a mamãe que você está com um marinheiro e ela não vai gostar nada disso! Falou e saiu correndo.

Geni aperreou-se:

— É melhor você ir embora e gente se fala depois! Disse assustada para um seguro José Manoel na sua inseparável farda de marinheiro.

José Manoel não teve dúvidas. Pegou Geni pela mão e foi lá na Avenida Dez, na Vila dos Paianazes onde ela morava e falou com o pai, a mãe, os irmãos e até com os vizinhos.

Os dois meses de namoro e a transferência de José Manoel para o Rio de Janeiro foi visto com um certo alívio por sua mãe. Agora eles se esquecem! Disse sem muita esperança para uma vizinha.

**3 de outubro de 1960. João Goulart foi eleito vice-presidente. Jânio, o presidente renunciou, o vice deve assumir. Na democracia é assim. No Brasil dos sessenta, não! A burguesia não quer que João Goulart**

**assuma. Ele fala muito em reformas de base, reclamam. Ameaçam com uma parte dos militares. Parece aquela atitude de atirar o cachorro. O governo agora é parlamentarista, deu tempo do Congresso Nacional mudar as regras. Jango aceitou o jogo, mas, em 1963 num plebiscito, o povo quis Jango como presidente, com todos os poderes. Os militares, uma parte, não gostaram, nem a burguesia. Os americanos dão uma no cravo e outra na ferradura. O cravo é a Aliança para o Progresso, a ferradura é a Escola das Américas.**

## 5. Os marinheiros da Guanabara

— Zeppelin! Era Olavo que falava. Isso mesmo, Zeppelin! Agora me lembrei! Nasci em trinta e cinco e meu pai dizia que neste ano só duas coisas foram importantes para ele, além do meu nascimento, é claro! Ter visto o Zeppelin e os comunistas tomarem o poder na cidade do Natal. Quando ele contava sobre o Zeppelin, parecia que passava um filme. Eu gostava de vê-lo contar sobre o Zeppelin.

Reunidos na embarcação quase todas as noites, olhavam o mar e o cais vazio até a hora em que exaustos, desciam para os beliches do alojamento apertado que fedia a óleo. Dias felizes, esperançosos, ou então, dias tristes, cabisbaixos, enfezados.

Olavo, o mais velho do grupo, continuava nar-rando:

— Estava meu pai e seus companheiros de trabalho da estrada de ferro quando um deles correu e apontou para o céu. Era um charutão enorme que vinha na direção deles. Parecia uma coisa do outro mundo. Correram todos para se esconder na mata, mas o capataz falou que era um balão dirigível que vinha da Alemanha e que ninguém precisava ter medo não. Não se convenceram muito, mas ficaram todos olhando. Meu pai disse que ficou abobalhado, olhando aquela coisa enorme, prateada, reluzente, linda, linda e que não fazia nenhum barulho. Passou bem baixinho e seguiu rumo ao sul. O capataz

anunciou: Vai para o Rio e São Paulo. E eles ficaram olhando até o balão sumir no horizonte. Ninguém mais trabalhou nesse dia. A imagem do balão era muito forte e à noite, quando se reuniram no acampamento depois do jantar, só falaram no Zeppelin, uns dizendo que as pessoas do balão tinham acenado para eles, outros que chegaram a ver uma moça bonita de cabelos compridos e houve até quem viu quando jogaram um lenço branco que foi cair na direção do mar. Meu pai disse que sonhou a noite toda com o Zeppelin e que passaram várias semanas falando no Zeppelin.

Olavo interrompeu a narrativa e ficou pensativo, talvez com a imagem do Zeppelin, tão plástica como seu pai contava. Depois falou:

— Meu pai disse que a vontade dele e dos companheiros depois daquele dia era abandonar tudo e ir para o Rio ou São Paulo!

Eram lembranças, belas lembranças. Cesário, potiguar das caatingas, do Cabugi pedregoso, completou:

— Eu até tenho saudades do tempo que nos reuníamos na pracinha da igreja que ficava na frente da estação do trem. Diziam que o chefe da estação era comunista. Eu nunca fiquei sabendo se ele era ou não comunista, mas tinha medo dele porque o meu avô dizia que os comunistas comiam criancinhas. Aliás, eu tinha um medo danado dos comunistas, dos índios e dos ciganos. A história era bonita e todos prestavam atenção:

— Éramos um grupo grande de rapazes. De cinco até dez, conforme a noite . Ficávamos conversando na pracinha até o trem passar. O trem era um misto com vagões de carga e de passageiros. Passava entre uma e duas horas da manhã. E nós só íamos para casa depois do terceiro apito, quando ele ia saindo da cidade.

Cesário sabia narrar e isso encantava a todos:

— Naquele tempo a gente já achava que as coisas tinham que mudar no Brasil. E todos fazíamos planos para sair daquela cidadezinha e ir para Recife, Rio ou São Paulo. Eu me lembro que todas as noites, adormecia sonhando com o Rio de Janeiro: apartamentos, belas praias e eu num rabo de peixe desfilando com mulheres bonitas, daquelas da capa do Cruzeiro.

— E sobre os comunistas que tomaram Natal, o que seu pai dizia, Olavo? Perguntou um dos marinheiros, assim que Cesário terminou.

Olavo retomou:

— Meu pai dizia que comemoraram muito no dia que souberam, porque os comunistas eram amigos dos cassacos e estavam sempre punindo por eles. Estavam muito afastados da cidade num trecho da ferrovia que estava afundando. Só depois, muito depois que ficou sabendo que no dia que estavam comemorando a vitória dos comunistas em Natal, eles já tinham sido expulsos do poder e estavam sendo presos e torturados.

Todos se calaram pensativos por um bom tem-

po, até que um deles falou:

— Meu tio disse que os comunistas lutam pela reforma agrária, para que todo mundo tenha o seu pedacinho de terra!

— É verdade! Isso é verdade! Confirmou outro se levantando para dar mais ênfase à sua fala. E continuou:

— Lá em Pernambuco faz bastante tempo que o povo luta para ter um pedaço de terra. Agora as Ligas Camponesas do Julião está conseguindo muita coisa!

Outro marinheiro entrevistou. Era paraibano e admirador de Miguel Arraes:

— Não é só o Julião não! A sorte de todo mundo lá é o Arraes, se não fosse ele os usineiros já tinham mandado matar muita gente!

Inácio, um cearense caladão, cismado, finalmente entrevistou, feliz por dizer uma coisa que só ele sabia:

— Lá no Cariri todo mundo diz que Julião vai sempre em Cuba e é grande amigo de Fidel Castro! E completou um tanto eufórico:

— Em Cuba é o povo que está mandando.

Novamente Olavo falou, agora com autoridade:

— É a organização. Sem organização não se consegue nada. Por isso a nossa associação tem que ser forte e vai ser! Temos que pensar no Brasil! Se não fosse a luta pela Petrobrás, o petróleo não seria mais nosso e sim dos americanos que pensam que

são os donos do mundo!

Pedro era gaúcho, saído das serras e criado naquele espírito da nova pátria que alemães e italianos abraçaram quando migraram para o Brasil:

— Eles só pensam isso porque aqui no Brasil tem muita gente que acha que eles são tudo. E se baixa até o chão quando vê um estrangeiro! Por isso que admiro o Brizola. Com ele não tem esse negócio não! Ele sim faz a gente ter orgulho de ser brasileiro!

Olavo lembrou da Tribuna do Mar:

— Amanhã sai o jornal da Associação! Eu sei que a almirantada não vai gostar!

— Precisamos estudar! Agora quem falava era João Neto, sempre tímido, a voz contida, o mais novo da turma. E continuou:

— Aqui, eu vejo que a maioria gosta de ler! Calou-se e parece ter viajado no tempo. Depois retomou:

— A época que mais lí era quando ajudava minha mãe encerar a casa. A gente encerava e depois eu ia espalhando o jornal pela sala e o corredor até chegar na cozinha. Eu colocava uma folha de jornal no assoalho e aí via uma notícia que me interessava e me abaixava e ficava lendo. Minha mãe não se importava, pois se eu estava lendo estava aprendendo alguma coisa. Eu demorava muitas horas nessa leitura. Aprendi muito no Diário de Pernambuco e no Jornal do Comércio.

Olavo empolgou-se e completou, agora já era

um pequeno discurso:

— A Marinha precisa de pessoas com boa formação, só assim seremos respeitados pela sociedade. Pois bem, e agora estamos aqui e queremos casar, votar, eleger-se, estudar, andar à paisana. E nossos pais querem terra para trabalhar e nossos irmãos, escolas e empregos! E tudo está encaminhando para isso. As reformas que o presidente Jango quer fazer é para isso mesmo. Emprego e salário, terras para os camponeses. Haveria mundo melhor que esse, olhando este mar e esta cidade?

Nessa noite todos desceram para os beliches felizes, esperançosos.

**13 de março de 1964. No Rio, no Comício das Reformas que reuniu cerca de 150 mil pessoas, João Goulart anunciou reformas: agrária, eleitoral, universitária, tributária, a revisão da Constituição, o direito de voto do analfabeto, a nacionalização das refinarias, legislação contra aluguéis extorsivos, desapropriação das terras às margens de rodovias, ferrovias e açudes públicos. A população do Brasil era de 80 milhões de pessoas e cerca de 60 milhões apoiavam o presidente. Mais uma vez a burguesia, parte dos militares e os americanos não gostaram. Diziam que as reformas *eram comunistas demais*. Os governadores do Rio, São Paulo e Minas também não gostaram. Prometeram dar o troco.**

## 6. O golpe

— E você ainda não ouviu não? Ligue o rádio que está dando a notícia toda hora. É no Reporter Esso! Estão dizendo que vão prender todos os marinheiros! Era a vizinha da casa da frente, ainda muito cedo, que trazia a notícia. Na quinta feira, esta mesma vizinha já lhe falara sobre o noticiário.

Os marinheiros seriam presos. Foi isso que Geni ouviu no plantão da rádio Mayrink Veiga naquela sexta feira santa, 27 de março de 1964.

Estava no quarto e dava a mamadeira para seu filhinho quando ouviu a chamada da edição extraordinária. O rádio ficava na cozinha. Demorou-se um pouco, mas ainda pode ouvir alguma coisa sobre os marinheiros. Estava preocupada, pois Zezinho não chegava e nem dava notícia. Ficou ali junto do rádio esperando novas notícias.

Zezinho saíra na quarta feira à tarde e ela passara a quinta-feira sem notícia nenhuma, aflita, cuidando do bebê que apresentava sintomas de gripe.

Na quinta feira, pela manhã, a vizinha da frente veio lhe dizer que o Reporter Esso anunciava algum problema com os marinheiros. Geni não dera muita importância, pois sabia que era apenas uma festa da Associação dos Marinheiros no Sindicato dos Metalúrgicos.

Aumentou o volume do rádio para se sobrepor ao choro do bebê que reclamava a mamadeira. Se

era edição extraordinária devia ser alguma coisa importante. Ficou sabendo que iam prender os marinheiros que estavam reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos. O prédio estava cercado pelo exército e o presidente da República João Goulart havia substituído o ministro da Marinha que pedira demissão. O problema parecia grave.

Não conhecia muito bem o Rio de Janeiro. E agora essa notícia da prisão dos marinheiros a deixou muito preocupada. Iria até o Sindicato dos Metalúrgicos, nem que fosse a última coisa que faria na sua vida. Morava longe, na Baixada, em Mesquita. A cidade quase deserta em razão do feriado. Tomou um ônibus e foi se informando pelo caminho. O cobrador sabia dos acontecimentos no Sindicato dos Metalúrgicos. Um primo dele, marinheiro, também estava lá. Ele falou muito preocupado para Geni:

— Moça é coisa muita séria!

Ela queria ter ido àquela festa, afinal fazia muito tempo que não ia numa festa. E ainda mais que Zezinho e o Bicho passaram mais de um mês conversando sobre a festa de aniversário da associação no dia 25 de março. O Bicho, era como Zezinho chamava o sargento José Raimundo, seu amigo conterrâneo que conhecera na Marinha em Natal. E em Natal também já haviam tentado organizar uma associação.

Mas enfim, não podia ir mesmo. Seu primeiro filho só tinha cinco meses e não poderia ficar com outra pessoa. Conformou-se, apesar de sentir uma

vontade enorme quando viu Zezinho sair de casa dizendo que não o esperasse pois a festa terminaria tarde da noite e ele só voltaria no outro dia.

Agora, alí estava naquele ônibus sem saber ainda como chegaria até o Sindicato dos Metalúrgicos. Quando se levantou para descer do ônibus, um senhor de cabelos grisalhos e barba por fazer, alertou-a:

— Moça, se eu fosse você não iria lá no Sindicato não! Nós estamos num pé de guerra. Volte para sua casa!

Ela não disse nada. Baixou a cabeça preocupada, mas iria, mesmo com todo o risco.

Desceu perto de um posto de gasolina e foi caminhando conforme lhe indicaram. Quando entrou na rua Ana Neri, ao longe viu a rua cheia de gente, tomada por caminhões, tanques do exército e soldados armados, que cercavam o prédio do Sindicato dos Metalúrgicos. Ninguém entrava ou saía do prédio. Era a determinação do comandante da operação.

Medo era uma coisa que ela quase nunca sentia, mas vendo aquele aparato militar, estremeceu. O que seria tudo aquilo logo numa simples festa de aniversário da Associação dos Marinheiros?

Passou pelos soldados como se nada existisse. Eles formavam um cordão, isolando o prédio e preparados para invadí-lo. Ouviu um grito:

— Alto!

Nem percebeu que era com ela. Continuou

andando, avançando para o prédio do sindicato. O prédio era grande, muito grande e cheio de janelas e bandeiras hasteadas. As janelas estavam todas ocupadas pelos marinheiros que começaram a acenar para ela, dando vivas e atirando os bonés para a rua e gritando palavras de ordem. Ela olhou para cima, mas não entendeu nada daquilo. Queria apenas falar com o seu marido, saber o que estava acontecendo e quando ele voltaria para casa.

O clima era de muita excitação.

O sargento José Raimundo, postado numa das janelas e também saudando a moça corajosa que ignorara a ordem dos soldados, rompeu a barreira e avançava destemida para o sindicato, gritou para um amigo ao seu lado:

— Nossa! É Geni, a mulher de José Manoel!

Saiu dali e foi à procura do amigo no interior do prédio. Caminhou por entre as centenas de marinheiros que descansavam estirados no chão. Em meio a um grupo que vinha para as janelas, encontrou José Manoel curioso para saber o porquê daquelas manifestações ruidosas.

Quando Geni se aproximou da grade de ferro que dava acesso ao sindicato, foi abordada por alguém que segurou bem firme o seu braço:

— Onde vai criança?

Virou-se e viu que era um militar do exército. Um militar graduado. Devia ser o comandante.

Das janelas, os marinheiros protestaram, iniciando um coro:

— Solta! solta! solta! ...

Geni falou com espontaneidade, explicando-se ao oficial:

— Vim porque ouvi no rádio que vão prender os marinheiros! Vim para falar com meu marido que é cabo da marinha e também está aí nessa festa!

O coronel não duvidou da sua justificativa e apesar de todo aquele clima de nervosismo e beligerancia, foi educado e paciente. Nem considerou o ato de Geni como uma provocação ao batalhão que estava ali com a missão de prender os marinheiros e levá-los para o Quartel de Guardas.

— Vá para casa que seu marido mais tarde estará lá!

— Mas eu quero falar com ele! Eu quero vê-lo!

José Manoel já vinha descendo do prédio e os caminhões do exército já começavam estacionar na frente do sindicato.

Enfim, o governo Goulart havia tomado uma decisão. Os marinheiros seriam levados ao Quartel de Guardas e depois liberados. Seriam anistiados contra o desejo da burguesia e dos militares golpistas que apostavam num banho de sangue alí mesmo no prédio do Sindicato dos Metalúrgicos. O golpe, preparado há muitos anos, agora estava próximo. As lideranças democráticas sentiam o cheiro do golpe no ar.

O encontro de Geni e José Manoel foi rápido e tenso. Abraçaram-se e seguraram o choro. Ela viu

que Zezinho estava apreensivo. Ele quis logo saber do seu filhinho e procurou tranquilizar Geni:

— Aqui, apesar de tudo, está tranquilo. Não faltou nada, pois o povo foi solidário e mandou água e comida. Só estamos cansados. Já tenho notícia que vão nos liberar mais tarde. Vá para casa e me espere, se não for hoje, amanhã no almoço estarei lá.

O comandante da operação deu ordem para os marinheiros embarcarem e José Manoel seguiu com seus companheiros para o caminhão. Geni ficou alí plantada, um nó na garganta e sem entender como uma festa poderia terminar daquela forma.

Ela voltou para Mesquita mais preocupada do que viera. Pensava agora no seu filhinho que deixara com uma vizinha que tinha poucas relações, mas que fora solidária, aceitando ficar com a criança e as duas mamadeiras que preparara.

**19 de março de 1964. Em São Paulo foi realizada a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Organizada pelo IPES [entidade mantida pelos empresários], União Cívica Feminina, parte do clero e das forças armadas, reuniu cerca de 500 mil pessoas. O discurso do deputado Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional, foi a senha para o comando militar deflagrar o golpe. A República vai sangrar.**

## 7. O marinheiro João Cândido

Os acontecimentos dos dias 25, 26 e 27 de março de 1964 no Sindicato dos Metalúrgicos foram talvez os mais intensos nas vidas daquelas pessoas que participavam da assembléia dos marinheiros.

Durante muito tempo o cabo marinheiro José Manoel iria contar o episódio dos discursos, do hino nacional e dos fuzileiros navais abandonando as armas e se unindo a eles entre choros convulsivos de alegria, medo e incerteza. Tudo foi muito intenso.

Não se tratava apenas de uma reunião festiva para comemorar o segundo aniversário da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Os marinheiros lutavam por direitos bem definidos: o direito de votar e ser votado; o direito de casar, o direito de vestir à paisana, o direito de estudar, o fim da humilhação a que eram submetidos com o Livro de Castigo, que substituiu a chibata nos navios, dentre outros direitos que não podiam exercer em razão da proibição formal ou das dificuldades que a própria Marinha impunha. Enfim, lutavam por melhores condições de vida, lutavam por dignidade.

A festa de aniversário da Associação era um ato político bem organizado e aguardado com ansiedade pelos marinheiros.

Os marinheiros estavam embalados pela conjuntura favorável da grande mobilização popular que no dia 13 de março demonstrara força

excepcional na concentração da Central do Brasil, onde as lideranças políticas, sindicais e estudantis afinaram o discurso a favor das reformas de base: agrária, bancária, universitária, administrativa e eleitoral, cujo ato culminou com um emblemático discurso do presidente João Goulart.

A Associação era tudo para os marinheiros. A doutora Érica Roth fora contratada para reorganizar a Associação, definindo suas funções e atividades. Buscavam elevar a auto-estima dos marinheiros. Criaram brigadas para tirar dos cabarés e bares da zona portuária os marinheiros que andavam por ali, levando-os para a sede da associação, onde teriam uma convivência melhor, com mais dignidade.

Organizaram uma visita à Petrobrás. Buscaram o conagraçamento com marinheiros de outros países, de passagem pelo Rio. Organizaram passeios para as cidades do interior; organizaram bibliotecas, criaram um setor de saúde e de apoio social, enfim queriam elevar o conceito dos marinheiros junto à sociedade.

Não queriam mais que a população tivesse aquela idéia de marinheiro brigão, causador de confusões e mal educados. Todos estes fatores levaram os marinheiros a despertar a consciência sobre o seu papel na sociedade e qual a sociedade que queriam.

Mas, parece que a oficialidade, ao menos uma parte dela, não via tudo isso com bons olhos. A

impressão é que para eles os marinheiros e os fuzileiros deveriam ser estúpidos, como devem ser todos os subalternos. Que não deviam discutir uma determinação superior, apenas acatar. E à medida que a Associação crescia e tomava corpo e reconhecimento social, as punições aos diretores e associados se multiplicavam, sem nenhum motivo real. Ou então, alegavam qualquer motivo de indisciplina e puniam.

Com a intenção de reunir um número expressivo de marinheiros e convidados de outros sindicatos, partidos políticos e associações estudantis, e dar mais um passo para a consolidação da Associação, escolheram como local da festa de aniversário a sede do Sindicato dos Metalúrgicos que era grande e bem localizada.

Estavam lá os representantes do Governo brasileiro, Max da Costa, representando o Presidente da República e o Ministro do Trabalho, Amaury Silva; Osvaldo Pacheco e Dante Pelacani da Confederação Geral dos Trabalhadores; o deputado Hércules Correa, um comunista eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro; dirigentes da União Nacional do Estudantes; representantes de Associações Femininas e muitos outros convidados ilustres que davam apoio aos marinheiros e lutavam por um Brasil livre das amarras do capital estrangeiro e com mais justiça social.

O clima político nesse momento era de incitação. Perigosa incitação. A burguesia e os

militares entreguistas, histéricos com a política externa de total independência do presidente Jânio Quadros, pressionaram-o, levando-o à renúncia. Depois, tentaram dar o golpe, impedindo que João Goulart, o vice-presidente eleito democraticamente, assumisse a presidência. No plano externo dominava a guerra fria e os golpistas internos e externos, não perdoavam o fato de Jânio Quadros ter condecorado Ernesto Chê Guevara.

Agora, viam o cargo de presidente ocupado por um nacionalista das hostes getulistas. Era muito para eles que há vários anos tramavam, com o apoio norte-americano, um golpe contra a democracia no Brasil.

As reformas anunciadas pelo presidente João Goulart era o assunto que dominava as conversas do povo. Só se falava no discurso do presidente Jango no comício na Central do Brasil, onde comprometera-se com as esperadas reformas de base, contemplando a reforma agrária, a reforma na educação e o controle na remessa de lucros das empresas estrangeiras, dentre outras mudanças sociais e econômicas propostas.

Nessa conjuntura amplamente favorável das reformas anunciadas, a perseguição implacável e a intransigência do almirantado contra os marinheiros levava ao acirramento das posições. Os marinheiros perceberam que o momento era propício para avançar e viam que seus anseios eram os mesmos dos demais trabalhadores brasileiros.

O Ministério da Marinha fez de tudo para impedir a festa. Os fatos, todos os fatos ocorridos nos dias anteriores ao 25 de março de 1964, conspiravam contra os marinheiros. A decretação das prisões dos membros da diretoria da associação, as perseguições nos navios e até o episódio covarde, quando metralharam marinheiros desarmados que iam para a reunião na manhã do dia 26, eram atos de provocações do almirantado daquela época.

Do dia 25 para a madrugada do dia 26 o movimento foi tomando outra proporção. A cada momento novas notícias chegavam até à assembléia provocando mais revolta nos marinheiros. Havia um clima de excitação muito grande.

A reunião prevista para terminar cedo, transformou-se num ato de protesto e numa assembléia permanente, com discursos calorosos dos marinheiros e de lideranças políticas, estudantis e de outros trabalhadores que estavam ali em solidariedade aos marinheiros.

E o Conselho do Almirantado constatava agora que a Marinha errara no recrutamento. Foram atrás dos jovens broncos dos campos do sul e dos estúpidos nordestinos da caatinga para burros de carga. Queriam homens que baixassem a cabeça e não reclamassem de nada. Trouxeram homens honestos e inteligentes e com o gérmen da revolta contra a situação de miséria que viviam nos sertões do país. Trouxeram valorosos patriotas e trabalhadores, mas não trouxeram covardes.

O jornal a Tribuna do Mar, elaborado pelos marinheiros não deixava dúvidas: eles eram muito mais do que o almirantado queria.

Os marinheiros falavam com o coração e toda a revolta contra o massacre moral e a humilhação a que estavam submetidos, explodiu naquele ato político. E ali, junto com eles naquela assembléia, um emblema: João Candido.

O velho marinheiro levantou os olhos cansados e emocionou-se. Há muitos anos não sentia uma emoção tão forte como aquela. Centenas de companheiros, de pé, aplaudindo e gritando vivas para ele. Alguns, mais exaltados, gritavam palavras de ordem. Outros atiravam seus bonés para cima.

E lembrou da sua luta e de seus companheiros, há mais de meio século, contra aquela mesma opressão, contra o castigo medieval aplicado aos marinheiros: a chibata. O castigo físico que não existia mais, custara a vida de vários marinheiros, só João Cândido conseguiu escapar da masmorra cruel a que foram submetidos. Depois, montaram uma farsa para expulsá-lo da Marinha. Sobreviveu vendendo peixe na praça da República. Nunca esmoreceu e agora estava ali recebendo aquela justa homenagem dos seus companheiros. Ele ainda acenou várias vezes para os marinheiros e depois sentou-se. Sua expressão era de felicidade. Talvez poucas vezes em toda sua vida sentira-se tão feliz como naquele momento. João Cândido tinha consciência daquela mobilização . Não era só a

Marinha, mas o Brasil também precisava das reformas.

**10 de abril de 1964. A edição extra da revista O Cruzeiro, resumiu assim o golpe militar:**

**Em Minas, no dia 30 de março de 1964, o comandante da Base Aérea de BH foi chamado ao Palácio da Liberdade pelo governador Magalhães Pinto que expõe ao oficial seus planos e em 1º de abril, usando uma cadeia de rádio e televisão, fez sua proclamação como chefe vitorioso da revolução.**

**Em São Paulo no dia 31 de março de 1964, o governador Adhemar de Barros se reuniu com o deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara Federal e disse que não existia mais o regime federativo no país. Em 1º de abril, à tarde ele disse que “com o Exército, a Marinha, a Aeronáutica e a Força Pública e com o apoio de todas as suas classes sociais, ressurgem o São Paulo eterno para a eternidade do Brasil”.**

**O General Aldévio disse que o movimento já estava previsto nos planos Alvorada, Eclipse e Boreal que foram elaborados por uma equipe de estrategistas em 1963.**

**No Estado da Guanabara em 31 de março de 1964, o governador Carlos Lacerda mandou prender todos os líderes sindicais.**

**Para a revista, a figura central do golpe, que eles chamaram de revolução foi o general Castello Branco, chefe do Estado Maior do exército. A ditadura**

**estava implantada. Sangraram a República.  
Nem foi preciso acionar a Operação Brother Sam. O  
embaixador norte-americano no Brasil, Lincon  
Gordon, comemorou.**

## 8. Um dia de fuga no Rio de Janeiro

As bonequinhas caíram no chão. Geni ficou entre alegre e surpresa quando viu as três bonequinhas de pano caírem no chão. Fazia muito tempo que as procurava. Agora, quando menos esperava, elas apareceram ali enfiadas no guarda-roupa. Fora buscar uma toalha de mesa, presente da sua mãe e que nunca usara, e quando puxou a toalha vieram junto as três bonequinhas de pano.

Ela fechou a porta do guarda-roupa, apanhou as bonequinhas e ficou brincando, recordando o tempo que brincava com elas lá no bairro de Areia Branca, em Nova Iguaçu, na primeira casa que moraram no Rio de Janeiro. A estação do trem, igualzinha a da Ribeira em Natal. A casa com um quintal enorme, onde criava coelhos e brincava com suas bonecas, bruxinhas de pano que trouxera de Natal. Estendia sua infância no Rio de Janeiro, enganando o tempo que passava sozinha, pois Zezinho tomava o trem das quatro da manhã para o centro do Rio e só voltava à noite para o jantar. Era marinheiro na Ilha do Governador.

Agora, morando em Mesquita e com o filho pequeno para cuidar, nunca mais pode brincar e até esquecera as bonequinhas. Zezinho, agora promovido a cabo paioleiro, continuava voltando só para o jantar.

Apanhou a toalha e foi arrumar a mesa do

almoço. Era sábado 28 de março de 1964. Ele prometera que viria para o almoço. No dia anterior, todos aqueles acontecimentos no Sindicato dos Metalúrgicos, a deixaram preocupada com a situação de Zezinho e dos seus amigos marinheiros.

Lembrava-se dos acontecimentos sem entender o porquê deles. Precisava conversar mais com Zezinho, prestar mais atenção no que ele falava e saber mais sobre a Associação dos Marinheiros.

Recordava-se do quanto ele gostava da Marinha, da Associação e do jornal dos marinheiros, a Tribuna do Mar. Estava bem vivo para ela a lembrança daquele dia de março de 1963, quando ele chegou orgulhoso em casa declamando:

“[...] Lugar de destaque nos banquetes,  
Habitar em suntuosos palacetes,  
Espoliando o povo que agoniza?  
Não quero! Prefiro o convés frio do navio,  
Onde nas noites serenas de estio,  
Eu me confundo com o silvar da brisa”.

Uma enorme felicidade e na mão, o jornal que publicara sua poesia. E com que emoção declamava:

“É porque, mar, vento, céu, terra,  
Um marujo, não foge a guerra!  
Sempre que a pátria reclama,  
Deixa tudo, vai embora, se ufana,

De ser matuto-brejeiro.  
E nos palcos da batalha.  
Tem por honra e mortalha  
A farda de marinheiro!”

E como, quase sem voz a abraçara, beijara-a e lhe dizia que seus filhos viveriam num país melhor, sem miséria e teriam orgulho de sua terra.

Suas conversas com José Raimundo eram intermináveis. O sargento da Marinha José Raimundo, um pernambucano valente e solidário e um dos grandes amigos de Zezinho, que sempre ia à sua casa para estudar ou conversar. E sempre que José Raimundo chegava com um sorriso bondoso no rosto e carregado de livros, Zezinho pedia:

— Geni, faça um café para o Bicho!

José Raimundo ia direto para um quartinho, uma espécie de edícula no fundo do quintal e ali passava horas e horas estudando.

Geni pensava no quanto sua vida mudara em pouco tempo. Saíra de Natal, uma cidade pequena se comparada ao Rio, casara e agora já tinha um filho que sua mãe e seu pai ainda nem conheciam. E agora preocupada ouvindo as notícias no rádio. Prisões, invasões, bombas, tiros, movimentação de tropas. E a culpa de tudo aquilo, de acordo com os noticiários, eram os marinheiros.

José Manoel só chegou na segunda-feira, dia 30 pela manhã. Chegou num taxi e com uma passagem de avião na mão.

— Dei baixa na marinha e vamos voltar para Natal. Arrume as malas que o taxi está aí fora esperando. Foi só o que disse.

Geni apressou-se na arrumação das malas. Ela não entendia nada daquilo. Não dava tempo de entender.

— Pegue só nossas roupas! As outras coisas deixe que eu levo!

— E eu vou só com nosso filho? Perguntou assustada.

— Vai sim! Eu vou depois! José Manoel respondeu com segurança.

Quando foi saindo da casa, Geni olhou pela última vez para a castiçal da sala. Planejara levá-lo de presente para sua mãe quando fosse para Natal. Era uma peça bonita, com 18 lâmpadas pequenas. José Manoel comprara há pouco tempo.

— E o resto das coisas Zezinho, os móveis, a cozinha...esse castiçal que eu queria levar para mamãe? Foi só o que perguntou.

— José Manoel foi um tanto ríspido: Eu vou ficar mais um dia para resolver tudo e entregar a casa!

Estava com o bebê no colo, pegou a bolsa com a mamadeira e as fraldas e seguiu Zezinho que já colocava as malas no táxi que a levaria para o aeroporto. Emocionada com aquela atribulação, não compreendia ou não havia parado para pensar naquilo tudo.

No caminho para o Aeroporto ouviu a

conversa entre Zezinho e José Raimundo. Eles estavam tensos. Haviam tentado voltar para os navios e foram recebidos à bala.

Ouviu muito bem quando José Raimundo disse que Ozéas havia levado um tiro na perna quando tentara voltar para o navio.

Ela conhecia Ozéas desde Natal. Ozéas era magro, muito magro e branquelo dos cabelos avermelhados. Ele era do interior do Paraná e morava no navio. Tinha apenas um armário alugado numa casa em frente ao porto onde guardava uma roupa de paisano para trocar quando andava pela cidade.

Ela ouviu José Raimundo narrar o episódio:  
— Então o Ozéas disse: “Vim para dormir!”  
O oficial atirou nele e o tiro pegou na perna e ele caiu. Aí o oficial disse: “Vai dormir no inferno, comunista filho da puta!” Depois, vieram e levaram ele para o hospital. Ficou preso!

**10 de abril de 1964. Todos falaram com exclusividade para a revista O Cruzeiro. Todos, após o golpe, são: Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais; Adhemar de Barros, governador de São Paulo e Carlos Lacerda, governador da Guanabara. Magalhães Pinto, disse que “o movimento restaurador da legalidade, que Minas tomou a iniciativa e a responsabilidade de desencadear, com o apoio de todos os brasileiros, em breve estará concluído com a formação de um Govêrno em condições de promover**

**a paz, o desenvolvimento nacional e a justiça social”. Adhemar de Barros disse que “agora caçaremos os comunistas por todos os lados do País. Não deporemos armas enquanto não expulsarmos toda a canalha vermelha”. Carlos Lacerda disse que “o senhor João Goulart jurou fidelidade ao Parlamentarismo, para logo em seguida impor o plebiscito, e todo o povo votou”. Ele, Lacerda, não votou!**

## 9. Abril de 1964 em Natal

Um jipe do exército vindo do centro entrou na Avenida Duque de Caxias em alta velocidade e na esquina do prédio da alfândega fez o retorno quase na mesma velocidade e depois veio bem devagar, aos solavancos, o motor quase estancando.

Os dois oficiais que estavam no jipe passaram olhando as pessoas nas calçadas. José Manoel afastou-se da pequena mala, empurrando-a com o pé para junto da parede. Prendeu a respiração e se preparou para o pior.

O jipe parou um pouco à frente, bem no meio da rua, atrapalhando o trânsito e um dos oficiais desceu, entrou num bar e depois de algum tempo, voltou e foi embora. Bem próximo, haviam barricadas na rua que dava acesso ao porto de Natal.

Depois passou um caminhão do exército com soldados armados na carroceria e José Manoel que estava cada vez mais tenso, olhava a todo instante para o começo da rua esperando a volta de José Raimundo.

Sentou-se na calçada alta do Banco do Brasil, as roupas fedendo a suor, amedrontado com o vai e vem dos veículos do exército que cruzavam a todo momento a Ribeira. Nem acreditou quando viu, ao longe, atravessando a avenida em sua direção, um dos seus cunhados.

Ele vinha da praia do Forte com a intenção de

resolver alguns problemas no escritório da transportadora da família, que ficava num prediozinho espremido entre outros da Rua Doutor Barata, uma rua estreita que ligava o cais da Ribeira ao largo da estação rodoviária.

Era domingo de manhã e havia pouca gente na rua. Até os bares da região, que não fechavam nunca, estavam quase todos fechados. O povo brasileiro começava a respirar o ar pesado da ditadura.

Assustou-se quando percebeu que era mesmo José Manoel. Como era improvável encontrá-lo àquela hora, naquele dia e naquele lugar, quando se aproximou e teve certeza, levou um grande susto.

— Não me restou outro caminho senão fugir! Se voltássemos aos navios seríamos mortos! Abriram os processos contra todos nós e a acusação é de crime hediondo! Foi uma debandada geral dos marinheiros, uma dispersão! Ninguém sabia o que fazer e nem para onde fugir! Disse José Manoel aperreado, antes mesmo de cumprimentar o cunhado.

E narrou o seu drama, da reunião dos marinheiros no Sindicato dos Metalúrgicos no dia 25 de março até sua fuga para Natal e o medo de ser preso. A presença em massa dos marinheiros na reunião da Associação. A reação do almirantado que via tudo aquilo como insubordinação e decretara a prontidão rigorosa no dia 26 para recolher todos aos navios e prejudicar o movimento. E depois, a ordem de prisão, a reação dos

marinheiros e a solidariedade dos fuzileiros navais que haviam sido enviados para reprimir a assembléia, mas se juntaram a eles. E tudo o que se seguiu depois com o golpe militar, a prisão dos que participaram do movimento e a fuga dos companheiros em desespero, sem nem mesmo saber para onde fugiriam.

Agora, aguardava José Raimundo, seu companheiro de luta, que fora no Alecrim em busca de ajuda. Ficaram ali pouco tempo, pois logo surgiu José Raimundo em pânico, contando que o Alecrim estava tomado pelos fuzileiros navais.

A ditadura irrompera no dia primeiro de abril. Em Natal, a movimentação maior que se via era do exército, cujos veículos se deslocavam de um lado para outro da cidade com as sirenes ligadas e caminhões de soldados armados com fuzís. De quando em quando um avião militar surgia no céu em voo rasante.

A cidade estava toda tomada pelos militares. Já havia muita gente presa: as lideranças políticas, sindicais e estudantis, jornalistas, professores, funcionários dos Correios, outros da Rede Ferroviária e todos os que participavam da “Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler”, do educador Paulo Freire.

O exército invadira a prefeitura e depusera o prefeito. Buscavam montar uma farsa para incriminar por corrupção o prefeito Djalma Maranhão, um dos poucos homens íntegros na história política do Rio Grande do Norte.

O governador Aluisio Alves aderiu logo nas primeiras horas aos golpistas. Para o governador, importante não era a defesa da legalidade democrática, mas o respeito às forças armadas, que representava o grupo que levava Getulio Vargas ao suicídio e pusera obstáculos à posse de Juscelino e de João Goulart, tudo sob a supervisão do imperialismo norte-americano.

Nervosos e impacientes viram quando dois caminhões do exército, apinhados de soldados armados, cruzaram a avenida em direção ao cais.

— Parece que o exército vai ocupar toda a Ribeira! É melhor a gente sair daqui! Falou José Manoel um tanto preocupado.

Seu cunhado sugeriu que fossem para o escritório da transportadora:

— Deixo vocês lá e vou conversar com papai para ver o que podemos fazer!

Não havia quase ninguém na rua. O prédio ficava perto dali e era bem simples. Na fachada uma pequena placa identificava a transportadora. Eles foram até o prédio e subiram para o primeiro andar. Das poucas coisas que traziam nas bolsas, Zezinho tirou o panfleto do 13 de março na Central do Brasil e comentou com José Raimundo:

— Veja só , Bicho, eu nunca me emocionei tanto na minha vida como nesse dia treze de março. E tudo o que foi dito ali, por todos os que discursaram, dava-me a esperança de que tínhamos um Brasil melhor! E agora, o que vamos fazer?

Depois, tirou outro panfleto e mostrou para José Raimundo:

— Você já tinha lido esta patifaria aqui?

José Raimundo pegou o panfleto da mão de Zezinho, leu e disse:

— Não se podia esperar outra coisa desse deputado Amaral Peixoto, ele sempre serviu de tapete para o almirantado!

Depois, José Manoel tirou da mala o rádio Philco, novinho, novinho. Foi a última coisa que comprou no Rio de Janeiro antes da fuga.

José Raimundo examinou o rádio:

— É de quantas pilhas?

— Seis pilhas, oito faixas e dez transistores.

Parece que é bom! respondeu José Manoel, ligando o rádio.

Ficaram ouvindo as notícias do golpe militar. As rádios de Natal ainda comentavam a “Marcha da Família, com Deus pela Liberdade” realizada no dia 7 de abril, elogiando a participação dos militares, dos próceres da igreja e do empresariado potiguar.

José Raimundo comentou:

— Veja como são as coisas. Centenas de militares legalistas que não aprovaram o golpe, o presidente Goulart prestes a mudar o rumo do nosso país e com uma grande aprovação popular, reconhecido até pelas pesquisas, recua e foge e nos deixa assim sem suporte! E o Brizola? Segundo dizem, foi o próprio presidente que pediu que ele não reagisse! Eles não queriam sangue! Bem diferente

dessa linha dura que há muitos anos quer tomar o poder pela força!

José Manoel baixou o volume do rádio e falou:

— Esse povo tá doido pra ver sangue! Eles nunca aceitaram o plebiscito! Eles queriam um presidente João Goulart sem poder! Abreu Sodré, Ademar, Magalhães Pinto, Lacerda, são mesmo como disse o presidente, são os democratas anti-povo, anti-reformas! São os democratas dos monopólios e dos privilégios, são os sabujos dos Estados Unidos!

José Raimundo completou:

— Como é possível eles falarem na Constituição quando dão um golpe contra um governo eleito democraticamente pelo voto? Caiu a máscara! Agora, caiu mesmo a máscara! Não tem outro nome não! É ditadura mesmo! E continuou:

— E agora nós fazemos parte daquilo que o capitão vivia dizendo: inimigos internos! Somos mesmos os inimigos internos?

José Manoel olhou para José Raimundo e disse:

— Escolhemos o nosso campo que é do lado do povo! Forças armadas é para defender o povo e não para defender os interesses dos mais ricos!

**9 de abril de 1964. A junta militar edita o Ato Institucional nº 1 para dizer que “o movimento é civil militar e é uma autêntica revolução no interesse e vontade da nação”, por isso, “é o poder constituinte e se legitima por si mesmo”.**

## 10. Itapissuma

A camioneta entrou na curva em grande velocidade. Mal deu tempo do motorista desviar da carroça parada na estradinha. Apertados na cabine foram jogados uns contra os outros. A carroça estava metade no mato e metade na estrada. O motorista aprumou o carro e soltou um palavrão:

— Cacête! Aqui é assim, esse povo não tem nenhuma responsabilidade, depois a gente atropela e tem de responder inquérito! Falou com raiva, endireitando o corpo, trocando a marcha, reduzindo a velocidade, quase parando e se recompondo do susto.

Outra curva e a porteira. Nem era mais estrada, era um caminho de pouco movimento. Se via mesmo. A mata era alta e fechada e as imbaúbas dominavam a paisagem.

Zé de Antão, o motorista, freiou junto da porteira e disse:

— Pronto! É aqui! Era um vale suave e à direita começava um canavial que sumia de vista. Passaram a porteira e já avistaram uma casa grande com varandas, o curral, as pocilgas, os galinheiros, tudo junto. Mais ao fundo a casa do morador e mais à frente um grande coqueiral, mangueiras, goiabeiras, cajueiros e mais ao longe um bananal que descia para as margens de um pequeno rio no fundo do vale.

Desceram e olharam espantados. Não tanto pela geografia, bem familiar para os dois amigos, afinal estavam na sua terra. O que os espantava era inusitado de tudo aquilo. Há poucos dias no rugeruge do Rio de Janeiro e vendo o mar a toda hora e agora ali, sem uma viva alma por perto, sem gente, sem carros, sem buzinas, sem navios e mar. Nada de montanhas. Retornar assim de sopetão, sem planejar nada e ainda mais fugitivos procurados pela Marinha.

— Vizinhos? Perguntou José Manoel.

— Por trás desta matinha mora seu Antonio. Vizinho bom e prestativo. Tem mulher e oito filhos tudo trabalhando na terra. Quem respondeu foi Sebastião, o único trabalhador do sítio e que morava na casinha ao fundo, com a mulher e um menino pequeno. Tão logo ouvira o barulho do carro correu para abrir a porteira e receber os visitantes, atencioso, explicando tudo, informando, alertando.

Uns sanhaços cantaram nas imbaúbas. Canto longo, floreado. Pararam para ouvir pois há muito não ouviam canto de passarinho, assim, selvagem. Os amigos se entreolharam e sentiram: começou o exílio. Começava ali naquela cantoria dos sanhaços.

E assim, os dois marinheiros completaram sua fuga, retomada em Natal quando o sogro de Jose Manoel chegou na segunda de manhã com a boa nova:

— Vocês vão amanhã para Pernambuco! Para Itapissuma!

Eles já estavam desesperados sem saber direito o que fariam e para onde iriam. Deixar Natal era a única certeza que eles tinham, pois seria um dos primeiros lugares que iriam procurá-los. Eles, como membros da diretoria da Associação já estavam sendo perseguidos pela ditadura.

— Já está tudo combinado! Disse o sogro de José Manoel e continuou:

— Vocês descem em Igarassu e vai estar lá uma camioneta Ford azul e branca! O nome do motorista é Zé de Antão e vocês estão indo para lá para arrendar a propriedade do Medeiros! É um sítio em Itapissuma! Até acalmarem as coisas vocês ficam lá, depois a gente vê o que vai fazer!

Por fim, surgia uma saída. José Manoel e José Raimundo sentiram um pouco mais de alento uma vez que quase não dormiam, angustiados com o que pudesse acontecer com eles, com os seus companheiros e com seus familiares, pois a repressão prometia ser feroz, principalmente contra os marinheiros.

Geni viajou para Itapissuma alguns dias depois. Da vida no Rio de Janeiro não restara nada. Agora era candieiros, lamparinas e água de poço. Os hábitos mudando para se acostumar com aquela vida de exilado na própria terra. Para quem estava acostumado com energia elétrica e água encanada, não era nada fácil. Foram se adaptando, apesar das dificuldades.

— O carro do leite passa às seis. São dois tam-

bores de vinte e cinco. Eles querem que a gente deixe na porteira! Era Sebastião que orientava. Eram trabalhos que eles conheciam, mas não faziam há muitos anos. Ficaram trabalhando, cuidando do gado, dos porcos, das galinhas. Plantavam inhame, muito inhame. Os caminhões vinham buscar e saíam abarrotados. Foram se acostumando com os sons do lugar. Conheciam os barulhos dos veículos que passavam por ali. Qualquer som diferente, vinha a angústia e o medo. Vida de fugitivo. E Sebastião não podia saber. Inventaram uma história de briga de família. Eram muitas no sertão e ficava mais fácil justificar. Uma vida difícil de sobressaltos e incertezas.

Agora eram noites mais longas. Lamparinas e candeeiros e a conversa curta na varanda. Nada de sábados, domingos e feriados. Dias todos iguais. Sebastião vinha com a mulher e o menino que dormia logo no chão da varanda junto da cadeira do pai. As conversas variadas, chuvas, secas, rios que transbordavam, safras boas e ruins, gado, bezerras e vacas leiteiras. De tudo um pouco. A boa safra do inhame: um milagre de Nossa Senhora do Amparo. “Santa boa sem igual”! Falava Sebastião, fazendo o sinal da cruz e tirando o chapéu.

As notícias chegavam pelo rádio. Pelo meio do ano de 64 começaram a falar nas punições aos marinhaeiros. Falavam em cinco, dez, vinte anos de prisão pelos inquéritos instalados pelo Cenimar.

Um dia Geni ouviu bem que falavam em mais

de 1.500 marinheiros condenados. Ficou preocupada. Zezinho e Zé Raimundo na roça de inhame. Passou o dia todo com aquele nó na garganta. À noite, na varanda e depois que Sebastião e a mulher foram embora, falou:

— A notícia é que a Marinha vai aguardar a apresentação voluntária dos marinheiros para o cumprimento da pena!

E falou mais:

— Vai expedir os mandados de prisão para todas as Delegacias de Polícia!

E mais ainda:

— Estão enviando notas para todas as empresas não empregar marinheiros! Vão cortar os empréstimos das que desobedecerem!

— Estamos emparedados! Disse José Raimundo.

— Estamos! Concordou Zezinho.

A chuva começara pela noitinha, entrou pela madrugada e àquela hora, quase seis, continuava, ora forte, ora fraquinha. Fizera até frio de madrugada. Deixaram os tambores de leite na porteira e retornaram para o curral. Um jipe parou junto da porteira quase sem fazer barulho parecendo mesmo vir com o motor desligado. Não era o carro do leite, viram logo que não era. Foram buscar refúgio ali pelo curral e mandaram Sebastião ver o que era. Ele voltou assustado.

— É a polícia! Disse finalmente. Procuram desde ontem um sujeito que esfaqueou um vereador lá

por Igarassu! A informação é que o sujeito fugiu para este lado. O homem está de camisa amarela, calça preta e usa chapéu!

Era madrugada e o bebezinho chorou. Ela levantou e trocou a fralda. Sequinho e o choro acalmado, adormeceu logo. Ela apagou a lamparina e acomodou-se na cama. Na porta uma claridade que não era de candeeiro e nem luz elétrica. Na claridade, surgiu assim do nada um rapaz bonito, cabeça comprida, cabelos curtos, um terço na mão, um sorriso terno e um olhar tranquilo e lhe disse:

— Aqui voce está guardada! Bem guardada! Não tenha receio!

Não deu nem tempo de ficar com medo. O homem desapareceu junto com a claridade. Ela ficou ali abobalhada e acordou José Manoel. Ele levantou, acendeu a lamparina e foi até a porta, olhou o quarto todo e voltou para a cama.

— Foi um bom aviso, durma tranquila! Foi só o que disse e adormeceu em seguida.

Depois, ela ficou sabendo que um jovem daquele lugar havia morrido queimado num acidente de carro. Era ele. Quando soube da história teve certeza que era ele. Era preciso que alguém confirmasse que estavam seguros naquele lugar.

Em outubro José Raimundo foi ao Recife e voltou desanimado:

— É pior do que imaginamos! Disse quase prostrado. Passara três dias telefonando para o Rio de Janeiro, buscando contato e recebendo negati-

vas. Telefone desligado na cara assim que se identificava. Medo, muito medo. Ligações que não completavam, Não é mais aqui não! Não conheço essa pessoa! Viajou! Mudou-se e não deixou endereço! Mas por fim, alguém que se propôs a dar notícias e manter contato.

José Raimundo continuava falando:

— Sabe como a ditadura está justificando o golpe? Dizem que havia um complô, um golpe comunista com a invasão dos russos que iriam dividir as propriedades e as mulheres, que agora seriam de todos! As crianças seriam mandadas para estudar longe, bem longe das famílias. Brizola era o comandante do golpe e Julião e Arrais os sub-comandantes. João Goulart era pau-mandado do Brizola que era quem mandava de fato. E dizem mais: Fizemos a revolução antes dos comunistas dar o golpe, pois o Prestes já se preparava para invadir o país com os russos! É toda essa patifaria! completou José Raimundo, baixando a cabeça e demonstrando uma grande revolta.

— Debandada geral dos marinheiros! Disse José Raimundo e continuou:

— Muitos foram presos. Estão falando num movimento a partir do Uruguai, comandado pelo Brizola, aquela história do MRN. Me falaram também que o Julião está organizando uma resistência. A palavra de ordem é organizar a luta armada. Fomos pegos de surpresa e é preciso organizar a luta com urgência. Empresários e militares não se en-

tendem, eles estão divididos. O momento é propício, o povo já não está apoiando a ditadura como antes!

E agora o pior! Falou impaciente, revoltado com tudo aquilo:

— Saiu a nossa condenação no dia 30 de setembro, o ato é de número 365. E olha que o cinco sempre foi o meu número de sorte! Sorriu José Raimundo. Um sorriso de asco.

Mudaram de assunto quando Sebastião aproximou-se. Estavam sob as mangueiras que prometiam uma safra e tanto.

Seguia a vida de muito trabalho e Geni não suportava mais aquele exílio forçado. Mais de um ano afundada ali naquele sítio longe de tudo e de todos. Um dia, tomou uma decisão:

— Vim porque não aguento mais e eu sei que Zezinho nunca viria aqui pedir nada para vocês, não é orgulho não, mas ele acha que poderá trazer problemas! A Marinha continua perseguindo ele! Era Geni na casa dos sogros em Toritama.

Nunca tinha ido a Toritama, mas foi. Caminhou a pé pela estradinha até atingir a estrada principal. Tomou o onibus e desceu ao lado da delegacia de polícia e perguntou para um soldado onde morava Manoel da Santa.

Manoel da Santa nem discutiu. No outro dia pegou o caminhão e foram lá buscar a mudança. Ficaram em Toritama. José Manoel ficou trabalhando no caminhão, transportando cana em Palmeiras

dos Índios. Depois da safra, ficou dirigindo a Rural Willis do pai, levando passageiros para Caruaru.

— Se a Marinha vai prendê-lo, que venha prender aqui na minha casa e que diga qual foi o seu crime e se é crime querer o bem do nosso país! Foi o que disse o pai.

**10 de abril de 1964. O Ato Institucional da ditadura cassou os direitos políticos de vários cidadãos, dentre eles o deputado Leonel Brizola, um dos prováveis candidatos à sucessão de João Goulart. Os outros prováveis candidatos eram Carlos Lacerda, governador da Guanabara e que participara ativamente do golpe e Juscelino Kubstichek, senador por Goiás, que mesmo não participando, deu apoio aos golpistas. Foi cassado em junho de 1964. Para a ditadura, ele não era confiável. A linha dura limpava o caminho e fincava os marcos. Profundos. Leonel Brizola foi para o exílio no Uruguai onde buscou organizar o movimento de resistência armada contra a ditadura, o Movimento Nacionalista Revolucionário, extinto em 1967. Vários outros grupos foram organizados a partir de então.**



## 11. Marinheiro só

José Manoel chegou de madrugada em Caruaru. Quando estacionou o carro perto da lanchonete para tomar um café, viu o rapaz saindo de um bar ao lado. Não era seguro chamá-lo pelo nome. Para nenhum dos dois era seguro. Esperou que ele se afastasse e seguiu-o até uma praça onde alcançou-o. Quando ficou ao lado, olhou e disse:

— Como vai, Mário?

O rapaz olhou para ele espantado, parecendo ver alma, pois reconheceu logo seu companheiro da Marinha, o cabo José Manoel, companheiro desde Natal. Achava que ele estivesse morto.

Entraram num bar e pediram café.

— E então? Perguntou José Manoel.

— Estou fugindo de novo! Consegui uma carteira de identidade nova e uma carteira de trabalho! Uma parte do pessoal é solidária, outra parte quer dinheiro e assim não foi difícil conseguir os documentos!

— Essa história eu sei, já passei por isso! Interrompeu José Manoel.

Mário sorriu e retomou a fala:

— O difícil mesmo é a gente se manter no emprego! A almirantada quer que morramos de fome, continua nos perseguindo!

— Quantos anos? Perguntou José Manoel.

— Eu não sei não, deve ser cinco anos, por-

que eu não era da Associação! Só estava na reunião!

José Manoel interrompeu o amigo:

— Eu devo pegar 15 anos porque era da diretoria da Associação, estava na organização da assembléia e ainda escrevia para o jornal! Segundo o almirantado uma ruma de crimes, gravíssimos!

— Consegui um emprego e fiquei quase cinco meses! Agora era Mário que falava. A situação não é boa! Você arruma o emprego e passa a trabalhar com vontade, animado, fazendo tudo muito direitinho e eles até fazem elogio pelo seu trabalho! Só é preciso ter cuidado com as sextas-feiras! Aí é que está o problema! Numa sexta-feira qualquer você é chamado no departamento pessoal! Para nós marinhaeiros, nunca é notícia boa! Se lá já não estiver a patrulha da Polícia Militar para lhe prender e mandar para o Rio, você é chamado para ser demitido! Acredite, é bem melhor que seja só a demissão!

— E então? Perguntou novamente José Manoel.

— Não sei, estou meio desesperado! O pessoal lá de casa acha que eu devo ir para São Paulo. Lá é cidade grande e mais fácil para trabalhar! Tenho um primo camelô que está ganhando dinheiro lá! Eu tenho medo, muito medo! Encontrei outro dia um companheiro nosso que estava fugindo, me disse que ia para Manaus e depois para um fundo de floresta onde um tio dele estava morando! Ele foi do grupo do Brizola, aquela história do Uruguai e

ficou preso um tempo e depois chamaram ele para ir para Cuba! Ele teve medo e não foi! Ele acha que mais dois ou três anos as coisas mudam e nós poderemos ser anistiados!

Foi uma despedida emocionada.

— Nos veremos, certamente em condições melhores! Disse José Manoel abraçando o amigo.

Duas semanas depois desse encontro José Manoel estava no Recife e passaria a temer as sextas-feiras.

— Os documentos! Disse o funcionário que tinha um ar sério, cansado. Fazia tudo quase mecânicamente. A fila imensa de homens e mulheres calados, um turbilhão de pensamentos, de esperanças e desesperanças.

José Manoel apresentou a identidade e a carteira de trabalho e a ficha que preencheria ainda há pouco, candidatando-se para a vaga de auxiliar de almoxarife.

O funcionário apanhou tudo, conferiu tudo e passou para uma pilha enorme de outros documentos.

— Aguarde lá fora até a gente chamar! Foi só o que disse, entediado e acendendo um cigarro.

— José Manoel da Silva! Era uma funcionária que chamava. Ela era fanha e o pessoal que aguardava ficava imitando e sorrindo de lado, às escondidas.

Ele, José Manoel depois de esperar quase duas horas alí, sentado numa mureta, agora era auxiliar

de almoxarife na Odebrecht em Recife. Uma boa notícia neste final de 1966. Só temeria, a partir de agora as sextas-feiras.

**27 de outubro de 1965. A ditadura baixou o AI-2 e interviu no Poder Judiciário. O poder agora é da justiça militar. Suspendeu a Constituição de 46, extinguiu os partidos, instituiu eleições indiretas e emasculou o Congresso. Decretou o fim das garantias constitucionais para funcionários públicos civis e militares. Cassou e baniu mais patriotas brasileiros que não concordavam com a ditadura. De passagem, condenaram os marinheiros severamente. por indisciplina e quebra da hierarquia.**

**O marechal Castelo Branco foi substituído pelo marechal Costa e Silva. No Ceará, sua terra natal, foi convidado para uma voltinha de avião. Ele tinha medo de avião, mas foi. Um caça Lockheed TF-33 da FAB que coincidentemente ia passando naquela hora, atingiu o pequeno Piper Aztec PP-ETT que caiu. Só o Piper caiu. Dizem que o Piper voava a muitos pés e o caça a poucos pés. Há controvérsias com os pés! Era 18 de julho de 1967. Morreu o marechal Castelo Branco e um grande arquivo de pelo menos meio século. Para o chamado núcleo duro da ditadura, àquela altura o marechal era melhor morto.**

## 12. Companheiro Moisés

— Agora é a luta José Manoel! Entregou para José Manoel a cópia de um texto escrito à máquina. Era uma cópia mimeografada. Eram quatro ou cinco folhas de ofício. E continuou falando:

— Vou deixar com você, leia e depois queime! Era José Raimundo que falava, o fraterno amigo José Raimundo, o Moisés, que mudara para São Paulo e com quem agora, José Manoel tinha pontos e codinomes.

— Não é preciso falar em discrição, nossa segurança vem em primeiro lugar! Nossa amizade continua mais forte ainda, mas agora temos que nos resguardar! Teremos pontos, encontros para o avanço da luta! Era quase um desabafo e José Manoel ouvia com atenção.

— Minha conclusão, depois de tudo o que estamos vendo é que não há outro caminho senão o da luta armada! A ditadura avança sobre nós, nos persegue, nos tortura e mata. O PCB não quer a luta armada, avaliam que é um erro! Mas nós não podemos ficar parados assistindo o massacre e sofrendo o massacre! O Brizola também está desistindo da luta armada. O MNR está praticamente acabado! Os companheiros do PC do B estão indo para o norte. Falam na guerrilha rural. A luta é de vanguardas. Foi possível em Cuba, aqui também será! Deixo o livro de Debray para você ler!

Amigos inseparáveis desde marinheiros em Natal, o sargento José Raimundo da Costa e o cabo José Manoel da Silva, estreitaram a amizade com o mesmo pensamento de fraternidade e solidariedade do sertão pernambucano de onde, oriundos. Buscaram refúgio juntos quando perseguidos pela ditadura. Lutavam por um Brasil com mais justiça. Continuaram a acreditar na luta. Nunca desistiram e seguiram o caminho quase natural daqueles marinheiros que não se curvaram ao golpe de 64.

José Raimundo continuava falando, agora pausadamente sobre a Vanguarda Popular Revolucionária:

— Também somos nós militares cassados do MNR!

Era uma história que José Manoel conhecia. O Movimento Nacionalista Revolucionário, surgira após o golpe de 1964 e juntava militares e pessoas ligadas ao Partido Trabalhista Brasileiro e ao Partido Socialista Brasileiro, além de militantes de esquerda que apoiavam Brizola, que organizara a resistência ao golpe a partir do Uruguai. Na esteira do internacionalismo proletário, receberam o apoio cubano para treinamento dos militantes, mas após duas tentativas frustradas, abandonaram a luta armada e discutiam outras formas de luta. Vários dos seus militantes foram para os grupos armados que estavam se formando.

José Manoel já estava convencido há muito tempo que o caminho era aquele. Não havia outro.

Eles, que sempre prezaram e defenderam a Marinha do Brasil foram severamente perseguidos e condenados pela ditadura por reivindicar melhorias para os marinheiros e para o povo.

Para ele era inconcebível que aqueles que rasgaram a Constituição Brasileira, depuseram um presidente eleito democraticamente pelo voto livre e soberano do povo, agora os perseguiram como se eles fossem facínoras perigosos.

— E ainda falam em hierarquia e disciplina! Dizia José Manoel, balançando a cabeça.

**13 de dezembro de 1968. O marechal Costa e Silva, o ditador referendado por um colegio eleitoral em 3 de outubro de 1966, baixou o Ato Institucional nº5. O AI-5 determinou o fechamento do Congresso Nacional, a intervenção nos Estados e Municípios, cassou o mandato de parlamentares, suspendeu o “habeas corpus” e suspendeu por 10 anos os direitos políticos de vários cidadãos que não concordavam com os atos da ditadura. Entre uma parcela da juventude, notadamente os universitários, 1968 era assim: Marx, Mao e Marcuse como leitura e ação. As palavras de ordem iam desde “Só o povo armado derruba a ditadura” até “Só o povo organizado derruba a ditadura”.**



### 13. Jonatas, que não era mais

Como estaria José Raimundo? Era isso que José Manoel vinha pensando pelo caminho naquela quinta-feira, 20 de maio de 1971. Aquela vida perigosa, prisões de companheiros, o cerco apertando, a repressão tomando fôlego, comemorando cada captura como um troféu. Torturas e notícias de traições. E eles alí na trincheira, a luta difícil que pouco avançava. Depois de quase um ano, os ditadores ainda usavam a vitória da copa do México para fazer propaganda do Prá frente Brasil, do Ninguém segura este país e do Brasil, ame-o ou deixe-o!. Difícil. Ele sempre teve certeza disso, mas sempre acreditou que um dia tudo daria certo. Desistir nunca, ele queria ver seus filhos vivendo num país melhor, mais justo, mais digno, mais solidário.

Chorava vendo o sofrimento do seu povo. A miséria crescendo. E agora ele e José Raimundo se encontrando num ponto. Aquela amizade fraterna de vários anos e horas e horas de conversas e debates sobre os rumos da Associação dos Marinheiros, os rumos do governo do Jango, os rumos da ditadura de 64, no Rio, em Natal e no Recife. Tudo passara, agora encontro furtivo num ponto, trocando poucas palavras, só as necessárias para a luta ir à frente. A segurança de um e do outro em risco. Encontros rápidos, instruções. Só instruções. Mais, seria perigoso.

Entrou na Cruz Cabugá. Primeiro deu uma checada passando pela Rádio Clube e avançando duas quadras, procurando um lugar para estacionar o carro. Era um Gordini verde claro, bem conservado. Achou a vaga e estacionou. Tudo limpo até agora. Voltou caminhando até o ponto de ônibus que ficava na frente da rádio que tinha um luminoso bem grande na frente com o PRA-8. No caminho ele vinha se perguntando quem teria sido Cruz Cabugá, agora nome de avenida no Recife. Estava tenso, as mãos frias e suadas e mancando da perna esquerda, cheia de pinos e mais curta pelo acidente na Odebrecht em 1968. Havia poucas pessoas no ponto de ônibus. Naquela hora, 8 da noite, alguns funcionários retardatários, algumas empregadas domésticas e um homem visivelmente embriagado. Era preciso ter cuidado que esse povo se finge de tudo. Mas o homem estava mesmo bêbado e não falava coisa com coisa.

Passou olhando o povo no ponto de ônibus e viu um homem com a caneta esferográfica azul por fora do bolso da camisa. Não era José Raimundo. Ele se juntou ao grupo que esperava o ônibus e se aproximou um pouco mais do homem com a caneta esferográfica azul por fora do bolso.

— Você tem duas de 50? Perguntou José Manoel

— Não, só tenho uma. Respondeu o homem com um olhar perscrutador.

Eles esperaram o pessoal embarcar no ônibus.

José Manoel ficou emocionado, já reconhece-  
ra o homem pela voz. Uma voz inconfundível que  
ele nunca esquecera. Uma voz que incendiou o mar-  
ço de 1964. Uma voz que orgulhava todos os mari-  
nheiros. E então não obedeceu as convenções de se-  
gurança. Os cumprimentos, não foram os de praxe.  
Havia mais que a relação formal de revolucionári-  
os. Aquela camaradagem, o espírito de solidarieda-  
de, o companheirismo comum nos marinheiros,  
aflorou todo ali para José Manoel.

Anselmo não o reconheceu de imediato. De-  
pois olhou bem e descobriu que Cirilo era José  
Manoel, poeta e seu companheiro da Marinha, o  
cabo paioleiro da Ilha do Governador e muito atu-  
ante no conselho fiscal da diretoria da Associação  
dos Marinheiros e pessoa da estrita confiança do  
sargento José Raimundo. O amigo que José  
Raimundo não cansava de elogiar pela seriedade e  
compromisso, primeiro com a Associação e depois  
do golpe, o compromisso com um país melhor e  
mais justo. Para Jonatas tudo isso estava bem me-  
lhor do que ele esperava.

— Você engordou muito! Lembrando-se que o  
mais expressivo em José Manoel naquela época da  
marinha eram os grandes olhos que se destacavam  
no rosto magro e corpo esguio. Bem mais gordo,  
José Manoel perdera esta característica.

— Pois é, a vida!

— Eu observei que você está puxando uma  
perna!

— Acidente! Estou usando um sapato ortopédico para compensar a perna acidentada mais curta! Ela está cheia de platina e dói quando o tempo esfria! Dos males, o menor, pois pensei que fosse perdê-la!

— E então? O que traz? Perguntou Cirilo.

— Estou buscando contato!. Disse Jonatas.

— O próximo é dia 25! Moisés! Depois só no dia 30, mas aí é ele que deve localizar você!

— É seguro onde você está?

— Estou no Hotel Rex!

— Não! Não dá certo não! Você tem que sair dali! A polícia mantém o controle de todos os hotéis, pensões e pousadas! Está tudo sujo aqui no Recife! A deduragem é grande, parece que dão até recompensa! Depois, completou:

— Vamos cuidar de transferir você para outro lugar!

— Amanhã em Olinda em frente ao cinema! Cine Duarte Coelho, às 8 da noite! Ponto marcado. O encontro foi assim, rápido como deveria ser.

No outro dia José Manoel estava mais relaxado, mas não descuidou da segurança. Foi de ônibus, desceu no ponto em frente ao cinema e fez a checagem. Tudo limpo. Anselmo já estava lá.

— Só problemas! Falou Jonatas e continuou:

— Dificuldades de contato, de trabalho, de ação! Todo mundo lá meio queimado! Pelo que me informaram, Moisés não pode circular muito no Rio e São Paulo. Muita dissensão! Muita desorganiza-

ção e muito intelectualzinho querendo nos ensinar as coisas. Pouca ação! Esse pessoal não tem a visão que nós militares temos. Eles precisam de treinamento. Lamarca está completamente desprotegido!

Enquanto Anselmo falava, José Manoel pensava nos laços fortes que os prendiam há muitos anos. Lembrava-se da festa de aniversário da Associação, daqueles dias fatídicos, das perseguições, do salve-se quem puder dos companheiros que debandaram em fuga, porque o presidente Jango recuara para não participar de um derramamento de sangue. Tinha orgulho de ter Jonatas como companheiro de farda. Lembrava-se da sua coragem, dos discursos inflamados, da defesa que fizera dos marinheiros e do povo brasileiro. Depois, as notícias de sua fuga espetacular, as notícias de Cuba e as notícias de sua volta para reforçar a luta contra a ditadura. Era um companheiro de fibra.

E fugindo às regras de segurança, José Manoel falou com muito orgulho do seu filhinho que participava de um concurso na televisão respondendo sobre a história do Brasil, da sua filhinha recém nascida, do seu emprego na Odebrecht até 70, do acidente, da perna mais curta com platina, do sapato ortopédico que usava e da pensão que recebia da Previdência.

Anselmo anotou tudo. E percebeu que poderia sempre contar com isso: a confiança, a extrema confiança que seus companheiros da marinha depositavam nele. Ele era mesmo uma pessoa acima de qual-

quer suspeita, pelo menos para os seus companheiros da marinha.

Depois, José Manoel retomou a conversa, falando do seu trabalho na luta revolucionária, um trabalho de conversa, de conhecimento, de penetração tímida, mas segura, enfim um trabalho para longo prazo, sem ações espetaculares, sem grande exposição, mas seguro e avançando sempre. Por fim, disse:

— Por tudo o que vem acontecendo, o momento de recuo!

— Não sei não, o pessoal do Chile não acha isso! Retrucou Jonatas.

O encontro estava ficando demorado. José Manoel sabia dos riscos para ambos:

— Sábado às 3 da tarde no Hospital São José, vamos levar você para um local seguro! Falou um tanto aperreado.

No sábado, José Manoel deixou Jonatas numa chácara em Abreu e Lima. Alguns dias depois, Jonatas voltou para São Paulo com o ponto combinado para encontrar Moisés. Era domingo, 30 de maio de 1971 e Anselmo já estava em São Paulo.

O problema era que Anselmo já não era Jonatas há algum tempo. E os poucos que desconfiavam disso estavam presos e tentando passar a informação para os companheiros, mas os desentendimentos entre os grupos, a divisão entre os que achavam que era o momento de recuar para reorganizar a luta e os que acreditavam que o governo cairia com um

pouco mais de ação e luta, provocou um fosso profundo entre as organizações armadas. Tirando proveito deste fosso entre as esquerdas, Anselmo agia tranquilo e sem medo.

**1971. O General Humberto Melo assumiu o comando do II Exército em São Paulo com uma só determinação: não se deve prender mais nenhum terrorista. É para matar. E assim foi feito. A economia ia bem. Televisão, geladeira, fusquinha, corcel, a seleção canarinho campeã do mundo mais uma vez, tudo isso embalado com o fundo musical do “Eu te amo meu Brasil”.**



## 14. Paratibe, adeus!

— Geniiii! Geniii! Eram as mocinhas da padaria que a chamavam. Ela ia passando direto, aperreada para chegar em casa e fazer o almoço. Saía bem cedinho e fora até o Posto de Saúde de Paulista para vacinar seu filho. Paratibe era um lugar onde quase nunca acontecia nada e as mocinhas da padaria estavam ansiosas para contar a novidade.

— Hoje bem cedo, antes de oito vieram aqui uns homens perguntando pelo seu marido! Disse uma delas atropelando a outra, que completou com os olhos brilhando:

— Uns homens altos e bonitos de roupa boa num carrão e com sotaque do sul! Eu acho que eles eram de São Paulo!

Geni nem deu muita importância para o fato. Devia ser engano. Quando se aproximou da sua casa ela viu na ponta da rua um automóvel preto, grande, novo e sem nenhuma razão para estar alí naquela hora e naquele lugar.

Pouco tempo depois que entrou em sua casa, viu o carro estacionar em frente e dele descer dois homens. Viu que dois permaneceram no veículo, o motorista e um que estava no banco de trás. Nem precisaram chamar ou bater palmas pois Geni saiu logo para atendê-los.

A casa de Geni em Paratibe tinha uma cerca de varas na frente. A casa ficava mais ao fundo. Seu

filho brincava no quintal. Os homens eram aqueles, tal qual descritos pelas mocinhas da padaria. Estavam bem vestidos, eram altos, usavam óculos escuros, camisas de manga comprida e um deles usava até gravata.

— Olha! Nós viemos aqui e queríamos falar com o seu marido, o José Manoel! Você é a esposa dele, não é?

Geni ficou preocupada mas confirmou que José Manoel morava ali e era seu marido. Depois, pensou que podia ser o pessoal da Marinha, pois já ouvira falar que eles estavam procurando os ex-marinheiros e levando-os para o Rio de Janeiro para cumprir pena de prisão. Ela pouco sabia, mas desconfiava que José Manoel era procurado pela Marinha. Ele não falava e ela também não perguntava e assim iam vivendo.

Os homens escondiam os rostos nos óculos escuros, grandes, muito grandes. Um deles se adiantou encostou no portão e disse com muita tranquilidade para Geni:

— É que o seu marido ganhou na loteria e como é muito dinheiro a gente veio buscá-lo para que ele receba em segurança. Quando é assim muito dinheiro, a gente prefere buscar a pessoa para entregar o prêmio pessoalmente.

— Vocês vão sair da miséria! Disse o que estava no volante do carro. Falou com seriedade, mas depois traiu-se com um risinho de sarcasmo que não passou despercebido por Geni.

Meu marido está viajando e só volta daqui dois dias! Geni estava espantada com aquela notícia, mas acreditava mesmo que aqueles homens estavam ali para entregar um prêmio para seu marido. E então disse:

Olha! Meu marido nunca me falou que jogava na loteria!

Um dos homens respondeu:

— É assim mesmo, tem marido que gosta de fazer surpresa para a mulher! E todos sorriram. Depois, entraram no veículo e saíram sorrindo. Nem disseram quando voltariam.

José Manoel viajara no dia anterior. Recife, João Pessoa e Natal vendendo mercadorias e fazendo seu trabalho de militante. A previsão era que voltaria mesmo depois de três dias. Quase sempre era assim.

Chegou naquele dia, à tardinha quase noite e encontrou Geni entufada. Muito entufada. Apanhou seu filho pela mão e foram na bodega da esquina. Ele preocupado e tentando adivinhar porque Geni estava daquele jeito, ela que sempre o recebia com muita alegria, sempre sorridente e agora, calada, sem graça e querendo dizer alguma coisa.

Voltou da bodega com uma lata de sardinha, refrigerante e cerveja. Ela nem olhou para ele. E aí, ele não aguentou. Rendeu-se àquela situação:

— O que houve Geni? Você está magoada comigo?

Ela respondeu quase chorando:

— Mas como pode isso Zezinho, a gente casado há muitos anos, correndo prá lá e prá cá, juntos nesse aperreio e você nem me diz que joga na loteria! Ah! Zezinho eu não esperava isso de você não!

Primeiro ele ficou relaxado. Era menos do que ele pensava que fosse. Depois preocupado com o despropósito da situação. Ela, sua mulher emburrada por causa de um negócio desses.

— Por que você me diz isso? Eu nunca joguei em loteria não, aliás eu sempre fui contra jogar na loteria e você sabe disso!

— É por isso mesmo Zezinho, pois quantas vezes a gente já discutiu sobre isso e você sempre me disse que não jogava e nunca jogou! E agora isso...

— Isso o quê?

— Isso de você ganhar na loteria!

José Manoel chegou no máximo do espanto com aquela conversa.

— O quê???

— É isso mesmo, hoje cedo vieram quatro homens num carro preto, novinho, novinho e me disseram que iam levar você para receber o prêmio! E que era muito dinheiro e um deles disse até que a gente ia sair da miséria!

— E como eram estes homens? Quis saber.

— Bem vestidos, de camisas de mangas compridas, óculos escuros, todos altos e com sotaque de paulista!

José Manoel empalideceu. Geni percebeu algu-

ma coisa estranha e não falou mais nada.

José Manoel foi até o quarto e tirou o sapato ortopédico que calçava. Agora estava calado. Cisnado. Ele já sabia que a equipe do Fleury estava em Pernambuco. Aliás era uma disputa que se travava entre o DOI-CODI e o CENIMAR para ver quem capturava a presa primeiro. Quem torturava primeiro.

— Arrume as malas, junte as coisas da cozinha que nós vamos viajar!

— Para onde? Ela quis saber.

— Depois eu lhe digo! Agora vá arrumando as coisas!

Geni já estava acostumada àquilo e nem perguntou mais nada e nem discutiu. Entrou e foi arrumar as coisas. Do quarto ouviu o barulho do automóvel de Zezinho arrancando e ganhando velocidade. Era noitinha. Eles nem haviam jantado.

Em menos de uma hora José Manoel voltou num caminhão simples. Ele, o dono do caminhão e um ajudante. Voltou sem o seu automóvel. Não falou nada para Geni sobre isso e ela também não perguntou. Foi o tempo de colocar, móveis, malas e roupas e sair. Era mais de onze da noite quando viajaram para Toritama.

Geni gostava de Paratibe. Quando se mudara para lá, uma vizinha lhe falou:

— Dizem que o nome daqui é dos índios e quer dizer cheio de rios ou entre rios. É um lugar muito bom para se morar!

Era um terreno grande, cercado de arame farpado. José Manoel sempre quis ter um terreno naquele local. Festejaram muito quando finalmente o compraram. Depois, fizeram uma cerca de varas na frente e construíram a casa lá no meio do terreno.

Geni tomou a frente e com o seu filho, ainda criança, e alguns vizinhos levantaram a casa de taipa e piso de cimento queimado. Sala, quartos, cozinha, banheiro. O barro tirado do próprio terreno, argila das boas. Lugar simples e vida simples. Vizinhança melhor não havia. Solidários, sempre solidários. Nos domingos, embarcavam no Gordini verde claro e iam fazer a feira em Abreu e Lima. Tempos felizes. Assim era Paratibe para Geni.

**1972. O Brasil vai bem, sob censura. O PIB cresce a 12%. Televisão em cores a prestação. A classe média, uma parte, vibra com tudo. O Fittipaldi é campeão do mundo. É estrada, é siderúrgica, é porto, é usina. É o diabo! A ditadura anuncia o milagre. É o “Milagre brasileiro”! É mais fusca e mais corcel na prestação. Um banco vai engolindo o outro e ficando mais forte e cobrando juros mais altos. É o progresso. No Uruguai, os Tupamaros são mortos. Há uma estranha música tocando em Santiago do Chile, anunciando uma tragédia. Há muitos surdos no Chile. Na Argentina é muito perigoso viver. Numa casa de Petrópolis, depois de torturados, enterram-se os cadáveres no jardim.**

## 15. O Comando Gelson Reicher

— O moço veio com uma espingardona assim desse tamanho para o meu lado e me ajudou a levantar! Eu estava meio zonza porque quando caí, bati a cabeça na quina da mesa! Ele me levantou e perguntou se estava tudo bem! Não estava, eu sentia uma dor danada na cabeça! Mas não respondi nada! Só fiz balançar a cabeça que estava tudo bem!

Geni e algumas mulheres da vizinhança, protegidas do sol debaixo daquela mangueira no quintal grande da sua casa em Toritama, ouviam com interesse a história da vizinha que chegara há pouco de São Paulo. Ela gesticulava muito, falava bem alto e terminava a frase com um risinho nervoso no canto da boca.

— Aí ele apanhou a bandeja, o bulezinho do café, as chicaras e os cacos das chícaras e botou tudo em cima da mesa e me pediu desculpas! Eu fiquei calada, nem respondi! Estava em estado de choque! Ele era bem novinho e tinha uma barbinha ralinha, meio avermelhada! Os olhos dele eram bem verdes e ele me olhou mesmo com o jeito de quem pedia perdão! Ah! Isso eu não vou esquecer nunca! Aqueles olhinhos verdes de criança!

Calou. Ficou pensativa olhando os raios do sol atravessando a folhagem da mangueira. Era um silencio grande, todos olhando para ela, admirados.

— Meu tempo em São Paulo foi bem curto!

Arrumei esse emprego em Osasco e fazia limpeza e servia o cafezinho! Era um emprego bom, de carteira assinada e um pessoal bem legal, mas depois que aconteceu esse negócio, ninguém mais na firma teve sossego! Fiquei com muito medo! A polícia tanto ia na casa da gente como na firma! E queria saber isso, aquilo, o nome do pai, da mãe, do tio e se a gente tinha irmão, primo, o que faziam e onde moravam! Um inferno!

Um carro de propaganda passou na rua anunciando a inauguração de uma loja na cidade e ninguém mais ouvia a narração da história. Ela percebeu e parou. Quando o veículo se afastou, ela retomou, mas aí Geni perguntou:

— Mas então, como foi que aconteceu do rapaz derrubar você?

— A porta da contabilidade era de duas bandas igual aquelas dos filmes de bandido e mocinho! Eu até achei engraçado porque só tinha visto aquelas portas nos filmes! Eu ia distribuir o cafezinho para o pessoal da contabilidade! Eu nem sabia daquele movimento todo, porque estava na cozinha fazendo o cafezinho! Aí o moço ouviu barulho e veio pela porta com tudo e me derrubou, eu e a bandeja de cafezinho! Foi café para todo lado, porque eu já trazia servido nas chécaras! Foi um momento terrível e eu tremia muito e não conseguia parar de tremer! O moço me acalmou e pediu apenas que ficasse quieta, sentadinha na cadeira e eu fiquei! Ele não tinha jeito de pessoa má! Aí eles

pegaram o dinheiro do cofre e nos entregaram uma folhinha escrita, que o seu Claudemir da contabilidade disse que era um panfleto. Depois eles escreveram bem grande na parede com tinta preta, “Comando Gelson Reicher” e “Abaixo a ditadura assassina”! Isso eu também nunca vou esquecer!

O sol baixando, um sanhaço cantou numa árvore bem próxima. Outro veio e também cantou, agora, na mangueira. Todos olharam para o pássaro e ele voou, aí voltaram a olhar para ela.

— Depois foi um inferno! Todo mundo teve que ir na polícia! E lá era pergunta que não acabava mais! Na outra semana fui pedir a conta para o gerente, seu Tarcísio, mas ele me aconselhou a não pedir porque senão a polícia ia desconfiar de mim! E perguntou se eu tinha pego a folhinha escrita dos moços e se tivesse em casa que queimasse e jogasse as cinzas na rua sem ninguém ver! Aí eu tive mais medo ainda, porque eu levei umas cinco e distribuí com os vizinhos, porque achei o máximo tudo aquilo acontecer ali na firma! Só depois de três meses foi que seu Tarcísio me deu as contas! Eu tive até que chorar e mentir que minha mãe estava doente e eu tinha que voltar para Pernambuco para cuidar dela! No outro dia eu vim embora para cá e não volto nunca mais naquela terra! Faz muito frio, a maioria do povo não tem consideração com a gente e tem muita polícia perturbando! É um povo engraçado que chama a gente de nortista ou de baiano! Aí eu dizia! Não sou baiana, mas gosto muito dos

baianos que são bonitos e legais, mas sou pernambucana e nordestina! Um tio meu havia me falado tudo isso e eu tinha o maior gosto de dizer que era nordestina e pernambucana! Olha bem se não é o destino! Mamãe não queria que eu fosse! Disse que o número setenta e dois não era bom para se mudar e aí deu o que deu, não foi?

Agora, estavam todos curiosos para saber a continuação e Geni a interrompeu novamente:

— Mas e então como foi que eles entraram lá?

— Foi tudo assim e eu tive muita pena do pessoal da contabilidade que estava esperando a moça loira bonita que ia trabalhar com eles! Era uma animação que só vendo! Agora, quem eu ví dizer que apanhou da polícia foi seu Antonio da portaria, não sei se pelo fato dele ser preto, mas dizem que a polícia levou ele lá no DOPS e bateu nele para ele confessar que abriu o portão para os terroristas entrar! Era mentira porque a loira já tinha ido lá fazia uma semana com o recorte do jornal na mão! Eles estavam procurando uma funcionária para a contabilidade que deveria ter experiencia! Eu nem sei se ela tinha, mas foi contratada na hora! Era muito bonita! Aí, calou-se, olhou para Geni e continuou:

— Depois fiquei sabendo que a polícia invadiu o quarto dos rapazes da contabilidade e depois chamaram eles lá no DOPS! O Claudemir foi um deles que teve que ir lá! Acontece que eles pegaram os panfletos e guardaram numa mala! A polícia ficou desconfianda deles porque eles tinham os panfletos

e porque contrataram logo a moça! Interrompeu novamente parecendo buscar na memória os acontecimentos e depois prosseguiu:

— A moça foi lá para arrumar emprego e ficou de começar em dez dias! Fez logo amizade com o seu Antonio da portaria, que até comentou comigo que a moça era muito educada! Na outra semana ela foi e seu Antonio da portaria já conhecia ela e abriu a porta! Ela entrou e rendeu seu Antonio da portaria com um revólver! Seu Antonio disse que nem acreditava que era verdade e só acreditou quando ela falou que não iam atirar em ninguém, mas que iam levar o dinheiro da empresa porque o dono dela estava dando dinheiro para a polícia torturar os estudantes! Depois vieram os amigos dela todos com uma espingardona bem grande e entraram e um deles foi logo escrever na parede, “ALN , Comando Gelson Reicher!”. É bem assim o nome porque o Claudemir da contabilidade que foi um dos rapazes que pegou o panfleto me disse que os moços não eram terroristas não, terrorista era a polícia que tinha quebrado tudo no seu quarto, inclusive sumido o dinheiro dele pagar a escola de contabilidade e tinha batido no seu Antonio que era uma pessoa muito boa!

Um raio de sol atravessou a mangueira e bateu direto no rosto dela. Ela caretou e mudou de lugar. Foi sentar numa pilha de tijolos junto do alpendre da casa. Sorriu ao lembrar-se de alguma coisa e continuou:

— Um dos rapazes que estava com a espingardona disse que faziam aquilo para o bem de nós trabalhadores! E que só restara aquilo para eles porque não era mais governo, era ditadura! Eu estava com muito medo, não disse nada e também não entendia nada da política, mas ví que ele falava aquilo com a razão dele, eu senti isso!

**9 de julho de 1972. O Jornal do Brasil descreveu assim o comportamento do ditador Garrastazú Médice no jogo Brasil e Portugal no cinquentenário da independência: “Como os outros, ele chegou cedo. Nervoso, mudou o radinho de pilha de um ouvido para outro 13 vezes, fumou cinco cigarros. Falou pouco, sorriu quatro vezes e deu dois socos no ar. Mas na hora do gol ele pulou como todo mundo, os dois braços levantados.(...) O Presidente dá o 1º soco no ar. Três minutos: o Presidente fuma o seu primeiro cigarro deslocando o radio do ouvido esquerdo. Sete minutos: balança a cabeça desaprovando um passe errado de Gérson. Oito minutos: troca o radio de ouvido, passando do esquerdo para o direito. (...) Quarenta e três minutos e meio, o Presidente pula. Os dois braços levantados. Era um torcedor simples, igual aos 99 mil que foram ao Maracanã. Mas, três minutos depois, representando o cargo no ato e o torcedor no abraço, entregou a Gérson a Taça Independência. E, feliz, foi um dos últimos a deixar o Maracanã. Aí foi sua vez de ser aplaudido”.**

## 16. O marinheiro Custódio

Custódio continuava falando, uma voz mansa, pausada, parecia saborear cada palavra.

— Você tem razão! Falou José Manoel assentindo com a cabeça.

— Sabe José Manoel, ainda vamos sofrer muito antes de conseguir mudar alguma coisa no nosso país! Não há mais formas de participarmos democraticamente. Cortaram todas as possibilidades. E vem mais truculencia por aí.

Há muitos anos que Geni não via aquele amigo de Zezinho. Lembrava-se dele na farda de marinheiro e que duas ou três vezes fora na casa dela em Mesquita, sempre com jornais e livros na mão. Chegava sempre com um ar sério e chamava Zezinho por José Manoel, assim bem pronunciado e sem esconder o seu sotaque cearense. Tinha um rosto de criança e quando sorria, parecia mesmo uma criança.

Custódio chegara no dia anterior, pela noite e fora dormir muito tarde, pois ele e Zezinho passaram horas e horas conversando.

Era domingo e os três almoçavam sem as crianças que estavam na casa dos avós ali mesmo em Toritama.

Só se ouvia o silêncio dos talheres.

— Estive no Ceará. Faz vinte dias que estive lá. Disse Custódio olhando para Zezinho, entabu-

lando uma conversa.

Zezinho e Geni olharam para ele. Zezinho balançou a cabeça aguardando a continuação da história.

— E então?

— Fui ver minha irmã, mas nem a ví...

— E porque?

— Tudo seco pelo caminho e uma tristeza grande. É muita miséria. Aquilo que nós já conhecemos: sol e poeira, mata seca, açudes vazios, gado morto, o povo nas estradas sem saber para onde ir e a coronelzada gastando dinheiro, mangando da gente e dizendo que vai para o Rio comer gente.

Arrastou a cadeira, afastando-se um pouco da mesa e disse:

— Continuamos como o grande depósito de mão-de-obra do capitalismo. E agora, os que foram para a Transamazônica estão voltando: os vivos com os fantasmas dos mortos. Dois tios e três primos morreram lá. Minha tia disse que todo dia morria muito índio também. “Afinal, a terra é deles, não é?”. Ela sempre falava assim, esperando minha confirmação.

— Sim, mas e sua irmã? Perguntou Zezinho.

— Pois é, não a ví... Respondeu, baixando a cabeça, o rosto crispado. Parecia não querer falar no assunto que ele mesmo começara.

— Veja como é a vida. Falou finalmente. Saímos todos de lá em cinquenta para o interior de São Paulo, fugindo da seca. Aquela história que todo

mundo sabe de caminhão de pau de arara. Minha irmã que já era casada naquela época, ficou. Meu pai não aguentou muito tempo lá em São Paulo, voltou e ficou morando na casa da minha avó, a mãe dele. Minha mãe não quis voltar e criou a gente sozinha. No mês passado quando consegui falar com minha mãe, ela me avisou que minha irmã estava doente. Minha mãe recebera uma carta dela pedindo ajuda. Consegui me organizar e fui lá a semana passada. De Fortaleza fui para Senador Pompeu. Dormi lá para pegar o trem que só saía a tarde para Piquet Carneiro. Fiquei hospedado numa pensãozinha simples, mas agradável. Pela manhã tomei café e saí para a rua. Fui abordado logo na saída por um engraxate. Parece que ele fazia ponto ali entre as poucas pensões da cidade.

Interrompeu a narrativa e olhou pensativo para lugar nenhum. Geni e José Manoel fitaram-no interrogativos.

— Este sapato não é daqui! Me disse de pronto o engraxate. Quando eu disse que comprara em São Paulo, ele ficou muito feliz porque naqueles poucos anos de engraxate sabia distinguir de onde eram os sapatos que engraxava em Senador Pompeu. Depois continuou conversando e me disse que não era dali, mas de Piquet Carneiro, e vinha todos os dias de trem para engraxar sapatos porque rendia mais. Aproveitei para perguntar se ele conhecia Sebastião de Totonho Dantas.

Interrompeu novamente, baixou a cabeça e

quando levantou estava chorando. Com a voz quase sumida, continuou:

— Aí o engraxate me disse: Todo mundo conhece Tião de Totonho Dantas! É o maior bêbado de Piquet Carneiro. E a mulher dele morreu na semana passada! Diz o povo que os filhos dele estão morrendo de fome.

As lágrimas agora escorriam pelo seu rosto, abundantes. Soluçou, retirou um lenço do bolso, enxugou-as e continuou:

— Veja a situação, eu recostado na parede da pensão com um pé apoiado na caixa do engraxate, acabara de saber, de uma só vez, da morte da minha irmã, que o meu cunhado agora era um bêbado e que meus sobrinhos estavam passando fome.

José Manoel fez sinal para ele parar. Mas ele continuou.

— Fui neste mesmo dia buscar meus sobrinhos e rezar na cova da minha irmã. Meu cunhado pediu uma chance. “Se eu me separar dos meus filhos, morro em pouco tempo!”. Ele me disse. Trouxe ele também e até agora não bebeu mais e já está trabalhando.

Agora estava mais calmo, enxugou novamente o rosto e continuou:

— Depois fui visitar o meu pai e a minha avó que moram num sítio próximo de Piquet Carneiro, num lugar chamado Algodões, talvez o lugar mais seco que existe no Ceará.

Agora falava com a voz mais clara e até apre-

sentava um sorriso tímido.

— O motorista da Rural Willys que me levou até lá, duvidou que ainda tinha gente morando naquele lugar. Não existia nem porteira e nem cerca. Muito mal existia a estrada. A casa tinha virado uma tapera. Desci pouco antes da casa, próximo do juazeiro e da casa de desmancha, onde brincava e trabalhava quando criança. O juazeiro era a única coisa verde naquele mundo.

Parou e olhou longamente para José Manoel e depois para Geni que estavam apreensivos.

— Foi bom eu ter ido até lá! Fiquei recordando minhas traquinagens recriminadas pela minha avó que não queria que matássemos os passarinhos. No dia que fomos embora, ela nos chamou e disse: “Vocês estão indo para o sul que é terra de gente educada. Sejam educados também e sempre peçam a benção dos mais velhos!”.

José Manoel concordou:

— É assim mesmo que todo mundo pensa, que o sul é sempre melhor!

Custódio que interrompera a narrativa parecia agora mais alegre, recordando dos momentos e da emoção que sentira naquela visita ao sítio da sua infância. Continuou:

— Nem um sinal de vida na casa. Depois de muito tempo ouvi o latido de cachorro. Um latido bem fraquinho que vinha por detrás da casa. Caminhei até lá . Interrompeu a narrativa e fitou José Manoel e Geni, os olhos lacrimejantes e continuou:

— Minha tia me esperava na porta da casa. Ela estava muito velha. Era surda muda e nós crianças fazíamos muitas brincadeiras com ela. Ela não me reconheceu, mas estendeu uma pequena tabuleta pintada de preto onde estava escrito: Quem é você? Custódio sorriu tímido, parecia envergonhado e continuou:

— Aí ela me estendeu um giz. Eu escrevi, Custódio de Dedé Grande e ví que os olhos dela brilharam. Ela me reconheceu. Veio e me abraçou bem forte. Fez sinal para que eu entrasse. A sala despojada e com os mesmos móveis de mais de vinte anos.

Custódio baixou a cabeça. Chorava de novo. Mas fazia um esforço enorme para não chorar, mas não conseguia segurar as lágrimas. Enxugou o rosto e olhou envergonhado para Geni e Zezinho.

Eles, calados, solidários, até que Geni falou:

— Chore, chore que chorar faz bem. Só estamos nós aqui e somos amigos. Não se aperreie.

Ele retomou a história:

— Meu pai estava sentado junto de uma janela. Ficara cego. Minha tia foi até ele, que estendeu o braço para ela. Era tudo bem definido. Parecia que há muito tempo era assim. Ela, com o dedo, o toque do dedo, escreveu alguma coisa no seu braço. Sem tinta sem nada, só com o tato! “Meu filho Custódio!” Meu pai disse, emocionado. Levantou-se e com a voz quase sumida falou: “Venha cá meu filho para eu lhe dar um cheiro!” Eu não conseguia falar nada, só chorava. Minha avó estava deitada

numa rede puída, as varandas aos pedaços, num quarto junto à sala. Não andava, não falava e comia com dificuldade. Meu pai bateu até a porta do quarto onde estava minha avó e falou bem alto para ela: “É seu neto! É meu filho Custódio que é da Marinha!” Disse orgulhoso.

— E eu nem era mais da Marinha...

**15 de setembro de 1972. Um jornal paulista recebeu o seguinte comunicado do Ministério de Justiça: “De ordem do senhor Ministro da Justiça fica expressamente proibida a publicação de: notícias, comentários, entrevistas de qualquer natureza sobre abertura política ou democratização, anistia aos casados, situação econômico-financeira, problema sucessório”, ... etc. etc.**



## 17. Um cachorro chamado Kimble

Anselmo, o Jonatas, agora era Daniel e vinha para Toritama. Toritama fica no agreste, quase sertão de Pernambuco e era onde José Manoel, militante da VPR morava. Vivia modestamente e fabricava chinelos de couro cru que vendia nas feiras de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Ocorre que Anselmo nem era mais Jonatas e muito menos Daniel, agora era Kimble e tinha virado cachorro. Aproveitava os problemas internos da VPR, um caldeirão que fervia em discordâncias profundas de táticas e estratégias que rodava o mundo entre Brasil, Cuba, Chile, Argélia e a Europa. Alheio a tudo, Anselmo fazia o seu novo trabalho. O seu sujo trabalho. Agora para a ditadura. Estava sob as ordens do delegado Fleury do DOPS, onde dinheiro não era problema, nem escrúpulos, nem nada. O rigor da clandestinidade o favorecia. Anselmo tinha consciência de tudo isso e sabia usar a seu favor. Juntava segredos, terríveis segredos que não teria depois com quem partilhá-los.

Para José Manoel, o Cirilo, Anselmo não era Kimble, ainda era Jonatas e agora Daniel. A admiração e o respeito por Anselmo era sincero, afinal ele fora o grande condutor da assembléia naquele março de 1964 lutando pelos direitos dos marinheiros e pelas reformas de base que iriam melhorar a vida do povo brasileiro e levava para a reunião nin-

guém menos que João Cândido, o líder da Revolta da Chibata, o homem que ousou dirigir uma revolta contra os poderosos e que pela primeira vez tirava a máscara da república. Uma república fardada e comandada por coronéis sem farda. Os marinheiros provaram que a república não era a *res-pública*. O Estado tinha dono e seu dono não era o povo.

Mas Anselmo se fiava também em outras coisas. A herança moral da Associação dos Marinheiros, a bela herança construída pelo companheirismo, a solidariedade, o despojamento dos marinheiros. Kimble também se aproveitou disso e então foi até a casa de José Manoel em Toritama, um pecado mortal na luta clandestina, onde o contato é nos pontos e onde não se deve saber onde mora o companheiro, o que faz e o seu nome verdadeiro. E ele foi a Toritama porque agora seu mundo era o porão fétido da repressão, onde torturadores eram pagos por banqueiros, industriais e fazendeiros e pela rapina dos bens dos militantes capturados e onde não havia escrúpulos. Para ele era fácil atuar, pois entre militares na luta armada a confiança era total.

O pessoal do INCRA também estava em Toritama, vigiando. Era a equipe do delegado Fleury, que usava um carro com o emblema do INCRA e que vigiava tudo desde algum tempo. Desde o tempo que Anselmo virara cachorro com o nome de Kimble.

José Manoel tinha disciplina. Era um militan-

te fixado numa base e que desenvolvia um bom trabalho político. Um trabalho lento, mas sólido. Ele estava conseguindo fincar uma trave naquele chão duro de pedras de muita miséria para o povo, mas de muita riqueza para os coronéis que ganharam fôlego servindo de capachos da ditadura. José Manoel ultrapassara a fase do foquismo. Atuava na região e procurava organizar uma escola de alfabetização e era da diretoria do time de futebol, o Ipiranga Futebol Clube, onde ganhara a estima e consideração e procurava mostrar outras coisas além do futebol bem jogado pelo seu time.

Anselmo e sua companheira Soledad apareceram para o almoço e agora conversavam na varanda. Era novembro. Final de novembro.

— Ficou quanto tempo em Natal? Era Anselmo que falava agora.

— Dois anos, se muito. Cheguei solteiro e saí casado, quer dizer meio casado porque foi casamento na igreja. No civil casei lá em Nova Iguaçu e ainda nem era cabo!

Anselmo continuou:

— Tenho boas lembranças de Natal! Estive lá no começo de 64 e visitei o pessoal da nossa associação, fui apresentado ao prefeito Djalma Maranhão que morreu agora no exílio em Montevideú! Fizemos uma reunião no Sindicato dos Bancários que foi mais um discurso sobre as reformas de base! Tinha gente do Partido Comunista... o pessoal lá é de fibra! Depois vim para o Recife e também fizemos

uma boa reunião num sindicato de lá! Todo mundo estava confiante nas reformas do Jango!

Depois do almoço, Anselmo saiu com José Manoel que queria ver algumas propriedades rurais com a intenção de comprar:

— Uma fazendinha para engordar gado! Disse José Manoel para Geni.

Soledad chegou tensa, calada e bem diferente do que se falava dela, mulher expansiva e sorridente. Não saiu com Anselmo e José Manoel, ficou e passou o dia fazendo bordados, calada, cismada. Parecia sofrer muito. De vez em quando levantava os cabelos, os tirava da nuca e numa dessas vezes Geni viu uma mancha avermelhada, uma escamação, como se fosse uma cicatriz. Soledad percebeu que Geni olhava com certo espanto e disse sorrindo quase se desculpando:

— Psoríasis! aumenta cuando estoy nerviosa!

Geni sorriu e concordou com a cabeça, mas não entendera nada. Percebeu sim uma enorme angústia naqueles olhos que pareciam pedir socorro. Foi das poucas vezes que Soledad falou. Econômica nas palavras, pedia por favor e dizia obrigado, sempre com um sorriso terno, mas era só. Geni não estava gostando daquilo. Sentira um clima pesado e desagradável entre Soledad e Anselmo. Eles não pareciam um casal feliz como Zezinho lhe falara.

Geni atribuía a mudez de Soledad à barreira da língua. Estava aperreada por entender pouco do que ela falava. Achava uma língua diferente, estra-

nha. Era muito difícil para Geni tudo aquilo, logo ela muito expansiva e prestativa. E assim Soledad passou a tarde bordando blusas, muitas blusas, num ritmo frenético, cabeça baixa concentrada no bordado.

José Manoel chegou tarde da noite sem a companhia de Anselmo. Soledad já estava dormindo. Geni a acomodara no quarto de seu filho. Não houve novidades na chegada de José Manoel. Soledad continuou dormindo. Talvez já tivessem combinado tudo aquilo, mas Geni achou aquilo estranho.

— Anselmo está aperreado. Soledad está grávida e eles não podem ter este filho agora. Precisa de alguém que faça o aborto! Você sabe de alguém por aqui ou lá em Natal que faça o aborto?

— Eu sou contra fazer aborto. Não é uma coisa certa! Sou católica e contra o aborto. Foi só o que disse Geni. José Manoel ouviu e ficou calado. Não tocaram mais no assunto.

Na verdade, aquela visita de Anselmo, quebrando todas as regras de segurança, tivera vários propósitos: levantar a atuação da VPR na região, conhecer a extensão do trabalho de José Manoel e convencê-lo a ir ao Chile para creditá-lo junto à VPR e a Onofre, além de trazer dinheiro para a organização e mostrar que ele Anselmo, não era um traidor. Isso aplacaria as desconfianças de Soledad que àquela altura estava desesperada com a possibilidade de Anselmo ser um agente da ditadura. Para Anselmo, ninguém melhor que José Manoel,

um romântico, um poeta, um ex-marinheiro que fora da direção da Associação dos Marinheiros, militante da VPR, ligado umbilicalmente a José Raimundo da Costa, figura respeitada pelos grupos de esquerda, para avalizá-lo à direção da VPR no Chile. Falar da sua atuação no Nordeste e mostrar que as denúncias eram insinuações maldosas, provocadas pelo personalismo que invadia as organizações e que provocava a divisão dos revolucionários e ajudava a ditadura. Enfim era tudo fruto da inveja entre os grupos da esquerda.

Militares são homens de ação. Os marinheiros entraram no movimento para agir e não pensando em teorizar, mas no desenrolar da luta foram aprendendo, foram estudando e foram percebendo que havia a necessidade de um trabalho mais profundo, de raízes, de estrutura, afinal, não bastava fazer uma ação espetacular para o povo ir atrás. O povo não estava indo atrás. E porque não ia? O que faltava? A teoria era importante sim. Isso eles foram aprendendo com o desenrolar da luta armada.

Quando Anselmo saiu depois do almoço com José Manoel, despediu-se de Geni. Geni ficou com aquela sensação estranha, aquele nó na garganta, aquele mal estar sem saber o porque daquilo. Sentiu muito medo de Anselmo. Seu olhar e o beijo que ele deu na sua face ficou congelado na sua memória. A cada vez que lembrava ficava arrepiada de medo. Sentiu que era um beijo de traição.

Mais tarde quando se preparavam para dor-

mir, Geni confessou suas dúvidas para Zezinho.

José Manoel lhe respondeu um tanto ríspido:

— Mulher tire isso da sua cabeça que ele é um cabra muito bom! Um grande companheiro de longa data!

Soledad foi embora na manhã do dia seguinte. Ao sair, deixou uma bolsa com algumas roupas próprias para o frio. Eram roupas que pouco se usavam naquele clima quente do Recife.

**1972. Na região do Araguaia a luta prosseguia. No Brasil, poucas pessoas sabem que há uma guerrilha no Araguaia. Nas redações dos jornais e revistas e nas universidades circula um relato datilografado que é reproduzido por cópia xerografada e passado de pessoa a pessoa. No dia 29 de setembro, num encontro casual, cai a jovem guerrilheira Elenira. Elenira Resende de Souza Nazaré. Juntamente com outro companheiro, ela fazia guarda num ponto alto da mata onde havia uma estrada, a fim de assegurar a passagem sem surpresa do Destacamento ... Em setembro de 1972, as Forças Armadas da ditadura voltam para a segunda campanha. Empregam efetivos de 8 a 10 mil homens sob o comando dos generais Viana Moog e Antonio Bandeira.**



## 18. Primavera em Santiago

“Sim, é bem possível no próximo ano vamos ter o festival de cinema aqui!” Na recepção do hotel dois homens conversavam em voz alta. Não havia como não escutar. E José Manoel que naquele momento entregava as chaves do quarto na recepção, pensou que talvez no próximo ano ele poderia vir nesse festival de cinema. Ele que sempre gostou de cinema.

Deixaram o hotel e foram passear pela cidade.

— Vamos até ali, parece que é um lugar bom! Geni falava inebriada com toda aquela beleza que nunca vira antes.

— É para lá mesmo que vamos! Respondeu José Manoel sorrindo, compartilhando a felicidade de Geni.

Estavam em Gramado. Caminhavam por uma rua como duas crianças descobrindo o mundo. Ao longe Geni viu a placa Café Colonial num local aprazível. Era novembro, quase dezembro de 1972 e tudo para Geni parecia um sonho. Para ela, aquilo era mesmo um sonho. Um povo todo diferente daquele que conhecia, de uma fala diferente, simpáticos e uma cidade toda florida, Hortênsias azuis nas estradas, praças e ruas. A serra, as plantações de uva e maçã, o verde das pastagens, as árvores. Tudo tão diferente da secura de pedras de Toritama. Era mesmo um alumbramento.

Adorou tudo no café colonial, os doces, os bolos, o chocolate e lembrou dos filhos e o quanto eles gostariam daquele passeio.

— Eu não imaginava que podia ter tanta coisa bonita no Brasil! Falou, naquela felicidade sem tamanho, quase nunca vivida até aquele dia.

— Se correr tudo bem, a gente vem no ano que vem com as crianças! José Manoel também estava em estado de graça naquele lugar. Poucas vezes, durante toda a viagem, Geni o viu menos tenso.

Para Geni, a viagem não fora planejada. No dia que José Manoel chegou dizendo que finalmente fariam a viagem de núpcias, com um atraso de dez anos, ficou muito feliz.

— Para onde? Perguntou curiosa.

— É segredo e ninguém pode saber! É nosso presente pelos dez anos de casamento!

Ela não estranhou, pois José Manoel era cheio de segredos. Achou tudo normal.

— E as crianças, também vão?

— Não! Desta vez não vai dar. Vamos deixá-las com mamãe! Afinal é nossa viagem de núpcias! Falou sorrindo.

— É bom você levar aquelas roupas que Soledad deixou porque são roupas de frio e onde vamos pode fazer frio!

Geni vestiu uma saia longa quadriculada e uma blusa azul clara de manga comprida. As roupas ficaram bem nela. José Manoel aprovou.

A viagem daquele casal de comerciantes brasileiros, seguiu pelos Andes. Agora estavam em Santiago do Chile. Geni um tanto assustada, mas adorando a viagem. Chegaram pela manhã e José Manoel buscou apressadamente um telefone e discou 3-5818.

— Alô! Atendeu uma voz cansada.

— Quiero hablar con el doutor Moraes!

— É ele mesmo! É o Moraes!

— É da parte do Maurício e quero falar com o Ribeiro!

— Correto! Onde?

— Bem, é na praça ....

— Certo, certo! Preste atenção...existe um bar no lado esquerdo. Vá para lá e peça um café e espere uns dez minutos e depois volte para a praça!

Aguardaram uns cinco minutos na praça, depois do café. Um automóvel parou bem junto deles, Havia um casal no veículo. Eles não desceram. Deram uma chave, o endereço e saíram apressadamente.

José Manoel e Geni tomaram um táxi e foram até o local indicado, um pequeno apartamento no centro de Santiago.

No Chile, a burguesia e a alta cúpula militar sob a orientação da CIA preparava o golpe contra o governo democrático do presidente Salvador Allende.

Geni estava no banho quando começou ouvir um barulho de latas batendo, de início tímido, mas

que foi aumentando e ficando cada vez mais forte e mais perto. Depois começou a ouvir também o som das buzinas dos carros. Assustou-se e procurou a janela para ver o que ocorria lá fora. Na rua, tudo parecia normal, na pracinha que avistava pela janela também, mas, nas varandas dos outros apartamentos pôde ver dezenas de pessoas batendo panelas. Em muitas varandas, estavam lá as pessoas batendo panelas. Estranhou tudo aquilo e saiu de perto da janela. José Manoel pedira que não ficasse junto da janela.

— Estou cuidando do meu retorno para a Marinha! Mas é segredo e ninguém deve saber! Pela manhã, antes de sair, José Manoel conversou demoradamente com ela. Mostrou-lhe tudo no apartamento e como deveria se portar. Ele só voltaria à noite. Um papel pregado na parede da cozinha orientava sobre alguns procedimentos, coisas simples como por exemplo chá mate com leite condensado. Era tudo minuciosamente organizado.

José Manoel, além de creditar Anselmo junto a Onofre Pinto e à VPR, anulando as notícias que chegavam denunciando Anselmo como traidor, deveria ainda trazer dinheiro da organização para as ações no nordeste. Militar como Anselmo e Onofre e de confiança da organização, José Manoel era amigo de Anselmo desde o tempo da Associação dos Marinheiros, onde ambos foram da diretoria. Era amigo fraternal de José Raimundo da Costa, sargento da marinha, também da diretoria da Associa-

ção dos Marinheiros e um militante respeitado pelas organizações revolucionárias. Anselmo sabia que José Manoel era a pessoa certa para desfazer as notícias que o acusavam de agente da repressão sob o comando do delegado Fleury do DOPS de São Paulo.

— E então? Perguntou Onofre. Onofre era um militar, respeitado por todos, homem sério, organizado e que tinha a convicção que a luta deveria continuar de alguma forma.

— Está tudo bem! Respondeu José Manoel. Anselmo esteve lá e disse que era preciso que eu viesse. Dizem que estão queimando ele entre os companheiros. Ele se diz injustiçado! Afirma que é o pessoal das outras organizações com suas desconfianças. Diz que não tem nada a temer. Esteve lá e fomos até um sítio que poderá ser comprado. Ele foi ver o sítio e achou que é um bom negócio! Ele foi com Soledad...mas, parece que eles estão meio brigados!

Interrompeu a fala e olhou para Onofre que ouvia com atenção.

— Anselmo acha que o problema maior é que entre nós militares há uma identificação que não há entre o pessoal oriundo do movimento estudantil e entre os intelectuais! Ele acha que nós, pela nossa origem não tergiversamos e agimos quando é preciso! Ele também acha que o pessoal teoriza muito e age pouco. Eu acho que é um problema que ainda não conseguimos superar: este negócio de revoluci-

onários da pena e revolucionários do gatilho! Precisamos superar isto, nós temos valorosos companheiros saídos do movimento estudantil, do operariado, do campesinato e da intelectualidade. José Raimundo já havia superado isso. Eu também já superei!

Onofre o fitava pensativo sem expressar nenhuma reação. Há dois meses tivera um contato com Diógenes de Arruda Câmara, um valoroso militante do PCdoB que lhe dissera que vira Anselmo no DOPS, não como prisioneiro, mas como cachorro do Delegado Fleury.

— Eu não tenho motivos para duvidar de Anselmo, fosse ele militar ou não -- continuou José Manoel -- nós somos amigos desde a Marinha, desde sessenta. Minha presença aqui é mais para isso: desfazer um mal entendido e buscar recursos!

Onofre encarou o companheiro com certa angustia. Ele já não tinha tanta certeza se Anselmo mentia ou não. E se fosse mais uma trama de Anselmo, das que vinham sendo comentadas? Enviar para o Chile, um valoroso companheiro se valendo da amizade pessoal, da extrema dedicação e solidariedade? Tentar encobrir sua traição, abjeta e covarde expondo um companheiro? Seria possível um ser humano assim? Depois refletia: não, não, é tudo mesmo fruto da dissensão entre as esquerdas e Anselmo é vítima. Como desconfiar de Anselmo, um homem que voltara de Cuba para a luta revolucionária e que tinha tido todas as oportunidades de

viver tranquilamente na Europa. Não, Anselmo não é um traidor.

Onofre, visivelmente abatido disse:

— Está tudo muito confuso! Eu já não tenho tanta convicção quanto a Anselmo. Agora é preciso ter mais cuidado! Não estão claras as circunstâncias da prisão e assassinato de José Raimundo e de muitos outros companheiros! Vocês todos podem estar em grande risco! Por outro lado devemos primeiro ter evidências, pois ninguém pode acusar assim sem provas! Há muita contra-informação e a ditadura fomenta e se aproveita disso!

José Manoel sentiu faltar o chão. Era inacreditável tudo aquilo. Não era bom expressar reações sobre dúvidas, mas ele quase desabou com aquela suspeita por parte de Onofre. Aquilo era como uma lâmina entrando em seu peito devagarinho. E lembrar agora que fora ele quem dera o ponto para Anselmo com José Raimundo. E aí lembrou-se das desconfianças de Geni após a visita de Anselmo em Toritama.

Na verdade, Anselmo estava ganhando tempo. Ele esperava reunir uma grande parte dos companheiros da VPR ali em Pernambuco para entregá-los ao sadismo da equipe do delegado Fleury, num momento em que a ordem era matar.

Onofre orientou José Manoel a fazer outro caminho na viagem de volta. Deveria tentar um ponto na Argentina para esclarecer algumas dúvidas com relação à atuação de Anselmo.

Quando voltavam do Chile de avião, Geni preocupada, mas feliz pela viagem olhava os picos nevados das montanhas. Zezinho lhe falava:

— Veja é a cordilheira dos Andes que a gente só tinha visto no mapa! Na verdade José Manoel disfarçava seu nervosismo. Estava apavorado. Olhava a todo momento para as pessoas dentro do avião. Achava que estavam sendo seguidos.

Aterrisaram em Buenos Aires e foram para um hotel bem afastado da cidade. Ele tentaria um contato com um companheiro da VPR. Geni achou tudo aquilo muito estranho. José Manoel saiu e ela ficou no saguão do hotel e viu quando alguns militares se dirigiram à recepção e conversaram demoradamente com o funcionário. Quando José Manoel voltou ela falou sobre o episódio dos militares ali no hotel. Imediatamente, José Manoel foi até o quarto, apanhou as malas, pagou a conta e foram embora. O companheiro do ponto já havia caído. Era a operação Condor em andamento.

De volta a Toritama, assim que entrou em casa, Geni viu José Manoel ir até a cozinha e anotar alguma coisa debaixo da mesa da cozinha. Viu, mas não perguntou nada e ele também não falou nada.

**1964. Os Estados Unidos investiram US\$20 milhões na eleição do democrata-cristão Eduardo Frei no Chile, para barrar Salvador Allende. Deu certo, mas o governo de Frei foi um desastre. Em 1970 os**

**Estados Unidos investiram no conservador Jorge Alessandri do Partido Nacional. Não deu certo e Salvador Allende foi eleito presidente do Chile. O primeiro presidente socialista eleito pelo voto livre. A Unidade Popular iniciou a construção do socialismo com o fim dos monopólios, a nacionalização de empresas, a reforma agrária e melhorias na saúde, educação, habitação, política de empregos e melhoria dos salários. Em 1971, a Unidade Popular aumentou sua votação nas eleições municipais. Tudo ia bem para os trabalhadores e os pobres no Chile, mas a classe média estava incomodada, não que faltasse comida na sua mesa, mas como ela almejava um dia ser da burguesia, achou que Allende barrava-lhes o acesso. Ele é socialista demais, dizia. Aí, juntou-se, os grandes capitalistas do mundo, os donos das grandes mídias, a CIA e etc, sob o comando do presidente Nixon e do secretário de Estado americano Henry Kissinger e sangraram o governo de Salvador Allende. Recorreram aos militares nativos. Eles tinham larga experiência no trato com os militares latino-americanos. Deu-se o golpe e o assassinato de Salvador Allende, eleito pelo voto livre do povo chileno. A classe média chilena comemorou. Tinham chances novamente de ascender à burguesia. Parece um esquema, não é? Era. O esquema norte-americano para as Américas.**



## 19. Um sequestro em Toritama

— Mas, e o jogo? Perguntou Rodrigues um tanto preocupado. Ele e José Manoel eram os responsáveis pelo Ipiranga Futebol Clube, e iam jogar em Pão de Açúcar naquela tarde de domingo.

— Vocês cuidam aí! Respondeu José Manoel, completando:

— Apareceu assim de repente esse pedido, aliás, um bom pedido! Eu tenho que ir agora para Recife deixar a mercadoria! Se não for agora perco o freguês! E saiu acelerando o carro, apressado. No carro além de alguns pares de calçados, José Manoel levava o dinheiro da VPR para ser entregue a Anselmo com quem ia manter o contato, cobrir o ponto. Estava desarmado, aliás, José Manoel nunca portava arma. Recebera o comunicado pela manhã daquele domingo, foi até à mesa da cozinha e checkou a senha. Era a hora. Anselmo o aguardava em Recife. Sentiu um alívio grande com aquela notícia, porque não tivera sossêgo desde que viera do Chile em razão das desconfianças sobre Anselmo. Aquilo tudo era demais para ele que sonhava com uma vida de dignidade para os filhos. E sempre que imaginava aquela situação entrava em desespero:

— Meu Deus! Anselmo traidor! Não! É difícil acreditar nisso. Deve haver engano! Agora estava feliz por confirmar que Anselmo não era traidor.

Apesar de toda aquela situação de desconfian-

ça que agora pairava sobre Anselmo, não havia meios — dado a clandestinidade — e nem era correto acusar companheiros de luta sem evidências concretas. Elas não existiam até aquele momento.

— Viche! Que pressa é essa? Era João Messias, um dos jogadores do Ipiranga que chegava naquela hora e viu José Manoel sair a toda velocidade e dobrar a esquina perigosamente.

Passou na casa da mãe e beliscou as panelas. A mãe pediu:

— Fique meu filho, almoce aqui!

— Não, agora eu não posso, tenho de viajar! Deu um beijo na sua mãe e saiu.

Parou na bomba de Pedrinho, que era o posto de gasolina de Toritama e pediu para João, o empregado do posto e cunhado do Pedrinho que verificasse o óleo de freio.

Naquele local tinha a bomba de gasolina e ao fundo um pequeno prédio de duas portas onde funcionava um bar. José Manoel entrou no bar cumprimentando os homens que estavam sentados próximos da entrada. Um deles era João Joaquim.

João Joaquim viu quando uma Variant preta de placas brancas do Recife com o emblema do INCRA estacionou logo depois ao lado do carro de José Manoel e dele desceram três homens que se dirigiram ao bar. Ele já tinha visto aquele carro circulando por ali. Numa cidade pequena, qualquer pessoa ou carro diferente chama a atenção. E ainda mais com o emblema do INCRA e placa de Recife.

Faziam duas semanas que aquele povo era visto alí em Toritama. Aguardavam as ordens de Anselmo e do delegado Fleury.

João Joaquim viu que um dos homens estava desenrolando uma corda fina e passaram por eles com a cara fechada e entraram no bar sem nem cumprimentá-los. Um dos homens permaneceu fora, alí por perto. João Joaquim ouviu uma alteração de voz dentro do bar e levantou-se para olhar, foi quando o homem que estava fora encostou uma arma em suas costas e lhe disse:

— Entre e aguarde a segunda ordem!

João Joaquim virou-se para o amigo com quem estava conversando e disse:

— É! Vamos entrar, não é, Nivaldo? O homem está pedindo para a gente entrar!

Quando estavam entrando no bar, os dois homens já vinham saindo com José Manoel com os braços amarrados.

João Joaquim ainda ouviu quando José Manoel pediu:

— João, guarde aí a chave do meu carro!

Ao que um dos homens, de pronto, avançou sobre João gritando:

— Me dê aqui a chave do carro! E tomou a chave da mão de João, que se preparava para verificar o óleo do carro.

Depois, colocaram José Manoel no carro do INCRA e um dos homens foi sentado junto dele no banco de trás. Um outro homem pegou o carro de

José Manoel e seguiu o veículo dos sequestradores.

Geni voltava da bodega onde fora comprar alho, quando foi abordada por um rapazinho que vinha numa desabalada carreira de bicicleta e lhe disse da prisão de José Manoel pelos homens do INCRA.

De início, um grande choque. Não pensou em nada, não fazia idéia do que poderia ser o motivo da prisão de Zezinho. Só podia ser um engano. De imediato foi até a casa dos sogros que estavam desesperados e sem saber o que fazer e o porquê daquela prisão.

Por fim, uma e outra pessoa chegando e comentando o fato, concluíram que a prisão de José Manoel fora em razão da sua fabriqueta de calçados. Falta de nota fiscal e do pagamento de impostos. Alguém deve ter denunciado.

Quando chegaram nessa conclusão, Geni desesperada pensou no pai em Natal. Ele resolveria o problema. Ele poderia emprestar o dinheiro, ela pagaria os impostos e depois registraria a firma de Zezinho; mandaria fazer a nota fiscal e tudo ficava bem de novo.

Um tio de José Manoel a trouxe até Natal. Quando viu o pai, sentiu-se mais segura. O pai sempre terno, sempre amigo e acolhedor, disse-lhe:

— Veja lá, minha filha, quanto é que Zezinho tem de pagar de multa ou imposto que a gente vai procurar pagar isso daí para ele ser solto logo! O que tem que fazer agora é procurar saber qual é a acusação!

Até então, Geni só pensava que o fato de Zezinho vender tudo sem nota fiscal era o motivo da sua prisão. Era uma fabriqueta de fundo de quintal. Ele fazia tudo quase sozinho e vendia nas feiras. Eram sandálias e chinelas simples de couro bruto. Baratos. Muito baratos que só os sertanejos compravam. Não dava mesmo para pagar impostos.

Voltou no mesmo dia para Toritama mais aliviada, planejando falar com um advogado e ir logo na Receita resolver tudo aquilo. Ao chegar em casa, tarde da noite, outro susto enorme: sua casa estava toda revirada, móveis quebrados, os sofás e os colchões rasgados. Saiu dali desesperada e foi para a casa de seus sogros que estavam mais apavorados que antes e então, quase não suportou mais e desmaiou. Acordou com todos à sua volta, ainda desesperados. Os sogros, os cunhados, os filhos, vizinhos, todos numa comoção. Ninguém conseguiu dormir naquela noite.

Mais tarde, sua cunhada lhe contou os fatos que se seguiram à prisão de José Manoel. Bem à tardinha, alguns homens no mesmo carro do INCRA vieram e arrombaram a casa de José Manoel e reviraram tudo. Saíram um tanto desapontados e com raiva, muita raiva, pois pareciam não ter encontrado o que queriam, ou esperavam encontrar. Depois, foram até a casa do pai de José Manoel e prenderam sua irmã. Maria Luíza estava apavorada sem saber o porquê de tudo aquilo.

O homem, que parecia ser o chefe do grupo,

foi gritando assim que desceu do carro, lá do meio da rua:

— Se não encontrarmos o que buscamos, vamos levar você para Recife! Lá você vai se lembrar melhor das coisas! E passaram a aterrorizá-la para que dissesse onde estava o material subversivo. Buscavam algo que incriminasse José Manoel, armas, panfletos, qualquer coisa. Por fim, depois de revirar tudo por ali, encontraram na garagem da casa um mimeógrafo à álcool, enferrujado e faltando peças e saíram desapontados carregando o mimeógrafo. Na verdade, buscavam mais que objetos que incriminassem José Manoel, buscavam o dinheiro da VPR, o tão falado dinheiro do cofre do Ademar de Barros.

**1972. Ápice do Milagre Brasileiro. Os pobres ficaram mais pobres e os ricos mais ricos. Nos campos: soja, trigo, cana-de-açúcar e depois cana-de-álcool combustível; e mais, tratores, inseticidas e pesticidas. Nas cidades, cinturões de miséria. Os agricultores expulsos da terra pela cana, soja, inseticidas e tratores, viraram pipoqueiros, serventes de pedreiro e boias-frias, enfim um bom exército de reserva. Era a modernização do Brasil. Nas propagandas da ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”.**

## 20. Sequestros no Recife

Naquela segunda-feira 8 de janeiro de 1973, Pauline e Eudaldo saíram de casa bem cedo e foram para o apartamento de Anselmo e Soledad. Eudaldo ficou lá com Anselmo, e Pauline foi com Soledad para a praia de Boa Viagem. Soledad fornecia roupas bordadas para uma boutique que ficava na Avenida Conselheiro Aguiar, 1934. Era uma segunda-feira cheia de sol no Recife.

Soledad levava uma sacola com as blusas que ela caprichosamente bordava e agora, pouco mais de nove horas, negociava com Sonja, a dona da boutique.

Conversavam animadamente quando dois veículos em grande velocidade, um fusca da polícia e uma perua Variant preta de placas brancas 7831 com o emblema do INCRA, frearam subitamente na frente da loja, arrastando os pneus, fazendo grande alarde e fechando toda a frente da loja, impedindo a circulação de veículos e pessoas no local. Dos veículos saltaram cinco homens, todos com armas em punho, e um deles, forte, de camiseta e com um colar de continhas, esferiu uma violenta coronhada na cabeça de Pauline que deu um grito forte, assim como um urro, e estatelou-se no chão da loja com o rosto exprimindo uma dor lancinante. O grito de Pauline chamou a atenção das pessoas que passavam próximas dali. As pessoas acorreram assusta-

das para a loja tentando se aproximar.

Postado na calçada da loja, um dos homens, acintosamente exibindo uma arma pesada, gritava:

— Circulando! Circulando! Somos da polícia e estamos prendendo umas contrabandistas!

Soledad, acuada na parede por dois homens que tentavam algemá-la, gritava desesperada:

— Por quê? Por quê?

A dona da boutique, em estado de completa histeria e gritando muito, foi ouvida nos fundos da casa por seu marido que veio em socorro. Também muito assustado com tudo aquilo, foi abordado por um dos homens que colocou um revólver na sua cabeça e gritou:

— Faça sua mulher calar a boca ou vamos levá-la também!

O homem, tomado de pavor pela cena insólita, ainda perguntou:

— Mas quem são vocês e o que querem?

— Somos da polícia e sem perguntas que é melhor para você! Só queremos as duas mocinhas aqui!

Nessa altura, um dos homens falava num rádio de comunicação do fusca:

— Ok!, Ok! Tudo certo! Tudo limpo!

Arrastaram Soledad amordaçada e amarrada para dentro do fusca e jogaram Pauline no chão do outro carro, onde dois homens entraram e pisaram no corpo dela com maldade. Pauline somente arfava e o olhar era de terror. Assim como Soledad, também estava amarrada com as mãos para trás e

amordaçada. Saíram em grande velocidade, assim como chegaram. Agora, escandalosamente, sirena ligada, buzina impaciente contra aqueles que dirigiam devagar e ousavam não lhes dar passagem. Assim que os ultrapassavam, xingavam, ofendiam, ameaçavam. Um carro da polícia podia tudo. E os policiais estavam acima das leis. Tempos de ditadura fardada e coronéis sem farda.

Quando Tércia abriu a janela do quarto e a claridade do sol e os sons da segunda-feira no Recife invadiram tudo, Jarbas, ainda sonolento pela noite mal dormida, sentou-se na cama e olhou a mulher demoradamente e teve a certeza que Tércia, tão frágil e tão terna, não poderia acompanhá-lo naquela aventura. Não era justo. Ela, junto ao berço, acariciava sua filhinha que reclamava a mamadeira. A criança ainda não completara o primeiro ano de vida.

Jarbas baixou a cabeça e pensou mais uma vez que deveria fugir do Recife naquela manhã, naquela hora. Dormira pouco e mal. Adormecera pela madrugada, depois que o cansaço o dominou. Passou o tempo todo assustado com os sons da noite, percrustando tudo, levantando seguidamente, indo até a porta da sala, encostando o ouvido na parede, uma agonia sem fim. Estava verdadeiramente angustiado. Naquela semana, na quinta-feira, mais uma desconfiança levantada sobre a atuação de Anselmo. Partia de uma pessoa acima de qualquer suspeita, porque era da VPR, do mesmo grupo do

Recife, ligado a Onofre, vindo do Chile recentemente e amigo de Anselmo desde a Associação dos Marinheiros. Não era uma acusação definitiva, mas um alerta que veio se juntar aos outros alertas que Jarbas recebera de companheiros de outras organizações, muitos deles já fora da luta armada, mas com honradez suficiente para alertar um amigo sobre os perigos que corria.

Dias antes, Jarbas, que trabalhava na Livraria Moderna, na Rua Ubaldo Gomes de Matos, 115, procurara a advogada Mércia Albuquerque, sua amiga, que ao vê-lo, perguntou, como sempre fazia:

— E então, Jarbas, algum livro novo e interessante na Moderna?

Jarbas sorriu, balançou a cabeça negativamente e falou baixinho:

— Preciso conversar com você!

A advogada Mércia Albuquerque sabia o que significava aquele “eu preciso conversar com você”, dito daquela maneira quase gutural. Experiente, presa várias vezes sem acusação formal, sequestrada pela ditadura, ameaçada de morte em razão de sua luta na defesa dos presos políticos, entre eles Gregório Bezerra, leu a angústia nos olhos de Jarbas.

— E então?

— Estou apavorado, três companheiros, com quem eu tive ponto foram presos! Eu não sou traidor, mas alguém está querendo me jogar uma pecha de traidor. E eu só tenho dois contatos de quem eu desconfio: Anselmo e César, um dos dois é traidor!

— Ou os dois! Respondeu Mércia.

Naquela mesma noite, Jarbas voltou ao apartamento de Mércia e angustiado lhe disse:

— São muitas as evidências e agora me veio mais uma, Anselmo deve ser a pessoa infiltrada! A voz quase não saía. Os olhos choravam sem chorar.

A advogada Mércia Albuquerque entendia tudo aquilo também. Sabia da decepção dos militantes quando descobriam uma traição. Sabia da dor que sentiam, daquela dor que não passava nunca e que ficava enroscada em algum lugar do pensamento. E sem mais, nem menos, vinha à tona e doía. Sabia da sensação de impotência que invadia o militante, tomado de chofre com as traições. Ela sabia o quanto tudo aquilo era devastador.

— Tome uma água e vamos conversar! Você trouxe o que lhe pedi?

— Sim! Está tudo aqui! E passou para Mércia um envelope com os seus documentos pessoais. Depois, tirou uma fotografia que trazia no bolso e entregou para ela.

— É Anselmo... Cabo Anselmo! Ele usa os nomes de Daniel, Jadiel e Américo Balduino. É o companheiro daquela moça paraguaia, Soledad!

Depois continuou:

— A notícia é que a equipe do delegado Fleury está aqui em Pernambuco e teve um pau danado na cúpula da polícia daqui, porque o pessoal não aceita que venha gente de fora atuar aqui. Dizem que o Fleury tem carta branca dos generais para

agir onde quiser e da forma que quiser. O Centro de Informações da Marinha também está na área. O Centro de Informações do Exército também atua aqui. É todo mundo querendo chegar primeiro, mas parece que o Anselmo trabalha mesmo para o Fleury, que também está atrás dessa história do cofre do Ademar. O que o pessoal daqui reclama é que, assim como os de São Paulo e Rio, eles também foram treinados nos cursos da USAID americana e tem a mesma competência!

— É melhor que você dê o fora, Jarbas! Você está correndo risco ficando aqui no Recife! Veja bem o resumo disso que você falou. O primeiro que pegar um de vocês, não vai deixar para outro não. Há muito que não há mais auto de prisão.

— Eu não posso! E Tércia e minha filhinha? E, depois, nós não fizemos nada! Não há nenhuma acusação contra nós!

— Não se fie nisso, Jarbas! Eles, agora, estão na fase de matar primeiro para depois perguntar! É mais seguro que você saia de Recife! Eu cuido da sua filhinha!

— Não, não posso! E também nada devo... e não há mesmo acusação contra mim!

Jarbas saiu, e Mércia ficou naquela angústia. Há muito percebera que a ordem da ditadura era matar. Já tinham informações suficientes sobre toda a luta armada e sabia que pouco restava dela. Agora era extirpar, matando.

E Jarbas, mesmo com toda a angústia e as in-

certezas que carregava, não fugiu. Foi para o seu trabalho na Livraria Moderna naquela segunda-feira, 8 de janeiro de 1973. À tarde, recebeu a visita de Anselmo e César que queriam falar com ele fora da livraria. Aquilo não era comum, era excepcional. Nunca se chegava assim, havia códigos, havia regras. Mas afinal era uma emergência e ele conhecia os dois, apesar da suspeita sobre Anselmo. Não caminharam muito. A Variant preta do INCRA estava numa rua lateral. Quando dobraram a esquina e se aproximaram do carro, Jarbas levou uma pancada na cabeça que o deixou desacordado. Foi atirado no banco traseiro do carro que saiu acelerando. Se alguém viu a cena, fez que não viu. Era muito perigoso ver naquele Recife dos setenta.

**11 de janeiro de 1973. Diário de Pernambuco, quinta-feira. “Equipes especiais dos Órgãos de Segurança cercaram no dia 8 de janeiro do corrente ano, o aparelho ... numa chácara dentro do Loteamento São Bento ... que vinha sendo utilizada como centro de treinamento e de guerrilhas. Nesse local foi dada a ordem de prisão aos terroristas que... reagiram a bala ...”**



## 21. É como se mata cachorro

Quando os policiais do DOI/CODI, comandados por Fleury, chegaram na Chácara São Bento com José Manoel, ele já estava meio morto. Durante todo o trajeto, de Toritama até ali, foi pisado, asfixiado e esmurrado. A tortura a que o submeteram quase não lhe deixou forças. E não havia mais nada para saber, pois Anselmo tinha o controle de tudo, graças à confiança que do Chile, Onofre, o comandante da VPR lhe depositava. Mas, era muito importante saber se havia alguma carta na manga de José Manoel, como dizia o delegado Fleury. Anselmo tinha certeza que não havia e, mesmo assim não interveio.

Onofre, ainda com aquele pensamento de revolucionários da farda e revolucionários da pena, fizera chegar até José Manoel a contra senha para o encontro com Anselmo. Era tudo que José Manoel mais queria e finalmente respirou aliviado. Enfim, Anselmo é dos nossos e tudo não passava mesmo de contra-informação da ditadura ou desentendimentos da esquerda.

E naquele domingo, 7 de janeiro de 1973, saiu de Toritama para ir ao Recife e agora, encontrava-se jogado alí, pés e mãos amarrados, arfando e sabendo que ia morrer. Um ferimento junto ao olho sangrava e atraía um sem número de mosquinhas verdes, importunando-o. Formigas às centenas, mi-

lhares, de todos os tamanhos e cores. Ao redor da casa, a mata havia sido derrubada. Mal derrubada. A vegetação, roçada a meia altura há poucos dias, encolhia-se e o cheiro de folhas, cozidas ao sol, dominava os outros cheiros do lugar. Estranhou tudo aquilo. Os sons que chegavam eram poucos: um bem-te-ví e sanhaçús-de-coqueiro cantavam por alí. Um veículo passou um pouco longe. Uma buzina insistente, mais longe ainda. Olhou em volta e viu que haviam cortado uma imbaúba alta que ficava junto da casa. Só não haviam cortado as macaíbas e outras palmeiras que ele não sabia o nome. Olhou mais uma vez e estava tudo na altura das samambaias e artemísias. E afinal quem mandara roçar e por quê? Aquilo não fora combinado.

Olhava com pavor para os homens que conversavam com Fleury na porta da casa. César e Anselmo, outrora companheiros de sonhos, de utopias. Um olhar de pavor ao pensar o que poderia acontecer com os outros companheiros, com sua família, sua companheira sempre tão amiga e fiel e com os filhos pequenos, indefesos.

César se aproximou de José Manoel que estava caído há poucos metros da casinha de chão batido, jogado que fora por cima de uns arbustos pontiagudos e espinhentos. José Manoel olhou mais uma vez para aquele companheiro sempre sorridente e brincalhão, sempre pronto para agir qual fosse o problema e não podia acreditar que tudo aquilo era verdade. Então, Anselmo e César eram os traido-

res. Geni tinha razão. Só ele não acreditara. E até Onofre ficara com uma ponta de desconfiança sobre as atitudes de Anselmo. Só ele nunca desconfiou de nada.

Sem falar muito alto, Fleury determinou:

— É melhor acabar logo com isso!

Um policial bem jovem, com um cavanhaque cerrado e bem negro, jogou o cigarro que havia acabado de acender e pisou uma, duas vezes e olhou se estava apagado. Depois, aproximou-se de José Manoel apontando a arma. José Manoel conseguira deslocar o corpo, de forma a tirar o braço de cima de uma ponta do arbusto roçado que lhe provocara mais um ferimento. Estirado alí, com as mãos e os pés amarrados não tinha mais forças nem para mexer o rosto. Foi a expressão que ficou, de pavor. O policial titubeou e voltou-se, olhando para o outro lado. Isso não passou despercebido por César que aproximou-se mais, apontou sua arma para José Manoel e disse:

— Olha, é assim! É como se mata cachorro! E sorriu. Sem arrependimentos. E lembrou-se dele menino e o tio que lhe colocara a arma na mão para atirar no cachorro que adoecera e seria sacrificado. O animal, imobilizado e olhando para ele com comiseração e o tio ordenando: “Atire! Atire! Seja homem! Atire!” E ele criança, a arma pesando na mão, o animal que lhe fora fiel durante muito tempo agora com aquele olhar compadecido, inerte.

— Não seja frouxo! Atire! Veio mais uma vez

a ordem. Aí foi um, dois, três,... seis tiros, um em cada lugar para ficar bem morto. Aí, César fitou o policial que tremia, virou-se e deu mais um tiro. Sete ao todo, foi o que os peritos do IML de Pernambuco relataram no laudo do cadáver de José Manoel.

Quando, no dia seguinte pela manhã, os policiais do grupo do Fleury trouxeram os outros militantes da VPR, José Manoel já estava morto e milhares de moscas, atraídas pelo sangue nas roupas, no chão e nos arbustos, sobrevoavam frenéticas.

— Sem perder tempo! Disse Fleury!

Os policiais, dois a dois apanharam os homens e mulheres nos veículos, já amarrados e amordaçados, e entraram na chácara. Um policial se encarregou de afastar algumas pessoas da vizinhança, que, ante aquele movimento incomum, buscavam saber o que acontecia no pacato Loteamento São Bento. Entraram arrastando Soledad, Pauline, Eudaldo e Jarbas sobre o cadáver de José Manoel e da fogueira que ainda fumegava e que ao ser mexida soltou fagulhas e quis reavivar. Subiu uma fumaça escura e um cheiro desagradável de borracha queimada se espalhou.

Eudaldo foi deixado na sala da pequena casinha de chão de barro, na janela, onde também colocaram Jarbas. Soledad foi levada para o quarto e Pauline foi atirada na cozinha, junto à porta.

Depois, saíram todos. Eram doze policiais.

César, adiantou-se, olhou para o jovem policial

do cavanhaque preto e falou:

— Como eu disse, é como se mata cachorro!

Entraram quatro policiais no casebre e foram 24 tiros, cabeça e tronco. Depois de alguns minutos, desamarraram os cadáveres e recolheram as cordas manchadas de sangue.

— As armas! Gritou Fleury.

Um policial apanhou as armas numa sacola. Outro policial veio ao seu auxílio e entraram na casa com elas. Depois saíram.

Fleury entrou, olhando a distribuição das armas.

— Porra, que merda! Foi o que ouviram Fleury gritar pouco depois. Os policiais, na pressa, ou sob a emoção da cena macabra que participavam, haviam colocado a espingarda de pé, apoiada na parede do quarto, o que irritara o delegado que a colocou entre as pernas de Soledad.

Fleury era detalhista e conferiu toda a cena, cadáver a cadáver, arma a arma. Segundo o laudo dos peritos, os integrantes da VPR também dispararam 18 tiros, mas não atingiram nenhum policial.

Antonio era o responsável pelo arquivamento dos dossiês no Instituto de Polícia Técnica de Pernambuco e por zelo ou curiosidade, sempre que arquivava os documentos, dava uma olhada rápida. Com os da Chácara São Bento, município de Paulista, não foi diferente. Mas, o fato de ter ouvido um comentário sobre aquela ocorrência, aguçou sua curiosidade e, depois que leu, passou aquele dia

e o seguinte com a história na cabeça e foi comentar com o seu colega de repartição sobre o que havia lido.

— Primeiro, você não é pago para ler, é pago para arquivar! Disse João, seu colega de repartição, experiente e já perto da aposentadoria. Segundo é que você não procure lógica em nada disso que você arquiva. Arquive e pronto, que você chega onde eu estou chegando, a aposentadoria.

O que perturbava Antonio era o teor do laudo dos peritos Mauro Pamplona Monteiro e Ascendino José da Silva Cavalcanti, que concluíram que houve ali um enfrentamento, uma troca de tiros. mesmo constatando que José Manoel levara 7 tiros no tórax, Eudaldo, seis tiros, quatro na cabeça e dois no tronco; Jarbas, 4 tiros, dois na cabeça e dois no tronco; Soledad, 6 tiros, quatro na cabeça e dois no pescoço e Pauline, oito tiros, quatro na cabeça e quatro no tronco e que os policiais não foram alvejados por nenhum dos 18 tiros disparados pelos guerrilheiros e que nenhum tiro acertou a parede da casa onde estavam escondidos.

No dia 11 de janeiro, quando os jornais foram autorizados a noticiar o fato com o material que foi distribuído, texto e fotos, Antonio caiu em si e concordou com seu colega que, calado, ele chegaria à aposentadoria. Os jornais divulgaram as fotos dos mortos com uma breve biografia de cada um e um texto descrevendo o embate.

Angustiado com o clima de normalidade que

via na repartição, apesar de todo aquele absurdo, Antonio só teve um alento quando leu no final da matéria do *Jornal do Commercio* o seguinte registro: “Estas informações foram fornecidas pelas autoridades responsáveis pelos órgãos de Segurança”.

Aí, concluiu: Bem, eu não estou maluco!

**8 de janeiro de 1973. Quatro homens armados de metralhadoras, num veículo de placas de Afogados da Ingazeira IK 3157 e que não se identificaram, invadiram a casa de João Francisco da Silva e o prenderam. João Francisco era membro do Movimento de Evangelização da Arquidiocese de Olinda e Recife.**



## 22. Um dia de muita chuva no Recife

Geni desceu do ônibus nas imediações do Cemitério da Várzea, bem mais segura que da outra vez. Agora já sabia o caminho. Olhou o céu com preocupação. Pelos lados do mar, começavam a se formar umas torres altas e escuras. Nuvens de chuva, de muita chuva, pensou.

Estava novamente no Cemitério da Várzea. Já sabia o itinerário dos ônibus e travara amizade com a mulher de uma barraquinha que vendia lanches, velas, coroas de flores de lata e quase de um tudo. A mulher era bem clara, forte e de cabelos amarelo manga. Tinha uma cicatriz na testa e um sorriso bondoso. Geni passou por lá, comprou velas, fósforos e ouviu da galega que a chuva não demorava.

— Formou no olho da Guaiúba, vem mesmo! Alertou a mulher com um sorriso largo.

Uma lufada de vento provocou um certo rebuliço nas barraquinhas. Os barraqueiros começaram a recolher as mercadorias mais expostas.

Geni ficou pouco tempo por ali e apressou o passo quando o vento soprou mais forte. Ao chegar na porta do cemitério, olhou novamente e viu que as nuvens que prometiam chuva cobriam agora uma boa parte do céu. Quase não se via mais a claridade do sol.

O vento soprou, levantando uma areia miudinha que veio chocar contra o seu rosto. Cobriu os olhos

e buscou proteção junto ao muro do cemitério.

Quando passou o vento forte, as folhas caídas das árvores. a areia fininha e uns pingos grossos da chuva, ela pode avistar uma mulher junto do lugar onde José Manoel estava enterrado. Estancou, quase na entrada do cemitério, apatetada e sem saber o que fazer. Muita coisa passou pela sua cabeça. Procurou pelo coveiro sem avistá-lo. Um homem que fazia algum serviço num túmulo junto ao muro lhe deu notícia:

— Saiu faz tempo, mas disse que voltava antes do meio-dia! Geni conferiu no seu relógio. Era quase meio dia.

Ficou sem saber o que fazer. Uma brutal interrogação tomou conta dela. Encostou-se num túmulo grande e ficou cismada. O túmulo era grande e deteriorado e com trincaduras nas peças de mármore. Devia ter sido um belo túmulo, pensou Geni que ficou lendo as datas e os nomes dos defuntos e concluiu que naquele túmulo estava uma família toda, enterrados desde 1945. Bem no ano que nasci, lembrou-se. Ficou na recordação do seu tempo de criança em Natal, a rua 10 do Alecrim, as feiras, as enormes feiras que tinham tudo e a distante e quase inalcançável praia de Ponta Negra. Depois o dia que conhecera José Manoel na festa da padroeira e do seu vestido de bolinhas amarelas e os marinheiros.

As torres de nuvens negras fechavam agora o céu por completo e alguns pingos grossos vieram

lhe tirar dos pensamentos.

Olhou de novo para o céu e crispou o rosto: vai ser muita chuva, pensou. Olhou e viu que a mulher continuava lá, imóvel, mesmo com o vento forte e a chuva que começava.

Nova lufada de vento e areia e folhas se lançaram novamente contra ela que se protegeu. Olhou o relógio: doze e cinco. Nada do coveiro. Ficou olhando para a mulher. Era mais baixa do que alta e vestia uma saia azul escuro e blusa preta larga. Tinha os cabelos castanhos compridos que esvoaçavam a cada lufada do vento. Quando a mulher se virou toda para evitar o vento contra o seu rosto, percebeu que ela estava com uma bolsa de cor clara comprimida contra o peito.

O coveiro passou por Geni como se não a conhecesse. Ela correu atrás dele e perguntou sobre a mulher. Ele nem parou. Respondeu apressado, buscando se abrigar da chuva. Nem olhou para ela:

— Ela tem um filho enterrado junto da cova do seu marido! E completou no mesmo tom:

— Faz três dias que vem aqui e já chorou um Capibaribe inteiro!

Ia falar mais e desistiu. A chuva que engrossava e o vento mais forte o fez buscar refúgio. Saiu quase correndo, deixando-a no meio do caminho, parada, sem ação, com as últimas palavras ainda ressoando nos ouvidos.

Sentiu o baque, mas ficou mais aliviada. Ela sempre temia uma cilada da polícia. Conhecia muito

pouco os amigos do seu marido. Conhecera Anselmo e Soledad que estiveram algumas vezes na sua casa. Anselmo era um velho amigo do tempo da marinha e José Manoel tinha muito respeito por ele.

Olhou mais uma vez para a mulher, agora num misto de curiosidade e angústia. A mulher não se mexia apesar do vento e da chuva mais fortes.

O tempo se fechou de vez e se fez quase noite. As árvores vergaram com o vento forte. Geni sentiu um nó na garganta, um aperto no coração que acelerava. Avançou, contra a chuva e o vento, até onde estava a mulher, que percebeu sua aproximação. Virou-se com os olhos vermelhos e o rosto crispado.

— Você é a mulher de Zezinho, não é?  
Perguntou.

Geni assentiu com a cabeça e não foi preciso mais palavras. Se abraçaram chorando e ficaram no meio da chuva grossa e do vendaval que agora tomava corpo.

Parecia que todo o Recife chorava.

16 de junho de 1973. Policiais invadiram a CNBB no Recife e levaram cópias do discurso de Dom Hélder proferido na AL de Pernambuco. Após a saída destes policiais, chegaram quatro policiais da Polícia Federal e apresentaram um mandado de apreensão do Manifesto dos Bispos do Nordeste.

De acordo com estes policiais, os que os antecederam deviam ser policiais do DOPS de Pernambuco ou então os “homens do Fleury”.

## 23. Todas as mortes de José Manoel

— Pegue esta porra e suma daqui! Foi assim que ela recebeu a Certidão de Óbito de José Manoel. Apenas olhou para o funcionário, fuzilando-o com os olhos. Se quer enfrentamento, paciência... Você não é melhor do que eu não... Pensou, mas não falou. Qualquer palavra, entendida como desaforo, atrasaria ainda mais a entrega do documento, daria prisão por desacato e toda uma complicação que ela queria evitar. Humilharam-na o quanto quiseram, e ela, desesperada, aguentou calada tudo aquilo, pois precisava requerer a pensão do INSS a que tinha direito.

No outro dia foi ao INSS. O funcionário, solícito, apanhou a papelada e foi conferir. Eram muitos documentos. Analisou mais detidamente a Certidão de Óbito. Leu todinha uma, duas, várias vezes e depois verificou o verso do documento. Depois, levantou-se e foi até a mesa de um outro colega mostrar o documento.

Geni, acompanhava cada movimento do funcionário, angustiada. Será que tinha problema? O que faltava agora? Tinha sido tão difícil conseguir aquele documento. Fora tão humilhada naquela repartição. E agora? Se tivesse que voltar lá, como seria?

Estava tensa, muito tensa e viu o funcionário balançar a cabeça negativamente e o outro, o que a atendia, franzir o rosto, apanhar o documento e vir

até ela cabisbaixo, preocupado. Havia problemas.

— Infelizmente o Atestado de Óbito está incompleto! Falou quase se desculpando. E então, pacientemente, mostrou para Geni, que àquela altura era toda tensão, que no preenchimento da Certidão de Óbito eles haviam omitido os dados imprescindíveis para o requerimento da pensão.

Ela deixou a repartição sem destino, desanimada, preocupada, sem coragem para ir reclamar a correção da certidão. Sentou-se no banco de uma pracinha próxima. Estava triste, muito triste, falando para si mesma: Meu Deus! Quantas vezes ainda matarão Zezinho? E ficou recordando da morte física que diziam ter sido no dia 8 de janeiro e que o mataram de novo com a acusação maldosa no episódio da Chácara São Bento, para encobrir a traição de Anselmo, e a outra morte ao noticiarem que ele morrera no confronto com os companheiros de luta; uma nova morte ao lhe enterrarem como indigente e agora, mais uma morte ao fornecer um documento omitindo propositalmente os dados, mesmo de posse dos documentos de José Manoel, e que ele portava quando foi preso e assassinado.

**22 de janeiro de 1973. Foi assassinada no DOPS-PE a militante do PCBR, Anatólia Melo Alves. E mais uma farsa foi montada pela ditadura.**

## 24. Uma sessão de tortura

— Porra, vá chamar o Miranda, avie!

Ela ouviu o grito da sala de onde saía uma pessoa. Ao sair, o homem bateu a porta com tanta violência que o barulho repercutiu por todo o corredor. Ela ainda pôde ouvir um gemido abafado de muito sofrimento. Não era a primeira vez que ouvia gritos de pavor naquele prédio. Depois, começou a ouvir o som alto de uma música que se sobrepunha a todo o barulho do corredor comprido que fedia a cigarro.

Foi levada novamente para a Sala de Operações. A sala ficava no final do corredor. Na porta, estava fixada uma tabuleta branca, de plástico, com letras vermelhas. Era uma sala grande, fria e fedendo a creolina. Era a terceira vez que a levavam para lá desde que começara a ser investigada.

Na Sala de Operações, observou que dois homens fumavam e conversavam reservadamente num canto. O corte de cabelo de um deles era militar, seus gestos eram de uma pessoa educada e usava óculos escuros. Portava uma pasta com papéis e, assim que ela entrou, ele saiu sem falar com ninguém. Ele sempre conversava com a pessoa que dirigia os interrogatórios. Não era a primeira vez que via aquele homem alí, que sempre saía quando ela chegava. Nunca o viu assistindo as sessões de tortura.

Após o assassinato do marido pela ditadura,

acusado de pertencer à VPR, a Vanguarda Popular Revolucionária, ela ficou sob suspeição e ameaças de torturas físicas e prisão. Da primeira vez, sempre a ameaçando com torturas físicas, perguntaram sobre vários nomes e um sem número de apelidos de pessoas. Queriam que ela confirmasse se os conhecia.

Na segunda vez trouxeram algumas fotografias de lugares públicos, algumas em praças, rodovias, aeroportos, mas a maioria, em bares e lanchonetes do Recife, João Pessoa e Natal. Apontavam a pessoa e pediam que ela identificasse. Ela não conhecia ninguém. Nem os nomes e nem as pessoas nas fotos.

— Agora, você vai pro pau de arara! Os policiais se zangavam e faziam novas ameaças.

Na segunda vez, quando deixava o prédio, um policial já idoso, alcançou-a e disse:

— Moça, venha assim mesmo! Sempre bem vestida, porque quem vier aqui com roupa de pobre, está lascado!

Neste dia, foram buscá-la em casa e a levaram direto para a Sala de Operações. Pouco depois, surgiu um grupo de homens arrastando um rapaz de cabelos pretos e longos e de olhos miúdos. Ele estava com a roupa pregada ao corpo, de suor ou água, e sangrava muito pela boca. Era um animal acuado, mas vinha com a cabeça erguida encarando todo mundo.

Ao se aproximar da cadeira onde a mandaram

sentar, viu um dos homens se postar atrás da vítima e bater de uma só vez com as mãos nos ouvidos dele. Ele se contorceu de dor, mas voltou a cabeça e fuzilou com os olhos o agressor.

Os homens riram e um deles comentou:

— O seu telefone está mais fraco que caldo de biloca, mais tarde eu lhe ensino como se faz! E completou:

— E olha que eu aprendi com o Doutor Barreto, viste!?

Quando ela sentou na cadeira em frente ao rapaz, uma lâmpada foi acesa, de forma que ela ficara bem visível.

Depois do golpe nos ouvidos, deixaram-o nú e o sentaram numa cadeira grande de placas de zinco e colocaram vários fios no corpo dele. Depois, um dos homens jogou um balde d'água no seu corpo, espirrando a água por todo lado. A água misturou-se com o sangue que saía da sua boca e escorreu por um ralo próximo da cadeira.

— Agora você vai dizer o nome dessa mulher e onde era o ponto que vocês se encontravam aqui no Recife!

Antes que ele respondesse, um dos homens com uma caixa de madeira, cujos fios estavam ligados ao corpo dele, girou uma manivela e ele se contorceu várias vezes. Mas, como estava amarrado na cadeira, não conseguia levantar e ficou gemendo um bom tempo. O rosto dele era só dor.

Nisso, entraram dois homens jovens e fortes e

foram conversar com o que dirigia as torturas:

— Doutor — disse um deles — é o caso daquela empregada doméstica... o negócio do colar de pérolas!

O homem não gostou. Fez cara feia e respondeu com brutalidade:

— Vocês já deram um pau nela? Ela falou?

— É justamente isso doutor! O Catatau quebrou o braço dela!

— Porra! Que merda! É só eu descuidar que vocês fazem merda!

O outro rapaz, que permanecia calado, falou:

— Doutor o pior é que a madame disse que achou o colar! Ela tinha guardado em outro lugar e só se lembrou hoje cedo! Ela já veio até buscar a empregada.

— Levou?

— Aí é que está o problema! Ela disse que não mandou ninguém quebrar o braço da mulher. Era só para dar um aperto. E está reclamando que agora não tem quem faça as coisas na casa dela, porque a outra empregada ficou com medo e foi embora.

— Olha! Eu não vou entrar nessa não! Mande a madame dar um jeito nisso.

— Doutor! Acontece que o marido dela é capitão do exército!

Nisso, entraram outros homens e chamaram os dois rapazes para conversar fora da sala.

O Doutor ficou ali espumando de raiva. Virou-se para a parede e falou sozinho: Esses filhos da

puta só botam a gente em enrascada! Ditadura de bosta!

Haviam interrompido a sessão de tortura, mas o rapaz continuava arquejando, respirando com dificuldade.

— Vamos começar de novo que eu não tenho o dia todo não! Gritou o chefe dos torturadores.

Um dos torturadores se aproximou e levantou a cabeça do rapaz:

— Agora diga quem é essa moça! O nome, o nome!

— Eu não a conheço! Ele tinha um sotaque estrangeiro, assim como argentino, uruguaio, chileno, talvez.

O homem girou a manivela e ele se contorceu novamente. Deu um urro de dor.

Geni começou a ter ânsia de vômito.

— Se vomitar aqui, vai limpar! Gritou um dos torturadores ameaçando-a com um bofete.

Ela fechou os olhos.

— O nome dela e o ponto onde se encontravam!?

— Não! Eu nunca ví esta moça!

Um dos homens pegou uma mangueira num armário, fixou na torneira no canto da parede e enfiou a outra ponta na boca do rapaz e tapou seu nariz.

— Liga! Abriram a torneira e o rapaz começou a se afogar. Agora era choque e afogamento.

— Fala, filho da puta! O nome e o ponto!

— Eu nunca ví esta moça! Não conheço! A voz do rapaz estava bem fraca.

Um dos homens se voltou para ela e disse encarando-a:

— Depois é a sua vez! O olhar dele era de sadismo, um olhar degenerado.

Os policiais sorriram e um deles saiu pulando pela sala, saltitando, um sorriso no rosto, comemorando com gritinhos histéricos.

Um dos torturadores mandou que ela virasse a cabeça.

— Olhe bem agora! Conhece? Diga o nome dessa mulher, cabra safado!

Ele balançou a cabeça negativamente e disse já quase sem forças, mas com altivez:

— Eu não conheço essa moça! Eu nunca vi essa moça! E mesmo que conhecesse não falaria não, bando de viados!

Levou um murro na boca e começou a sangrar de novo.

— Ele só vai falar no pau de arara! Disse um deles.

— Aqui, nenhum filho da puta aguenta cinco dias de serviço completo! Gritou um dos torturadores olhando para Geni com ódio.

O homem girou a manivela de novo e ele soltou um grito terrificante e arriou completamente o corpo, a cabeça pendendo para frente.

— Filho duma puta! Eu não lhe disse para tomar cuidado com essa merda! Gritou o policial que

dirigia a tortura para o que estava com a máquina de choque.

Um dos homens saiu e voltou acompanhado por outra pessoa que devia ser um médico, que após examiná-lo, disse:

— Por enquanto, é melhor parar!

Quando iam saindo, chegou um homem de terno claro, gravata borboleta e fumando uma piteira dourada. Vinha muito perfumado, espalhando um cheiro agradável naquele ambiente fétido. Parou todo mundo na porta.

— E então? Perguntou o chefe dos torturadores.

— É aquele negócio do desfalque do gerente do banco! Respondeu o de gravata borboleta.

— Qual é o banco? Perguntou o chefe da tortura. Mas, logo em seguida disse:

— Deixa prá lá, deixa prá lá!

— Quanto? Continuou perguntando.

— Cinco! Respondeu o da gravatinha, e continuou:

— Dois e meio agora e dois e meio depois.

— Quanto o cara levou?

— Foi muito!

— Quanto?!

— Dizem que foi mais de novecentos!

— Porra! ...você confirma?

— Bem, eu acho... Não,... é que a amante dele disse que o cara comprou um Maverick zero e um apartamento no Rio, tudo no dinheiro!

— E ela?

— Não, não, ela tá colaborando! Do cara ela só queria mesmo o dinheiro, jóias, restaurantes...Triste é a situação da família. Mulher com um bucho por acolá... Mas eu acho...que deve ser mesmo uns oitocentos, porque a turma da segurança do banco tá fazendo muita questão!

— Eu não quero saber o que você acha! Confirma ou não confirma?

— Confirmo!

— Então vá lá e peça para que eles melhorem a proposta! Afinal, não vai ser um servicinho não. Depois, olhou com desconfiança para o homem da gravatinha e completou taxativo:

— Deve ter muita gente envolvida! É muito dinheiro!

Aquela conversa toda, aquele descaramento, aquela certeza de que para eles, ela não era nada, foi deixando Geni nervosa, impaciente. Ela doida para sair, ir embora e eles não a liberavam. Depois de algum tempo foi dado a ordem:

— Pode mandar a moça embora! Mande que ela venha amanhã, às quinze!

Voltou para a casa arrasada. Foi assim mais uma sessão de tortura.

Depois de muito tempo, quase dois anos, os depoimentos no DOPS de Pernambuco foram suspensos:

— Por enquanto está suspenso, mas mantenha seu endereço atualizado aqui! Podemos lhe cha-

mar a qualquer hora! Disse-lhe o policial com toda a autoridade do mundo e tendo certeza da humilhação que fazia.

**28 de outubro de 1973. Foi assassinado no Recife, Jose Carlos Mata Machado, dirigente a Ação Popular. Ele havia sido preso em São Paulo no dia 18 de outubro de 1973. Até hoje não se conhece os motivos de sua transferência para o Recife. Testemunhas comprovam que o militante morreu sob tortura no DOI-CODI do Recife. A ditadura mandou publicar outra versão. E os jornais publicaram.**



## 25. Um pé de fruta-pão

— Mas, porque isso agora? Geni perguntou ansiosa e foi se acomodar na mureta da porta do cemitério olhando aperreada para o coveiro, que, impassível e com a mesma voz sonora de sempre, comunicava-lhe uma tragédia:

— É a lei! Sentenciava, olhando para o lado, sem encará-la.

Ela não acreditava naquilo que ouvia. Agora que as coisas estavam mais ou menos bem, esse problema. Fitava o coveiro angustiada e não se conformava com aquela notícia devastadora. Ela ia uma vez por mês no cemitério. Levava flores, acendia uma vela e orava por José Manoel. Depois, gratificava o coveiro conforme o combinado. Plantara até algumas flores que agora vicejavam sobre aquelas covas de indigentes. Era assim há mais de dois anos desde que ela prometera que um dia daria um enterro digno ao marido. Agora morando em Natal, continuava indo todo mês no cemitério da Várzea, no Recife, orar pelo marido. Mudara-se para Natal, para a casa dos pais e com muita dificuldade criava seus filhos.

— É isso mesmo que você ouviu! Estou aqui cumprindo ordens! Disse o coveiro, também um tanto nervoso. E completou:

— Eu não posso fazer nada, só cumprir as determinações dos homens quem mandam aqui!

— Mas vocês não podem fazer isso! insistiu Geni.

— Bem, é a lei! O administrador do cemitério já determinou e é assim mesmo, depois de dois anos os ossos dos indigentes vão para o ossário, o buraco do inferno! Por minha conta, eu esperei até você vir.

— Mas ele não é uma coisa! É José Manoel é meu marido e é um cristão!

— Aqui é tudo cristão, mas vão prá lá do mesmo jeito!

— Mas eu podia falar com o administrador, você não acha?

— Eu acho é que ia complicar mais para você e para mim devido à situação do seu marido! Eles continuam vigiando por aqui! De vez em quando vem um sondar, fazer perguntas. Nós já nos acostumamos! Eles já ficaram donos daquela área do cemitério!

Agora o problema era sério. Ela conseguira que o coveiro cuidasse por dois anos da cova de indigente de José Manoel. Só ela e o coveiro sabiam que aquela era a cova de José Manoel. Os livros de registros estavam rasurados. A ditadura matava José Manoel mais uma vez. Guardara aquele segredo temendo a repressão contra os seus familiares e os do marido. E chorava toda vez que via dona Luiza, sua sogra, sentada no fundo do quintal da casa com olhar fixo na estrada do Recife, horas e horas aguardando que um dia seu filho voltasse.

Geni via aquilo, e saía para chorar. Mas não podia revelar que José Manoel estava enterrado no Cemitério da Várzea, no Recife. Era um segredo dela e do coveiro.

Agora, ante a informação do coveiro, via o mundo desmoronar:

— Ah! Essa não! Ficar sem os despojos de Zezinho e não ter mais um lugar onde pudesse orar por ele, uma cova! Todo cristão tem uma cova!

Sentia faltar forças para lutar. Matavam José Manoel mais uma vez. Estava apavorada. Começou a passar mal e o coveiro aperreou-se. Saiu e voltou com um copo d'água.

— Beba, por favor! Eu também estou sentindo muito tudo isso, pois o pessoal da polícia que vem aqui não tem nenhum sentimento!

Ela se recompôs e disse ao coveiro:

— Mas Zezinho não vai para esse buraco do inferno não!

— Mas como? Assustado, retrucou o coveiro.

— Você tem que me ajudar! Fica novamente entre eu e você! Me diga um lugar do cemitério que você acha que não vão mexer tão cedo?

— E você está pensando em quê? E mesmo a contragosto e achando aquilo tudo um absurdo, pensou e depois olhou em volta e disse:

— Eu acho que junto do pé de fruta-pão. Talvez seja difícil que um dia vão bulir naquela área! Mas lhe digo que isso é crime!

— Pois é isso mesmo! Eu vou enterrar os os-

sos dele lá! E quando for possível eu levo para Natal ou Toritama e faço um enterro para ele. Aí então eu vou requerer com documento e fica tudo certo para você, sem problemas!

O coveiro acendeu um cigarro, deu uma forte tragada e falou quase num apelo, soltando fumaça pelo nariz e boca:

— Moça, você está doida! Moça, você não pode fazer isso ! Isso é um crime!

— Posso sim! Crime maior o governo fez com ele! Ele é um cristão e não pode ir para esse buraco do inferno não!

— E como a senhora vai fazer isso, de que maneira?

— Me espere que eu volto logo! Saiu e foi até um mercadinho. Voltou com uma bacia, álcool, sacos plásticos e alguns panos.

O coveiro não acreditava em tudo aquilo e quis recuar:

— É hora do almoço, tenho que fechar o cemitério!

— Feche que eu fico aqui para resolver o problema! Ela disse decidida.

O coveiro foi, fechou a porta do cemitério e voltou para tentar dissuadí-la:

— Moça! Isso é um crime!

— Você cava, ou quer que eu cave?

Ele se apiedou dela e não esperou mais. Pegou a pá e começou a cavar.

O coveiro estava assustado. Mesmo com o ce-

mitério fechado, ela cavava e olhava para os lados com medo, muito medo.

Geni, ao ver os primeiros ossos de José Manoel, emocionou-se e chorou tudo que estava preso naqueles anos fúnebres de muito sofrimento. A medida que os ossos foram aparecendo, ela foi apanhando um a um, limpando, lavando com álcool, enxugando e colocando nos sacos plásticos. Depois foi até o pé de fruta-pão. O cozeiro fez uma nova cova, pouco profunda e ela colocou os sacos com os ossos de José Manoel.

— Um dia eu volto para dar um enterro digno para ele! Foi só o que disse. E o segredo ficou enterado ali. Geni nunca mais foi ao cemitério da Várzea.

**3 outubro de 1975, página 2, Jornal Opinião, “Uma toalha na cela. O delegado Wanderley Girão Maia, do DOPS cearense, ainda não disse a que conclusões chegou o inquérito instaurado para apurar as causas e circunstâncias da morte do pedreiro Pedro Jerônimo de Souza, que estava detido naquela delegacia. Pedro, veterano militante comunista, foi — segundo informações policiais — encontrado morto em sua cela, enforcado com uma toalha”. Depois provou-se que ele morreu sob tortura. O deputado Alfredo Marques, do MDB, denunciou o então tenente Horácio Marques Gondim, como um dos assassinos.**



## 26. Barro Vermelho

Era um caminhão carga seca lotado de entulhos de construção, que vinha do centro e, sabe-se lá por qual motivo, entrou naquela rua que não dava em lugar nenhum. Uma rua irregular, como quase todas as outras do Barro Vermelho e só usadas pelos moradores do bairro e pelos vendedores ambulantes e seus pregões que ecoavam pelas colinas suaves do bairro. Um entrançado de ruas, um labirinto que, depois de muitas voltas, finalmente davam acesso às avenidas e levavam a algum lugar.

Ela viu quando o caminhão entrou na rua choroso e o motorista desviando de um buraco para cair num outro mais à frente. A roda traseira afundou toda, até o eixo. A rua era estreita e ficou só um pequeno vão que mal dava para passar carros pequenos. Não era problema pois era uma rua quase morta.

Ela parou de esfregar a roupa e olhou aquela arrumação na rua. Quase nada acontecia de novidade naquela rua de doze casas, nenhum comércio e com um nome de presidente que ninguém nunca ouvira falar. Uma rua sem calçamento que no inverno virava um lamaçal vermelho e escorregadio.

Filhos de uma puta! Ela não falou, pois evitava o palavrão. Pensou e se recriminou logo em seguida: A mãe desses bandidos não tem culpa! Falou baixinho, um susurro, para si mesma:

— De novo meu Deus, como é possível viver assim?

Eram eles que passavam pela quarta ou quinta vez naquela semana. Vinham num automóvel grande, sem placas e eram quatro. Olhavam acintosamente. Não escondiam os rostos e olhavam daquela maneira, para ela saber que a estavam vigiando. Sorriam com escárnio.

Naquele dia, passava das quatro da tarde e ela aproveitava a estiagem e estava lavando roupa na frente da casa debaixo de um jambeiro. Um resto de enxurrada ainda escorria rente ao meio fio, vermelha, parecendo sangue.

Eles vinham quase parando, desviando do caminhão de entulhos, que tomava quase toda a rua, e das pessoas que se juntaram ao redor do veículo na tentativa de tirá-lo do buraco.

— Papai, são eles de novo! Ela gritou.

Seu pai, depois de todas aquelas atribulações da filha, adoecera, ficara cego e definhava. Estava sentado no fundo da varanda, levantou-se e foi Tateando na parede até a frente da casa. O carro veio, com os mesmos quatro homens e passaram olhando para ela, nem se importando com a presença do pai.

— Tenha paciência minha filha! Um dia tudo isso acaba! Pediu, impotente. Uma dor apertando ainda mais seu peito. Uma dor estranha, agoniada.

Era uma semana ruim para Geni. No dia anterior, seu filho voltara chorando da escola e contou-

lhe o ocorrido: Caminhava para a sala de aula, após o recreio, e, no corredor, um professor apontou para ele com deboche, e disse: Olha aí! Esse aí é filho de terrorista! Nesta escola tem até filho de terrorista!

Agora ela não suportava mais aquilo, ver o pai definhando e aqueles homens ali, zombando dela e do seu pai.

**22 de dezembro de 1975. Jornal Movimento, pagina 7: O senador Dinarte Mariz, que é frequentemente recebido pelo presidente da República, falou numa entrevista ao Correio Brasiliense, sobre a importância da imprensa: “Muito mais importante do que vocês próprios imaginam quando estão escrevendo, elogiando ou criticando, daí a necessidade de uma ampla união aos militares e aos políticos no combate sistemático ao comunismo. A Revolução não pode e não deve ser contestada, principalmente pela imprensa”. Revolução para o senador biônico da ARENA do Rio Grande do Norte era como chamava o golpe de 1964.**



## 27. Terroristas, em Natal

Geni caminhava na Avenida Rio Branco e vinha pensando o quanto era belo o entardecer em Natal. Era outubro de 1976. Aquela luz difusa, rutilante, uma sensação de brumas que parecia exalar do rio Potengi e envolver a cidade e depois, um resplandecer final efêmero e de repente, a escuridão, como uma cortina que se fecha abruptamente. Agora só amanhã, neste mesmo horário! Falou para si, sorrindo. Estava feliz dentro daquele possível de sua vida atribulada pelas perseguições que nunca cessaram desde o assassinato de José Manoel. Mudara-se para Natal e a perseguição mudou junto.

Naquele começo de noite, voltava para o Barro Vermelho onde morava com os pais. Fora levar um remédio para o avô na Cidade Alta, quase no centro. Passava na frente de um restaurante que, naquele horário, ainda estava com as mesas vazias, quando um homem de barba comprida e óculos escuros, saído não sabe de onde, aproximou-se e disse:

— Continue caminhando e olhe só para o chão! Obedeça que é melhor para você!

Ela sentiu um frio intenso e a boca secar imediatamente. As pernas fraquejaram e ela bamboleou sob o olhar atento do homem. Na sua memória, veio uma imagem de alguma coisa já acontecida. Ela parecia esperar que um dia isso acontecesse. Ti-

nha aquela impressão. Continuou caminhando, agora com o homem ao seu lado. Na esquina o homem determinou: Dobre a esquerda! E sem gracinhas!

Não havia quase ninguém na rua àquela hora. O comércio já fechara, a maioria dos ônibus já haviam passado e poucos carros circulavam naquele local. Um grupo de homens à frente dobraram no Beco da Lama. Vão aos bares, pensou Geni que agora apressava o passo na tentativa de alcançar o grupo.

— Nada de gracinhas, eu disse! Devagar! Era o homem novamente dando as ordens. A voz firme, demonstrando tranquilidade.

Ao lado da igreja ela viu alguns veículos estacionados e quando passava junto de uma perua Veraneio, a porta se abriu abruptamente e ela foi jogada dentro do carro. Foi tudo muito rápido. A praça estava deserta e os poucos transeuntes nem observaram o que acontecia. Foi encapuzada e percebeu que rodavam com ela na cidade. Ouvia o barulho dos ônibus, buzinas de carros, as paradas nas esquinas e então o veículo estacionou, sem no entanto desligar o motor. Estavam numa rua movimentada e sentiu quando outro homem subiu no veículo.

Tudo limpo? Perguntou o homem.

Tudo! Respondeu um deles que estava no banco dianteiro.

O homem sentou ao lado dela. Agora estava entre dois homens e um deles com uma arma en-

costada nela. Ela sentia o frio do metal no pescoço. Quando o homem entrou no carro, Geni sentiu um cheiro forte de bebida que se misturou ao cheiro de cigarro impregnado no carro. Teve náuseas.

— Sem gracinhas! Falou o homem que portava a arma.

Depois de algum tempo percebeu que o veículo se afastava da cidade. E aí, começou.

— O dinheiro? O que a gente quer saber é sobre o dinheiro! Onde seu marido deixou o resto do dinheiro? Gritavam todos de uma só vez.

Notou que a velocidade aumentara e percebeu que tomaram uma estrada de terra devido os solavancos do carro.

— Quais eram as ligações dele aqui em Natal? Vamos, responda! Aos gritos eles continuavam todos de uma vez.

— Os pontos aqui em Natal! Vamos!

— O dinheiro!? Você abre e a gente não faz nada com você! Disse o homem com cheiro de bebida, e que agora também fumava, tocando-a.

Ela novamente sentiu náuseas.

— Eu não sei do que vocês estão falando! Disse quase numa súplica.

Percebeu o veículo perdendo velocidade até parar de vez. Agora só ouvia os sons noturnos da mata. Não ouvia mais barulho nenhum de veículos.

— Desça! E não adianta gritar porque ninguém vai escutar! Um dos homens foi falando e empurrando-a com violência para fora do carro.

E aí foi uma sessão de tortura. Murros e tapas. Atirada ao chão pelos homens e a sequência de perguntas: dinheiro e os pontos em Natal. Parece que tudo girava em torno da história do cofre do Ademar.

Ela desconhecia tudo aquilo. Eles tinham quase certeza disso. Mas não custa tentar! Disse um deles e convenceu o grupo.

Depois, foi estuprada. Lutou e resistiu o quanto pôde. Eram quatro homens e ora diziam que eram do exército, ora da polícia, ora polícia federal.

**24 de outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog, 38 anos, então diretor da TV Cultura, apresentou-se no DOI-CODI em São Paulo, para prestar esclarecimentos sobre suas ligações com o PCB. Foi torturado e assassinado. Assim que a notícia do assassinato do jornalista se espalhou, um silêncio profundo tomou conta de tudo, redações de jornais, rádios, tvs, universidades, etc. Esse protesto silencioso marcou o início da derrocada da ditadura.**

## 28. Recordações de Pernambuco

— Mas, padre, esses homens devem ser os mesmos que torturaram e mataram meu marido! Falou desesperada.

— Ah! minha filha, você vai ter este filho! Aborto, nem pensar! Você é cristã e sabe o pecado que pode cometer! Era o padre falando, mas nem demonstrava tanta certeza no que dizia.

Era uma cena de desespero. Ela aflita com tudo aquilo, procurara o padre que havia sido seu professor na escola católica. Ele que a viu crescer naquela escola, adolescente, cheia de sonhos e ela buscando forças para abortar o filho indesejado, fruto de uma violência da ditadura.

Ela custava a acreditar naquilo tudo. Gravidez. Depois do estupro, a gravidez. Escondera da sua família tudo o que passara naquela noite fatídica. Dissera que fora assaltada e não comentou mais o assunto. Mas e agora? Ela, uma cristã que sempre fora contra o aborto iria seguir com aquela gravidês fruto do estupro praticado por seus torturadores?

— Ah! filha... E o padre despediu-se, virou-se e foi embora sem falar mais nada.

Tomou um ônibus para o Recife e quando viu a placa na divisa de Pernambuco, começou a rememorar o seu drama. Por fim, lembrou-se com muita força do ocorrido no dia que sequestraram Zezinho. Ela havia apagado aquilo tudo, mas, ago-

ra, vinha-lhe à memória, vivo, vivo, o dia do sequestro do seu marido. E via seu filho, ainda criança, em desabalada carreira por entre ruas e becos de Toritama e ela sem forças para chamá-lo. O menino foi para a pedra da Torre nos arredores de Toritama. No imaginário dos meninos de Toritama, a pedra da Torre era o esconderijo ideal para resistir. E ele resistiria.

O desespero de Geni aumentava à medida que o ônibus avançava. Recordava-se da sua viagem para Natal buscando o socorro do pai:

— Papai, deve ser alguma coisa com o imposto, porque Zezinho não paga imposto dos calçados que fabrica e vende!

E o pai com todo carinho:

— Veja lá minha filha quanto é que ele tem que pagar ao governo que a gente arruma, paga e soltam ele!

E à noite quando voltou para Toritama, aquele reboleço todo. Sua casa toda revirada. Sofás e colchões rasgados, móveis quebrados, paredes destruídas. Tudo jogado no chão.

E no outro dia, ela desesperada em Recife sem conseguir notícias do marido. A polícia negando, o Exército negando, a Marinha negando, todos negando. E na quinta-feira, dia 11, quatro dias depois da prisão de Zezinho, as notícias nos jornais: *terrorista!* Tudo aquilo vinha agora num filme para ela.

Com quem contaria agora em Recife, depois de todo o ocorrido? Bateu em algumas portas que

se fecharam, agora definitivamente. Os antigos vizinhos tinham medo e filhos para criar, diziam.

Por fim, uma antiga vizinha a ajudou. Fez o aborto, as coisas complicaram e ela findou num hospital do Recife. Os médicos perceberam logo o problema: Mais uma que veio do matadouro! Disse o médico para a enfermeira.

Ela ouviu aquilo e se lembrou de Soledad em Toritama em busca de ajuda para fazer um aborto. Quatro anos haviam se passado.

Após o atendimento no hospital, sedada, adormeceu logo. À noite, depois da refeição, veio-lhe à memória tudo que lhe dissera a doutora Mércia, a sempre terna doutora Mércia: “VÍ seu marido no necrotério. Ele estava muito inchado. Vi todos os seis mortos lá. Eu fui lá em busca do Jarbas! Você o conhecia? Jarbas já me falara há alguns dias que estava com medo e desconfiado que eles estavam sendo traídos. Na quarta-feira, eu soube que havia seis corpos no necrotério do Santo Amaro, fui lá e fiquei horrorizada com o que vi. Estavam todos seminus e inchados. Seu marido estava muito inchado. Todos eles tinham marcas de tiro no peito e na cabeça. A Soledad estava com os olhos e a boca aberta. Havia muito sangue coagulado e o feto estava nos seus pés. Era uma cena de filme de terror. A Pauline estava com a boca arrebitada, parece que rasgaram sua boca. O Jarbas parece que foi enforcado pois estava com a língua de fora e uma mancha escura no pescoço”.

Perto da meia-noite, uma auxiliar da enfermaria foi até ela e falou baixinho:

— Você tem algum problema com a polícia?

— Não, penso que não tenho! falou assustada.

— Na portaria estão dois polícias perguntando por você! Falou e saiu rapidamente.

Geni aperreada, fugiu. Àquela hora, sem saber para onde. Por fim, foi para a rodoviária e voltou para Natal, abalada com tudo aquilo.

**24 de agosto de 1977. Jornal O Estado de São Paulo, página 12: “Estudantes saem à rua e confundem polícia. Com jatos d’água, gás lacrimogêneo e golpes de cassetetes, uma passeata de mais de mil estudantes foi dispersada por tropas de choque da Polícia Militar quando se reunia à tarde no Largo do Rosário, a principal praça de Campinas. Os estudantes pretendiam fazer a leitura de um manifesto dirigido à população brasileira sob o título O Brasil é feito por nós”.**

## 29. Incidente em Brasília

Um dos homens da segurança fez sinal para o outro apontando para ela. Quando foi entrar o segurança lhe barrou o caminho:

— A senhora está proibida de entrar! Disse com arrogância. E completou:

— São ordens da presidência da casa!

Ela não discutiu. Nem esboçou nenhuma reação. Os amigos, ex-marinheiros, que estavam com ela protestaram:

— Cadê a democracia? O Congresso Nacional é a casa do povo! Gritaram, em vão.

Mas ela tinha outros planos e já imaginava mesmo que seria barrada. O episódio do dia anterior havia repercutido muito mal. A imprensa havia lhes chamado de baderneiros. Aquilo só agradava aos órfãos da ditadura que não se conformavam com os avanços democráticos conseguidos pelo povo com muita luta.

Ela serenou os ânimos dos amigos que entraram protestando e quando foi saindo, um homem — depois ficou sabendo que era um deputado da extrema direita — a encarou e disse:

— Mulher de terrorista era para apanhar na cara!

O homem se afastou rapidamente e quando se virou para ver a reação de Geni, recebeu uma sapatada na cara. Os seguranças correram na dire-

ção dela que não reagiu. O deputado, deixou logo o recinto acompanhado de alguns auxiliares. Geni, calmamente apanhou o sapato e deixou o local. Saiu e aguardou um deputado que lhes dava apoio desde quando chegaram ali. Houve negociação e ela entrou de braços dados com o deputado. Os segurancas não interviram. Veio ordem para que não intervissem. Os companheiros a receberam com palmas e gritaram palavras de ordem.

Era 1988 e os marinheiros e seus familiares estavam no Congresso Nacional acompanhando a votação da nova Constituição que finalmente deveria lhes garantir a anistia. Geni viajara desde Natal até o Rio de Janeiro para se juntar à caravana organizada pela UMNA, a entidade que organizava a luta dos marinheiros. Desde 1975, eles lutavam pela anistia que viera em 1979, anistiando até torturadores, mas não os marinheiros.

Mas eles nunca desistiram da luta e, só em 2002, depois de 23 anos, conseguiram finalmente a anistia. Para o almirantado, os marinheiros que estavam na assembléia de março de 1964 no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, haviam cometido os crimes de motim, de revolta, de aliciação, incitamento e insubordinação. Para Geni, os marinheiros se reuniram para debater o que era bom para o povo brasileiro e o Brasil e não havia que pedir perdão de nada a ninguém. E em Brasília, quando lhe perguntaram sobre os atos de José Manoel, ela foi taxativa:

— Eu falaria para ele que se ele tivesse cora-

gem, poderia fazer tudo de novo. Se é para o bem da gente, para o bem da nação, o bem do nosso próximo, eu dava apoio para ele fazer!

**30 de abril de 1981, atentado do Riocentro: no pavilhão Riocentro, à noite, onde se comemorava o Dia do Trabalhador, reunindo artistas da MPB, uma bomba explodiu no colo do sargento Guilherme Pereira do Rosário, matando-o e ferindo o motorista do veículo, o capitão Wilson Dias Machado. A ação do grupo naquela noite era pichar o Riocentro com a sigla VPR, detonar bombas nos portões do pavilhão e explodir a casa de força. O primeiro IPM - Inquérito Policial Militar instaurado pelo Exército em 1981, inocentou os militares reputados vítimas de grupos de esquerda. O segundo IPM, em 1999, comprovou o envolvimento dos militares, agora anistiados. O ministro aposentado do STM, Julio de Sá Bierrenbach, declarou que nunca foi tomado o depoimento do capitão, hoje coronel e professor no Colégio Militar de Brasília.**



### 30. Tecendo a manhã

Quando Beto Galdino apanhou o grito que há muito ecoava entre ruas e becos, pôde entender que havia uma história encoberta e uma ferida aberta em Toritama. Foi nos livros e descobriu mais.

Até então, era assim em Toritama:

—Aquele Zezinho de Manoel da Santa falava todo dia com Fidel Castro e ia soltar uma bomba para destruir Toritama!

E as crianças de Toritama cresceram ouvindo essa história. E os filhos de Zezinho escorraçados, quando de qualquer desavença:

— Saia daqui filho de terrorista! Seu pai queria acabar com a cidade!

Beto Galdino, também cresceu ouvindo essa história, mas cismado, viu alguma coisa falseada naquilo tudo e quando conseguiu lançar mais longe o grito que apanhara, os ecos lhes trouxeram outra história. Bem diferente daquela que Toritama conhecia. Então, ele teceu a sua manhã mais intensa. E quando alcançou Geni em Natal, ela pôde saber que a memória de José Manoel não restaria enterrada junto ao pé de fruta pão no Cemitério da Várzea no Recife.

No dia que Geni foi com seu irmão buscar o automóvel de Zezinho na Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, no Recife, percebeu que além da vida do seu marido, a ditadura também

avançara sobre os seus bens. Tinha receio de ir, mas foi. Afinal, era seu direito reaver um bem que era seu.

Primeiro, disseram que não constava que o veículo tivesse sido apreendido.

Depois, no outro dia, um delegado lhe disse:

Sim, encontramos! Ele está no pátio! Um funcionário a acompanhou até o pátio, mas o veículo não estava lá.

Ela voltou no dia seguinte e o veículo finalmente estava no pátio. Depenado. O veículo chegara quase novo e saía muito estragado. Pneus velhos, sem o toca-fitas, o suporte, ferramentas e o banco traseiro. Até uma das portas fora substituída por outra mais velha.

Assim que saíram e se afastaram, Geni, mais aliviada, abriu o porta luvas do carro e encontrou um livro sujo, sem a capa e com manchas que pareciam sangue, mas que depois viu se tratar de tinta marrom de calçados. Os sequestradores e assassinos de José Manoel não se interessaram pelo livro e ele ficou ali naqueles anos todos.

O livro tinha o nome de José Manoel na primeira página que ficara como capa e uma data muito apagada, mas que ainda se podia ler 1968. Tinha uma marcação na página 78 com uma tirinha de couro, bem fininha, que com o tempo, manchara as duas páginas, sem no entanto atrapalhar a leitura.

Quem viu o marcador de página foi seu irmão, quando em casa e mais tranquilos, contavam a his-

tória do resgate do automóvel de José Manoel. Era um livro de poesias e na página marcada se lia a partir de uma anotação a tinta azul, manchada, o seguinte:

“E onde o levais a enterrar,  
irmãos das almas,  
com a semente de chumbo  
que tem guardada?  
Ao cemitério de Tôrres,  
irmão das almas,  
que hoje se diz Toritama,  
de madrugada.  
E poderei ajudar,  
irmãos das almas?  
vou passar por Toritama,  
é minha estrada.  
Bem que poderá ajudar,  
irmão das almas,  
é irmão das almas quem ouve  
nossa chamada.  
E um de nós pode voltar,  
irmão das almas,  
pode voltar daqui mesmo  
para sua casa.”

Geni se lembrou do episódio do livro no metrô, em Recife, a caminho do encontro com Maria do Amparo, a coordenadora do “Grupo Tortura Nunca Mais”, em Recife. Geni não conhecia o poeta João

Cabral de Melo Neto, nem a poesia que ela achou meio parecida com o que vivia agora. Ia enterrar Zezinho, com muitas sementes de chumbo no cemitério de Toritama. Ele, José Manoel, que lutara pela reforma agrária.

Naquele dia, um dia de muita tristeza, de lembranças do marido assassinado, ela reforçara uma esperança que guardava consigo desde muito: fazer o enterro do marido em Toritama e mostrar que ele não era o bandido que a ditadura propagara.

O encontro com Maria do Amparo foi de muito enternecimento e grande surpresa para Maria do Amparo que não imaginava aquele desfecho. E Geni se encheu de esperança e percebeu que estava bem próxima de lavar a honra manchada de José Manoel.

Foram ao Cemitério da Várzea e constataram que muitas páginas do livro de registro do cemitério estavam rasuradas para dificultar a localização dos corpos.

No cemitério além delas, a imprensa. Havia um novo coveiro. O outro estava aposentado, mas ficava por alí fazendo serviços de limpeza dos túmulos e pequenas reformas e assim complementava sua aposentadoria.

Ele demorou para aparecer e quando veio demonstrava medo, muito medo. Primeiro buscaram tranquilizá-lo e depois Geni perguntou:

— Você ainda lembra onde enterramos os ossos do meu marido?

— Essas coisas a gente não esquece! Disse e foi

caminhando para o pé de fruta-pão.

Quando começaram a cavar no lugar indicado, vinte, trinta centímetros talvez, surgiram os primeiros ossos, os fêmures, parte do crânio, algumas vertebrae, depois duas partes da arcada dentária com dentes intactos. Dos sacos plásticos, poucos vestígios. Foi um novo momento de comoção. Geni, procurou ser forte. E foi. O que lhe dava forças era a possibilidade real que tinha agora, passados mais de vinte anos, de gritar para todos, anunciar que Zezinho não era o terrorista que a ditadura fez o povo acreditar naqueles anos todos. Apanhou osso por osso, limpou-os e foi colocando na urna que haviam trazido. Era 19 de dezembro de 1994.

Geni chegou em Toritama à tardinha. Entrou e falou com sua cunhada:

— Ela continua lá?

— Continua! Fica lá sentadinha olhando todos os carros que chegam!

— Mas como é possível, meu Deus? Geni aperseu-se.

— Ela não acredita que ele foi assassinado! Ela ainda tem a esperança de que qualquer hora ele volte. E nós temos muito medo do que pode acontecer a ela! Geni, sentiu um aperto no peito, era uma agonia, um mal estar. Entrou, passou pela sala, pela cozinha e viu sua sogra sentada no quintal olhando a estrada.

— Ele não veio ainda! Disse-lhe a sogra, voltando-se para ela. Mas, meu coração de mãe diz que

ele vem num carro vermelho grande! Esta noite eu sonhei que ele chegava pela tardinha. Eu estou aqui esperando! Quero estar arrumada quando ele chegar! Eu só não sei se eu resistiria ao seu abraço!

Geni abraçou a sogra, engoliu o choro e disse:  
— Está bem perto dele chegar!

Em março de 1995, finalmente José Manoel voltou para Toritama. O caminhão do corpo de bombeiros, trazendo a urna mortuária apontou lá na entrada da cidade. As pessoas estavam na rua para recebê-lo. Geni nem acreditava que pudesse fazer tanto. Recuperar a imagem distorcida que a ditadura fez do seu companheiro.

E lá estava ela, Dona Luíza, sentada no quintal olhando entre as varas da cerca, as torres brancas de pedra ao longe, viu quando o carro do corpo de bombeiros apontou e aí vieram lhe dizer:

— É seu filho Zezinho que vem chegando. Ela se levantou e foi para mais perto da cerca. Olhou aquele povo todo saudando seu filho; sirenes ligadas, palavras de ordem, virou-se para a vizinha que lhe amparava e disse:

— É meu filho Zezinho que vem vindo. Ele é da Marinha!

**17 de março de 1995. em Toritama[PE]. Com o apoio da Prefeitura de Toritama e da Secretaria de Justiça de Pernambuco, o Grupo Tortura Nunca Mais [Maria do Amparo], Paróquia N. S. da Conceição,**

**Centro D. Hélder Câmara, GAJOP, Movimento de Retratção Política de José Manoel da Silva, vereadores Marcelo Santa Cruz e Dilson Peixoto e o Dep. Federal Fernando Ferro, e mais a participação da UMNA - Unidade de Mobilização Nacional pela Anistia [Coutinho], Centro de Direitos Humanos e Memória Popular [Roberto Monte] e o povo brasileiro, fizeram o traslado dos restos mortais do militante político José Manoel da Silva. O governador de Pernambuco era Miguel Arraes.**



## 31. Hoje, morreu um cristão

Ideraldo ouviu o barulho dos foguetões e das buzinas dos carros. Ele já estava de banho tomado, roupa nova e os cabelos ralos, ainda molhados, a água escorrendo pelo pescoço. Eram as pedras que falavam para ele. Os sons de Toritama chegavam até ele através das pedras, por entre as torres de pedras. E neste momento, falavam sobre José Manoel. Era 17 de março de 1995.

Um locutor num carro de som vinha anunciando pela estrada: Aplausos para José Manoel! Estamos fazendo a retratação política daquele que tombou em defesa da democracia! **A p l a u s o s** para José Manoel da Silva. O povo de Toritama vem ostensivamente...

Lá do alto, da sua casinha de telhado marronzinho e já pretejando, naquela imensidão de pedras que desciam até a estrada, ele viu a fileira de carros e de motos e o caminhão do corpo de bombeiros que seguia em direção a Toritama.

Ele sabia da homenagem e também estaria lá. Até ajudara a pintar as pedras que se transformaram nos “outdoors” com as palavras de ordem: “Zezinho Vive!”, “Tortura nunca mais!”

Morando entre pedras no alto da colina. Meia légua da cidade, mais pedra que terra e que ninguém nunca reclamara dono, pois nem para criar prestava, plantava rocinha de milho e feijão e alu-

gava seu trabalho nas várzeas. Foi a terra pedra que restou para ele e os irmãos.

Num domingo, seu filho viera para o almoço com a notícia. Quase sempre, seus filhos vinham para o almoço no domingo. Moravam em Toritama nas casinhas nuas entre pedras e sem arruamento. O progresso. Ah! O progresso! Estavam todos no trabalho das roupas, “dins”, como diziam.

— O painho lembra do finado José Manoel?

— Zezinho de Manoel da Santa que foi assassinado pela ditadura?

— Sim, ele!

— Ora meu filho, seria muita ingratidão minha e dos meus companheiros esquecer Zezinho! Foi ele que deu a esperança da reforma agrária! Ele com aquela certeza toda! Que a gente sairia daqui desta secura branca de pedras para uma várzea verdinha onde dá tudo! Ele sim, era nosso amigo! Lutava para que a gente tivesse uma vida melhor!

E recordou daquele dia de tristeza e medo quando lhe trouxeram o jornal.

— Eu nem podia acreditar que era ele de tão inchado que estava! E o jornal dizendo que ele era terrorista, um rapaz que quase ví nascer e que conhecia o pai, a mãe, os irmãos? Não, não esqueceria nunca!

O filho sabia quanto o pai lamentara aquela morte e o quanto também temeu ser assassinado. Lembrava-se da fuga do pai e dos companheiros assim que chegou a notícia em Toritama. Passaram

um bom tempo escondidos, dormindo cada dia num lugar. Insônia, desassossego e desconfiança de tudo e de todos. Em seguida, as conversas das traições contra Zezinho que foram esclarecendo tudo aquilo. Depois de muito tempo é que foram retornando aos poucos para suas casas, assustados e sofrendo preconceito. Lembrava-se das acusações infundadas que fizeram espalhar pela cidade:

— Saia daqui, terrorista safado! Cadê a bomba que você e Zezinho ia explodir em Toritama, cabra de peia?! Era uma amargura lembrar daqueles tempos, mas, enfim, chegara a grande oportunidade de esclarecer tudo e colocar a verdade no lugar. Zezinho merecia aquilo. Agora estava impaciente. Queria ir logo para Toritama.

— Ceição! Será que Tapuia vem?

— Hôme! Deixe de aperreio, parece que você não conhece seu filho! Se ele diz que vem, é porque vem!

Ceição descendia dos tapuias, povo quase todo dizimado pelos portugueses. Os que não foram assassinados, foram se casando com os brancos e pretos. Baixinha e atarracada, cabelos lisos, já quase branco. O filho tinha as feições dela, só que alto e forte. Um Tapuia. O apelido foi das ruas e ficou para sempre. Ele já se acostumara e tinha orgulho dos antepassados, homens bravos que não se curvaram ao colonizador.

Ideraldo só sossegou quando as pedras falaram novamente. Da porta da sua casa ouviu o ron-

co da motocicleta e foi para a porteira. De lá, podia ver bem longe. E viu a moto que vinha na estradinha, quase trilha, estreita por entre as pedras, aparecendo e sumindo e o som do motor alteando e quase desaparecendo.

Chegou na cidade no exato momento que Geni, à frente do cortejo e com a urna mortuária de Zezinho nos braços, coberta com a bandeira brasileira, gritava:

— Estou aqui limpando a sua honra, Zezinho! Você que foi tão pisado, tão machucado e tratado como um terrorista perigoso, como um homem sem caráter... Receba esta gratidão da sua mulher, dos seus filhos, do pessoal de Toritama e de toda a imprensa.

Um dia inesquecível para Toritama. A cidade parou para receber Zezinho de Manoel da Santa. Ele estava mais vivo do que nunca. Milhares de pessoas nas ruas, nas varandas, nas calçadas, nos muros. Um desfile colorido de guarda-sóis. Crianças em júbilo correndo de um lado para o outro. À frente as faixas, às dezenas: “Tortura nunca mais!” “Zezinho vive!”. O povo aplaudindo à passagem de Zezinho.

Primeiro vinha o caminhão do Corpo de Bombeiros, depois, o povo: velhos, jovens e crianças, homens e mulheres. Depois as bandas marciais e mais povo. Depois veículos, dezenas deles. Um carro com grandes alto-falantes anunciando:

— Zezinho vive! Tortura nunca mais! O povo

de Toritama está fazendo a retratação política de José Manoel!

E lá estava Geni, carregando uma grande coroa de flores nos braços. Estava lá, brava, valente, a cabeça erguida e gritando para toda a cidade:

— Zezinho não era o bandido que a ditadura quis fazer dele. Ele lutava por uma vida melhor para todos. Ele sempre lutou por isso!

E assim, o comércio de portinhas estreitas duas a duas reclamando pintura e os telhados compridos das casas antigas de duas águas, viram passar aquela mulher valente. O povo se acotovelando no meio fio da rua de calçamento de paralelepípedos; o povo dando vivas das varandas, o povo nos muros e nos carros; aplausos que vinham daquelas casinhas espremidas umas contra as outras.

— Quem era ele? Perguntou um forasteiro.

— É José Manoel, Zezinho de Manoel da Santa, um filho valente de Toritama! Respondeu um nativo.

E na sombrinha pequena do meio dia, sol a pino na cabeça seguia o povo de Toritama homenageando seu filho. As motos e bicicletas se entrançando por entre o povo no cortejo, percorrendo becos, ruas e avenidas. Geni à frente gritando em cada canto:

— Meu marido não era o terrorista que a ditadura disse que era. Ele lutou por nós e deu sua vida pela democracia.

E mais à frente, Geni mostra a foto do marido

assassinado. O rosto de sofrimento da tortura, irreconhecível! Torturado! Uma camponesa com um pano amarrado na cabeça se aproxima e vê e diz para a amiga:

— Eu conheci ele mocinho! Era pouco mais novo que eu! Era cheio de vida!

Não se vê sorrisos. Só cenhos fechados.

— É Zezinho de Manoel da Santa, um homem que não se curvou à ditadura! Passa outro e diz. Os panfletos são distribuídos e o povo vai lendo, informando-se. Aula de cidadania. Aula da verdade. E o povo afoito querendo saber mais. Aqui, acolá, um prédio de fachada moderna dessa modernidade que está aportando aqui: “jeans” e violência.

A multidão se espalha agora pela avenida e logo à frente se comprime no beco. Ao fundo, as casinhas simples de testeira branca.

Depois homenagem e missa no Ipiranga Futebol Clube. Ipiranga, rio vermelho, independência. Geni pensou em tudo isso num segundo. Mural nas paredes. Murais no Ipiranga Futebol Clube. E o povo lendo, buscando informação. Aula de história. História dos tempos recentes do Brasil. História escondida do Brasil. História revelada do Brasil. E velhos, crianças, homens, mulheres e jovens lendo. Avidamente lendo os murais.

Como há jovens em Toritama! Diz o visitante.

Dalí, foram para o cemitério. Um homem passou de bicicleta com os olhos marejados:

— Fomos amigos de infância! Diz e sai.

O povo vai se concentrando na rua do cemitério. Parece que todo o povo está nas ruas para prestar a homenagem a José Manoel. E o céu sempre azul.

— Como é azul o céu de Toritama! diz o visitante.

E agora trazem as bandeiras, a do Brasil, a de Pernambuco e a de Toritama. É homenagem. Homenagem pungente e o orgulho no rosto de cada pessoa. Aplausos, mais aplausos. E falou um, falaram vários. Tortura nunca mais!, todos dizem. E Toritama e seu povo se tornaram maior a partir daquele dia. Muito maior.

**3 de agosto de 1995. Jornal Correio da Paraíba, Brasília[AG] - O Governo admitiu ontem ampliar a lista dos desaparecidos políticos durante o Regime Militar de 136 para 372. [...] Requerimento do deputado Domingos Dutra [PT-MA], aprovado ontem, Jobim também terá que explicar os motivos pelos quais a proposta formulada pelo governo não prevê a hipótese do relato das circunstâncias dos desaparecimentos. ... O presidente da comissão, deputado Nilmário Miranda [PT-MG], enfatizou que, agora que o assunto dos desaparecidos deixou de ser “marginal”, várias pessoas têm contado suas histórias e que é importante ouvir todos os depoimentos. ...**



*Não meu, não meu é quanto escrevo.*

*A quem o devo?* [Fernando Pessoa, novembro de 1932]

A Geni [Genivalda Melo da Silva] que, mesmo reabrindo feridas, se propôs a contar sua história.

e mais a:

Abreu, João Batista de, As manobras da informação - Análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil, EdUFF/Mauad, Rio de Janeiro, 2000.

Almada, Izaías, A metade arrancada de mim, Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

Almeida, Anderson da Silva, Todo leme a bombordo, Marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil: Da Rebelião de 1964 à Anistia, Programa de pós-graduação em história, UFE, Niterói, 2010.

Assis, Chico, A Trilha do Labirinto, Inojosa, Recife, 1995.

Borba, Marco Aurélio, Cabo Anselmo - A luta armada ferida por dentro, Global, São Paulo, 1981.

Cano, Wilson, Soberania e Política Econômica na América Latina, Unicamp e Unesp, São Paulo, 2000.

Capitani, Avelino Bidem, A Rebelião dos Marinheiros, Artes e Ofícios, Porto Alegre, 1997.

Cavalcanti, Paulo, O caso eu conto, como o caso foi - memórias políticas - 2º volume, Guararapes, 1980.

Duarte, Antonio, A Luta dos Marinheiros, Inverta, Rio de Janeiro, 2005.

Conserva, Paulo, Navegando no exílio, Gráfica NE, João Pessoa, 1991.

Fon, Antonio Carlos, Tortura - A história da repressão política no Brasil, Global, São Paulo, 1979.

Gabeira, O que é isso companheiro?, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.

Gaspari, Elio, A Ditadura Envergonhada, Cia das Letras, São Paulo, 2002.

Gaspari, Elio, *A Ditadura Escancarada*, Cia das Letras, São Paulo, 2002.

Gorender, Jacob, *Combate nas Trevas - A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, Ática, São Paulo, 1987.

Koval, Boris, *História do Proletariado Brasileiro - 1857 a 1967*, Alfa-Omega, São Paulo, 1982.

Laque, João Roberto, *Pedro os os lobos - Os Anos de chumbo na trajetória de um guerrilheiro urbano*, Editorial, São Paulo, sem o ano de publicação.

Maciel, Vilma Antunres, *O capitão Lamarca e a VPR - Repressão judicial no Brasil*, Alameda, 2006.

Mariani, Bethania, *O PCB e a imprensa - Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*, Revan e Unicamp, Campinas, 1988.

Mazzeo, Antonio Carlos, *Sinfonia inacabada - A política dos comunistas no Brasil*, Boitempo e UNESP-Marília, São Paulo, 1999.

Melo Neto, João Cabral de, *Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta*, Editôra do Autor, Rio de Janeiro, 1966.

Miranda, Nilmário e Tibúrcio, Carlos, *dos filhos deste solo - Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*, Fundação Perseu Abramo e Boitempo, São Paulo, 1999.

Morel, Edmar, *A Revolta da Chibata*, Grral, Rio de Janeiro, 1979.

Mota, Urariano, *Soledad no Recife*, Boitempo, São Paulo, 2009.

Paiva, Marcelo Rubens, *Não és tu, Brasil - Romance*, Mandarin, São Paulo, 1996.

Paiva, Mauricio, *O sonho exilado*, Achiamé, Rio de Janeiro, 1986.

Palmar, Aluízio, *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?*, Travessa, Curitiba, 2006.

Parucker, Paulo Eduardo Castello, Praças em pé de guerra - o movimento político dos subalternos militares no Brasil [1961-1964] e a Revolta dos Sargentos de Brasília, Expressão, São Paulo, 2009.

Paulino, Leopoldo, Tempo de Resistência, COC, sem local de publicação, 2006.

Pedroso Júnior, Antonio, Sargento Darcy - Lugar tenente de Lamarca - Uma vida dedicada ao socialismo, Edição do Autor, Bauru, 2003.

Politi, Maurice, Resistência atrás das grades, Plena, São Paulo, 2009.

Reis Filho, Daniel Aarão, E Outros, Versões e Ficções: o sequestro da história, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1997.

Ribeiro [Pena Branca], Octávio, Por que eu traí - Confissões de Cabo Anselmo, Global, São Paulo, 1984.

Rodrigues, Flávio Luis, Vozes do Mar - O movimento dos marinheiros e o golpe de 64, Cortez, São Paulo, 2004.

Rollemberg, Denise, Exílio - entre raízes e radares, Record, Rio de Janeiro, 1999.

Silva, Alberto Galdino da, Movimento de Retratação Política de José Manoel da Silva - Zezinho Vive, Vivo entre nós, Cópia reprográfica - Torirama[PE], 1995.

Silva, Antonio Ozai, História das Tendências no Brasil [Origens, cisões e propostas], Proposta Editorial, São Paulo, sem o ano de publicação.

Silva Filho, Emiliano José e Miranda, Oldack de, Lamarca o capitão da guerrilha, Global, São Paulo, 1980.

Syrkis, Alfredo, Os Carbonários - memórias da guerrilha perdida, Global, São Paulo, 1980.

Souza, Percival de, Eu, cabo Anselmo - Depoimento a Percival de Souza, Globo, São Paulo, 1999.

Tapajós, Renato, Em Câmara Lenta - Romance, Alfa-Omega, São Paulo, 1979.

Toledo, Caio Navarro, O governo Goulart e o golpe de 64, Brasiliense, São Paulo, 1988.

Ventura, Zuenir, 1968 O ano que não terminou - A aventura de uma geração, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988.

Viegas, Pedro, Trajetória Rebelde, Cortez, SP, 2004.

e mais a:

Arquidiocese de São Paulo, Um relato para a História - BRASIL: NUNCA MAIS, Vozes, Rio de Janeiro, 1985.

Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, Instituto de Estudo da Violência do Estado - IEVE - Grupo Tortura Nunca Mais - RJ e PE, Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a Partir de 1964, CEPE, Recife, 1995.

Documento do Comitê Brasileiro pela Anistia - Secção do Rio Grande do Sul, Dossiê dos Mortos e Desaparecidos, AL do RS, Porto Alegre, 1984.

PCB: vinte anos de política - documentos 1958-1979, LECH, São Paulo, 1980.

Relato da guerrilha do Araguaia, autor desconhecido, cópia reprográfica de documento datilografado, data presumível 1975.

Revista Carta Capital, Editora Confiança., SP, 18/3/2009.

Revista Carta Capital, Editora Confiança, SP, 17/6/2009.

Revista ISTOÉ, Editora Três, São Paulo, 28/3/1984.

Revista ISTOÉ, Editora Três, São Paulo, 28/12/2007.

Revista Manchete - Edição histórica, Bloch Editores, Rio de Janeiro, ano 11 - abril de 1964.

Revista O Cruzeiro Extra - Edição histórica da revolução, O Cruzeiro S/A, Rio de Janeiro, 10/4/1964.

revista O Cruzeiro Extra - A crise militar em fotos, O Cruzeiro S/A, Rio de Janeiro, 30/5/1964.

Revista O Cruzeiro, O Cruzeiro S/A, RJ, 10/4/1964.

Revista O Cruzeiro. O Cruzeiro S/A, RJ, 08/8/1964.

Revista VEJA, Editora Abril, SP, 18/02/1970.

Programa Linha Direta Justiça - Rede Globo de Televisão -

Caso Cabo Anselmo - exibido em 05/7/2007.

Programa Canal Livre - TV Bandeirantes - Cabo Anselmo - exibido em 30/8/2009.

Vídeo. José Manoel, um herói não reconhecido, Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, FAVIP-Faculdade do Vale do Ipojuca [PE], Natália Maciel e Oiarllane Muniz[Direção], 2006.

Vídeo. Zezinho de Manoel da Santa Vive, Retratação política de José Manoel da Silva, Divanildo Foto e Vídeo Produções, Toritama[PE], 1995

Vídeo. Retrospectiva dos 25 anos da UMNA [Unidade de Mobilização Nacional pela Anistia, ex-União dos Militares não Anistiados], Rio de Janeiro, 1989.

e mais a:

Relatório de José Anselmo dos Santos, Declarações prestadas nesta Especializada de Ordem Social, Documento n° 03 - 209 - Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Política, Policia Civil de São Paulo, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, Divisão de Ordem Social, Setor de Análise, Operações e Informações, São Paulo, 1971.

Relatório de *Paquera*, referente a: Onofre Pinto, Maria do Carmo Brito e Marcio Moreira Alves, Documento n° 09 - 143, Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Política, Policia Civil de São Paulo, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, Divisão de Ordem Social, Setor de Análise, Operações e Informações, São Paulo, 1971.

Exame em Local de Ocorrência, Portaria 11/73 de 9/1/1973 - Granja São Bento, município de Paulista[PE}, Secretaria da Segurança Pública - Instituto de Polícia Técnica - Pernambuco, Recife, 09/01/1973.

e mais a:

Arquivo Edgar Leuenroth - Projeto Brasil Nunca Mais - UNICAMP - [http://segall.ifch.unicamp.br/site\\_ael/](http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/)

Banco de Dados da Folha de São Paulo - Acervo de Jornais: 28/3/1964 e 29/12/1964, sítio:bd.folha.iol.co.br

Carta O Berro - vanderleycaixe@revistaoberro.com.br  
Chagas, Fábio A. G. das, As Teses de Jamil e a luta armada dos anos 1960-70 no Brasil, Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, vol. 1, n° 2, dezembro de 2009. [www.rbhcs.com]

Motta, Rodrigo Patto Sá, Modernizando a repressão: a USAID e a polícia brasileira, no sítio:

[www.scielo.br/pdf/rbh/v30n59/v30n59a12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n59/v30n59a12.pdf)

[www.armazemmemoria.com.br](http://www.armazemmemoria.com.br)

[www.averdadesufocada.com](http://www.averdadesufocada.com)

[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)

[www.direitoshumanos.gov.br](http://www.direitoshumanos.gov.br)

[www.resgatehistorico.com.br](http://www.resgatehistorico.com.br)

[www.ternuma.com.br](http://www.ternuma.com.br)

[www.torturanuncamais-rj.org.br](http://www.torturanuncamais-rj.org.br)

[www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)

e mais a:

Antídio Lima, Beto Galdino, Carlos Gregório, Clarissa Maria, Genaldo Gomes, Gustavo Cabral, José Gomes, José Rodrigues, Luiz Ernesto, Maria do Rosário, Mery Medeiros e Ni Guerra[in memoriam].





**Marinheiro só**



Claudio Guerra

# Marinheiro só

1ª edição

Natal[RN]

Editor: Carlos Gregório B. Guerra-MEI  
[O baú de Macau - Editora e Artes]

2011

Copyright @ Claudio Antonio Guerra

Capa

O baú de Macau - Editora e Artes

Revisão, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

O baú de Macau - Editora e Artes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
[CIP]

---

Guerra, Claudio

Marinheiro só/ Claudio Guerra.

Natal[RN]/O baú de Macau - Editora e Artes - 2011

218 p.

ISBN 978-85-64496-01-9

CDD B869

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: 2. Literatura brasileira

Natal[RN] - setembro/2011

Editor: Carlos Gregorio B. Guerra-MEI

[O baú de Macau - Editora e Artes]

CNPJ: 12.994.099/0001-73

Rua Presidente Cunha Barreto, 1417 -[Anexo]

Barro Vermelho

59030-540 - Natal [RN]

Telefone: [84] 2010-2188

obaudemacaed@obaudemacau.com

Para o marinheiro José Manoel,  
mártir do povo brasileiro  
e  
para todos os que lutam contra o esquecimento,  
em especial para  
Geni  
que não deixou a ditadura brasileira  
tripudiar sobre o cadáver  
do seu companheiro.



“Quem é essa mulher,  
Que canta sempre o mesmo arranjo?  
Só queria agasalhar meu anjo  
E deixar seu corpo descansar”.

Angélica, Chico Buarque



## Índice

1. Um cemitério no Recife	13
2. Os marinheiros do Potengi	23
3. Festa de padroeira	29
4. Um casamento no Alecrim	33
5. Os marinheiros da Guanabara	39
6. O golpe	45
7. O marinheiro João Cândido	51
8. Um dia de fuga no Rio de Janeiro	59
9. Abril de 1964 em Natal	65
10. Itapissuma	71
11. Marinheiro só	81
12. Companheiro Moisés	85
13. Jonatas, que não era mais	89
14. Paratibe, adeus!	97
15. O Comando Gelson Reicher	103
16. O marinheiro Custódio	109
17. Um cachorro chamado Kimble	117
18. Primavera em Santiago	125
19. Um sequestro em Toritama	135
20. Sequestros no Recife	141

21. É como se mata cachorro	149
22. Um dia de muita chuva no Recife	157
23. Todas as mortes de José Manoel	161
24. Uma sessão de tortura	163
25. Um pé de fruta-pão	173
26. Barro Vermelho	179
27. Terroristas em Natal	183
28. Recordações de Pernambuco	187
29. Incidente em Brasília	191
30. Tecendo a manhã	195
31. Hoje, morreu um cristão	203

# 1. Um cemitério no Recife

O homem olhou-a com a cara fechada. Com ódio. Cara de mau. Tirou os óculos escuros e disse numa grosseria de meter medo:

— É o quê, hôme!

Aos gritos, chamando a atenção de todo mundo e avançando sobre ela como se fosse passar por cima. Era mesmo para intimidá-la, humilhá-la.

Ela fitou o homem com espanto. Uma lágrima escorreu mansinha, imperceptível.

Eu é que não vou dar gosto para esse animal, pensou.

Foi falar e a voz ficou enroscada na garganta. Aí, não conseguiu segurar. Outra lágrima rolou, agora cheia, estourando na face. Baixou a cabeça envergonhada. Estava quase vencida. Virou-se e quando ia saindo, sentiu a mão grosseira do homem da cara de mau segurando com força o seu braço. O homem falou baixinho junto do seu ouvido:

— Cemitério da Várzea...

Em seguida, num grito histérico para que todos ouvissem:

— Suma daqui e não volte nunca mais!

Ela olhou assustada, em pânico, atarantada. O rosto do homem parecia de cera, sem vincos. Várzea?! Várzea... conhecia tão pouco o Recife. Seria mentira? Teria dito só para se livrar dela que vinha ali quatro, cinco vezes ao dia com a mesma pergunta.

Não teve tempo para dúvidas. O homem da

cara de mau, apertou ainda mais forte o seu braço e sussurrou:

— Se disser uma palavra eu juro que lhe mato...

Saiu da sala confusa, meio sem saber o que fazer. Caminhou com as pernas bambas pelo corredor comprido, escuro e com um sem fim de portas dos dois lados, vermelhas descoradas, sentindo o cheiro forte de urina e merda. Ouviu gritos de pavor e uma voz mais forte ordenando:

— Fala, filho da puta!

Pela porta entre-aberta ela pode ver um homem dobrado e pendurado a poucos centímetros do chão, suspenso em duas mesas. Mais tarde ela assistiria aquele tipo de tortura, o pau-de-arara. Amarravam os punhos da vítima e atravessavam um pau entre os joelhos dobrados e os punhos amarrados e penduravam entre duas mesas. Naquela posição o torturado recebia choques elétricos e era espancado com um objeto de madeira, a palmatória. Como pode haver tanta maldade? Sentiu um frio intenso em todo o corpo. O policial que a acompanhava sorriu e bateu na porta entreaberta. A porta foi fechada violentamente com um grito de protesto:

— Porra! Eu já não lhe disse prá não deixar essa merda aberta!

Na calçada, um carro com a sirene ligada estacionou de sopetão e dele desceram dois homens à paisana e esbarraram nela, quase derrubando-a. Entraram arrastando um rapaz de cabelos pretos e longos e olhar de pavor. Aquela fachada suja e

decadente do prédio e aqueles homens lhe causavam asco.

Passavam os ônibus. Passavam muitos carros para um lado e para outro. A rua estava movimentada, cheia de gente, bicicletas e automóveis. Estava espantada. Recife se tornara uma cidade grande, assim, de repente. Ficou ali na rua sem saber direito para onde ir e viu quando um corcel verde dobrou numa rua próxima e passou bem perto dela. De longe o carro chamara sua atenção e teve certeza que era o carro de Zezinho. O homem no volante usava um chapéu de couro, de vaqueiro. Eles também haviam levado o carro de Zezinho. Só agora ela dava conta disso, envolvida que estava em descobrir o corpo do marido. E afinal porque aquele homem de chapéu de vaqueiro estava com o carro de Zezinho?

Surgiu um caminhão grande onde ela achava que seria o começo da rua. Era o começo e era o fim, porque era de lá que os automóveis surgiam e os que iam, sumiam. Ficou olhando aquilo, os carros sumirem na rua, parecia um buraco engolindo carros e gentes. Não conseguia pensar em outra coisa que não fosse chegar no cemitério. Ela tinha que ir ao cemitério naquela hora imprópria de sol quente do meio dia. Não sentia fome nem nada.

Finalmente apontou um ônibus. Conferiu, não passa. Depois de um tempo veio outro. Esse deve ir, pensou. Foi alertada por um rapaz:

— Moça, este passa!

Deu com a mão e quando o ônibus parou, conferiu. Passa. Este passa na Várzea. Subiu ela e mais três passageiros e uma criança chorando. Subiu no ônibus chorando e assim ficou, chorando. Um choro contínuo, monótono, sentido, de grande mágoa.

Pediu ao motorista que a deixasse no Cemitério da Várzea. Quem escutou, olhou logo para ela. Uma mulher no banco de trás benzeu-se e depois, beijou a mão.

Ficou olhando para nada dentro do ônibus. Parecia em estado de choque. Depois de algum tempo, recobrou o ânimo e ficou preocupada. Perguntou ao motorista se faltava muito. Faltava. Ficou lendo as placas. Encruzilhada, Casa Amarela, Apipucos, Caxangá, Curado, Cidade Universitária, Iputinga e não chegava a Várzea. Finalmente chegou. Não sabia que chegara. Não viu o cemitério. O motorista foi quem falou:

— Moça, o cemitério da Várzea é aqui!

Um rapazinho de cabelos compridos comentou:

— Aqui não quero vir tão cedo!

Quando descia do ônibus, atribulada e insegura, ainda ouviu o diálogo entre duas mulheres:

— Seu Totonho do Marco Zero foi enterrado aqui! Você conhecia?

— Não conhecia e agora nem quero conhecer!

Respondeu a outra, benzendo-se.

Desceu, ela e mais uma mulher de vestido azul que sumiu logo em seguida. Ficou procurando o

cemitério. Um homem de chapéu marrom vinha atravessando a rua. Perguntou.

— É por ali! Disse o homem solícito, feliz por prestar a informação.

E ela foi por uma ruazinha mais estreita. Foi caminhando e ouvindo uma música de Roberto Carlos que vinha de alguma casa por perto. Era uma música nova de Roberto Carlos. Ela ouvia a toda hora no rádio.

E Geni acompanhou os versos: “Não tinha medo de nada/Não tinha medo de escuro/ Não temia trovoadas/ Meus irmãos à minha volta/ E meu pai sempre de volta/ Trazia o suor no rosto/ Nenhum dinheiro no bolso/ Mas trazia esperança”. E chorou. Caminhava quase que empurrada por uma força que não sabia de onde vinha.

“Essas recordações me matam/Essas recordações me matam”. Era a música que continuava ao longe. E recordou os seus irmãos em Natal, todos solidários com o seu sofrimento e com a sua dor, todos sofrendo com ela desde muito tempo, desde que haviam começado as perseguições a José Manoel. E lembrou-se do seu pai, seu querido pai, que assim como ela e os irmãos estava sem saber direito o que significava tudo aquilo.

As barracas dominavam a rua toda. De uma ponta, o colorido das lonas. Ali se vendia de tudo. Muita gente fazendo refeição naquelas barracas, uma por cima das outras. Parecia uma feira. Parou numa delas para confirmar se era ali mesmo. Era.

— É aqui mesmo! Respondeu um senhor de camisa amarela que bebia alguma coisa, sem dar tempo da dona da barraca virar-se para responder. O homem olhou-a de alto a baixo, assim como surpreso, assim como se perguntasse como é que uma criatura não sabia onde ficava o cemitério da Várzea. Todo o Recife sabia.

Achava aquilo tudo uma loucura. Como viera sem ter certeza: e se aquele brutamontes mentira e dissera aquilo só para se livrar dela? E se fosse uma armadilha? Mas agora ela já estava lá. Agora era saber a verdade, se o corpo de José Manoel estava ou não naquele cemitério.

Havia pouca gente no cemitério. Perguntou pelo coveiro e alguém lhe indicou. O coveiro era um homem curvado sobre a sua magreza e com um chapéu enterrado na cabeça. Estava fazendo algum trabalho e demorou-se muito para virar-se e responder. Tinha a cara de bom, mas olhava desconfiado.

— É sobre um homem que morreu há uns quinze dias! Perguntou vexada.

— Acidente? O coveiro virou-se indagando com sua voz forte, sonora.

— Não! Respondeu e completou quase como um apelo:

— Ele era meu marido!

O coveiro olhou desconfiado e desconversou:

— Aqui nós enterramos essa gente desgarrada de todo esse Pernambuco! Como é que eu vou saber?

Sei não! Virou-se e voltou ao que estava fazendo.

Ela insistiu:

— Ele foi assassinado!

Aí, o coveiro demonstrou não só no rosto como nos gestos que estava preocupado. Olhou meio interrogativo para ela, parou o trabalho, foi se afastando desconfiado e disse taxativo:

— Aqui na Várzea não foi não!

Ela insistiu mais uma vez:

— Foi ele e mais quatro ou cinco e tinha uma moça também!

Agora os olhos do coveiro piscaram de medo. Dava para ver que era de medo. Olhou mais uma vez para todos os lados. Estava acuado:

— Olha moça, eu não quero complicação para mim não! Falou finalmente com a voz limpa, sonora.

Ela estava angustiada. Não esperava que tudo fosse fácil mesmo. Tinha certeza que sua “via crucis” seria grande, mas estava disposta a enfrentar. Não sabia de onde tirava as forças. Precisava agora buscar a informação. O primeiro impacto já fora quebrado. O coveiro já tivera coragem suficiente para ficar na defensiva. Era um bom começo.

Abriu o jogo. Foi honesta:

— Veja bem, como cristã eu preciso saber do corpo do meu marido! Ele precisa ter um túmulo onde eu possa vir rezar pela sua alma! Onde meus filhos também venham rezar por ele! Eu não sei quais os erros que ele cometeu para ter sido torturado e assassinado da forma como foi! A minha vida com

ele era o seu trabalho de fabricante e vendedor de calçados, os nossos filhos e a nossa casa! Nada mais eu sei, mas preciso cumprir minha obrigação de cristã! Foi tudo dito assim de sopetão, aos trancos. Precisava dizer logo tudo. Tomou folego e completou:

— E mais a mais ele não é um indigente, um mendigo! Ele tem família e não pode ficar assim numa vala qualquer! Fez um enorme esforço para não chorar. Conseguiu, mas a palavra indigente quase não saía.

O cozeiro percebeu o desespero dela:

— Olha, moça, nós vivemos aqui no terror! E antes fosse o terror das almas penadas! Mas é de outro terror que eu falo! Desse mesmo que matou seu marido! E eu nunca imaginei que minha profissão pudesse ser tão cheia de perigos! Por favor moça, eu não quero problemas para mim nem para minha família! Já sei de companheiros de profissão que estão passando dificuldades e eu não quero estas confusões para minha vida não!

Ele vai falar. Ela percebeu que toda aquela justificativa, que todo aquele medo sincero exposto assim daria forças para ele falar.

— Eu só preciso saber sim ou não! Você me diz somente sim ou não! Não precisa dizer mais nada!

Encarou o homem que baixou os olhos medrosos. Quando levantou a cabeça percebeu o olhar de súplica de Geni:

— Senhora, disse tirando o chapéu pela

primeira vez, eu tenho família, crianças pequenas e eu não quero me comprometer não! A senhora mesmo sabe como é nos dias de hoje! E mais a mais esse povo vive rondando todo dia e toda hora aqui pelo cemitério, fazendo perguntas, querendo saber quem esteve aqui, a que horas e que dia! Aí, colocou o chapéu e olhou para ela nos olhos. Era um olhar de sofrimento. E disse, quase chorando:

— Querem relatório detalhado e sempre nos ameaçam! Olha, eu estou apavorado com tudo isso!

Geni suspirou aliviada. Sabia que o brutamontes não mentira.

Restava agora o cozeiro falar. E ele falou:

— Senhora, o carro da Caridade veio aqui faz alguns dias e trouxe cinco corpos para serem enterrados na área dos indigentes!

Tomou fôlego, olhou para os lados e continuou, agora, mais assustado ainda:

— Eu nunca procuro saber do que se trata pois aqui na Várzea é sempre bom a gente não saber de nada, mas o motorista disse que se tratava de terroristas...

Baixou ainda mais a voz e quase balbuciando, completou:

— Disse que eram três rapazes e duas moças e que estavam todos estropiados...

**1973. Ditadura, ditadura militar, regime militar, regime autoritário, regime autoritário-burocrático. Estado de Segurança Nacional, Estado totalitário.**

**A república brasileira sangrava em 1973. Quase uma década de mando dos militares. Em 1964 a burguesia pressentiu perigo e deu o golpe. O presidente eleito democraticamente, João Goulart, foi deposto.**

**No Brasil não existe mais eleição para presidente, nem para governador nem para prefeito de capital. Muitos não se curvaram. José Manoel foi um deles.**

## 2. Os marinheiros do Potengi

Um homem parou junto ao portão da pequena vila de quartinhos encravada no Alecrim e ficou ouvindo. Devia ser um homem sensível à poesia, porque parou para ouvir. Ele ia apressado, quem sabe para onde àquela hora da madrugada, mas parou para ouvir José Manoel de voz bem postada, declamando os versos:

“sei que não vou ter rosas nem flores  
ninguém cantará hinos de amores,  
ninguém abraçará o meu caixão!...  
Afinal... Quem sou eu?! Um peregrino...  
No além não soará as badaladas de um sino,  
e ninguém dirá... Hoje, morreu um cristão!”

O homem continuou seu caminho quando ouviu lá de dentro, do corredor estreito e comprido, uma voz mais forte de um homem, que mesmo na penumbra viu tratar-se de um marinheiro:

— Avie, Zezinho! A Marinha precisa de marinheiros e não de poetas! Não é o que sempre diz o capitão?

José Manoel interrompeu a declamação e guardou com cuidado o seu caderno de poesias numa estante improvisada junto à cama e disse sorridente saindo do quartinho:

— Hoje eu estou feliz! Ontem recebi uma carta

da minha mãe! E ontem mesmo fiz esta poesia para ela! Gostou da poesia, Zé Raimundo?

— Hôme! Vamos embora senão chegaremos atrasados! Aperreou-se José Raimundo:

— Vamos deixar a arte para depois! Agora é a obrigação! Nos apresentar, embarcar e levar a santa até a Pedra do Rosário! Completou.

E daquelas casinhas baixas, grudadas como siamesas, ainda no escuro, saíram seis ou sete marinheiros caminhando silenciosamente pela calçada alta, irregular até saltarem um a um para a rua larga de pedras irregulares e escorregadias. Rua íngreme que ia de ponta a ponta da colina que separava o Alecrim da Ribeira. Desceriam até o rio e nos trilhos, seguiriam pela estrada de ferro até a Base dos Fuzileiros Navais, nas Quintas.

E dali, do alto da rua onde estavam aqueles marinheiros naquele momento, descortinava-se o rio, o manguezal, o mar e mais ao longe as dunas que refletiam agora, à primeira claridade, uma tênue linha luminosa no horizonte.

Um pouco mais tarde o rio iria dourar e depois ficaria azul escuro até à tardinha quando voltava a dourar de novo. Era assim que o Potengi sempre fora: um rio dourado e azul escuro. Era assim que ao menos ele, José Manoel, poeta, prenhe de sonhos e vindo do sertão de Pernambuco para ser marinheiro em Natal, via o rio Potengi, o rio grande do norte.

E como José Manoel, eram todos jovens

irrequietos e cheios de esperanças que fugiam dos confins do sertão árido e pobre, da caatinga tirana e começavam a descobrir o mundo: Estocolmo, Amsterdã, Nova Iorque. O mundo para eles já era muito mais que Natal, João Pessoa e Recife.

Vieram atraídos pela propaganda que lhes prometia muito e cumpria pouco. Um dia, seriam oficiais: não seriam. Naquela época, o almirantado buscava jovens que não contestassem a quase escravidão dos navios.

A revolta da Chibata e João Cândido ainda estava muito presente. E eles, jovens sertanejos, estavam lá naquele grande depósito de mão de obra, que se tornara o sertão nordestino, mantidos com as sobras das verbas das campanhas contra a seca, esperando uma oportunidade para sair daquele mundo opressivo do mando dos coronéis, dos empregos de favor, do voto comprado e exigido, dos favores cobrados nas eleições, da falta de perspectiva, da miséria e da humilhação.

Mas estávamos nos sessenta e, no Brasil, falavam-se em mudanças. Havia esperança.

Conversavam pouco, mas tinham muito para falar. Mas àquela hora, naquele dia estavam todos com o pensamento voltado para a festa da padroeira. Não a sagrada, pois deles, poucos tinham fé suficiente para fazer aquilo tudo sem reclamar: acordar mais cedo que o costume e escoltar a santa rio acima desde o cais da Ribeira até o cais da Pedra do Rosário. Assistir a interminável pregação de Dom

Marcolino e sair dali com o rosto queimado pelo sol e com a certeza de que Nossa Senhora da Apresentação era a maioral das santas e com ela se conseguia tudo, ou quase tudo.

Na verdade, o que esses jovens marinheiros aguardavam mesmo e com ansiedade era a festa profana a noite na Praça André de Albuquerque em frente da catedral. A festa das quermesses, das barraquinhas de comidas, das barraquinhas das argolas, dos tiros e das prendas. Das mocinhas bem vestidas e bem perfumadas, moças de família, moças para casar e que vinham do Alecrim, do Baldo, da cidade Alta, das Rocas e até do distante bairro das Quintas e que também aguardavam ansiosas a festa da padroeira.

Caminhavam calados quando viram surgir um automóvel em grande velocidade lá no começo da rua. Logo em seguida ouviram uma freada brusca e o barulho dos pneus arrastando no calçamento por alguns segundos e depois, o baque surdo do choque com alguma coisa. Ouviram gritos de imprecensões e em seguida risadas altas, debochadas.

Viram quando um rapaz e uma moça desceram do automóvel e foram olhar a frente do carro. Avaliavam o estrago. O rapaz gritou um palavrão e a moça deu uma risada escandalosa. Dentro do automóvel riram e gritaram:

— Vamos embora! E logo!

O rapaz e a moça voltaram para o carro que arrancou em grande velocidade. Desceram a rua na

direção dos marinheiros que ainda estavam no meio da rua, embasbacados com todo aquele barulho àquela hora da madrugada.

Edson puxou José Manoel pelo braço em direção à calçada. O veículo vinha em disparada e diminuiu a velocidade passando muito próximo deles. Era um Chevrolet Impala vermelho, novinho, novinho. O cheiro de borracha queimada e gasolina acompanhavam o veículo que levava moças e rapazes excitados e sorridentes.

Passaram gritando insultos contra os marinheiros. Gritavam e sorriam. Vinham de alguma festa e pareciam embriagados.

— Serão as mulheres da Maria Boa? Perguntou um dos marinheiros.

— Não! De maneira nenhuma. Elas são mais honestas! Respondeu outro.

Um marinheiro fez menção de apanhar uma pedra para atirar contra o veículo. Os outros recriminaram e José Raimundo disse:

— Não! Não vale a pena! Amanhã vão dizer que a Marinha do Brasil cometeu um atentado contra jovens indefesos do Tirol...

— Deixa prá lá! Completou.

**3 de outubro de 1960. Varre varre vassourinha... Jânio Quadros venceu a eleição para presidente afirmando que é um homem acima dos Partidos e que vai acabar com a corrupção. Uma parte da burguesia e dos militares não gostavam do Jânio. Eles**

**pensavam em resolver a sucessão de Juscelino de outro modo. Há muitos anos que queriam resolver de outro modo. Diziam que Jânio bebia muito e que também era excêntrico. Afirmavam que ele ia criar problemas.**

**Os americanos também não gostavam, diziam que Jânio não era confiável. Nos Estados Unidos da América, Lincoln Gordon estava sendo preparado para ser embaixador no Brasil.**

### 3. Festa de padroeira

O menino ergueu o rosto assustado, envergonhado, com ar de choro. Estava estendido na calçada, junto ao meio fio e todos olhavam para ele. Era um menino franzino e devia ter uns nove anos. Vestia roupas surradas, grandes para ele e calçava uns Sete Vidas azul, de solado muito gasto, bem lisinho. As pipocas estavam espalhadas ao seu redor, por toda a calçada. A mulher com a qual esbarrara provocando-lhe a queda, não tinha comiseração e gritava histérica, olhando se manchara o seu vestido.

Não fosse este fato, quase normal nas festas das padroeiras, o grupo de marinheiros, talvez dez ao todo não teriam visto as duas mocinhas que passavam naquela hora e que pararam para ver o menino no chão e a mulher histérica que gritava.

E naquele momento em que as duas mocinhas pararam no meio da rua para ver o incidente, dois marinheiros vieram em socorro do menino, levantaram-no e compraram outro saquinho de pipocas. O menino mal agradeceu, saiu envergonhado, olhando para os lados e desapareceu na multidão.

E a conversa dos marinheiros, recostados na barraca da quermesse, passou imediatamente da queda do menino para a mocinha de vestido de bolinhas amarelas, que agora, já não estava mais

ali. Já ia, com sua amiga, dobrando a rua na esquina da catedral, em direção à Avenida Rio Branco em busca do ônibus que as levariam para casa.

Jovens do interior, tímidos, mas descobrindo um mundo que nunca imaginaram existir e cheios de sonhos e esperanças, experimentavam a sensação de algum reconhecimento social naquela festa sagrada e profana, afinal, eram da Marinha do Brasil. Na Marinha, uma contradição tremenda e que parecia estimulada pelos altos escalões. O marinheiro deveria ficar no seu lugar. E seu lugar era embaixo. Se subisse, deveria subir com ele também, toda a pompa e toda glória do almirantado. Afinal, não se buscava oficiais nos confins do sertão brasileiro. Os oficiais tinham origem. Um almirante sempre gostava de frisar isso.

— Dois... três... quatro...

— Ah! Geni! Para com isso que é feio! Reclamou a prima.

Elas estavam agora na praça Padre João Maria e Geni dava as passadas contando alto de acordo com as badaladas do relógio da catedral, sorrindo feliz, numa brincadeira inocente e ainda com aquele gostinho da lembrança de ter sido o centro da atenção dos marinheiros. Não só ela, mas a prima também percebera os olhares compridos dos marinheiros.

O relógio parou na décima badalada e Geni olhou preocupada para a prima:

— Nossa! Dez horas e a gente ainda aqui e

mamãe nem sabe que eu vim nessa festa! Vamos embora depressa!

Desceram até o Cine Rex e ficaram olhando os cartazes dos filmes, mas nem esperaram muito. Apontou na avenida buzinando e com um ronco choroso, vindo lá da Ribeira, o Bossa Nova da Rocas/Quintas, que parecia trazer o povo todinho das Rocas.

No Alecrim, desceu quase todo mundo no Quitandinha. Elas também desceram e caminharam na direção da Avenida Dez. Àquela hora o Alecrim era sempre bem movimentado do povo que voltava para casa. Não andaram muito e foram abordadas por um marinheiro de olhos grandes. Ele foi mais que direto:

— Eu vim porque gostei de você! Disse para Geni com um tom de voz quase autoritário.

A prima não esperou:

— Eu vou indo! Disse, já saindo.

— Não! E mamãe vai dizer o quê se ver você chegar sozinha?

A prima contemporizou:

— Está bem! Eu espero um pouco, mas só um pouco, viu?

— A gente viu quando você subiu no ônibus, mas pensei que você também morava aqui no Alecrim! Disse Geni, agora mais calma.

José Manoel sorriu e cravou os grandes olhos em Geni:

— É, eu moro! Quase todo mundo da Marinha

mora no Alecrim! Os comandantes não, é claro! E então?

— Não sei... mamãe não gosta muito de marinheiros não! Aliás, ela não gosta de homem de farda porque vocês vivem brigando aqui pelo Alecrim! Ela vai reclamar! Eu sei que ela vai reclamar!

José Manoel nem esperou que ela terminasse:

— Amanhã eu venho aqui e falo com sua mãe, com o seu pai e com todo mundo! E depois, apertando sua mão, disse sorrindo:

— Palavra de marinheiro!

Foi um sorriso sincero. Geni sentiu que era sincero.

**1 de janeiro de 1961. Jânio Quadros assumiu a presidência. Condecorou Chê Guevara e os militares ficaram possessos, não todos; a burguesia ficou de cabelo em pé. Os americanos também não gostaram e aprovaram mais verbas para a Escola das Américas. Jânio vai renunciar. Está sendo pressionado para renunciar. 25 de agosto é o dia do Soldado, foi o dia que Jânio renunciou em 1961. Agora, a burguesia, os militares e os americanos não querem que o vice assuma. O vice é João Goulart e foi eleito democraticamente pelo voto livre do povo brasileiro. Preferem outra solução. Há muitos anos que a burguesia brasileira, uma parcela dos militares e os americanos querem outra solução.**

## 4. Um casamento no Alecrim

— E agora que eu não acho a alva!?

— Vai sem alva mesmo! Respondeu o sacristão.

— Bote este sobrepeliz! Completou grosseiro.

— É grande... veja se tem um menor! Pediu quase chorando.

— Tem não! Se vire com este mesmo! Foi a resposta seca e mal educada que ouviu.

— E avie que padre João já vai entrar! O sacristão falou com a maior autoridade do mundo. E o coroinha, menino magrinho e pequenino, vestido com um sobrepeliz sobrando por todo lado, arrastando pelo chão, aperreou-se quando viu que padre João vinha do fundo da sacristia e se dirigia a passos rápidos para a celebração.

— Venha até aqui! Disse rispidamente o sacristão.

— Mas o padre João já vai entrando!

— Preste atenção! “Et introibo ad altare Dei!” disse autoritário o sacristão, esperando a resposta.

— “Ad Deum qui laetificat juventutem meam!” respondeu quase sem fôlego o coroinha correndo para entrar no altar junto com o padre.

Era a tarde de 11 de novembro de 1962 e tinha pouca gente na igreja. Todos ficaram de pé à entrada do sacerdote e do coroinha.

Os noivos já aguardavam no altar. A igreja ficava espremida entre duas ruas que ligavam os bairros

com a estação rodoviária, o porto e a ferrovia. De quando em quando o barulho de um veículo invadia a igreja.

— É Fenemê! Disse o menino de camisa amarela.

— É não! É um Studebeique! Respondeu o outro.

— Quer apostar? Completou, se levantando e encarando o menino de camisa amarela.

— Aposto!

Sentados na escadaria da igreja, haviam fugido da cerimônia de casamento e vadiavam ali fora quando ouviram o ronco surdo de um caminhão que vinha lá da Ribeira e passava pelo Baldo em direção ao Alecrim.

Padre João também ouviu aquele som arrastado ao longe e preocupou-se. Quando chegar na pracinha ninguém ouve mais nada aqui dentro, pensou. E apressou a cerimônia.

Nem esperou a noiva terminar o, “assim como manda a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana”, e acrescentou:

— “Ego conjúgo vos in matrimónio. In nomine Patris, et Fiii, et Spiritus Sancti!”

— Amem! Todos responderam.

No altar, ela e José Manoel pareciam duas crianças. José Manoel num terno escuro e um olhar de esperança, de uma longa vida pela frente na Marinha do Brasil. Geni num vestido branco simples e belo, véu e grinalda, olhava a expressão calma do pai que contrastava com o ar preocupado de sua

mãe. O terno branco de linho, os óculos largos e a calvície bem acentuada dava um ar de segurança ao seu pai. Aquilo lhe confortava.

E se lembrava das conversas com sua mãe. Das demoradas conversas enquanto lavavam a louça e arrumavam a cozinha. A mãe ansiosa lhe enchendo de perguntas, os porquês marinheiros não podiam casar, nem votar e nem andar à paisana. E se aquilo tinha futuro para ela, casar assim e ir para longe.

E ela insistindo que tudo iria dar certo, que se casariam na igreja e depois, no Rio de Janeiro, se casariam no civil e que Zezinho na última carta lhe contara sobre a associação dos marinheiros que estava ficando cada vez mais forte e que logo logo iriam conseguir que os marinheiros pudessem casar como todo mundo, pudessem votar e até eleger um marinheiro deputado e que o soldo iria quase dobrar e eles marinheiros passariam a ser respeitados.

A angústia da mãe era grande.

E dava conselhos: Olha, mantenha o chão da sua casa sempre encerado, e as panelas bem areadas, viu! Seja uma boa dona de casa e não dê motivos para ele reclamar de você!

E todos estes pensamentos vinham agora para Geni, ali no altar, prestes a mudar radicalmente sua vida.

Em seguida padre João aspergiu a água benta nas mãos dos esposos dizendo:

— “Per aquae benedictae aspersionem det vobis omnipotens Deus suam grátiam et benedictiõnem!”

E passou logo para a bênção das alianças.

— “Adjuntórium nostrum in nomine Dómini!”

O barulho do caminhão já começava a atrapalhar a cerimônia.

— “Qui facit caelum et terram!” Respondeu o coroinha com sua voz sumida, presa na garganta.

— “Domine, exáudi oratióem meam!”

Novamente o sacerdote elevou a voz para ser ouvido.

— “Et clamor meus ad te véniat!”

— “Dóminus Vobiscum!” Padre João agora gritava.

— “Et cum spiritu tuo!” Desta vez a voz do coroinha saiu límpida e seus olhos brilharam pela primeira vez em toda a cerimônia.

Tudo foi simples e breve. Demorada apenas para os noivos sempre ansiosos. Interminável mesmo para o pequeno coroinha, que pela primeira vez participava de uma cerimônia como auxiliar do padre João.

Só Geni, que mesmo preocupada com o casamento e a mudança para o Rio de Janeiro no dia seguinte, percebera o desconforto do atrapalhado coroinha, com um cingulo grosso, acima da barriga, prendendo as vestimentas que não haviam sido feitas para ele.

Quando padre João pronunciou:

— “Confirma hoc, Deus, quod operátus es in nobis!”

O coroinha mais que depressa respondeu:

— “A templo sancto tuo, quod est in

Jerusalem!” e sentiu uma alegria como nunca sentira em toda a sua vida. Estava radiante agora. Passaria a vida toda ajudando o padre João em batizados, casamentos e missas.

Por fim, José Manoel cumprira o que prometera há um ano, no dia que conheceu Geni. No segundo encontro eles conversavam numa esquina do Alecrim, quando, um dos irmãos de Geni passou e viu os dois namorando:

— Vou contar para a mamãe que você está com um marinheiro e ela não vai gostar nada disso! Falou e saiu correndo.

Geni aperreou-se:

— É melhor você ir embora e gente se fala depois! Disse assustada para um seguro José Manoel na sua inseparável farda de marinheiro.

José Manoel não teve dúvidas. Pegou Geni pela mão e foi lá na Avenida Dez, na Vila dos Paianazes onde ela morava e falou com o pai, a mãe, os irmãos e até com os vizinhos.

Os dois meses de namoro e a transferência de José Manoel para o Rio de Janeiro foi visto com um certo alívio por sua mãe. Agora eles se esquecem! Disse sem muita esperança para uma vizinha.

**3 de outubro de 1960. João Goulart foi eleito vice-presidente. Jânio, o presidente renunciou, o vice deve assumir. Na democracia é assim. No Brasil dos sessenta, não! A burguesia não quer que João Goulart**

**assuma. Ele fala muito em reformas de base, reclamam. Ameaçam com uma parte dos militares. Parece aquela atitude de atirar o cachorro. O governo agora é parlamentarista, deu tempo do Congresso Nacional mudar as regras. Jango aceitou o jogo, mas, em 1963 num plebiscito, o povo quis Jango como presidente, com todos os poderes. Os militares, uma parte, não gostaram, nem a burguesia. Os americanos dão uma no cravo e outra na ferradura. O cravo é a Aliança para o Progresso, a ferradura é a Escola das Américas.**

## 5. Os marinheiros da Guanabara

— Zeppelim! Era Olavo que falava. Isso mesmo, Zeppelin! Agora me lembrei! Nasci em trinta e cinco e meu pai dizia que neste ano só duas coisas foram importantes para ele, além do meu nascimento, é claro! Ter visto o Zeppelin e os comunistas tomarem o poder na cidade do Natal. Quando ele contava sobre o Zeppelin, parecia que passava um filme. Eu gostava de vê-lo contar sobre o Zeppelin.

Reunidos na embarcação quase todas as noites, olhavam o mar e o cais vazio até a hora em que exaustos, desciam para os beliches do alojamento apertado que fedia a óleo. Dias felizes, esperançosos, ou então, dias tristes, cabisbaixos, enfezados.

Olavo, o mais velho do grupo, continuava nar-rando:

— Estava meu pai e seus companheiros de trabalho da estrada de ferro quando um deles correu e apontou para o céu. Era um charutão enorme que vinha na direção deles. Parecia uma coisa do outro mundo. Correram todos para se esconder na mata, mas o capataz falou que era um balão dirigível que vinha da Alemanha e que ninguém precisava ter medo não. Não se convenceram muito, mas ficaram todos olhando. Meu pai disse que ficou abobalhado, olhando aquela coisa enorme, prateada, reluzente, linda, linda e que não fazia nenhum barulho. Passou bem baixinho e seguiu rumo ao sul. O capataz

anunciou: Vai para o Rio e São Paulo. E eles ficaram olhando até o balão sumir no horizonte. Ninguém mais trabalhou nesse dia. A imagem do balão era muito forte e à noite, quando se reuniram no acampamento depois do jantar, só falaram no Zeppelin, uns dizendo que as pessoas do balão tinham acenado para eles, outros que chegaram a ver uma moça bonita de cabelos compridos e houve até quem viu quando jogaram um lenço branco que foi cair na direção do mar. Meu pai disse que sonhou a noite toda com o Zeppelin e que passaram várias semanas falando no Zeppelin.

Olavo interrompeu a narrativa e ficou pensativo, talvez com a imagem do Zeppelin, tão plástica como seu pai contava. Depois falou:

— Meu pai disse que a vontade dele e dos companheiros depois daquele dia era abandonar tudo e ir para o Rio ou São Paulo!

Eram lembranças, belas lembranças. Cesário, potiguar das caatingas, do Cabugi pedregoso, completou:

— Eu até tenho saudades do tempo que nos reuníamos na pracinha da igreja que ficava na frente da estação do trem. Diziam que o chefe da estação era comunista. Eu nunca fiquei sabendo se ele era ou não comunista, mas tinha medo dele porque o meu avô dizia que os comunistas comiam criancinhas. Aliás, eu tinha um medo danado dos comunistas, dos índios e dos ciganos. A história era bonita e todos prestavam atenção:

— Éramos um grupo grande de rapazes. De cinco até dez, conforme a noite . Ficávamos conversando na pracinha até o trem passar. O trem era um misto com vagões de carga e de passageiros. Passava entre uma e duas horas da manhã. E nós só íamos para casa depois do terceiro apito, quando ele ia saindo da cidade.

Cesário sabia narrar e isso encantava a todos:

— Naquele tempo a gente já achava que as coisas tinham que mudar no Brasil. E todos fazíamos planos para sair daquela cidadezinha e ir para Recife, Rio ou São Paulo. Eu me lembro que todas as noites, adormecia sonhando com o Rio de Janeiro: apartamentos, belas praias e eu num rabo de peixe desfilando com mulheres bonitas, daquelas da capa do Cruzeiro.

— E sobre os comunistas que tomaram Natal, o que seu pai dizia, Olavo? Perguntou um dos marinheiros, assim que Cesário terminou.

Olavo retomou:

— Meu pai dizia que comemoraram muito no dia que souberam, porque os comunistas eram amigos dos cassacos e estavam sempre punindo por eles. Estavam muito afastados da cidade num trecho da ferrovia que estava afundando. Só depois, muito depois que ficou sabendo que no dia que estavam comemorando a vitória dos comunistas em Natal, eles já tinham sido expulsos do poder e estavam sendo presos e torturados.

Todos se calaram pensativos por um bom tem-

po, até que um deles falou:

— Meu tio disse que os comunistas lutam pela reforma agrária, para que todo mundo tenha o seu pedacinho de terra!

— É verdade! Isso é verdade! Confirmou outro se levantando para dar mais ênfase à sua fala. E continuou:

— Lá em Pernambuco faz bastante tempo que o povo luta para ter um pedaço de terra. Agora as Ligas Camponesas do Julião está conseguindo muita coisa!

Outro marinheiro entrevistou. Era paraibano e admirador de Miguel Arraes:

— Não é só o Julião não! A sorte de todo mundo lá é o Arraes, se não fosse ele os usineiros já tinham mandado matar muita gente!

Inácio, um cearense caladão, cismado, finalmente entrevistou, feliz por dizer uma coisa que só ele sabia:

— Lá no Cariri todo mundo diz que Julião vai sempre em Cuba e é grande amigo de Fidel Castro! E completou um tanto eufórico:

— Em Cuba é o povo que está mandando.

Novamente Olavo falou, agora com autoridade:

— É a organização. Sem organização não se consegue nada. Por isso a nossa associação tem que ser forte e vai ser! Temos que pensar no Brasil! Se não fosse a luta pela Petrobrás, o petróleo não seria mais nosso e sim dos americanos que pensam que

são os donos do mundo!

Pedro era gaúcho, saído das serras e criado naquele espírito da nova pátria que alemães e italianos abraçaram quando migraram para o Brasil:

— Eles só pensam isso porque aqui no Brasil tem muita gente que acha que eles são tudo. E se baixa até o chão quando vê um estrangeiro! Por isso que admiro o Brizola. Com ele não tem esse negócio não! Ele sim faz a gente ter orgulho de ser brasileiro!

Olavo lembrou da Tribuna do Mar:

— Amanhã sai o jornal da Associação! Eu sei que a almirantada não vai gostar!

— Precisamos estudar! Agora quem falava era João Neto, sempre tímido, a voz contida, o mais novo da turma. E continuou:

— Aqui, eu vejo que a maioria gosta de ler! Calou-se e parece ter viajado no tempo. Depois retomou:

— A época que mais lí era quando ajudava minha mãe encerar a casa. A gente encerava e depois eu ia espalhando o jornal pela sala e o corredor até chegar na cozinha. Eu colocava uma folha de jornal no assoalho e aí via uma notícia que me interessava e me abaixava e ficava lendo. Minha mãe não se importava, pois se eu estava lendo estava aprendendo alguma coisa. Eu demorava muitas horas nessa leitura. Aprendi muito no Diário de Pernambuco e no Jornal do Comércio.

Olavo empolgou-se e completou, agora já era

um pequeno discurso:

— A Marinha precisa de pessoas com boa formação, só assim seremos respeitados pela sociedade. Pois bem, e agora estamos aqui e queremos casar, votar, eleger-se, estudar, andar à paisana. E nossos pais querem terra para trabalhar e nossos irmãos, escolas e empregos! E tudo está encaminhando para isso. As reformas que o presidente Jango quer fazer é para isso mesmo. Emprego e salário, terras para os camponeses. Haveria mundo melhor que esse, olhando este mar e esta cidade?

Nessa noite todos desceram para os beliches felizes, esperançosos.

**13 de março de 1964. No Rio, no Comício das Reformas que reuniu cerca de 150 mil pessoas, João Goulart anunciou reformas: agrária, eleitoral, universitária, tributária, a revisão da Constituição, o direito de voto do analfabeto, a nacionalização das refinarias, legislação contra aluguéis extorsivos, desapropriação das terras às margens de rodovias, ferrovias e açudes públicos. A população do Brasil era de 80 milhões de pessoas e cerca de 60 milhões apoiavam o presidente. Mais uma vez a burguesia, parte dos militares e os americanos não gostaram. Diziam que as reformas *eram comunistas demais*. Os governadores do Rio, São Paulo e Minas também não gostaram. Prometeram dar o troco.**

## 6. O golpe

— E você ainda não ouviu não? Ligue o rádio que está dando a notícia toda hora. É no Reporter Esso! Estão dizendo que vão prender todos os marinheiros! Era a vizinha da casa da frente, ainda muito cedo, que trazia a notícia. Na quinta feira, esta mesma vizinha já lhe falara sobre o noticiário.

Os marinheiros seriam presos. Foi isso que Geni ouviu no plantão da rádio Mayrink Veiga naquela sexta feira santa, 27 de março de 1964.

Estava no quarto e dava a mamadeira para seu filhinho quando ouviu a chamada da edição extraordinária. O rádio ficava na cozinha. Demorou-se um pouco, mas ainda pode ouvir alguma coisa sobre os marinheiros. Estava preocupada, pois Zezinho não chegava e nem dava notícia. Ficou ali junto do rádio esperando novas notícias.

Zezinho saíra na quarta feira à tarde e ela passara a quinta-feira sem notícia nenhuma, aflita, cuidando do bebê que apresentava sintomas de gripe.

Na quinta feira, pela manhã, a vizinha da frente veio lhe dizer que o Reporter Esso anunciava algum problema com os marinheiros. Geni não dera muita importância, pois sabia que era apenas uma festa da Associação dos Marinheiros no Sindicato dos Metalúrgicos.

Aumentou o volume do rádio para se sobrepor ao choro do bebê que reclamava a mamadeira. Se

era edição extraordinária devia ser alguma coisa importante. Ficou sabendo que iam prender os marinheiros que estavam reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos. O prédio estava cercado pelo exército e o presidente da República João Goulart havia substituído o ministro da Marinha que pedira demissão. O problema parecia grave.

Não conhecia muito bem o Rio de Janeiro. E agora essa notícia da prisão dos marinheiros a deixou muito preocupada. Iria até o Sindicato dos Metalúrgicos, nem que fosse a última coisa que faria na sua vida. Morava longe, na Baixada, em Mesquita. A cidade quase deserta em razão do feriado. Tomou um ônibus e foi se informando pelo caminho. O cobrador sabia dos acontecimentos no Sindicato dos Metalúrgicos. Um primo dele, marinheiro, também estava lá. Ele falou muito preocupado para Geni:

— Moça é coisa muita séria!

Ela queria ter ido àquela festa, afinal fazia muito tempo que não ia numa festa. E ainda mais que Zezinho e o Bicho passaram mais de um mês conversando sobre a festa de aniversário da associação no dia 25 de março. O Bicho, era como Zezinho chamava o sargento José Raimundo, seu amigo conterrâneo que conhecera na Marinha em Natal. E em Natal também já haviam tentado organizar uma associação.

Mas enfim, não podia ir mesmo. Seu primeiro filho só tinha cinco meses e não poderia ficar com outra pessoa. Conformou-se, apesar de sentir uma

vontade enorme quando viu Zezinho sair de casa dizendo que não o esperasse pois a festa terminaria tarde da noite e ele só voltaria no outro dia.

Agora, alí estava naquele ônibus sem saber ainda como chegaria até o Sindicato dos Metalúrgicos. Quando se levantou para descer do ônibus, um senhor de cabelos grisalhos e barba por fazer, alertou-a:

— Moça, se eu fosse você não iria lá no Sindicato não! Nós estamos num pé de guerra. Volte para sua casa!

Ela não disse nada. Baixou a cabeça preocupada, mas iria, mesmo com todo o risco.

Desceu perto de um posto de gasolina e foi caminhando conforme lhe indicaram. Quando entrou na rua Ana Neri, ao longe viu a rua cheia de gente, tomada por caminhões, tanques do exército e soldados armados, que cercavam o prédio do Sindicato dos Metalúrgicos. Ninguém entrava ou saía do prédio. Era a determinação do comandante da operação.

Medo era uma coisa que ela quase nunca sentia, mas vendo aquele aparato militar, estremeceu. O que seria tudo aquilo logo numa simples festa de aniversário da Associação dos Marinheiros?

Passou pelos soldados como se nada existisse. Eles formavam um cordão, isolando o prédio e preparados para invadí-lo. Ouviu um grito:

— Alto!

Nem percebeu que era com ela. Continuou

andando, avançando para o prédio do sindicato. O prédio era grande, muito grande e cheio de janelas e bandeiras hasteadas. As janelas estavam todas ocupadas pelos marinheiros que começaram a acenar para ela, dando vivas e atirando os bonés para a rua e gritando palavras de ordem. Ela olhou para cima, mas não entendeu nada daquilo. Queria apenas falar com o seu marido, saber o que estava acontecendo e quando ele voltaria para casa.

O clima era de muita excitação.

O sargento José Raimundo, postado numa das janelas e também saudando a moça corajosa que ignorara a ordem dos soldados, rompeu a barreira e avançava destemida para o sindicato, gritou para um amigo ao seu lado:

— Nossa! É Geni, a mulher de José Manoel!

Saiu dali e foi à procura do amigo no interior do prédio. Caminhou por entre as centenas de marinheiros que descansavam estirados no chão. Em meio a um grupo que vinha para as janelas, encontrou José Manoel curioso para saber o porquê daquelas manifestações ruidosas.

Quando Geni se aproximou da grade de ferro que dava acesso ao sindicato, foi abordada por alguém que segurou bem firme o seu braço:

— Onde vai criança?

Virou-se e viu que era um militar do exército. Um militar graduado. Devia ser o comandante.

Das janelas, os marinheiros protestaram, iniciando um coro:

— Solta! solta! solta! ...

Geni falou com espontaneidade, explicando-se ao oficial:

— Vim porque ouvi no rádio que vão prender os marinheiros! Vim para falar com meu marido que é cabo da marinha e também está aí nessa festa!

O coronel não duvidou da sua justificativa e apesar de todo aquele clima de nervosismo e beligerancia, foi educado e paciente. Nem considerou o ato de Geni como uma provocação ao batalhão que estava ali com a missão de prender os marinheiros e levá-los para o Quartel de Guardas.

— Vá para casa que seu marido mais tarde estará lá!

— Mas eu quero falar com ele! Eu quero vê-lo!

José Manoel já vinha descendo do prédio e os caminhões do exército já começavam estacionar na frente do sindicato.

Enfim, o governo Goulart havia tomado uma decisão. Os marinheiros seriam levados ao Quartel de Guardas e depois liberados. Seriam anistiados contra o desejo da burguesia e dos militares golpistas que apostavam num banho de sangue alí mesmo no prédio do Sindicato dos Metalúrgicos. O golpe, preparado há muitos anos, agora estava próximo. As lideranças democráticas sentiam o cheiro do golpe no ar.

O encontro de Geni e José Manoel foi rápido e tenso. Abraçaram-se e seguraram o choro. Ela viu

que Zezinho estava apreensivo. Ele quis logo saber do seu filhinho e procurou tranquilizar Geni:

— Aqui, apesar de tudo, está tranquilo. Não faltou nada, pois o povo foi solidário e mandou água e comida. Só estamos cansados. Já tenho notícia que vão nos liberar mais tarde. Vá para casa e me espere, se não for hoje, amanhã no almoço estarei lá.

O comandante da operação deu ordem para os marinheiros embarcarem e José Manoel seguiu com seus companheiros para o caminhão. Geni ficou alí plantada, um nó na garganta e sem entender como uma festa poderia terminar daquela forma.

Ela voltou para Mesquita mais preocupada do que viera. Pensava agora no seu filhinho que deixara com uma vizinha que tinha poucas relações, mas que fora solidária, aceitando ficar com a criança e as duas mamadeiras que preparara.

**19 de março de 1964. Em São Paulo foi realizada a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Organizada pelo IPES [entidade mantida pelos empresários], União Cívica Feminina, parte do clero e das forças armadas, reuniu cerca de 500 mil pessoas. O discurso do deputado Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso Nacional, foi a senha para o comando militar deflagrar o golpe. A República vai sangrar.**

## 7. O marinheiro João Cândido

Os acontecimentos dos dias 25, 26 e 27 de março de 1964 no Sindicato dos Metalúrgicos foram talvez os mais intensos nas vidas daquelas pessoas que participavam da assembléia dos marinheiros.

Durante muito tempo o cabo marinheiro José Manoel iria contar o episódio dos discursos, do hino nacional e dos fuzileiros navais abandonando as armas e se unindo a eles entre choros convulsivos de alegria, medo e incerteza. Tudo foi muito intenso.

Não se tratava apenas de uma reunião festiva para comemorar o segundo aniversário da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Os marinheiros lutavam por direitos bem definidos: o direito de votar e ser votado; o direito de casar, o direito de vestir à paisana, o direito de estudar, o fim da humilhação a que eram submetidos com o Livro de Castigo, que substituiu a chibata nos navios, dentre outros direitos que não podiam exercer em razão da proibição formal ou das dificuldades que a própria Marinha impunha. Enfim, lutavam por melhores condições de vida, lutavam por dignidade.

A festa de aniversário da Associação era um ato político bem organizado e aguardado com ansiedade pelos marinheiros.

Os marinheiros estavam embalados pela conjuntura favorável da grande mobilização popular que no dia 13 de março demonstrara força

excepcional na concentração da Central do Brasil, onde as lideranças políticas, sindicais e estudantis afinaram o discurso a favor das reformas de base: agrária, bancária, universitária, administrativa e eleitoral, cujo ato culminou com um emblemático discurso do presidente João Goulart.

A Associação era tudo para os marinheiros. A doutora Érica Roth fora contratada para reorganizar a Associação, definindo suas funções e atividades. Buscavam elevar a auto-estima dos marinheiros. Criaram brigadas para tirar dos cabarés e bares da zona portuária os marinheiros que andavam por ali, levando-os para a sede da associação, onde teriam uma convivência melhor, com mais dignidade.

Organizaram uma visita à Petrobrás. Buscaram o conagraçamento com marinheiros de outros países, de passagem pelo Rio. Organizaram passeios para as cidades do interior; organizaram bibliotecas, criaram um setor de saúde e de apoio social, enfim queriam elevar o conceito dos marinheiros junto à sociedade.

Não queriam mais que a população tivesse aquela idéia de marinheiro brigão, causador de confusões e mal educados. Todos estes fatores levaram os marinheiros a despertar a consciência sobre o seu papel na sociedade e qual a sociedade que queriam.

Mas, parece que a oficialidade, ao menos uma parte dela, não via tudo isso com bons olhos. A

impressão é que para eles os marinheiros e os fuzileiros deveriam ser estúpidos, como devem ser todos os subalternos. Que não deviam discutir uma determinação superior, apenas acatar. E à medida que a Associação crescia e tomava corpo e reconhecimento social, as punições aos diretores e associados se multiplicavam, sem nenhum motivo real. Ou então, alegavam qualquer motivo de indisciplina e puniam.

Com a intenção de reunir um número expressivo de marinheiros e convidados de outros sindicatos, partidos políticos e associações estudantis, e dar mais um passo para a consolidação da Associação, escolheram como local da festa de aniversário a sede do Sindicato dos Metalúrgicos que era grande e bem localizada.

Estavam lá os representantes do Governo brasileiro, Max da Costa, representando o Presidente da República e o Ministro do Trabalho, Amaury Silva; Osvaldo Pacheco e Dante Pelacani da Confederação Geral dos Trabalhadores; o deputado Hércules Correa, um comunista eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro; dirigentes da União Nacional do Estudantes; representantes de Associações Femininas e muitos outros convidados ilustres que davam apoio aos marinheiros e lutavam por um Brasil livre das amarras do capital estrangeiro e com mais justiça social.

O clima político nesse momento era de incitação. Perigosa incitação. A burguesia e os

militares entreguistas, histéricos com a política externa de total independência do presidente Jânio Quadros, pressionaram-o, levando-o à renúncia. Depois, tentaram dar o golpe, impedindo que João Goulart, o vice-presidente eleito democraticamente, assumisse a presidência. No plano externo dominava a guerra fria e os golpistas internos e externos, não perdoavam o fato de Jânio Quadros ter condecorado Ernesto Chê Guevara.

Agora, viam o cargo de presidente ocupado por um nacionalista das hostes getulistas. Era muito para eles que há vários anos tramavam, com o apoio norte-americano, um golpe contra a democracia no Brasil.

As reformas anunciadas pelo presidente João Goulart era o assunto que dominava as conversas do povo. Só se falava no discurso do presidente Jango no comício na Central do Brasil, onde comprometera-se com as esperadas reformas de base, contemplando a reforma agrária, a reforma na educação e o controle na remessa de lucros das empresas estrangeiras, dentre outras mudanças sociais e econômicas propostas.

Nessa conjuntura amplamente favorável das reformas anunciadas, a perseguição implacável e a intransigência do almirantado contra os marinheiros levava ao acirramento das posições. Os marinheiros perceberam que o momento era propício para avançar e viam que seus anseios eram os mesmos dos demais trabalhadores brasileiros.

O Ministério da Marinha fez de tudo para impedir a festa. Os fatos, todos os fatos ocorridos nos dias anteriores ao 25 de março de 1964, conspiravam contra os marinheiros. A decretação das prisões dos membros da diretoria da associação, as perseguições nos navios e até o episódio covarde, quando metralharam marinheiros desarmados que iam para a reunião na manhã do dia 26, eram atos de provocações do almirantado daquela época.

Do dia 25 para a madrugada do dia 26 o movimento foi tomando outra proporção. A cada momento novas notícias chegavam até à assembléia provocando mais revolta nos marinheiros. Havia um clima de excitação muito grande.

A reunião prevista para terminar cedo, transformou-se num ato de protesto e numa assembléia permanente, com discursos calorosos dos marinheiros e de lideranças políticas, estudantis e de outros trabalhadores que estavam ali em solidariedade aos marinheiros.

E o Conselho do Almirantado constatava agora que a Marinha errara no recrutamento. Foram atrás dos jovens broncos dos campos do sul e dos estúpidos nordestinos da caatinga para burros de carga. Queriam homens que baixassem a cabeça e não reclamassem de nada. Trouxeram homens honestos e inteligentes e com o gérmen da revolta contra a situação de miséria que viviam nos sertões do país. Trouxeram valorosos patriotas e trabalhadores, mas não trouxeram covardes.

O jornal a Tribuna do Mar, elaborado pelos marinheiros não deixava dúvidas: eles eram muito mais do que o almirantado queria.

Os marinheiros falavam com o coração e toda a revolta contra o massacre moral e a humilhação a que estavam submetidos, explodiu naquele ato político. E ali, junto com eles naquela assembléia, um emblema: João Candido.

O velho marinheiro levantou os olhos cansados e emocionou-se. Há muitos anos não sentia uma emoção tão forte como aquela. Centenas de companheiros, de pé, aplaudindo e gritando vivas para ele. Alguns, mais exaltados, gritavam palavras de ordem. Outros atiravam seus bonés para cima.

E lembrou da sua luta e de seus companheiros, há mais de meio século, contra aquela mesma opressão, contra o castigo medieval aplicado aos marinheiros: a chibata. O castigo físico que não existia mais, custara a vida de vários marinheiros, só João Cândido conseguiu escapar da masmorra cruel a que foram submetidos. Depois, montaram uma farsa para expulsá-lo da Marinha. Sobreviveu vendendo peixe na praça da República. Nunca esmoreceu e agora estava ali recebendo aquela justa homenagem dos seus companheiros. Ele ainda acenou várias vezes para os marinheiros e depois sentou-se. Sua expressão era de felicidade. Talvez poucas vezes em toda sua vida sentira-se tão feliz como naquele momento. João Cândido tinha consciência daquela mobilização . Não era só a

Marinha, mas o Brasil também precisava das reformas.

**10 de abril de 1964. A edição extra da revista O Cruzeiro, resumiu assim o golpe militar:**

**Em Minas, no dia 30 de março de 1964, o comandante da Base Aérea de BH foi chamado ao Palácio da Liberdade pelo governador Magalhães Pinto que expõe ao oficial seus planos e em 1º de abril, usando uma cadeia de rádio e televisão, fez sua proclamação como chefe vitorioso da revolução.**

**Em São Paulo no dia 31 de março de 1964, o governador Adhemar de Barros se reuniu com o deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara Federal e disse que não existia mais o regime federativo no país. Em 1º de abril, à tarde ele disse que “com o Exército, a Marinha, a Aeronáutica e a Força Pública e com o apoio de todas as suas classes sociais, ressurgem o São Paulo eterno para a eternidade do Brasil”.**

**O General Aldévio disse que o movimento já estava previsto nos planos Alvorada, Eclipse e Boreal que foram elaborados por uma equipe de estrategistas em 1963.**

**No Estado da Guanabara em 31 de março de 1964, o governador Carlos Lacerda mandou prender todos os líderes sindicais.**

**Para a revista, a figura central do golpe, que eles chamaram de revolução foi o general Castello Branco, chefe do Estado Maior do exército. A ditadura**

**estava implantada. Sangraram a República.  
Nem foi preciso acionar a Operação Brother Sam. O  
embaixador norte-americano no Brasil, Lincon  
Gordon, comemorou.**

## 8. Um dia de fuga no Rio de Janeiro

As bonequinhas caíram no chão. Geni ficou entre alegre e surpresa quando viu as três bonequinhas de pano caírem no chão. Fazia muito tempo que as procurava. Agora, quando menos esperava, elas apareceram ali enfiadas no guarda-roupa. Fora buscar uma toalha de mesa, presente da sua mãe e que nunca usara, e quando puxou a toalha vieram junto as três bonequinhas de pano.

Ela fechou a porta do guarda-roupa, apanhou as bonequinhas e ficou brincando, recordando o tempo que brincava com elas lá no bairro de Areia Branca, em Nova Iguaçu, na primeira casa que moraram no Rio de Janeiro. A estação do trem, igualzinha a da Ribeira em Natal. A casa com um quintal enorme, onde criava coelhos e brincava com suas bonecas, bruxinhas de pano que trouxera de Natal. Estendia sua infância no Rio de Janeiro, enganando o tempo que passava sozinha, pois Zezinho tomava o trem das quatro da manhã para o centro do Rio e só voltava à noite para o jantar. Era marinheiro na Ilha do Governador.

Agora, morando em Mesquita e com o filho pequeno para cuidar, nunca mais pode brincar e até esquecera as bonequinhas. Zezinho, agora promovido a cabo paioleiro, continuava voltando só para o jantar.

Apanhou a toalha e foi arrumar a mesa do

almoço. Era sábado 28 de março de 1964. Ele prometera que viria para o almoço. No dia anterior, todos aqueles acontecimentos no Sindicato dos Metalúrgicos, a deixaram preocupada com a situação de Zezinho e dos seus amigos marinheiros.

Lembrava-se dos acontecimentos sem entender o porquê deles. Precisava conversar mais com Zezinho, prestar mais atenção no que ele falava e saber mais sobre a Associação dos Marinheiros.

Recordava-se do quanto ele gostava da Marinha, da Associação e do jornal dos marinheiros, a Tribuna do Mar. Estava bem vivo para ela a lembrança daquele dia de março de 1963, quando ele chegou orgulhoso em casa declamando:

“[...] Lugar de destaque nos banquetes,  
Habitar em suntuosos palacetes,  
Espoliando o povo que agoniza?  
Não quero! Prefiro o convés frio do navio,  
Onde nas noites serenas de estio,  
Eu me confundo com o silvar da brisa”.

Uma enorme felicidade e na mão, o jornal que publicara sua poesia. E com que emoção declamava:

“É porque, mar, vento, céu, terra,  
Um marujo, não foge a guerra!  
Sempre que a pátria reclama,  
Deixa tudo, vai embora, se ufana,

De ser matuto-brejeiro.  
E nos palcos da batalha.  
Tem por honra e mortalha  
A farda de marinheiro!”

E como, quase sem voz a abraçara, beijara-a e lhe dizia que seus filhos viveriam num país melhor, sem miséria e teriam orgulho de sua terra.

Suas conversas com José Raimundo eram intermináveis. O sargento da Marinha José Raimundo, um pernambucano valente e solidário e um dos grandes amigos de Zezinho, que sempre ia à sua casa para estudar ou conversar. E sempre que José Raimundo chegava com um sorriso bondoso no rosto e carregado de livros, Zezinho pedia:

— Geni, faça um café para o Bicho!

José Raimundo ia direto para um quartinho, uma espécie de edícula no fundo do quintal e ali passava horas e horas estudando.

Geni pensava no quanto sua vida mudara em pouco tempo. Saíra de Natal, uma cidade pequena se comparada ao Rio, casara e agora já tinha um filho que sua mãe e seu pai ainda nem conheciam. E agora preocupada ouvindo as notícias no rádio. Prisões, invasões, bombas, tiros, movimentação de tropas. E a culpa de tudo aquilo, de acordo com os noticiários, eram os marinheiros.

José Manoel só chegou na segunda-feira, dia 30 pela manhã. Chegou num taxi e com uma passagem de avião na mão.

— Dei baixa na marinha e vamos voltar para Natal. Arrume as malas que o taxi está aí fora esperando. Foi só o que disse.

Geni apressou-se na arrumação das malas. Ela não entendia nada daquilo. Não dava tempo de entender.

— Pegue só nossas roupas! As outras coisas deixe que eu levo!

— E eu vou só com nosso filho? Perguntou assustada.

— Vai sim! Eu vou depois! José Manoel respondeu com segurança.

Quando foi saindo da casa, Geni olhou pela última vez para a castiçal da sala. Planejara levá-lo de presente para sua mãe quando fosse para Natal. Era uma peça bonita, com 18 lâmpadas pequenas. José Manoel comprara há pouco tempo.

— E o resto das coisas Zezinho, os móveis, a cozinha...esse castiçal que eu queria levar para mamãe? Foi só o que perguntou.

— José Manoel foi um tanto ríspido: Eu vou ficar mais um dia para resolver tudo e entregar a casa!

Estava com o bebê no colo, pegou a bolsa com a mamadeira e as fraldas e seguiu Zezinho que já colocava as malas no táxi que a levaria para o aeroporto. Emocionada com aquela atribulação, não compreendia ou não havia parado para pensar naquilo tudo.

No caminho para o Aeroporto ouviu a

conversa entre Zezinho e José Raimundo. Eles estavam tensos. Haviam tentado voltar para os navios e foram recebidos à bala.

Ouviu muito bem quando José Raimundo disse que Ozéas havia levado um tiro na perna quando tentara voltar para o navio.

Ela conhecia Ozéas desde Natal. Ozéas era magro, muito magro e branquelo dos cabelos avermelhados. Ele era do interior do Paraná e morava no navio. Tinha apenas um armário alugado numa casa em frente ao porto onde guardava uma roupa de paisano para trocar quando andava pela cidade.

Ela ouviu José Raimundo narrar o episódio:  
— Então o Ozéas disse: “Vim para dormir!”  
O oficial atirou nele e o tiro pegou na perna e ele caiu. Aí o oficial disse: “Vai dormir no inferno, comunista filho da puta!” Depois, vieram e levaram ele para o hospital. Ficou preso!

**10 de abril de 1964. Todos falaram com exclusividade para a revista O Cruzeiro. Todos, após o golpe, são: Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais; Adhemar de Barros, governador de São Paulo e Carlos Lacerda, governador da Guanabara. Magalhães Pinto, disse que “o movimento restaurador da legalidade, que Minas tomou a iniciativa e a responsabilidade de desencadear, com o apoio de todos os brasileiros, em breve estará concluído com a formação de um Govêrno em condições de promover**

**a paz, o desenvolvimento nacional e a justiça social”. Adhemar de Barros disse que “agora caçaremos os comunistas por todos os lados do País. Não deporemos armas enquanto não expulsarmos toda a canalha vermelha”. Carlos Lacerda disse que “o senhor João Goulart jurou fidelidade ao Parlamentarismo, para logo em seguida impor o plebiscito, e todo o povo votou”. Ele, Lacerda, não votou!**

## 9. Abril de 1964 em Natal

Um jipe do exército vindo do centro entrou na Avenida Duque de Caxias em alta velocidade e na esquina do prédio da alfândega fez o retorno quase na mesma velocidade e depois veio bem devagar, aos solavancos, o motor quase estancando.

Os dois oficiais que estavam no jipe passaram olhando as pessoas nas calçadas. José Manoel afastou-se da pequena mala, empurrando-a com o pé para junto da parede. Prendeu a respiração e se preparou para o pior.

O jipe parou um pouco à frente, bem no meio da rua, atrapalhando o trânsito e um dos oficiais desceu, entrou num bar e depois de algum tempo, voltou e foi embora. Bem próximo, haviam barricadas na rua que dava acesso ao porto de Natal.

Depois passou um caminhão do exército com soldados armados na carroceria e José Manoel que estava cada vez mais tenso, olhava a todo instante para o começo da rua esperando a volta de José Raimundo.

Sentou-se na calçada alta do Banco do Brasil, as roupas fedendo a suor, amedrontado com o vai e vem dos veículos do exército que cruzavam a todo momento a Ribeira. Nem acreditou quando viu, ao longe, atravessando a avenida em sua direção, um dos seus cunhados.

Ele vinha da praia do Forte com a intenção de

resolver alguns problemas no escritório da transportadora da família, que ficava num prediozinho espremido entre outros da Rua Doutor Barata, uma rua estreita que ligava o cais da Ribeira ao largo da estação rodoviária.

Era domingo de manhã e havia pouca gente na rua. Até os bares da região, que não fechavam nunca, estavam quase todos fechados. O povo brasileiro começava a respirar o ar pesado da ditadura.

Assustou-se quando percebeu que era mesmo José Manoel. Como era improvável encontrá-lo àquela hora, naquele dia e naquele lugar, quando se aproximou e teve certeza, levou um grande susto.

— Não me restou outro caminho senão fugir! Se voltássemos aos navios seríamos mortos! Abriram os processos contra todos nós e a acusação é de crime hediondo! Foi uma debandada geral dos marinheiros, uma dispersão! Ninguém sabia o que fazer e nem para onde fugir! Disse José Manoel aperreado, antes mesmo de cumprimentar o cunhado.

E narrou o seu drama, da reunião dos marinheiros no Sindicato dos Metalúrgicos no dia 25 de março até sua fuga para Natal e o medo de ser preso. A presença em massa dos marinheiros na reunião da Associação. A reação do almirantado que via tudo aquilo como insubordinação e decretara a prontidão rigorosa no dia 26 para recolher todos aos navios e prejudicar o movimento. E depois, a ordem de prisão, a reação dos

marinheiros e a solidariedade dos fuzileiros navais que haviam sido enviados para reprimir a assembléia, mas se juntaram a eles. E tudo o que se seguiu depois com o golpe militar, a prisão dos que participaram do movimento e a fuga dos companheiros em desespero, sem nem mesmo saber para onde fugiriam.

Agora, aguardava José Raimundo, seu companheiro de luta, que fora no Alecrim em busca de ajuda. Ficaram ali pouco tempo, pois logo surgiu José Raimundo em pânico, contando que o Alecrim estava tomado pelos fuzileiros navais.

A ditadura irrompera no dia primeiro de abril. Em Natal, a movimentação maior que se via era do exército, cujos veículos se deslocavam de um lado para outro da cidade com as sirenes ligadas e caminhões de soldados armados com fuzís. De quando em quando um avião militar surgia no céu em voo rasante.

A cidade estava toda tomada pelos militares. Já havia muita gente presa: as lideranças políticas, sindicais e estudantis, jornalistas, professores, funcionários dos Correios, outros da Rede Ferroviária e todos os que participavam da “Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler”, do educador Paulo Freire.

O exército invadira a prefeitura e depusera o prefeito. Buscavam montar uma farsa para incriminar por corrupção o prefeito Djalma Maranhão, um dos poucos homens íntegros na história política do Rio Grande do Norte.

O governador Aluisio Alves aderiu logo nas primeiras horas aos golpistas. Para o governador, importante não era a defesa da legalidade democrática, mas o respeito às forças armadas, que representava o grupo que levara Getulio Vargas ao suicídio e pusera obstáculos à posse de Juscelino e de João Goulart, tudo sob a supervisão do imperialismo norte-americano.

Nervosos e impacientes viram quando dois caminhões do exército, apinhados de soldados armados, cruzaram a avenida em direção ao cais.

— Parece que o exército vai ocupar toda a Ribeira! É melhor a gente sair daqui! Falou José Manoel um tanto preocupado.

Seu cunhado sugeriu que fossem para o escritório da transportadora:

— Deixo vocês lá e vou conversar com papai para ver o que podemos fazer!

Não havia quase ninguém na rua. O prédio ficava perto dali e era bem simples. Na fachada uma pequena placa identificava a transportadora. Eles foram até o prédio e subiram para o primeiro andar. Das poucas coisas que traziam nas bolsas, Zezinho tirou o panfleto do 13 de março na Central do Brasil e comentou com José Raimundo:

— Veja só , Bicho, eu nunca me emocionei tanto na minha vida como nesse dia treze de março. E tudo o que foi dito ali, por todos os que discursaram, dava-me a esperança de que tínhamos um Brasil melhor! E agora, o que vamos fazer?

Depois, tirou outro panfleto e mostrou para José Raimundo:

— Você já tinha lido esta patifaria aqui?

José Raimundo pegou o panfleto da mão de Zezinho, leu e disse:

— Não se podia esperar outra coisa desse deputado Amaral Peixoto, ele sempre serviu de tapete para o almirantado!

Depois, José Manoel tirou da mala o rádio Philco, novinho, novinho. Foi a última coisa que comprou no Rio de Janeiro antes da fuga.

José Raimundo examinou o rádio:

— É de quantas pilhas?

— Seis pilhas, oito faixas e dez transistores.

Parece que é bom! respondeu José Manoel, ligando o rádio.

Ficaram ouvindo as notícias do golpe militar. As rádios de Natal ainda comentavam a “Marcha da Família, com Deus pela Liberdade” realizada no dia 7 de abril, elogiando a participação dos militares, dos próceres da igreja e do empresariado potiguar.

José Raimundo comentou:

— Veja como são as coisas. Centenas de militares legalistas que não aprovaram o golpe, o presidente Goulart prestes a mudar o rumo do nosso país e com uma grande aprovação popular, reconhecido até pelas pesquisas, recua e foge e nos deixa assim sem suporte! E o Brizola? Segundo dizem, foi o próprio presidente que pediu que ele não reagisse! Eles não queriam sangue! Bem diferente

dessa linha dura que há muitos anos quer tomar o poder pela força!

José Manoel baixou o volume do rádio e falou:

— Esse povo tá doido pra ver sangue! Eles nunca aceitaram o plebiscito! Eles queriam um presidente João Goulart sem poder! Abreu Sodré, Ademar, Magalhães Pinto, Lacerda, são mesmo como disse o presidente, são os democratas anti-povo, anti-reformas! São os democratas dos monopólios e dos privilégios, são os sabujos dos Estados Unidos!

José Raimundo completou:

— Como é possível eles falarem na Constituição quando dão um golpe contra um governo eleito democraticamente pelo voto? Caiu a máscara! Agora, caiu mesmo a máscara! Não tem outro nome não! É ditadura mesmo! E continuou:

— E agora nós fazemos parte daquilo que o capitão vivia dizendo: inimigos internos! Somos mesmos os inimigos internos?

José Manoel olhou para José Raimundo e disse:

— Escolhemos o nosso campo que é do lado do povo! Forças armadas é para defender o povo e não para defender os interesses dos mais ricos!

**9 de abril de 1964. A junta militar edita o Ato Institucional nº 1 para dizer que “o movimento é civil militar e é uma autêntica revolução no interesse e vontade da nação”, por isso, “é o poder constituinte e se legitima por si mesmo”.**

## 10. Itapissuma

A camioneta entrou na curva em grande velocidade. Mal deu tempo do motorista desviar da carroça parada na estradinha. Apertados na cabine foram jogados uns contra os outros. A carroça estava metade no mato e metade na estrada. O motorista aprumou o carro e soltou um palavrão:

— Cacête! Aqui é assim, esse povo não tem nenhuma responsabilidade, depois a gente atropela e tem de responder inquérito! Falou com raiva, endireitando o corpo, trocando a marcha, reduzindo a velocidade, quase parando e se recompondo do susto.

Outra curva e a porteira. Nem era mais estrada, era um caminho de pouco movimento. Se via mesmo. A mata era alta e fechada e as imbaúbas dominavam a paisagem.

Zé de Antão, o motorista, freiou junto da porteira e disse:

— Pronto! É aqui! Era um vale suave e à direita começava um canavial que sumia de vista. Passaram a porteira e já avistaram uma casa grande com varandas, o curral, as pocilgas, os galinheiros, tudo junto. Mais ao fundo a casa do morador e mais à frente um grande coqueiral, mangueiras, goiabeiras, cajueiros e mais ao longe um bananal que descia para as margens de um pequeno rio no fundo do vale.

Desceram e olharam espantados. Não tanto pela geografia, bem familiar para os dois amigos, afinal estavam na sua terra. O que os espantava era inusitado de tudo aquilo. Há poucos dias no rugeruge do Rio de Janeiro e vendo o mar a toda hora e agora alí, sem uma viva alma por perto, sem gente, sem carros, sem buzinas, sem navios e mar. Nada de montanhas. Retornar assim de sopetão, sem planejar nada e ainda mais fugitivos procurados pela Marinha.

— Vizinhos? Perguntou José Manoel.

— Por trás desta matinha mora seu Antonio. Vizinho bom e prestativo. Tem mulher e oito filhos tudo trabalhando na terra. Quem respondeu foi Sebastião, o único trabalhador do sítio e que morava na casinha ao fundo, com a mulher e um menino pequeno. Tão logo ouvira o barulho do carro correu para abrir a porteira e receber os visitantes, atencioso, explicando tudo, informando, alertando.

Uns sanhaços cantaram nas imbaúbas. Canto longo, floreado. Pararam para ouvir pois há muito não ouviam canto de passarinho, assim, selvagem. Os amigos se entreolharam e sentiram: começou o exílio. Começava alí naquela cantoria dos sanhaços.

E assim, os dois marinheiros completaram sua fuga, retomada em Natal quando o sogro de Jose Manoel chegou na segunda de manhã com a boa nova:

— Vocês vão amanhã para Pernambuco! Para Itapissuma!

Eles já estavam desesperados sem saber direito o que fariam e para onde iriam. Deixar Natal era a única certeza que eles tinham, pois seria um dos primeiros lugares que iriam procurá-los. Eles, como membros da diretoria da Associação já estavam sendo perseguidos pela ditadura.

— Já está tudo combinado! Disse o sogro de José Manoel e continuou:

— Vocês descem em Igarassu e vai estar lá uma camioneta Ford azul e branca! O nome do motorista é Zé de Antão e vocês estão indo para lá para arrendar a propriedade do Medeiros! É um sítio em Itapissuma! Até acalmarem as coisas vocês ficam lá, depois a gente vê o que vai fazer!

Por fim, surgia uma saída. José Manoel e José Raimundo sentiram um pouco mais de alento uma vez que quase não dormiam, angustiados com o que pudesse acontecer com eles, com os seus companheiros e com seus familiares, pois a repressão prometia ser feroz, principalmente contra os marinheiros.

Geni viajou para Itapissuma alguns dias depois. Da vida no Rio de Janeiro não restara nada. Agora era candieiros, lamparinas e água de poço. Os hábitos mudando para se acostumar com aquela vida de exilado na própria terra. Para quem estava acostumado com energia elétrica e água encanada, não era nada fácil. Foram se adaptando, apesar das dificuldades.

— O carro do leite passa às seis. São dois tam-

bores de vinte e cinco. Eles querem que a gente deixe na porteira! Era Sebastião que orientava. Eram trabalhos que eles conheciam, mas não faziam há muitos anos. Ficaram trabalhando, cuidando do gado, dos porcos, das galinhas. Plantavam inhame, muito inhame. Os caminhões vinham buscar e saíam abarrotados. Foram se acostumando com os sons do lugar. Conheciam os barulhos dos veículos que passavam por ali. Qualquer som diferente, vinha a angústia e o medo. Vida de fugitivo. E Sebastião não podia saber. Inventaram uma história de briga de família. Eram muitas no sertão e ficava mais fácil justificar. Uma vida difícil de sobressaltos e incertezas.

Agora eram noites mais longas. Lamparinas e candeeiros e a conversa curta na varanda. Nada de sábados, domingos e feriados. Dias todos iguais. Sebastião vinha com a mulher e o menino que dormia logo no chão da varanda junto da cadeira do pai. As conversas variadas, chuvas, secas, rios que transbordavam, safras boas e ruins, gado, bezerras e vacas leiteiras. De tudo um pouco. A boa safra do inhame: um milagre de Nossa Senhora do Amparo. “Santa boa sem igual”! Falava Sebastião, fazendo o sinal da cruz e tirando o chapéu.

As notícias chegavam pelo rádio. Pelo meio do ano de 64 começaram a falar nas punições aos marinhaeiros. Falavam em cinco, dez, vinte anos de prisão pelos inquéritos instalados pelo Cenimar.

Um dia Geni ouviu bem que falavam em mais

de 1.500 marinheiros condenados. Ficou preocupada. Zezinho e Zé Raimundo na roça de inhame. Passou o dia todo com aquele nó na garganta. À noite, na varanda e depois que Sebastião e a mulher foram embora, falou:

— A notícia é que a Marinha vai aguardar a apresentação voluntária dos marinheiros para o cumprimento da pena!

E falou mais:

— Vai expedir os mandados de prisão para todas as Delegacias de Polícia!

E mais ainda:

— Estão enviando notas para todas as empresas não empregar marinheiros! Vão cortar os empréstimos das que desobedecerem!

— Estamos emparedados! Disse José Raimundo.

— Estamos! Concordou Zezinho.

A chuva começara pela noitinha, entrou pela madrugada e àquela hora, quase seis, continuava, ora forte, ora fraquinha. Fizera até frio de madrugada. Deixaram os tambores de leite na porteira e retornaram para o curral. Um jipe parou junto da porteira quase sem fazer barulho parecendo mesmo vir com o motor desligado. Não era o carro do leite, viram logo que não era. Foram buscar refúgio ali pelo curral e mandaram Sebastião ver o que era. Ele voltou assustado.

— É a polícia! Disse finalmente. Procuram desde ontem um sujeito que esfaqueou um vereador lá

por Igarassu! A informação é que o sujeito fugiu para este lado. O homem está de camisa amarela, calça preta e usa chapéu!

Era madrugada e o bebezinho chorou. Ela levantou e trocou a fralda. Sequinho e o choro acalmado, adormeceu logo. Ela apagou a lamparina e acomodou-se na cama. Na porta uma claridade que não era de candeeiro e nem luz elétrica. Na claridade, surgiu assim do nada um rapaz bonito, cabeça comprida, cabelos curtos, um terço na mão, um sorriso terno e um olhar tranquilo e lhe disse:

— Aqui voce está guardada! Bem guardada! Não tenha receio!

Não deu nem tempo de ficar com medo. O homem desapareceu junto com a claridade. Ela ficou ali abobalhada e acordou José Manoel. Ele levantou, acendeu a lamparina e foi até a porta, olhou o quarto todo e voltou para a cama.

— Foi um bom aviso, durma tranquila! Foi só o que disse e adormeceu em seguida.

Depois, ela ficou sabendo que um jovem daquele lugar havia morrido queimado num acidente de carro. Era ele. Quando soube da história teve certeza que era ele. Era preciso que alguém confirmasse que estavam seguros naquele lugar.

Em outubro José Raimundo foi ao Recife e voltou desanimado:

— É pior do que imaginamos! Disse quase prostado. Passara três dias telefonando para o Rio de Janeiro, buscando contato e recebendo negati-

vas. Telefone desligado na cara assim que se identificava. Medo, muito medo. Ligações que não completavam, Não é mais aqui não! Não conheço essa pessoa! Viajou! Mudou-se e não deixou endereço! Mas por fim, alguém que se propôs a dar notícias e manter contato.

José Raimundo continuava falando:

— Sabe como a ditadura está justificando o golpe? Dizem que havia um complô, um golpe comunista com a invasão dos russos que iriam dividir as propriedades e as mulheres, que agora seriam de todos! As crianças seriam mandadas para estudar longe, bem longe das famílias. Brizola era o comandante do golpe e Julião e Arrais os sub-comandantes. João Goulart era pau-mandado do Brizola que era quem mandava de fato. E dizem mais: Fizemos a revolução antes dos comunistas dar o golpe, pois o Prestes já se preparava para invadir o país com os russos! É toda essa patifaria! completou José Raimundo, baixando a cabeça e demonstrando uma grande revolta.

— Debandada geral dos marinheiros! Disse José Raimundo e continuou:

— Muitos foram presos. Estão falando num movimento a partir do Uruguai, comandado pelo Brizola, aquela história do MRN. Me falaram também que o Julião está organizando uma resistência. A palavra de ordem é organizar a luta armada. Fomos pegos de surpresa e é preciso organizar a luta com urgência. Empresários e militares não se en-

tendem, eles estão divididos. O momento é propício, o povo já não está apoiando a ditadura como antes!

E agora o pior! Falou impaciente, revoltado com tudo aquilo:

— Saiu a nossa condenação no dia 30 de setembro, o ato é de número 365. E olha que o cinco sempre foi o meu número de sorte! Sorriu José Raimundo. Um sorriso de asco.

Mudaram de assunto quando Sebastião aproximou-se. Estavam sob as mangueiras que prometiam uma safra e tanto.

Seguia a vida de muito trabalho e Geni não suportava mais aquele exílio forçado. Mais de um ano afundada ali naquele sítio longe de tudo e de todos. Um dia, tomou uma decisão:

— Vim porque não aguento mais e eu sei que Zezinho nunca viria aqui pedir nada para vocês, não é orgulho não, mas ele acha que poderá trazer problemas! A Marinha continua perseguindo ele! Era Geni na casa dos sogros em Toritama.

Nunca tinha ido a Toritama, mas foi. Caminhou a pé pela estradinha até atingir a estrada principal. Tomou o onibus e desceu ao lado da delegacia de polícia e perguntou para um soldado onde morava Manoel da Santa.

Manoel da Santa nem discutiu. No outro dia pegou o caminhão e foram lá buscar a mudança. Ficaram em Toritama. José Manoel ficou trabalhando no caminhão, transportando cana em Palmeiras

dos Índios. Depois da safra, ficou dirigindo a Rural Willis do pai, levando passageiros para Caruaru.

— Se a Marinha vai prendê-lo, que venha prender aqui na minha casa e que diga qual foi o seu crime e se é crime querer o bem do nosso país! Foi o que disse o pai.

**10 de abril de 1964. O Ato Institucional da ditadura cassou os direitos políticos de vários cidadãos, dentre eles o deputado Leonel Brizola, um dos prováveis candidatos à sucessão de João Goulart. Os outros prováveis candidatos eram Carlos Lacerda, governador da Guanabara e que participara ativamente do golpe e Juscelino Kubstichek, senador por Goiás, que mesmo não participando, deu apoio aos golpistas. Foi cassado em junho de 1964. Para a ditadura, ele não era confiável. A linha dura limpava o caminho e fincava os marcos. Profundos. Leonel Brizola foi para o exílio no Uruguai onde buscou organizar o movimento de resistência armada contra a ditadura, o Movimento Nacionalista Revolucionário, extinto em 1967. Vários outros grupos foram organizados a partir de então.**



## 11. Marinheiro só

José Manoel chegou de madrugada em Caruaru. Quando estacionou o carro perto da lanchonete para tomar um café, viu o rapaz saindo de um bar ao lado. Não era seguro chamá-lo pelo nome. Para nenhum dos dois era seguro. Esperou que ele se afastasse e seguiu-o até uma praça onde alcançou-o. Quando ficou ao lado, olhou e disse:

— Como vai, Mário?

O rapaz olhou para ele espantado, parecendo ver alma, pois reconheceu logo seu companheiro da Marinha, o cabo José Manoel, companheiro desde Natal. Achava que ele estivesse morto.

Entraram num bar e pediram café.

— E então? Perguntou José Manoel.

— Estou fugindo de novo! Consegui uma carteira de identidade nova e uma carteira de trabalho! Uma parte do pessoal é solidária, outra parte quer dinheiro e assim não foi difícil conseguir os documentos!

— Essa história eu sei, já passei por isso! Interrompeu José Manoel.

Mário sorriu e retomou a fala:

— O difícil mesmo é a gente se manter no emprego! A almirantada quer que morramos de fome, continua nos perseguindo!

— Quantos anos? Perguntou José Manoel.

— Eu não sei não, deve ser cinco anos, por-

que eu não era da Associação! Só estava na reunião!

José Manoel interrompeu o amigo:

— Eu devo pegar 15 anos porque era da diretoria da Associação, estava na organização da assembléia e ainda escrevia para o jornal! Segundo o almirantado uma ruma de crimes, gravíssimos!

— Consegui um emprego e fiquei quase cinco meses! Agora era Mário que falava. A situação não é boa! Você arruma o emprego e passa a trabalhar com vontade, animado, fazendo tudo muito direitinho e eles até fazem elogio pelo seu trabalho! Só é preciso ter cuidado com as sextas-feiras! Aí é que está o problema! Numa sexta-feira qualquer você é chamado no departamento pessoal! Para nós marinhaeiros, nunca é notícia boa! Se lá já não estiver a patrulha da Polícia Militar para lhe prender e mandar para o Rio, você é chamado para ser demitido! Acredite, é bem melhor que seja só a demissão!

— E então? Perguntou novamente José Manoel.

— Não sei, estou meio desesperado! O pessoal lá de casa acha que eu devo ir para São Paulo. Lá é cidade grande e mais fácil para trabalhar! Tenho um primo camelô que está ganhando dinheiro lá! Eu tenho medo, muito medo! Encontrei outro dia um companheiro nosso que estava fugindo, me disse que ia para Manaus e depois para um fundo de floresta onde um tio dele estava morando! Ele foi do grupo do Brizola, aquela história do Uruguai e

ficou preso um tempo e depois chamaram ele para ir para Cuba! Ele teve medo e não foi! Ele acha que mais dois ou três anos as coisas mudam e nós poderemos ser anistiados!

Foi uma despedida emocionada.

— Nos veremos, certamente em condições melhores! Disse José Manoel abraçando o amigo.

Duas semanas depois desse encontro José Manoel estava no Recife e passaria a temer as sextas-feiras.

— Os documentos! Disse o funcionário que tinha um ar sério, cansado. Fazia tudo quase mecânicamente. A fila imensa de homens e mulheres calados, um turbilhão de pensamentos, de esperanças e desesperanças.

José Manoel apresentou a identidade e a carteira de trabalho e a ficha que preencheria ainda há pouco, candidatando-se para a vaga de auxiliar de almoxarife.

O funcionário apanhou tudo, conferiu tudo e passou para uma pilha enorme de outros documentos.

— Aguarde lá fora até a gente chamar! Foi só o que disse, entediado e acendendo um cigarro.

— José Manoel da Silva! Era uma funcionária que chamava. Ela era fanha e o pessoal que aguardava ficava imitando e sorrindo de lado, às escondidas.

Ele, José Manoel depois de esperar quase duas horas alí, sentado numa mureta, agora era auxiliar

de almoxarife na Odebrecht em Recife. Uma boa notícia neste final de 1966. Só temeria, a partir de agora as sextas-feiras.

**27 de outubro de 1965. A ditadura baixou o AI-2 e interviu no Poder Judiciário. O poder agora é da justiça militar. Suspendeu a Constituição de 46, extinguiu os partidos, instituiu eleições indiretas e emasculou o Congresso. Decretou o fim das garantias constitucionais para funcionários públicos civis e militares. Cassou e baniu mais patriotas brasileiros que não concordavam com a ditadura. De passagem, condenaram os marinheiros severamente. por indisciplina e quebra da hierarquia.**

**O marechal Castelo Branco foi substituído pelo marechal Costa e Silva. No Ceará, sua terra natal, foi convidado para uma voltinha de avião. Ele tinha medo de avião, mas foi. Um caça Lockheed TF-33 da FAB que coincidentemente ia passando naquela hora, atingiu o pequeno Piper Aztec PP-ETT que caiu. Só o Piper caiu. Dizem que o Piper voava a muitos pés e o caça a poucos pés. Há controvérsias com os pés! Era 18 de julho de 1967. Morreu o marechal Castelo Branco e um grande arquivo de pelo menos meio século. Para o chamado núcleo duro da ditadura, àquela altura o marechal era melhor morto.**

## 12. Companheiro Moisés

— Agora é a luta José Manoel! Entregou para José Manoel a cópia de um texto escrito à máquina. Era uma cópia mimeografada. Eram quatro ou cinco folhas de ofício. E continuou falando:

— Vou deixar com você, leia e depois queime! Era José Raimundo que falava, o fraterno amigo José Raimundo, o Moisés, que mudara para São Paulo e com quem agora, José Manoel tinha pontos e codinomes.

— Não é preciso falar em discrição, nossa segurança vem em primeiro lugar! Nossa amizade continua mais forte ainda, mas agora temos que nos resguardar! Teremos pontos, encontros para o avanço da luta! Era quase um desabafo e José Manoel ouvia com atenção.

— Minha conclusão, depois de tudo o que estamos vendo é que não há outro caminho senão o da luta armada! A ditadura avança sobre nós, nos persegue, nos tortura e mata. O PCB não quer a luta armada, avaliam que é um erro! Mas nós não podemos ficar parados assistindo o massacre e sofrendo o massacre! O Brizola também está desistindo da luta armada. O MNR está praticamente acabado! Os companheiros do PC do B estão indo para o norte. Falam na guerrilha rural. A luta é de vanguardas. Foi possível em Cuba, aqui também será! Deixo o livro de Debray para você ler!

Amigos inseparáveis desde marinheiros em Natal, o sargento José Raimundo da Costa e o cabo José Manoel da Silva, estreitaram a amizade com o mesmo pensamento de fraternidade e solidariedade do sertão pernambucano de onde, oriundos. Buscaram refúgio juntos quando perseguidos pela ditadura. Lutavam por um Brasil com mais justiça. Continuaram a acreditar na luta. Nunca desistiram e seguiram o caminho quase natural daqueles marinheiros que não se curvaram ao golpe de 64.

José Raimundo continuava falando, agora pausadamente sobre a Vanguarda Popular Revolucionária:

— Também somos nós militares cassados do MNR!

Era uma história que José Manoel conhecia. O Movimento Nacionalista Revolucionário, surgira após o golpe de 1964 e juntava militares e pessoas ligadas ao Partido Trabalhista Brasileiro e ao Partido Socialista Brasileiro, além de militantes de esquerda que apoiavam Brizola, que organizara a resistência ao golpe a partir do Uruguai. Na esteira do internacionalismo proletário, receberam o apoio cubano para treinamento dos militantes, mas após duas tentativas frustradas, abandonaram a luta armada e discutiam outras formas de luta. Vários dos seus militantes foram para os grupos armados que estavam se formando.

José Manoel já estava convencido há muito tempo que o caminho era aquele. Não havia outro.

Eles, que sempre prezaram e defenderam a Marinha do Brasil foram severamente perseguidos e condenados pela ditadura por reivindicar melhorias para os marinheiros e para o povo.

Para ele era inconcebível que aqueles que rasgaram a Constituição Brasileira, depuseram um presidente eleito democraticamente pelo voto livre e soberano do povo, agora os perseguiram como se eles fossem facínoras perigosos.

— E ainda falam em hierarquia e disciplina! Dizia José Manoel, balançando a cabeça.

**13 de dezembro de 1968. O marechal Costa e Silva, o ditador referendado por um colegio eleitoral em 3 de outubro de 1966, baixou o Ato Institucional nº5. O AI-5 determinou o fechamento do Congresso Nacional, a intervenção nos Estados e Municípios, cassou o mandato de parlamentares, suspendeu o “habeas corpus” e suspendeu por 10 anos os direitos políticos de vários cidadãos que não concordavam com os atos da ditadura. Entre uma parcela da juventude, notadamente os universitários, 1968 era assim: Marx, Mao e Marcuse como leitura e ação. As palavras de ordem iam desde “Só o povo armado derruba a ditadura” até “Só o povo organizado derruba a ditadura”.**



### 13. Jonatas, que não era mais

Como estaria José Raimundo? Era isso que José Manoel vinha pensando pelo caminho naquela quinta-feira, 20 de maio de 1971. Aquela vida perigosa, prisões de companheiros, o cerco apertando, a repressão tomando fôlego, comemorando cada captura como um troféu. Torturas e notícias de traições. E eles alí na trincheira, a luta difícil que pouco avançava. Depois de quase um ano, os ditadores ainda usavam a vitória da copa do México para fazer propaganda do Prá frente Brasil, do Ninguém segura este país e do Brasil, ame-o ou deixe-o!. Difícil. Ele sempre teve certeza disso, mas sempre acreditou que um dia tudo daria certo. Desistir nunca, ele queria ver seus filhos vivendo num país melhor, mais justo, mais digno, mais solidário.

Chorava vendo o sofrimento do seu povo. A miséria crescendo. E agora ele e José Raimundo se encontrando num ponto. Aquela amizade fraterna de vários anos e horas e horas de conversas e debates sobre os rumos da Associação dos Marinheiros, os rumos do governo do Jango, os rumos da ditadura de 64, no Rio, em Natal e no Recife. Tudo passara, agora encontro furtivo num ponto, trocando poucas palavras, só as necessárias para a luta ir à frente. A segurança de um e do outro em risco. Encontros rápidos, instruções. Só instruções. Mais, seria perigoso.

Entrou na Cruz Cabugá. Primeiro deu uma checada passando pela Rádio Clube e avançando duas quadras, procurando um lugar para estacionar o carro. Era um Gordini verde claro, bem conservado. Achou a vaga e estacionou. Tudo limpo até agora. Voltou caminhando até o ponto de ônibus que ficava na frente da rádio que tinha um luminoso bem grande na frente com o PRA-8. No caminho ele vinha se perguntando quem teria sido Cruz Cabugá, agora nome de avenida no Recife. Estava tenso, as mãos frias e suadas e mancando da perna esquerda, cheia de pinos e mais curta pelo acidente na Odebrecht em 1968. Havia poucas pessoas no ponto de ônibus. Naquela hora, 8 da noite, alguns funcionários retardatários, algumas empregadas domésticas e um homem visivelmente embriagado. Era preciso ter cuidado que esse povo se finge de tudo. Mas o homem estava mesmo bêbado e não falava coisa com coisa.

Passou olhando o povo no ponto de ônibus e viu um homem com a caneta esferográfica azul por fora do bolso da camisa. Não era José Raimundo. Ele se juntou ao grupo que esperava o ônibus e se aproximou um pouco mais do homem com a caneta esferográfica azul por fora do bolso.

— Você tem duas de 50? Perguntou José Manoel

— Não, só tenho uma. Respondeu o homem com um olhar perscrutador.

Eles esperaram o pessoal embarcar no ônibus.

José Manoel ficou emocionado, já reconhece-  
ra o homem pela voz. Uma voz inconfundível que  
ele nunca esquecera. Uma voz que incendiou o mar-  
ço de 1964. Uma voz que orgulhava todos os mari-  
nheiros. E então não obedeceu as convenções de se-  
gurança. Os cumprimentos, não foram os de praxe.  
Havia mais que a relação formal de revolucionári-  
os. Aquela camaradagem, o espírito de solidarieda-  
de, o companheirismo comum nos marinheiros,  
aflorou todo ali para José Manoel.

Anselmo não o reconheceu de imediato. De-  
pois olhou bem e descobriu que Cirilo era José  
Manoel, poeta e seu companheiro da Marinha, o  
cabo paioleiro da Ilha do Governador e muito atu-  
ante no conselho fiscal da diretoria da Associação  
dos Marinheiros e pessoa da estrita confiança do  
sargento José Raimundo. O amigo que José  
Raimundo não cansava de elogiar pela seriedade e  
compromisso, primeiro com a Associação e depois  
do golpe, o compromisso com um país melhor e  
mais justo. Para Jonatas tudo isso estava bem me-  
lhor do que ele esperava.

— Você engordou muito! Lembrando-se que o  
mais expressivo em José Manoel naquela época da  
marinha eram os grandes olhos que se destacavam  
no rosto magro e corpo esguio. Bem mais gordo,  
José Manoel perdera esta característica.

— Pois é, a vida!

— Eu observei que você está puxando uma  
perna!

— Acidente! Estou usando um sapato ortopédico para compensar a perna acidentada mais curta! Ela está cheia de platina e dói quando o tempo esfria! Dos males, o menor, pois pensei que fosse perdê-la!

— E então? O que traz? Perguntou Cirilo.

— Estou buscando contato!. Disse Jonatas.

— O próximo é dia 25! Moisés! Depois só no dia 30, mas aí é ele que deve localizar você!

— É seguro onde você está?

— Estou no Hotel Rex!

— Não! Não dá certo não! Você tem que sair dali! A polícia mantém o controle de todos os hotéis, pensões e pousadas! Está tudo sujo aqui no Recife! A deduragem é grande, parece que dão até recompensa! Depois, completou:

— Vamos cuidar de transferir você para outro lugar!

— Amanhã em Olinda em frente ao cinema! Cine Duarte Coelho, às 8 da noite! Ponto marcado. O encontro foi assim, rápido como deveria ser.

No outro dia José Manoel estava mais relaxado, mas não descuidou da segurança. Foi de ônibus, desceu no ponto em frente ao cinema e fez a checagem. Tudo limpo. Anselmo já estava lá.

— Só problemas! Falou Jonatas e continuou:

— Dificuldades de contato, de trabalho, de ação! Todo mundo lá meio queimado! Pelo que me informaram, Moisés não pode circular muito no Rio e São Paulo. Muita dissensão! Muita desorganiza-

ção e muito intelectualzinho querendo nos ensinar as coisas. Pouca ação! Esse pessoal não tem a visão que nós militares temos. Eles precisam de treinamento. Lamarca está completamente desprotegido!

Enquanto Anselmo falava, José Manoel pensava nos laços fortes que os prendiam há muitos anos. Lembrava-se da festa de aniversário da Associação, daqueles dias fatídicos, das perseguições, do salve-se quem puder dos companheiros que debandaram em fuga, porque o presidente Jango recuara para não participar de um derramamento de sangue. Tinha orgulho de ter Jonatas como companheiro de farda. Lembrava-se da sua coragem, dos discursos inflamados, da defesa que fizera dos marinheiros e do povo brasileiro. Depois, as notícias de sua fuga espetacular, as notícias de Cuba e as notícias de sua volta para reforçar a luta contra a ditadura. Era um companheiro de fibra.

E fugindo às regras de segurança, José Manoel falou com muito orgulho do seu filhinho que participava de um concurso na televisão respondendo sobre a história do Brasil, da sua filhinha recém nascida, do seu emprego na Odebrecht até 70, do acidente, da perna mais curta com platina, do sapato ortopédico que usava e da pensão que recebia da Previdência.

Anselmo anotou tudo. E percebeu que poderia sempre contar com isso: a confiança, a extrema confiança que seus companheiros da marinha depositavam nele. Ele era mesmo uma pessoa acima de qual-

quer suspeita, pelo menos para os seus companheiros da marinha.

Depois, José Manoel retomou a conversa, falando do seu trabalho na luta revolucionária, um trabalho de conversa, de conhecimento, de penetração tímida, mas segura, enfim um trabalho para longo prazo, sem ações espetaculares, sem grande exposição, mas seguro e avançando sempre. Por fim, disse:

— Por tudo o que vem acontecendo, o momento de recuo!

— Não sei não, o pessoal do Chile não acha isso! Retrucou Jonatas.

O encontro estava ficando demorado. José Manoel sabia dos riscos para ambos:

— Sábado às 3 da tarde no Hospital São José, vamos levar você para um local seguro! Falou um tanto aperreado.

No sábado, José Manoel deixou Jonatas numa chácara em Abreu e Lima. Alguns dias depois, Jonatas voltou para São Paulo com o ponto combinado para encontrar Moisés. Era domingo, 30 de maio de 1971 e Anselmo já estava em São Paulo.

O problema era que Anselmo já não era Jonatas há algum tempo. E os poucos que desconfiavam disso estavam presos e tentando passar a informação para os companheiros, mas os desentendimentos entre os grupos, a divisão entre os que achavam que era o momento de recuar para reorganizar a luta e os que acreditavam que o governo cairia com um

pouco mais de ação e luta, provocou um fosso profundo entre as organizações armadas. Tirando proveito deste fosso entre as esquerdas, Anselmo agia tranquilo e sem medo.

**1971. O General Humberto Melo assumiu o comando do II Exército em São Paulo com uma só determinação: não se deve prender mais nenhum terrorista. É para matar. E assim foi feito. A economia ia bem. Televisão, geladeira, fusquinha, corcel, a seleção canarinho campeã do mundo mais uma vez, tudo isso embalado com o fundo musical do “Eu te amo meu Brasil”.**



## 14. Paratibe, adeus!

— Geniiii! Geniii! Eram as mocinhas da padaria que a chamavam. Ela ia passando direto, aperreada para chegar em casa e fazer o almoço. Saía bem cedinho e fora até o Posto de Saúde de Paulista para vacinar seu filho. Paratibe era um lugar onde quase nunca acontecia nada e as mocinhas da padaria estavam ansiosas para contar a novidade.

— Hoje bem cedo, antes de oito vieram aqui uns homens perguntando pelo seu marido! Disse uma delas atropelando a outra, que completou com os olhos brilhando:

— Uns homens altos e bonitos de roupa boa num carrão e com sotaque do sul! Eu acho que eles eram de São Paulo!

Geni nem deu muita importância para o fato. Devia ser engano. Quando se aproximou da sua casa ela viu na ponta da rua um automóvel preto, grande, novo e sem nenhuma razão para estar alí naquela hora e naquele lugar.

Pouco tempo depois que entrou em sua casa, viu o carro estacionar em frente e dele descer dois homens. Viu que dois permaneceram no veículo, o motorista e um que estava no banco de trás. Nem precisaram chamar ou bater palmas pois Geni saiu logo para atendê-los.

A casa de Geni em Paratibe tinha uma cerca de varas na frente. A casa ficava mais ao fundo. Seu

filho brincava no quintal. Os homens eram aqueles, tal qual descritos pelas mocinhas da padaria. Estavam bem vestidos, eram altos, usavam óculos escuros, camisas de manga comprida e um deles usava até gravata.

— Olha! Nós viemos aqui e queríamos falar com o seu marido, o José Manoel! Você é a esposa dele, não é?

Geni ficou preocupada mas confirmou que José Manoel morava ali e era seu marido. Depois, pensou que podia ser o pessoal da Marinha, pois já ouvira falar que eles estavam procurando os ex-marinheiros e levando-os para o Rio de Janeiro para cumprir pena de prisão. Ela pouco sabia, mas desconfiava que José Manoel era procurado pela Marinha. Ele não falava e ela também não perguntava e assim iam vivendo.

Os homens escondiam os rostos nos óculos escuros, grandes, muito grandes. Um deles se adiantou encostou no portão e disse com muita tranquilidade para Geni:

— É que o seu marido ganhou na loteria e como é muito dinheiro a gente veio buscá-lo para que ele receba em segurança. Quando é assim muito dinheiro, a gente prefere buscar a pessoa para entregar o prêmio pessoalmente.

— Vocês vão sair da miséria! Disse o que estava no volante do carro. Falou com seriedade, mas depois traiu-se com um risinho de sarcasmo que não passou despercebido por Geni.

Meu marido está viajando e só volta daqui dois dias! Geni estava espantada com aquela notícia, mas acreditava mesmo que aqueles homens estavam ali para entregar um prêmio para seu marido. E então disse:

Olha! Meu marido nunca me falou que jogava na loteria!

Um dos homens respondeu:

— É assim mesmo, tem marido que gosta de fazer surpresa para a mulher! E todos sorriram. Depois, entraram no veículo e saíram sorrindo. Nem disseram quando voltariam.

José Manoel viajara no dia anterior. Recife, João Pessoa e Natal vendendo mercadorias e fazendo seu trabalho de militante. A previsão era que voltaria mesmo depois de três dias. Quase sempre era assim.

Chegou naquele dia, à tardinha quase noite e encontrou Geni entufada. Muito entufada. Apanhou seu filho pela mão e foram na bodega da esquina. Ele preocupado e tentando adivinhar porque Geni estava daquele jeito, ela que sempre o recebia com muita alegria, sempre sorridente e agora, calada, sem graça e querendo dizer alguma coisa.

Voltou da bodega com uma lata de sardinha, refrigerante e cerveja. Ela nem olhou para ele. E aí, ele não aguentou. Rendeu-se àquela situação:

— O que houve Geni? Você está magoada comigo?

Ela respondeu quase chorando:

— Mas como pode isso Zezinho, a gente casado há muitos anos, correndo prá lá e prá cá, juntos nesse aperreio e você nem me diz que joga na loteria! Ah! Zezinho eu não esperava isso de você não!

Primeiro ele ficou relaxado. Era menos do que ele pensava que fosse. Depois preocupado com o despropósito da situação. Ela, sua mulher emburrada por causa de um negócio desses.

— Por que você me diz isso? Eu nunca joguei em loteria não, aliás eu sempre fui contra jogar na loteria e você sabe disso!

— É por isso mesmo Zezinho, pois quantas vezes a gente já discutiu sobre isso e você sempre me disse que não jogava e nunca jogou! E agora isso...

— Isso o quê?

— Isso de você ganhar na loteria!

José Manoel chegou no máximo do espanto com aquela conversa.

— O quê???

— É isso mesmo, hoje cedo vieram quatro homens num carro preto, novinho, novinho e me disseram que iam levar você para receber o prêmio! E que era muito dinheiro e um deles disse até que a gente ia sair da miséria!

— E como eram estes homens? Quis saber.

— Bem vestidos, de camisas de mangas compridas, óculos escuros, todos altos e com sotaque de paulista!

José Manoel empalideceu. Geni percebeu algu-

ma coisa estranha e não falou mais nada.

José Manoel foi até o quarto e tirou o sapato ortopédico que calçava. Agora estava calado. Cis-mado. Ele já sabia que a equipe do Fleury estava em Pernambuco. Aliás era uma disputa que se trava-va entre o DOI-CODI e o CENIMAR para ver quem capturava a presa primeiro. Quem torturava primeiro.

— Arrume as malas, junte as coisas da cozi-nha que nós vamos viajar!

— Para onde? Ela quis saber.

— Depois eu lhe digo! Agora vá arrumando as coisas!

Geni já estava acostumada àquilo e nem per-guntou mais nada e nem discutiu. Entrou e foi ar-rumar as coisas. Do quarto ouviu o barulho do au-tomóvel de Zezinho arrancando e ganhando veloci-dade. Era noitinha. Eles nem haviam jantado.

Em menos de uma hora José Manoel voltou num caminhão simples. Ele, o dono do caminhão e um ajudante. Voltou sem o seu automóvel. Não fa-lou nada para Geni sobre isso e ela também não perguntou. Foi o tempo de colocar, móveis, malas e roupas e sair. Era mais de onze da noite quando viajaram para Toritama.

Geni gostava de Paratibe. Quando se mudara para lá, uma vizinha lhe falou:

— Dizem que o nome daqui é dos índios e quer dizer cheio de rios ou entre rios. É um lugar muito bom para se morar!

Era um terreno grande, cercado de arame farpado. José Manoel sempre quis ter um terreno naquele local. Festejaram muito quando finalmente o compraram. Depois, fizeram uma cerca de varas na frente e construíram a casa lá no meio do terreno.

Geni tomou a frente e com o seu filho, ainda criança, e alguns vizinhos levantaram a casa de taipa e piso de cimento queimado. Sala, quartos, cozinha, banheiro. O barro tirado do próprio terreno, argila das boas. Lugar simples e vida simples. Vizinhança melhor não havia. Solidários, sempre solidários. Nos domingos, embarcavam no Gordini verde claro e iam fazer a feira em Abreu e Lima. Tempos felizes. Assim era Paratibe para Geni.

**1972. O Brasil vai bem, sob censura. O PIB cresce a 12%. Televisão em cores a prestação. A classe média, uma parte, vibra com tudo. O Fittipaldi é campeão do mundo. É estrada, é siderúrgica, é porto, é usina. É o diabo! A ditadura anuncia o milagre. É o “Milagre brasileiro”! É mais fusca e mais corcel na prestação. Um banco vai engolindo o outro e ficando mais forte e cobrando juros mais altos. É o progresso. No Uruguai, os Tupamaros são mortos. Há uma estranha música tocando em Santiago do Chile, anunciando uma tragédia. Há muitos surdos no Chile. Na Argentina é muito perigoso viver. Numa casa de Petrópolis, depois de torturados, enterram-se os cadáveres no jardim.**

## 15. O Comando Gelson Reicher

— O moço veio com uma espingardona assim desse tamanho para o meu lado e me ajudou a levantar! Eu estava meio zonza porque quando caí, bati a cabeça na quina da mesa! Ele me levantou e perguntou se estava tudo bem! Não estava, eu sentia uma dor danada na cabeça! Mas não respondi nada! Só fiz balançar a cabeça que estava tudo bem!

Geni e algumas mulheres da vizinhança, protegidas do sol debaixo daquela mangueira no quintal grande da sua casa em Toritama, ouviam com interesse a história da vizinha que chegara há pouco de São Paulo. Ela gesticulava muito, falava bem alto e terminava a frase com um risinho nervoso no canto da boca.

— Aí ele apanhou a bandeja, o bulezinho do café, as chicaras e os cacos das chícaras e botou tudo em cima da mesa e me pediu desculpas! Eu fiquei calada, nem respondi! Estava em estado de choque! Ele era bem novinho e tinha uma barbinha ralinha, meio avermelhada! Os olhos dele eram bem verdes e ele me olhou mesmo com o jeito de quem pedia perdão! Ah! Isso eu não vou esquecer nunca! Aqueles olhinhos verdes de criança!

Calou. Ficou pensativa olhando os raios do sol atravessando a folhagem da mangueira. Era um silencio grande, todos olhando para ela, admirados.

— Meu tempo em São Paulo foi bem curto!

Arrumei esse emprego em Osasco e fazia limpeza e servia o cafezinho! Era um emprego bom, de carteira assinada e um pessoal bem legal, mas depois que aconteceu esse negócio, ninguém mais na firma teve sossego! Fiquei com muito medo! A polícia tanto ia na casa da gente como na firma! E queria saber isso, aquilo, o nome do pai, da mãe, do tio e se a gente tinha irmão, primo, o que faziam e onde moravam! Um inferno!

Um carro de propaganda passou na rua anunciando a inauguração de uma loja na cidade e ninguém mais ouvia a narração da história. Ela percebeu e parou. Quando o veículo se afastou, ela retomou, mas aí Geni perguntou:

— Mas então, como foi que aconteceu do rapaz derrubar você?

— A porta da contabilidade era de duas bandas igual aquelas dos filmes de bandido e mocinho! Eu até achei engraçado porque só tinha visto aquelas portas nos filmes! Eu ia distribuir o cafezinho para o pessoal da contabilidade! Eu nem sabia daquele movimento todo, porque estava na cozinha fazendo o cafezinho! Aí o moço ouviu barulho e veio pela porta com tudo e me derrubou, eu e a bandeja de cafezinho! Foi café para todo lado, porque eu já trazia servido nas chécaras! Foi um momento terrível e eu tremia muito e não conseguia parar de tremer! O moço me acalmou e pediu apenas que ficasse quieta, sentadinha na cadeira e eu fiquei! Ele não tinha jeito de pessoa má! Aí eles

pegaram o dinheiro do cofre e nos entregaram uma folhinha escrita, que o seu Claudemir da contabilidade disse que era um panfleto. Depois eles escreveram bem grande na parede com tinta preta, “Comando Gelson Reicher” e “Abaixo a ditadura assassina”! Isso eu também nunca vou esquecer!

O sol baixando, um sanhaço cantou numa árvore bem próxima. Outro veio e também cantou, agora, na mangueira. Todos olharam para o pássaro e ele voou, aí voltaram a olhar para ela.

— Depois foi um inferno! Todo mundo teve que ir na polícia! E lá era pergunta que não acabava mais! Na outra semana fui pedir a conta para o gerente, seu Tarcísio, mas ele me aconselhou a não pedir porque senão a polícia ia desconfiar de mim! E perguntou se eu tinha pego a folhinha escrita dos moços e se tivesse em casa que queimasse e jogasse as cinzas na rua sem ninguém ver! Aí eu tive mais medo ainda, porque eu levei umas cinco e distribuí com os vizinhos, porque achei o máximo tudo aquilo acontecer ali na firma! Só depois de três meses foi que seu Tarcísio me deu as contas! Eu tive até que chorar e mentir que minha mãe estava doente e eu tinha que voltar para Pernambuco para cuidar dela! No outro dia eu vim embora para cá e não volto nunca mais naquela terra! Faz muito frio, a maioria do povo não tem consideração com a gente e tem muita polícia perturbando! É um povo engraçado que chama a gente de nortista ou de baiano! Aí eu dizia! Não sou baiana, mas gosto muito dos

baianos que são bonitos e legais, mas sou pernambucana e nordestina! Um tio meu havia me falado tudo isso e eu tinha o maior gosto de dizer que era nordestina e pernambucana! Olha bem se não é o destino! Mamãe não queria que eu fosse! Disse que o número setenta e dois não era bom para se mudar e aí deu o que deu, não foi?

Agora, estavam todos curiosos para saber a continuação e Geni a interrompeu novamente:

— Mas e então como foi que eles entraram lá?

— Foi tudo assim e eu tive muita pena do pessoal da contabilidade que estava esperando a moça loira bonita que ia trabalhar com eles! Era uma animação que só vendo! Agora, quem eu ví dizer que apanhou da polícia foi seu Antonio da portaria, não sei se pelo fato dele ser preto, mas dizem que a polícia levou ele lá no DOPS e bateu nele para ele confessar que abriu o portão para os terroristas entrar! Era mentira porque a loira já tinha ido lá fazia uma semana com o recorte do jornal na mão! Eles estavam procurando uma funcionária para a contabilidade que deveria ter experiencia! Eu nem sei se ela tinha, mas foi contratada na hora! Era muito bonita! Aí, calou-se, olhou para Geni e continuou:

— Depois fiquei sabendo que a polícia invadiu o quarto dos rapazes da contabilidade e depois chamaram eles lá no DOPS! O Claudemir foi um deles que teve que ir lá! Acontece que eles pegaram os panfletos e guardaram numa mala! A polícia ficou desconfianda deles porque eles tinham os panfletos

e porque contrataram logo a moça! Interrompeu novamente parecendo buscar na memória os acontecimentos e depois prosseguiu:

— A moça foi lá para arrumar emprego e ficou de começar em dez dias! Fez logo amizade com o seu Antonio da portaria, que até comentou comigo que a moça era muito educada! Na outra semana ela foi e seu Antonio da portaria já conhecia ela e abriu a porta! Ela entrou e rendeu seu Antonio da portaria com um revólver! Seu Antonio disse que nem acreditava que era verdade e só acreditou quando ela falou que não iam atirar em ninguém, mas que iam levar o dinheiro da empresa porque o dono dela estava dando dinheiro para a polícia torturar os estudantes! Depois vieram os amigos dela todos com uma espingardona bem grande e entraram e um deles foi logo escrever na parede, “ALN , Comando Gelson Reicher!”. É bem assim o nome porque o Claudemir da contabilidade que foi um dos rapazes que pegou o panfleto me disse que os moços não eram terroristas não, terrorista era a polícia que tinha quebrado tudo no seu quarto, inclusive sumido o dinheiro dele pagar a escola de contabilidade e tinha batido no seu Antonio que era uma pessoa muito boa!

Um raio de sol atravessou a mangueira e bateu direto no rosto dela. Ela caretou e mudou de lugar. Foi sentar numa pilha de tijolos junto do alpendre da casa. Sorriu ao lembrar-se de alguma coisa e continuou:

— Um dos rapazes que estava com a espingardona disse que faziam aquilo para o bem de nós trabalhadores! E que só restara aquilo para eles porque não era mais governo, era ditadura! Eu estava com muito medo, não disse nada e também não entendia nada da política, mas ví que ele falava aquilo com a razão dele, eu senti isso!

**9 de julho de 1972. O Jornal do Brasil descreveu assim o comportamento do ditador Garrastazú Médice no jogo Brasil e Portugal no cinquentenário da independência: “Como os outros, ele chegou cedo. Nervoso, mudou o radinho de pilha de um ouvido para outro 13 vezes, fumou cinco cigarros. Falou pouco, sorriu quatro vezes e deu dois socos no ar. Mas na hora do gol ele pulou como todo mundo, os dois braços levantados.(...) O Presidente dá o 1º soco no ar. Três minutos: o Presidente fuma o seu primeiro cigarro deslocando o radio do ouvido esquerdo. Sete minutos: balança a cabeça desaprovando um passe errado de Gérson. Oito minutos: troca o radio de ouvido, passando do esquerdo para o direito. (...) Quarenta e três minutos e meio, o Presidente pula. Os dois braços levantados. Era um torcedor simples, igual aos 99 mil que foram ao Maracanã. Mas, três minutos depois, representando o cargo no ato e o torcedor no abraço, entregou a Gérson a Taça Independência. E, feliz, foi um dos últimos a deixar o Maracanã. Aí foi sua vez de ser aplaudido”.**

## 16. O marinheiro Custódio

Custódio continuava falando, uma voz mansa, pausada, parecia saborear cada palavra.

— Você tem razão! Falou José Manoel assentindo com a cabeça.

— Sabe José Manoel, ainda vamos sofrer muito antes de conseguir mudar alguma coisa no nosso país! Não há mais formas de participarmos democraticamente. Cortaram todas as possibilidades. E vem mais truculencia por aí.

Há muitos anos que Geni não via aquele amigo de Zezinho. Lembrava-se dele na farda de marinheiro e que duas ou três vezes fora na casa dela em Mesquita, sempre com jornais e livros na mão. Chegava sempre com um ar sério e chamava Zezinho por José Manoel, assim bem pronunciado e sem esconder o seu sotaque cearense. Tinha um rosto de criança e quando sorria, parecia mesmo uma criança.

Custódio chegara no dia anterior, pela noite e fora dormir muito tarde, pois ele e Zezinho passaram horas e horas conversando.

Era domingo e os três almoçavam sem as crianças que estavam na casa dos avós ali mesmo em Toritama.

Só se ouvia o silêncio dos talheres.

— Estive no Ceará. Faz vinte dias que estive lá. Disse Custódio olhando para Zezinho, entabu-

lando uma conversa.

Zezinho e Geni olharam para ele. Zezinho balançou a cabeça aguardando a continuação da história.

— E então?

— Fui ver minha irmã, mas nem a ví...

— E porque?

— Tudo seco pelo caminho e uma tristeza grande. É muita miséria. Aquilo que nós já conhecemos: sol e poeira, mata seca, açudes vazios, gado morto, o povo nas estradas sem saber para onde ir e a coronelzada gastando dinheiro, mangando da gente e dizendo que vai para o Rio comer gente.

Arrastou a cadeira, afastando-se um pouco da mesa e disse:

— Continuamos como o grande depósito de mão-de-obra do capitalismo. E agora, os que foram para a Transamazônica estão voltando: os vivos com os fantasmas dos mortos. Dois tios e três primos morreram lá. Minha tia disse que todo dia morria muito índio também. “Afinal, a terra é deles, não é?”. Ela sempre falava assim, esperando minha confirmação.

— Sim, mas e sua irmã? Perguntou Zezinho.

— Pois é, não a ví... Respondeu, baixando a cabeça, o rosto crispado. Parecia não querer falar no assunto que ele mesmo começara.

— Veja como é a vida. Falou finalmente. Saímos todos de lá em cinquenta para o interior de São Paulo, fugindo da seca. Aquela história que todo

mundo sabe de caminhão de pau de arara. Minha irmã que já era casada naquela época, ficou. Meu pai não aguentou muito tempo lá em São Paulo, voltou e ficou morando na casa da minha avó, a mãe dele. Minha mãe não quis voltar e criou a gente sozinha. No mês passado quando consegui falar com minha mãe, ela me avisou que minha irmã estava doente. Minha mãe recebera uma carta dela pedindo ajuda. Consegui me organizar e fui lá a semana passada. De Fortaleza fui para Senador Pompeu. Dormi lá para pegar o trem que só saía a tarde para Piquet Carneiro. Fiquei hospedado numa pensãozinha simples, mas agradável. Pela manhã tomei café e saí para a rua. Fui abordado logo na saída por um engraxate. Parece que ele fazia ponto ali entre as poucas pensões da cidade.

Interrompeu a narrativa e olhou pensativo para lugar nenhum. Geni e José Manoel fitaram-no interrogativos.

— Este sapato não é daqui! Me disse de pronto o engraxate. Quando eu disse que comprara em São Paulo, ele ficou muito feliz porque naqueles poucos anos de engraxate sabia distinguir de onde eram os sapatos que engraxava em Senador Pompeu. Depois continuou conversando e me disse que não era dali, mas de Piquet Carneiro, e vinha todos os dias de trem para engraxar sapatos porque rendia mais. Aproveitei para perguntar se ele conhecia Sebastião de Totonho Dantas.

Interrompeu novamente, baixou a cabeça e

quando levantou estava chorando. Com a voz quase sumida, continuou:

— Aí o engraxate me disse: Todo mundo conhece Tião de Totonho Dantas! É o maior bêbado de Piquet Carneiro. E a mulher dele morreu na semana passada! Diz o povo que os filhos dele estão morrendo de fome.

As lágrimas agora escorriam pelo seu rosto, abundantes. Soluçou, retirou um lenço do bolso, enxugou-as e continuou:

— Veja a situação, eu recostado na parede da pensão com um pé apoiado na caixa do engraxate, acabara de saber, de uma só vez, da morte da minha irmã, que o meu cunhado agora era um bêbado e que meus sobrinhos estavam passando fome.

José Manoel fez sinal para ele parar. Mas ele continuou.

— Fui neste mesmo dia buscar meus sobrinhos e rezar na cova da minha irmã. Meu cunhado pediu uma chance. “Se eu me separar dos meus filhos, morro em pouco tempo!”. Ele me disse. Trouxe ele também e até agora não bebeu mais e já está trabalhando.

Agora estava mais calmo, enxugou novamente o rosto e continuou:

— Depois fui visitar o meu pai e a minha avó que moram num sítio próximo de Piquet Carneiro, num lugar chamado Algodões, talvez o lugar mais seco que existe no Ceará.

Agora falava com a voz mais clara e até apre-

sentava um sorriso tímido.

— O motorista da Rural Willys que me levou até lá, duvidou que ainda tinha gente morando naquele lugar. Não existia nem porteira e nem cerca. Muito mal existia a estrada. A casa tinha virado uma tapera. Desci pouco antes da casa, próximo do juazeiro e da casa de desmancha, onde brincava e trabalhava quando criança. O juazeiro era a única coisa verde naquele mundo.

Parou e olhou longamente para José Manoel e depois para Geni que estavam apreensivos.

— Foi bom eu ter ido até lá! Fiquei recordando minhas traquinagens recriminadas pela minha avó que não queria que matássemos os passarinhos. No dia que fomos embora, ela nos chamou e disse: “Vocês estão indo para o sul que é terra de gente educada. Sejam educados também e sempre peçam a benção dos mais velhos!”.

José Manoel concordou:

— É assim mesmo que todo mundo pensa, que o sul é sempre melhor!

Custódio que interrompera a narrativa parecia agora mais alegre, recordando dos momentos e da emoção que sentira naquela visita ao sítio da sua infância. Continuou:

— Nem um sinal de vida na casa. Depois de muito tempo ouvi o latido de cachorro. Um latido bem fraquinho que vinha por detrás da casa. Caminhei até lá . Interrompeu a narrativa e fitou José Manoel e Geni, os olhos lacrimejantes e continuou:

— Minha tia me esperava na porta da casa. Ela estava muito velha. Era surda muda e nós crianças fazíamos muitas brincadeiras com ela. Ela não me reconheceu, mas estendeu uma pequena tabuleta pintada de preto onde estava escrito: Quem é você? Custódio sorriu tímido, parecia envergonhado e continuou:

— Aí ela me estendeu um giz. Eu escrevi, Custódio de Dedé Grande e ví que os olhos dela brilharam. Ela me reconheceu. Veio e me abraçou bem forte. Fez sinal para que eu entrasse. A sala despojada e com os mesmos móveis de mais de vinte anos.

Custódio baixou a cabeça. Chorava de novo. Mas fazia um esforço enorme para não chorar, mas não conseguia segurar as lágrimas. Enxugou o rosto e olhou envergonhado para Geni e Zezinho.

Eles, calados, solidários, até que Geni falou:

— Chore, chore que chorar faz bem. Só estamos nós aqui e somos amigos. Não se aperreie.

Ele retomou a história:

— Meu pai estava sentado junto de uma janela. Ficara cego. Minha tia foi até ele, que estendeu o braço para ela. Era tudo bem definido. Parecia que há muito tempo era assim. Ela, com o dedo, o toque do dedo, escreveu alguma coisa no seu braço. Sem tinta sem nada, só com o tato! “Meu filho Custódio!” Meu pai disse, emocionado. Levantou-se e com a voz quase sumida falou: “Venha cá meu filho para eu lhe dar um cheiro!” Eu não conseguia falar nada, só chorava. Minha avó estava deitada

numa rede puída, as varandas aos pedaços, num quarto junto à sala. Não andava, não falava e comia com dificuldade. Meu pai bateu até a porta do quarto onde estava minha avó e falou bem alto para ela: “É seu neto! É meu filho Custódio que é da Marinha!” Disse orgulhoso.

— E eu nem era mais da Marinha...

**15 de setembro de 1972. Um jornal paulista recebeu o seguinte comunicado do Ministério de Justiça: “De ordem do senhor Ministro da Justiça fica expressamente proibida a publicação de: notícias, comentários, entrevistas de qualquer natureza sobre abertura política ou democratização, anistia aos casados, situação econômico-financeira, problema sucessório”, ... etc. etc.**



## 17. Um cachorro chamado Kimble

Anselmo, o Jonatas, agora era Daniel e vinha para Toritama. Toritama fica no agreste, quase sertão de Pernambuco e era onde José Manoel, militante da VPR morava. Vivia modestamente e fabricava chinelos de couro cru que vendia nas feiras de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Ocorre que Anselmo nem era mais Jonatas e muito menos Daniel, agora era Kimble e tinha virado cachorro. Aproveitava os problemas internos da VPR, um caldeirão que fervia em discordâncias profundas de táticas e estratégias que rodava o mundo entre Brasil, Cuba, Chile, Argélia e a Europa. Alheio a tudo, Anselmo fazia o seu novo trabalho. O seu sujo trabalho. Agora para a ditadura. Estava sob as ordens do delegado Fleury do DOPS, onde dinheiro não era problema, nem escrúpulos, nem nada. O rigor da clandestinidade o favorecia. Anselmo tinha consciência de tudo isso e sabia usar a seu favor. Juntava segredos, terríveis segredos que não teria depois com quem partilhá-los.

Para José Manoel, o Cirilo, Anselmo não era Kimble, ainda era Jonatas e agora Daniel. A admiração e o respeito por Anselmo era sincero, afinal ele fora o grande condutor da assembléia naquele março de 1964 lutando pelos direitos dos marinheiros e pelas reformas de base que iriam melhorar a vida do povo brasileiro e levava para a reunião nin-

guém menos que João Cândido, o líder da Revolta da Chibata, o homem que ousou dirigir uma revolta contra os poderosos e que pela primeira vez tirava a máscara da república. Uma república fardada e comandada por coronéis sem farda. Os marinheiros provaram que a república não era a *res-pública*. O Estado tinha dono e seu dono não era o povo.

Mas Anselmo se fiava também em outras coisas. A herança moral da Associação dos Marinheiros, a bela herança construída pelo companheirismo, a solidariedade, o despojamento dos marinheiros. Kimble também se aproveitou disso e então foi até a casa de José Manoel em Toritama, um pecado mortal na luta clandestina, onde o contato é nos pontos e onde não se deve saber onde mora o companheiro, o que faz e o seu nome verdadeiro. E ele foi a Toritama porque agora seu mundo era o porão fétido da repressão, onde torturadores eram pagos por banqueiros, industriais e fazendeiros e pela rapina dos bens dos militantes capturados e onde não havia escrúpulos. Para ele era fácil atuar, pois entre militares na luta armada a confiança era total.

O pessoal do INCRA também estava em Toritama, vigiando. Era a equipe do delegado Fleury, que usava um carro com o emblema do INCRA e que vigiava tudo desde algum tempo. Desde o tempo que Anselmo virara cachorro com o nome de Kimble.

José Manoel tinha disciplina. Era um militan-

te fixado numa base e que desenvolvia um bom trabalho político. Um trabalho lento, mas sólido. Ele estava conseguindo fincar uma trave naquele chão duro de pedras de muita miséria para o povo, mas de muita riqueza para os coronéis que ganharam fôlego servindo de capachos da ditadura. José Manoel ultrapassara a fase do foquismo. Atuava na região e procurava organizar uma escola de alfabetização e era da diretoria do time de futebol, o Ipiranga Futebol Clube, onde ganhara a estima e consideração e procurava mostrar outras coisas além do futebol bem jogado pelo seu time.

Anselmo e sua companheira Soledad apareceram para o almoço e agora conversavam na varanda. Era novembro. Final de novembro.

— Ficou quanto tempo em Natal? Era Anselmo que falava agora.

— Dois anos, se muito. Cheguei solteiro e saí casado, quer dizer meio casado porque foi casamento na igreja. No civil casei lá em Nova Iguaçu e ainda nem era cabo!

Anselmo continuou:

— Tenho boas lembranças de Natal! Estive lá no começo de 64 e visitei o pessoal da nossa associação, fui apresentado ao prefeito Djalma Maranhão que morreu agora no exílio em Montevideú! Fizemos uma reunião no Sindicato dos Bancários que foi mais um discurso sobre as reformas de base! Tinha gente do Partido Comunista... o pessoal lá é de fibra! Depois vim para o Recife e também fizemos

uma boa reunião num sindicato de lá! Todo mundo estava confiante nas reformas do Jango!

Depois do almoço, Anselmo saiu com José Manoel que queria ver algumas propriedades rurais com a intenção de comprar:

— Uma fazendinha para engordar gado! Disse José Manoel para Geni.

Soledad chegou tensa, calada e bem diferente do que se falava dela, mulher expansiva e sorridente. Não saiu com Anselmo e José Manoel, ficou e passou o dia fazendo bordados, calada, cismada. Parecia sofrer muito. De vez em quando levantava os cabelos, os tirava da nuca e numa dessas vezes Geni viu uma mancha avermelhada, uma escamação, como se fosse uma cicatriz. Soledad percebeu que Geni olhava com certo espanto e disse sorrindo quase se desculpando:

— Psoríasis! aumenta cuando estoy nerviosa!

Geni sorriu e concordou com a cabeça, mas não entendera nada. Percebeu sim uma enorme angústia naqueles olhos que pareciam pedir socorro. Foi das poucas vezes que Soledad falou. Econômica nas palavras, pedia por favor e dizia obrigado, sempre com um sorriso terno, mas era só. Geni não estava gostando daquilo. Sentira um clima pesado e desagradável entre Soledad e Anselmo. Eles não pareciam um casal feliz como Zezinho lhe falara.

Geni atribuía a mudez de Soledad à barreira da língua. Estava aperreada por entender pouco do que ela falava. Achava uma língua diferente, estra-

nha. Era muito difícil para Geni tudo aquilo, logo ela muito expansiva e prestativa. E assim Soledad passou a tarde bordando blusas, muitas blusas, num ritmo frenético, cabeça baixa concentrada no bordado.

José Manoel chegou tarde da noite sem a companhia de Anselmo. Soledad já estava dormindo. Geni a acomodara no quarto de seu filho. Não houve novidades na chegada de José Manoel. Soledad continuou dormindo. Talvez já tivessem combinado tudo aquilo, mas Geni achou aquilo estranho.

— Anselmo está aperreado. Soledad está grávida e eles não podem ter este filho agora. Precisa de alguém que faça o aborto! Você sabe de alguém por aqui ou lá em Natal que faça o aborto?

— Eu sou contra fazer aborto. Não é uma coisa certa! Sou católica e contra o aborto. Foi só o que disse Geni. José Manoel ouviu e ficou calado. Não tocaram mais no assunto.

Na verdade, aquela visita de Anselmo, quebrando todas as regras de segurança, tivera vários propósitos: levantar a atuação da VPR na região, conhecer a extensão do trabalho de José Manoel e convencê-lo a ir ao Chile para creditá-lo junto à VPR e a Onofre, além de trazer dinheiro para a organização e mostrar que ele Anselmo, não era um traidor. Isso aplacaria as desconfianças de Soledad que àquela altura estava desesperada com a possibilidade de Anselmo ser um agente da ditadura. Para Anselmo, ninguém melhor que José Manoel,

um romântico, um poeta, um ex-marinheiro que fora da direção da Associação dos Marinheiros, militante da VPR, ligado umbilicalmente a José Raimundo da Costa, figura respeitada pelos grupos de esquerda, para avalizá-lo à direção da VPR no Chile. Falar da sua atuação no Nordeste e mostrar que as denúncias eram insinuações maldosas, provocadas pelo personalismo que invadia as organizações e que provocava a divisão dos revolucionários e ajudava a ditadura. Enfim era tudo fruto da inveja entre os grupos da esquerda.

Militares são homens de ação. Os marinheiros entraram no movimento para agir e não pensando em teorizar, mas no desenrolar da luta foram aprendendo, foram estudando e foram percebendo que havia a necessidade de um trabalho mais profundo, de raízes, de estrutura, afinal, não bastava fazer uma ação espetacular para o povo ir atrás. O povo não estava indo atrás. E porque não ia? O que faltava? A teoria era importante sim. Isso eles foram aprendendo com o desenrolar da luta armada.

Quando Anselmo saiu depois do almoço com José Manoel, despediu-se de Geni. Geni ficou com aquela sensação estranha, aquele nó na garganta, aquele mal estar sem saber o porque daquilo. Sentiu muito medo de Anselmo. Seu olhar e o beijo que ele deu na sua face ficou congelado na sua memória. A cada vez que lembrava ficava arrepiada de medo. Sentiu que era um beijo de traição.

Mais tarde quando se preparavam para dor-

mir, Geni confessou suas dúvidas para Zezinho.

José Manoel lhe respondeu um tanto ríspido:

— Mulher tire isso da sua cabeça que ele é um cabra muito bom! Um grande companheiro de longa data!

Soledad foi embora na manhã do dia seguinte. Ao sair, deixou uma bolsa com algumas roupas próprias para o frio. Eram roupas que pouco se usavam naquele clima quente do Recife.

**1972. Na região do Araguaia a luta prosseguia. No Brasil, poucas pessoas sabem que há uma guerrilha no Araguaia. Nas redações dos jornais e revistas e nas universidades circula um relato datilografado que é reproduzido por cópia xerografada e passado de pessoa a pessoa. No dia 29 de setembro, num encontro casual, cai a jovem guerrilheira Elenira. Elenira Resende de Souza Nazaré. Juntamente com outro companheiro, ela fazia guarda num ponto alto da mata onde havia uma estrada, a fim de assegurar a passagem sem surpresa do Destacamento ... Em setembro de 1972, as Forças Armadas da ditadura voltam para a segunda campanha. Empregam efetivos de 8 a 10 mil homens sob o comando dos generais Viana Moog e Antonio Bandeira.**



## 18. Primavera em Santiago

“Sim, é bem possível no próximo ano vamos ter o festival de cinema aqui!” Na recepção do hotel dois homens conversavam em voz alta. Não havia como não escutar. E José Manoel que naquele momento entregava as chaves do quarto na recepção, pensou que talvez no próximo ano ele poderia vir nesse festival de cinema. Ele que sempre gostou de cinema.

Deixaram o hotel e foram passear pela cidade.

— Vamos até ali, parece que é um lugar bom! Geni falava inebriada com toda aquela beleza que nunca vira antes.

— É para lá mesmo que vamos! Respondeu José Manoel sorrindo, compartilhando a felicidade de Geni.

Estavam em Gramado. Caminhavam por uma rua como duas crianças descobrindo o mundo. Ao longe Geni viu a placa Café Colonial num local aprazível. Era novembro, quase dezembro de 1972 e tudo para Geni parecia um sonho. Para ela, aquilo era mesmo um sonho. Um povo todo diferente daquele que conhecia, de uma fala diferente, simpáticos e uma cidade toda florida, Hortênsias azuis nas estradas, praças e ruas. A serra, as plantações de uva e maçã, o verde das pastagens, as árvores. Tudo tão diferente da secura de pedras de Toritama. Era mesmo um alumbramento.

Adorou tudo no café colonial, os doces, os bolos, o chocolate e lembrou dos filhos e o quanto eles gostariam daquele passeio.

— Eu não imaginava que podia ter tanta coisa bonita no Brasil! Falou, naquela felicidade sem tamanho, quase nunca vivida até aquele dia.

— Se correr tudo bem, a gente vem no ano que vem com as crianças! José Manoel também estava em estado de graça naquele lugar. Poucas vezes, durante toda a viagem, Geni o viu menos tenso.

Para Geni, a viagem não fora planejada. No dia que José Manoel chegou dizendo que finalmente fariam a viagem de núpcias, com um atraso de dez anos, ficou muito feliz.

— Para onde? Perguntou curiosa.

— É segredo e ninguém pode saber! É nosso presente pelos dez anos de casamento!

Ela não estranhou, pois José Manoel era cheio de segredos. Achou tudo normal.

— E as crianças, também vão?

— Não! Desta vez não vai dar. Vamos deixá-las com mamãe! Afinal é nossa viagem de núpcias! Falou sorrindo.

— É bom você levar aquelas roupas que Soledad deixou porque são roupas de frio e onde vamos pode fazer frio!

Geni vestiu uma saia longa quadriculada e uma blusa azul clara de manga comprida. As roupas ficaram bem nela. José Manoel aprovou.

A viagem daquele casal de comerciantes brasileiros, seguiu pelos Andes. Agora estavam em Santiago do Chile. Geni um tanto assustada, mas adorando a viagem. Chegaram pela manhã e José Manoel buscou apressadamente um telefone e discou 3-5818.

— Alô! Atendeu uma voz cansada.

— Quiero hablar con el doutor Moraes!

— É ele mesmo! É o Moraes!

— É da parte do Maurício e quero falar com o Ribeiro!

— Correto! Onde?

— Bem, é na praça ....

— Certo, certo! Preste atenção...existe um bar no lado esquerdo. Vá para lá e peça um café e espere uns dez minutos e depois volte para a praça!

Aguardaram uns cinco minutos na praça, depois do café. Um automóvel parou bem junto deles, Havia um casal no veículo. Eles não desceram. Deram uma chave, o endereço e saíram apressadamente.

José Manoel e Geni tomaram um táxi e foram até o local indicado, um pequeno apartamento no centro de Santiago.

No Chile, a burguesia e a alta cúpula militar sob a orientação da CIA preparava o golpe contra o governo democrático do presidente Salvador Allende.

Geni estava no banho quando começou ouvir um barulho de latas batendo, de início tímido, mas

que foi aumentando e ficando cada vez mais forte e mais perto. Depois começou a ouvir também o som das buzinas dos carros. Assustou-se e procurou a janela para ver o que ocorria lá fora. Na rua, tudo parecia normal, na pracinha que avistava pela janela também, mas, nas varandas dos outros apartamentos pôde ver dezenas de pessoas batendo panelas. Em muitas varandas, estavam lá as pessoas batendo panelas. Estranhou tudo aquilo e saiu de perto da janela. José Manoel pedira que não ficasse junto da janela.

— Estou cuidando do meu retorno para a Marinha! Mas é segredo e ninguém deve saber! Pela manhã, antes de sair, José Manoel conversou demoradamente com ela. Mostrou-lhe tudo no apartamento e como deveria se portar. Ele só voltaria à noite. Um papel pregado na parede da cozinha orientava sobre alguns procedimentos, coisas simples como por exemplo chá mate com leite condensado. Era tudo minuciosamente organizado.

José Manoel, além de creditar Anselmo junto a Onofre Pinto e à VPR, anulando as notícias que chegavam denunciando Anselmo como traidor, deveria ainda trazer dinheiro da organização para as ações no nordeste. Militar como Anselmo e Onofre e de confiança da organização, José Manoel era amigo de Anselmo desde o tempo da Associação dos Marinheiros, onde ambos foram da diretoria. Era amigo fraternal de José Raimundo da Costa, sargento da marinha, também da diretoria da Associa-

ção dos Marinheiros e um militante respeitado pelas organizações revolucionárias. Anselmo sabia que José Manoel era a pessoa certa para desfazer as notícias que o acusavam de agente da repressão sob o comando do delegado Fleury do DOPS de São Paulo.

— E então? Perguntou Onofre. Onofre era um militar, respeitado por todos, homem sério, organizado e que tinha a convicção que a luta deveria continuar de alguma forma.

— Está tudo bem! Respondeu José Manoel. Anselmo esteve lá e disse que era preciso que eu viesse. Dizem que estão queimando ele entre os companheiros. Ele se diz injustiçado! Afirma que é o pessoal das outras organizações com suas desconfianças. Diz que não tem nada a temer. Esteve lá e fomos até um sítio que poderá ser comprado. Ele foi ver o sítio e achou que é um bom negócio! Ele foi com Soledad...mas, parece que eles estão meio brigados!

Interrompeu a fala e olhou para Onofre que ouvia com atenção.

— Anselmo acha que o problema maior é que entre nós militares há uma identificação que não há entre o pessoal oriundo do movimento estudantil e entre os intelectuais! Ele acha que nós, pela nossa origem não tergiversamos e agimos quando é preciso! Ele também acha que o pessoal teoriza muito e age pouco. Eu acho que é um problema que ainda não conseguimos superar: este negócio de revoluci-

onários da pena e revolucionários do gatilho! Precisamos superar isto, nós temos valorosos companheiros saídos do movimento estudantil, do operariado, do campesinato e da intelectualidade. José Raimundo já havia superado isso. Eu também já superei!

Onofre o fitava pensativo sem expressar nenhuma reação. Há dois meses tivera um contato com Diógenes de Arruda Câmara, um valoroso militante do PCdoB que lhe dissera que vira Anselmo no DOPS, não como prisioneiro, mas como cachorro do Delegado Fleury.

— Eu não tenho motivos para duvidar de Anselmo, fosse ele militar ou não -- continuou José Manoel -- nós somos amigos desde a Marinha, desde sessenta. Minha presença aqui é mais para isso: desfazer um mal entendido e buscar recursos!

Onofre encarou o companheiro com certa angustia. Ele já não tinha tanta certeza se Anselmo mentia ou não. E se fosse mais uma trama de Anselmo, das que vinham sendo comentadas? Enviar para o Chile, um valoroso companheiro se valendo da amizade pessoal, da extrema dedicação e solidariedade? Tentar encobrir sua traição, abjeta e covarde expondo um companheiro? Seria possível um ser humano assim? Depois refletia: não, não, é tudo mesmo fruto da dissensão entre as esquerdas e Anselmo é vítima. Como desconfiar de Anselmo, um homem que voltara de Cuba para a luta revolucionária e que tinha tido todas as oportunidades de

viver tranquilamente na Europa. Não, Anselmo não é um traidor.

Onofre, visivelmente abatido disse:

— Está tudo muito confuso! Eu já não tenho tanta convicção quanto a Anselmo. Agora é preciso ter mais cuidado! Não estão claras as circunstâncias da prisão e assassinato de José Raimundo e de muitos outros companheiros! Vocês todos podem estar em grande risco! Por outro lado devemos primeiro ter evidências, pois ninguém pode acusar assim sem provas! Há muita contra-informação e a ditadura fomenta e se aproveita disso!

José Manoel sentiu faltar o chão. Era inacreditável tudo aquilo. Não era bom expressar reações sobre dúvidas, mas ele quase desabou com aquela suspeita por parte de Onofre. Aquilo era como uma lâmina entrando em seu peito devagarinho. E lembrar agora que fora ele quem dera o ponto para Anselmo com José Raimundo. E aí lembrou-se das desconfianças de Geni após a visita de Anselmo em Toritama.

Na verdade, Anselmo estava ganhando tempo. Ele esperava reunir uma grande parte dos companheiros da VPR ali em Pernambuco para entregá-los ao sadismo da equipe do delegado Fleury, num momento em que a ordem era matar.

Onofre orientou José Manoel a fazer outro caminho na viagem de volta. Deveria tentar um ponto na Argentina para esclarecer algumas dúvidas com relação à atuação de Anselmo.

Quando voltavam do Chile de avião, Geni preocupada, mas feliz pela viagem olhava os picos nevados das montanhas. Zezinho lhe falava:

— Veja é a cordilheira dos Andes que a gente só tinha visto no mapa! Na verdade José Manoel disfarçava seu nervosismo. Estava apavorado. Olhava a todo momento para as pessoas dentro do avião. Achava que estavam sendo seguidos.

Aterrisaram em Buenos Aires e foram para um hotel bem afastado da cidade. Ele tentaria um contato com um companheiro da VPR. Geni achou tudo aquilo muito estranho. José Manoel saiu e ela ficou no saguão do hotel e viu quando alguns militares se dirigiram à recepção e conversaram demoradamente com o funcionário. Quando José Manoel voltou ela falou sobre o episódio dos militares ali no hotel. Imediatamente, José Manoel foi até o quarto, apanhou as malas, pagou a conta e foram embora. O companheiro do ponto já havia caído. Era a operação Condor em andamento.

De volta a Toritama, assim que entrou em casa, Geni viu José Manoel ir até a cozinha e anotar alguma coisa debaixo da mesa da cozinha. Viu, mas não perguntou nada e ele também não falou nada.

**1964. Os Estados Unidos investiram US\$20 milhões na eleição do democrata-cristão Eduardo Frei no Chile, para barrar Salvador Allende. Deu certo, mas o governo de Frei foi um desastre. Em 1970 os**

**Estados Unidos investiram no conservador Jorge Alessandri do Partido Nacional. Não deu certo e Salvador Allende foi eleito presidente do Chile. O primeiro presidente socialista eleito pelo voto livre. A Unidade Popular iniciou a construção do socialismo com o fim dos monopólios, a nacionalização de empresas, a reforma agrária e melhorias na saúde, educação, habitação, política de empregos e melhoria dos salários. Em 1971, a Unidade Popular aumentou sua votação nas eleições municipais. Tudo ia bem para os trabalhadores e os pobres no Chile, mas a classe média estava incomodada, não que faltasse comida na sua mesa, mas como ela almejava um dia ser da burguesia, achou que Allende barrava-lhes o acesso. Ele é socialista demais, dizia. Aí, juntou-se, os grandes capitalistas do mundo, os donos das grandes mídias, a CIA e etc, sob o comando do presidente Nixon e do secretário de Estado americano Henry Kissinger e sangraram o governo de Salvador Allende. Recorreram aos militares nativos. Eles tinham larga experiência no trato com os militares latino-americanos. Deu-se o golpe e o assassinato de Salvador Allende, eleito pelo voto livre do povo chileno. A classe média chilena comemorou. Tinham chances novamente de ascender à burguesia. Parece um esquema, não é? Era. O esquema norte-americano para as Américas.**



## 19. Um sequestro em Toritama

— Mas, e o jogo? Perguntou Rodrigues um tanto preocupado. Ele e José Manoel eram os responsáveis pelo Ipiranga Futebol Clube, e iam jogar em Pão de Açúcar naquela tarde de domingo.

— Vocês cuidam aí! Respondeu José Manoel, completando:

— Apareceu assim de repente esse pedido, aliás, um bom pedido! Eu tenho que ir agora para Recife deixar a mercadoria! Se não for agora perco o freguês! E saiu acelerando o carro, apressado. No carro além de alguns pares de calçados, José Manoel levava o dinheiro da VPR para ser entregue a Anselmo com quem ia manter o contato, cobrir o ponto. Estava desarmado, aliás, José Manoel nunca portava arma. Recebera o comunicado pela manhã daquele domingo, foi até à mesa da cozinha e checkou a senha. Era a hora. Anselmo o aguardava em Recife. Sentiu um alívio grande com aquela notícia, porque não tivera sossêgo desde que viera do Chile em razão das desconfianças sobre Anselmo. Aquilo tudo era demais para ele que sonhava com uma vida de dignidade para os filhos. E sempre que imaginava aquela situação entrava em desespero:

— Meu Deus! Anselmo traidor! Não! É difícil acreditar nisso. Deve haver engano! Agora estava feliz por confirmar que Anselmo não era traidor.

Apesar de toda aquela situação de desconfian-

ça que agora pairava sobre Anselmo, não havia meios — dado a clandestinidade — e nem era correto acusar companheiros de luta sem evidências concretas. Elas não existiam até aquele momento.

— Viche! Que pressa é essa? Era João Messias, um dos jogadores do Ipiranga que chegava naquela hora e viu José Manoel sair a toda velocidade e dobrar a esquina perigosamente.

Passou na casa da mãe e beliscou as panelas. A mãe pediu:

— Fique meu filho, almoce aqui!

— Não, agora eu não posso, tenho de viajar! Deu um beijo na sua mãe e saiu.

Parou na bomba de Pedrinho, que era o posto de gasolina de Toritama e pediu para João, o empregado do posto e cunhado do Pedrinho que verificasse o óleo de freio.

Naquele local tinha a bomba de gasolina e ao fundo um pequeno prédio de duas portas onde funcionava um bar. José Manoel entrou no bar cumprimentando os homens que estavam sentados próximos da entrada. Um deles era João Joaquim.

João Joaquim viu quando uma Variant preta de placas brancas do Recife com o emblema do INCRA estacionou logo depois ao lado do carro de José Manoel e dele desceram três homens que se dirigiram ao bar. Ele já tinha visto aquele carro circulando por ali. Numa cidade pequena, qualquer pessoa ou carro diferente chama a atenção. E ainda mais com o emblema do INCRA e placa de Recife.

Faziam duas semanas que aquele povo era visto alí em Toritama. Aguardavam as ordens de Anselmo e do delegado Fleury.

João Joaquim viu que um dos homens estava desenrolando uma corda fina e passaram por eles com a cara fechada e entraram no bar sem nem cumprimentá-los. Um dos homens permaneceu fora, alí por perto. João Joaquim ouviu uma alteração de voz dentro do bar e levantou-se para olhar, foi quando o homem que estava fora encostou uma arma em suas costas e lhe disse:

— Entre e aguarde a segunda ordem!

João Joaquim virou-se para o amigo com quem estava conversando e disse:

— É! Vamos entrar, não é, Nivaldo? O homem está pedindo para a gente entrar!

Quando estavam entrando no bar, os dois homens já vinham saindo com José Manoel com os braços amarrados.

João Joaquim ainda ouviu quando José Manoel pediu:

— João, guarde aí a chave do meu carro!

Ao que um dos homens, de pronto, avançou sobre João gritando:

— Me dê aqui a chave do carro! E tomou a chave da mão de João, que se preparava para verificar o óleo do carro.

Depois, colocaram José Manoel no carro do INCRA e um dos homens foi sentado junto dele no banco de trás. Um outro homem pegou o carro de

José Manoel e seguiu o veículo dos sequestradores.

Geni voltava da bodega onde fora comprar alho, quando foi abordada por um rapazinho que vinha numa desabalada carreira de bicicleta e lhe disse da prisão de José Manoel pelos homens do INCRA.

De início, um grande choque. Não pensou em nada, não fazia idéia do que poderia ser o motivo da prisão de Zezinho. Só podia ser um engano. De imediato foi até a casa dos sogros que estavam desesperados e sem saber o que fazer e o porquê daquela prisão.

Por fim, uma e outra pessoa chegando e comentando o fato, concluíram que a prisão de José Manoel fora em razão da sua fabriqueta de calçados. Falta de nota fiscal e do pagamento de impostos. Alguém deve ter denunciado.

Quando chegaram nessa conclusão, Geni desesperada pensou no pai em Natal. Ele resolveria o problema. Ele poderia emprestar o dinheiro, ela pagaria os impostos e depois registraria a firma de Zezinho; mandaria fazer a nota fiscal e tudo ficava bem de novo.

Um tio de José Manoel a trouxe até Natal. Quando viu o pai, sentiu-se mais segura. O pai sempre terno, sempre amigo e acolhedor, disse-lhe:

— Veja lá, minha filha, quanto é que Zezinho tem de pagar de multa ou imposto que a gente vai procurar pagar isso daí para ele ser solto logo! O que tem que fazer agora é procurar saber qual é a acusação!

Até então, Geni só pensava que o fato de Zezinho vender tudo sem nota fiscal era o motivo da sua prisão. Era uma fabriqueta de fundo de quintal. Ele fazia tudo quase sozinho e vendia nas feiras. Eram sandálias e chinelas simples de couro bruto. Baratos. Muito baratos que só os sertanejos compravam. Não dava mesmo para pagar impostos.

Voltou no mesmo dia para Toritama mais aliviada, planejando falar com um advogado e ir logo na Receita resolver tudo aquilo. Ao chegar em casa, tarde da noite, outro susto enorme: sua casa estava toda revirada, móveis quebrados, os sofás e os colchões rasgados. Saiu dali desesperada e foi para a casa de seus sogros que estavam mais apavorados que antes e então, quase não suportou mais e desmaiou. Acordou com todos à sua volta, ainda desesperados. Os sogros, os cunhados, os filhos, vizinhos, todos numa comoção. Ninguém conseguiu dormir naquela noite.

Mais tarde, sua cunhada lhe contou os fatos que se seguiram à prisão de José Manoel. Bem à tardinha, alguns homens no mesmo carro do INCRA vieram e arrombaram a casa de José Manoel e reviraram tudo. Saíram um tanto desapontados e com raiva, muita raiva, pois pareciam não ter encontrado o que queriam, ou esperavam encontrar. Depois, foram até a casa do pai de José Manoel e prenderam sua irmã. Maria Luíza estava apavorada sem saber o porquê de tudo aquilo.

O homem, que parecia ser o chefe do grupo,

foi gritando assim que desceu do carro, lá do meio da rua:

— Se não encontrarmos o que buscamos, vamos levar você para Recife! Lá você vai se lembrar melhor das coisas! E passaram a aterrorizá-la para que dissesse onde estava o material subversivo. Buscavam algo que incriminasse José Manoel, armas, panfletos, qualquer coisa. Por fim, depois de revirar tudo por ali, encontraram na garagem da casa um mimeógrafo à álcool, enferrujado e faltando peças e saíram desapontados carregando o mimeógrafo. Na verdade, buscavam mais que objetos que incriminassem José Manoel, buscavam o dinheiro da VPR, o tão falado dinheiro do cofre do Ademar de Barros.

**1972. Ápice do Milagre Brasileiro. Os pobres ficaram mais pobres e os ricos mais ricos. Nos campos: soja, trigo, cana-de-açúcar e depois cana-de-álcool combustível; e mais, tratores, inseticidas e pesticidas. Nas cidades, cinturões de miséria. Os agricultores expulsos da terra pela cana, soja, inseticidas e tratores, viraram pipoqueiros, serventes de pedreiro e boias-frias, enfim um bom exército de reserva. Era a modernização do Brasil. Nas propagandas da ditadura: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”.**

## 20. Sequestros no Recife

Naquela segunda-feira 8 de janeiro de 1973, Pauline e Eudaldo saíram de casa bem cedo e foram para o apartamento de Anselmo e Soledad. Eudaldo ficou lá com Anselmo, e Pauline foi com Soledad para a praia de Boa Viagem. Soledad fornecia roupas bordadas para uma boutique que ficava na Avenida Conselheiro Aguiar, 1934. Era uma segunda-feira cheia de sol no Recife.

Soledad levava uma sacola com as blusas que ela caprichosamente bordava e agora, pouco mais de nove horas, negociava com Sonja, a dona da boutique.

Conversavam animadamente quando dois veículos em grande velocidade, um fusca da polícia e uma perua Variant preta de placas brancas 7831 com o emblema do INCRA, frearam subitamente na frente da loja, arrastando os pneus, fazendo grande alarde e fechando toda a frente da loja, impedindo a circulação de veículos e pessoas no local. Dos veículos saltaram cinco homens, todos com armas em punho, e um deles, forte, de camiseta e com um colar de continhas, esferiu uma violenta coronhada na cabeça de Pauline que deu um grito forte, assim como um urro, e estatelou-se no chão da loja com o rosto exprimindo uma dor lancinante. O grito de Pauline chamou a atenção das pessoas que passavam próximas dali. As pessoas acorreram assusta-

das para a loja tentando se aproximar.

Postado na calçada da loja, um dos homens, acintosamente exibindo uma arma pesada, gritava:

— Circulando! Circulando! Somos da polícia e estamos prendendo umas contrabandistas!

Soledad, acuada na parede por dois homens que tentavam algemá-la, gritava desesperada:

— Por quê? Por quê?

A dona da boutique, em estado de completa histeria e gritando muito, foi ouvida nos fundos da casa por seu marido que veio em socorro. Também muito assustado com tudo aquilo, foi abordado por um dos homens que colocou um revólver na sua cabeça e gritou:

— Faça sua mulher calar a boca ou vamos levá-la também!

O homem, tomado de pavor pela cena insólita, ainda perguntou:

— Mas quem são vocês e o que querem?

— Somos da polícia e sem perguntas que é melhor para você! Só queremos as duas mocinhas aqui!

Nessa altura, um dos homens falava num rádio de comunicação do fusca:

— Ok!, Ok! Tudo certo! Tudo limpo!

Arrastaram Soledad amordaçada e amarrada para dentro do fusca e jogaram Pauline no chão do outro carro, onde dois homens entraram e pisaram no corpo dela com maldade. Pauline somente arfava e o olhar era de terror. Assim como Soledad, também estava amarrada com as mãos para trás e

amordaçada. Saíram em grande velocidade, assim como chegaram. Agora, escandalosamente, sirena ligada, buzina impaciente contra aqueles que dirigiam devagar e ousavam não lhes dar passagem. Assim que os ultrapassavam, xingavam, ofendiam, ameaçavam. Um carro da polícia podia tudo. E os policiais estavam acima das leis. Tempos de ditadura fardada e coronéis sem farda.

Quando Tércia abriu a janela do quarto e a claridade do sol e os sons da segunda-feira no Recife invadiram tudo, Jarbas, ainda sonolento pela noite mal dormida, sentou-se na cama e olhou a mulher demoradamente e teve a certeza que Tércia, tão frágil e tão terna, não poderia acompanhá-lo naquela aventura. Não era justo. Ela, junto ao berço, acariciava sua filhinha que reclamava a mamadeira. A criança ainda não completara o primeiro ano de vida.

Jarbas baixou a cabeça e pensou mais uma vez que deveria fugir do Recife naquela manhã, naquela hora. Dormira pouco e mal. Adormecera pela madrugada, depois que o cansaço o dominou. Passou o tempo todo assustado com os sons da noite, percrustando tudo, levantando seguidamente, indo até a porta da sala, encostando o ouvido na parede, uma agonia sem fim. Estava verdadeiramente angustiado. Naquela semana, na quinta-feira, mais uma desconfiança levantada sobre a atuação de Anselmo. Partia de uma pessoa acima de qualquer suspeita, porque era da VPR, do mesmo grupo do

Recife, ligado a Onofre, vindo do Chile recentemente e amigo de Anselmo desde a Associação dos Marinheiros. Não era uma acusação definitiva, mas um alerta que veio se juntar aos outros alertas que Jarbas recebera de companheiros de outras organizações, muitos deles já fora da luta armada, mas com honradez suficiente para alertar um amigo sobre os perigos que corria.

Dias antes, Jarbas, que trabalhava na Livraria Moderna, na Rua Ubaldo Gomes de Matos, 115, procurara a advogada Mércia Albuquerque, sua amiga, que ao vê-lo, perguntou, como sempre fazia:

— E então, Jarbas, algum livro novo e interessante na Moderna?

Jarbas sorriu, balançou a cabeça negativamente e falou baixinho:

— Preciso conversar com você!

A advogada Mércia Albuquerque sabia o que significava aquele “eu preciso conversar com você”, dito daquela maneira quase gutural. Experiente, presa várias vezes sem acusação formal, sequestrada pela ditadura, ameaçada de morte em razão de sua luta na defesa dos presos políticos, entre eles Gregório Bezerra, leu a angústia nos olhos de Jarbas.

— E então?

— Estou apavorado, três companheiros, com quem eu tive ponto foram presos! Eu não sou traidor, mas alguém está querendo me jogar uma pecha de traidor. E eu só tenho dois contatos de quem eu desconfio: Anselmo e César, um dos dois é traidor!

— Ou os dois! Respondeu Mércia.

Naquela mesma noite, Jarbas voltou ao apartamento de Mércia e angustiado lhe disse:

— São muitas as evidências e agora me veio mais uma, Anselmo deve ser a pessoa infiltrada! A voz quase não saía. Os olhos choravam sem chorar.

A advogada Mércia Albuquerque entendia tudo aquilo também. Sabia da decepção dos militantes quando descobriam uma traição. Sabia da dor que sentiam, daquela dor que não passava nunca e que ficava enroscada em algum lugar do pensamento. E sem mais, nem menos, vinha à tona e doía. Sabia da sensação de impotência que invadia o militante, tomado de chofre com as traições. Ela sabia o quanto tudo aquilo era devastador.

— Tome uma água e vamos conversar! Você trouxe o que lhe pedi?

— Sim! Está tudo aqui! E passou para Mércia um envelope com os seus documentos pessoais. Depois, tirou uma fotografia que trazia no bolso e entregou para ela.

— É Anselmo... Cabo Anselmo! Ele usa os nomes de Daniel, Jadiel e Américo Balduino. É o companheiro daquela moça paraguaia, Soledad!

Depois continuou:

— A notícia é que a equipe do delegado Fleury está aqui em Pernambuco e teve um pau danado na cúpula da polícia daqui, porque o pessoal não aceita que venha gente de fora atuar aqui. Dizem que o Fleury tem carta branca dos generais para

agir onde quiser e da forma que quiser. O Centro de Informações da Marinha também está na área. O Centro de Informações do Exército também atua aqui. É todo mundo querendo chegar primeiro, mas parece que o Anselmo trabalha mesmo para o Fleury, que também está atrás dessa história do cofre do Ademar. O que o pessoal daqui reclama é que, assim como os de São Paulo e Rio, eles também foram treinados nos cursos da USAID americana e tem a mesma competência!

— É melhor que você dê o fora, Jarbas! Você está correndo risco ficando aqui no Recife! Veja bem o resumo disso que você falou. O primeiro que pegar um de vocês, não vai deixar para outro não. Há muito que não há mais auto de prisão.

— Eu não posso! E Tércia e minha filhinha? E, depois, nós não fizemos nada! Não há nenhuma acusação contra nós!

— Não se fie nisso, Jarbas! Eles, agora, estão na fase de matar primeiro para depois perguntar! É mais seguro que você saia de Recife! Eu cuido da sua filhinha!

— Não, não posso! E também nada devo... e não há mesmo acusação contra mim!

Jarbas saiu, e Mércia ficou naquela angústia. Há muito percebera que a ordem da ditadura era matar. Já tinham informações suficientes sobre toda a luta armada e sabia que pouco restava dela. Agora era extirpar, matando.

E Jarbas, mesmo com toda a angústia e as in-

certezas que carregava, não fugiu. Foi para o seu trabalho na Livraria Moderna naquela segunda-feira, 8 de janeiro de 1973. À tarde, recebeu a visita de Anselmo e César que queriam falar com ele fora da livraria. Aquilo não era comum, era excepcional. Nunca se chegava assim, havia códigos, havia regras. Mas afinal era uma emergência e ele conhecia os dois, apesar da suspeita sobre Anselmo. Não caminharam muito. A Variant preta do INCRA estava numa rua lateral. Quando dobraram a esquina e se aproximaram do carro, Jarbas levou uma pancada na cabeça que o deixou desacordado. Foi atirado no banco traseiro do carro que saiu acelerando. Se alguém viu a cena, fez que não viu. Era muito perigoso ver naquele Recife dos setenta.

**11 de janeiro de 1973. Diário de Pernambuco, quinta-feira. “Equipes especiais dos Órgãos de Segurança cercaram no dia 8 de janeiro do corrente ano, o aparelho ... numa chácara dentro do Loteamento São Bento ... que vinha sendo utilizada como centro de treinamento e de guerrilhas. Nesse local foi dada a ordem de prisão aos terroristas que... reagiram a bala ...”**



## 21. É como se mata cachorro

Quando os policiais do DOI/CODI, comandados por Fleury, chegaram na Chácara São Bento com José Manoel, ele já estava meio morto. Durante todo o trajeto, de Toritama até ali, foi pisado, asfixiado e esmurrado. A tortura a que o submeteram quase não lhe deixou forças. E não havia mais nada para saber, pois Anselmo tinha o controle de tudo, graças à confiança que do Chile, Onofre, o comandante da VPR lhe depositava. Mas, era muito importante saber se havia alguma carta na manga de José Manoel, como dizia o delegado Fleury. Anselmo tinha certeza que não havia e, mesmo assim não interveio.

Onofre, ainda com aquele pensamento de revolucionários da farda e revolucionários da pena, fizera chegar até José Manoel a contra senha para o encontro com Anselmo. Era tudo que José Manoel mais queria e finalmente respirou aliviado. Enfim, Anselmo é dos nossos e tudo não passava mesmo de contra-informação da ditadura ou desentendimentos da esquerda.

E naquele domingo, 7 de janeiro de 1973, saiu de Toritama para ir ao Recife e agora, encontrava-se jogado ali, pés e mãos amarrados, arfando e sabendo que ia morrer. Um ferimento junto ao olho sangrava e atraía um sem número de mosquinhas verdes, importunando-o. Formigas às centenas, mi-

lhares, de todos os tamanhos e cores. Ao redor da casa, a mata havia sido derrubada. Mal derrubada. A vegetação, roçada a meia altura há poucos dias, encolhia-se e o cheiro de folhas, cozidas ao sol, dominava os outros cheiros do lugar. Estranhou tudo aquilo. Os sons que chegavam eram poucos: um bem-te-ví e sanhaçús-de-coqueiro cantavam por alí. Um veículo passou um pouco longe. Uma buzina insistente, mais longe ainda. Olhou em volta e viu que haviam cortado uma imbaúba alta que ficava junto da casa. Só não haviam cortado as macaíbas e outras palmeiras que ele não sabia o nome. Olhou mais uma vez e estava tudo na altura das samambaias e artemísias. E afinal quem mandara roçar e por quê? Aquilo não fora combinado.

Olhava com pavor para os homens que conversavam com Fleury na porta da casa. César e Anselmo, outrora companheiros de sonhos, de utopias. Um olhar de pavor ao pensar o que poderia acontecer com os outros companheiros, com sua família, sua companheira sempre tão amiga e fiel e com os filhos pequenos, indefesos.

César se aproximou de José Manoel que estava caído há poucos metros da casinha de chão batido, jogado que fora por cima de uns arbustos pontiagudos e espinhentos. José Manoel olhou mais uma vez para aquele companheiro sempre sorridente e brincalhão, sempre pronto para agir qual fosse o problema e não podia acreditar que tudo aquilo era verdade. Então, Anselmo e César eram os traido-

res. Geni tinha razão. Só ele não acreditara. E até Onofre ficara com uma ponta de desconfiança sobre as atitudes de Anselmo. Só ele nunca desconfiou de nada.

Sem falar muito alto, Fleury determinou:

— É melhor acabar logo com isso!

Um policial bem jovem, com um cavanhaque cerrado e bem negro, jogou o cigarro que havia acabado de acender e pisou uma, duas vezes e olhou se estava apagado. Depois, aproximou-se de José Manoel apontando a arma. José Manoel conseguira deslocar o corpo, de forma a tirar o braço de cima de uma ponta do arbusto roçado que lhe provocara mais um ferimento. Estirado alí, com as mãos e os pés amarrados não tinha mais forças nem para mexer o rosto. Foi a expressão que ficou, de pavor. O policial titubeou e voltou-se, olhando para o outro lado. Isso não passou despercebido por César que aproximou-se mais, apontou sua arma para José Manoel e disse:

— Olha, é assim! É como se mata cachorro! E sorriu. Sem arrependimentos. E lembrou-se dele menino e o tio que lhe colocara a arma na mão para atirar no cachorro que adoecera e seria sacrificado. O animal, imobilizado e olhando para ele com comiseração e o tio ordenando: “Atire! Atire! Seja homem! Atire!” E ele criança, a arma pesando na mão, o animal que lhe fora fiel durante muito tempo agora com aquele olhar compadecido, inerte.

— Não seja frouxo! Atire! Veio mais uma vez

a ordem. Aí foi um, dois, três,... seis tiros, um em cada lugar para ficar bem morto. Aí, César fitou o policial que tremia, virou-se e deu mais um tiro. Sete ao todo, foi o que os peritos do IML de Pernambuco relataram no laudo do cadáver de José Manoel.

Quando, no dia seguinte pela manhã, os policiais do grupo do Fleury trouxeram os outros militantes da VPR, José Manoel já estava morto e milhares de moscas, atraídas pelo sangue nas roupas, no chão e nos arbustos, sobrevoavam frenéticas.

— Sem perder tempo! Disse Fleury!

Os policiais, dois a dois apanharam os homens e mulheres nos veículos, já amarrados e amordaçados, e entraram na chácara. Um policial se encarregou de afastar algumas pessoas da vizinhança, que, ante aquele movimento incomum, buscavam saber o que acontecia no pacato Loteamento São Bento. Entraram arrastando Soledad, Pauline, Eudaldo e Jarbas sobre o cadáver de José Manoel e da fogueira que ainda fumegava e que ao ser mexida soltou fagulhas e quis reavivar. Subiu uma fumaça escura e um cheiro desagradável de borracha queimada se espalhou.

Eudaldo foi deixado na sala da pequena casinha de chão de barro, na janela, onde também colocaram Jarbas. Soledad foi levada para o quarto e Pauline foi atirada na cozinha, junto à porta.

Depois, saíram todos. Eram doze policiais.

César, adiantou-se, olhou para o jovem policial

do cavanhaque preto e falou:

— Como eu disse, é como se mata cachorro!

Entraram quatro policiais no casebre e foram 24 tiros, cabeça e tronco. Depois de alguns minutos, desamarraram os cadáveres e recolheram as cordas manchadas de sangue.

— As armas! Gritou Fleury.

Um policial apanhou as armas numa sacola. Outro policial veio ao seu auxílio e entraram na casa com elas. Depois saíram.

Fleury entrou, olhando a distribuição das armas.

— Porra, que merda! Foi o que ouviram Fleury gritar pouco depois. Os policiais, na pressa, ou sob a emoção da cena macabra que participavam, haviam colocado a espingarda de pé, apoiada na parede do quarto, o que irritara o delegado que a colocou entre as pernas de Soledad.

Fleury era detalhista e conferiu toda a cena, cadáver a cadáver, arma a arma. Segundo o laudo dos peritos, os integrantes da VPR também dispararam 18 tiros, mas não atingiram nenhum policial.

Antonio era o responsável pelo arquivamento dos dossiês no Instituto de Polícia Técnica de Pernambuco e por zelo ou curiosidade, sempre que arquivava os documentos, dava uma olhada rápida. Com os da Chácara São Bento, município de Paulista, não foi diferente. Mas, o fato de ter ouvido um comentário sobre aquela ocorrência, aguçou sua curiosidade e, depois que leu, passou aquele dia

e o seguinte com a história na cabeça e foi comentar com o seu colega de repartição sobre o que havia lido.

— Primeiro, você não é pago para ler, é pago para arquivar! Disse João, seu colega de repartição, experiente e já perto da aposentadoria. Segundo é que você não procure lógica em nada disso que você arquiva. Arquive e pronto, que você chega onde eu estou chegando, a aposentadoria.

O que perturbava Antonio era o teor do laudo dos peritos Mauro Pamplona Monteiro e Ascendino José da Silva Cavalcanti, que concluíram que houve ali um enfrentamento, uma troca de tiros. mesmo constatando que José Manoel levara 7 tiros no tórax, Eudaldo, seis tiros, quatro na cabeça e dois no tronco; Jarbas, 4 tiros, dois na cabeça e dois no tronco; Soledad, 6 tiros, quatro na cabeça e dois no pescoço e Pauline, oito tiros, quatro na cabeça e quatro no tronco e que os policiais não foram alvejados por nenhum dos 18 tiros disparados pelos guerrilheiros e que nenhum tiro acertou a parede da casa onde estavam escondidos.

No dia 11 de janeiro, quando os jornais foram autorizados a noticiar o fato com o material que foi distribuído, texto e fotos, Antonio caiu em si e concordou com seu colega que, calado, ele chegaria à aposentadoria. Os jornais divulgaram as fotos dos mortos com uma breve biografia de cada um e um texto descrevendo o embate.

Angustiado com o clima de normalidade que

via na repartição, apesar de todo aquele absurdo, Antonio só teve um alento quando leu no final da matéria do *Jornal do Commercio* o seguinte registro: “Estas informações foram fornecidas pelas autoridades responsáveis pelos órgãos de Segurança”.

Aí, concluiu: Bem, eu não estou maluco!

**8 de janeiro de 1973. Quatro homens armados de metralhadoras, num veículo de placas de Afogados da Ingazeira IK 3157 e que não se identificaram, invadiram a casa de João Francisco da Silva e o prenderam. João Francisco era membro do Movimento de Evangelização da Arquidiocese de Olinda e Recife.**



## 22. Um dia de muita chuva no Recife

Geni desceu do ônibus nas imediações do Cemitério da Várzea, bem mais segura que da outra vez. Agora já sabia o caminho. Olhou o céu com preocupação. Pelos lados do mar, começavam a se formar umas torres altas e escuras. Nuvens de chuva, de muita chuva, pensou.

Estava novamente no Cemitério da Várzea. Já sabia o itinerário dos ônibus e travara amizade com a mulher de uma barraquinha que vendia lanches, velas, coroas de flores de lata e quase de um tudo. A mulher era bem clara, forte e de cabelos amarelo manga. Tinha uma cicatriz na testa e um sorriso bondoso. Geni passou por lá, comprou velas, fósforos e ouviu da galega que a chuva não demorava.

— Formou no olho da Guaiúba, vem mesmo! Alertou a mulher com um sorriso largo.

Uma lufada de vento provocou um certo rebuliço nas barraquinhas. Os barraqueiros começaram a recolher as mercadorias mais expostas.

Geni ficou pouco tempo por ali e apressou o passo quando o vento soprou mais forte. Ao chegar na porta do cemitério, olhou novamente e viu que as nuvens que prometiam chuva cobriam agora uma boa parte do céu. Quase não se via mais a claridade do sol.

O vento soprou, levantando uma areia miudinha que veio chocar contra o seu rosto. Cobriu os olhos

e buscou proteção junto ao muro do cemitério.

Quando passou o vento forte, as folhas caídas das árvores. a areia fininha e uns pingos grossos da chuva, ela pode avistar uma mulher junto do lugar onde José Manoel estava enterrado. Estancou, quase na entrada do cemitério, apatetada e sem saber o que fazer. Muita coisa passou pela sua cabeça. Procurou pelo coveiro sem avistá-lo. Um homem que fazia algum serviço num túmulo junto ao muro lhe deu notícia:

— Saiu faz tempo, mas disse que voltava antes do meio-dia! Geni conferiu no seu relógio. Era quase meio dia.

Ficou sem saber o que fazer. Uma brutal interrogação tomou conta dela. Encostou-se num túmulo grande e ficou cismada. O túmulo era grande e deteriorado e com trincaduras nas peças de mármore. Devia ter sido um belo túmulo, pensou Geni que ficou lendo as datas e os nomes dos defuntos e concluiu que naquele túmulo estava uma família toda, enterrados desde 1945. Bem no ano que nasci, lembrou-se. Ficou na recordação do seu tempo de criança em Natal, a rua 10 do Alecrim, as feiras, as enormes feiras que tinham tudo e a distante e quase inalcançável praia de Ponta Negra. Depois o dia que conhecera José Manoel na festa da padroeira e do seu vestido de bolinhas amarelas e os marinheiros.

As torres de nuvens negras fechavam agora o céu por completo e alguns pingos grossos vieram

lhe tirar dos pensamentos.

Olhou de novo para o céu e crispou o rosto: vai ser muita chuva, pensou. Olhou e viu que a mulher continuava lá, imóvel, mesmo com o vento forte e a chuva que começava.

Nova lufada de vento e areia e folhas se lançaram novamente contra ela que se protegeu. Olhou o relógio: doze e cinco. Nada do coveiro. Ficou olhando para a mulher. Era mais baixa do que alta e vestia uma saia azul escuro e blusa preta larga. Tinha os cabelos castanhos compridos que esvoaçavam a cada lufada do vento. Quando a mulher se virou toda para evitar o vento contra o seu rosto, percebeu que ela estava com uma bolsa de cor clara comprimida contra o peito.

O coveiro passou por Geni como se não a conhecesse. Ela correu atrás dele e perguntou sobre a mulher. Ele nem parou. Respondeu apressado, buscando se abrigar da chuva. Nem olhou para ela:

— Ela tem um filho enterrado junto da cova do seu marido! E completou no mesmo tom:

— Faz três dias que vem aqui e já chorou um Capibaribe inteiro!

Ia falar mais e desistiu. A chuva que engrossava e o vento mais forte o fez buscar refúgio. Saiu quase correndo, deixando-a no meio do caminho, parada, sem ação, com as últimas palavras ainda ressoando nos ouvidos.

Sentiu o baque, mas ficou mais aliviada. Ela sempre temia uma cilada da polícia. Conhecia muito

pouco os amigos do seu marido. Conhecera Anselmo e Soledad que estiveram algumas vezes na sua casa. Anselmo era um velho amigo do tempo da marinha e José Manoel tinha muito respeito por ele.

Olhou mais uma vez para a mulher, agora num misto de curiosidade e angústia. A mulher não se mexia apesar do vento e da chuva mais fortes.

O tempo se fechou de vez e se fez quase noite. As árvores vergaram com o vento forte. Geni sentiu um nó na garganta, um aperto no coração que acelerava. Avançou, contra a chuva e o vento, até onde estava a mulher, que percebeu sua aproximação. Virou-se com os olhos vermelhos e o rosto crispado.

— Você é a mulher de Zezinho, não é?  
Perguntou.

Geni assentiu com a cabeça e não foi preciso mais palavras. Se abraçaram chorando e ficaram no meio da chuva grossa e do vendaval que agora tomava corpo.

Parecia que todo o Recife chorava.

16 de junho de 1973. Policiais invadiram a CNBB no Recife e levaram cópias do discurso de Dom Hélder proferido na AL de Pernambuco. Após a saída destes policiais, chegaram quatro policiais da Polícia Federal e apresentaram um mandado de apreensão do Manifesto dos Bispos do Nordeste.

De acordo com estes policiais, os que os antecederam deviam ser policiais do DOPS de Pernambuco ou então os “homens do Fleury”.

## 23. Todas as mortes de José Manoel

— Pegue esta porra e suma daqui! Foi assim que ela recebeu a Certidão de Óbito de José Manoel. Apenas olhou para o funcionário, fuzilando-o com os olhos. Se quer enfrentamento, paciência... Você não é melhor do que eu não... Pensou, mas não falou. Qualquer palavra, entendida como desaforo, atrasaria ainda mais a entrega do documento, daria prisão por desacato e toda uma complicação que ela queria evitar. Humilharam-na o quanto quiseram, e ela, desesperada, aguentou calada tudo aquilo, pois precisava requerer a pensão do INSS a que tinha direito.

No outro dia foi ao INSS. O funcionário, solícito, apanhou a papelada e foi conferir. Eram muitos documentos. Analisou mais detidamente a Certidão de Óbito. Leu todinha uma, duas, várias vezes e depois verificou o verso do documento. Depois, levantou-se e foi até a mesa de um outro colega mostrar o documento.

Geni, acompanhava cada movimento do funcionário, angustiada. Será que tinha problema? O que faltava agora? Tinha sido tão difícil conseguir aquele documento. Fora tão humilhada naquela repartição. E agora? Se tivesse que voltar lá, como seria?

Estava tensa, muito tensa e viu o funcionário balançar a cabeça negativamente e o outro, o que a atendia, franzir o rosto, apanhar o documento e vir

até ela cabisbaixo, preocupado. Havia problemas.

— Infelizmente o Atestado de Óbito está incompleto! Falou quase se desculpando. E então, pacientemente, mostrou para Geni, que àquela altura era toda tensão, que no preenchimento da Certidão de Óbito eles haviam omitido os dados imprescindíveis para o requerimento da pensão.

Ela deixou a repartição sem destino, desanimada, preocupada, sem coragem para ir reclamar a correção da certidão. Sentou-se no banco de uma pracinha próxima. Estava triste, muito triste, falando para si mesma: Meu Deus! Quantas vezes ainda matarão Zezinho? E ficou recordando da morte física que diziam ter sido no dia 8 de janeiro e que o mataram de novo com a acusação maldosa no episódio da Chácara São Bento, para encobrir a traição de Anselmo, e a outra morte ao noticiarem que ele morrera no confronto com os companheiros de luta; uma nova morte ao lhe enterrarem como indigente e agora, mais uma morte ao fornecer um documento omitindo propositalmente os dados, mesmo de posse dos documentos de José Manoel, e que ele portava quando foi preso e assassinado.

**22 de janeiro de 1973. Foi assassinada no DOPS-PE a militante do PCBR, Anátalia Melo Alves. E mais uma farsa foi montada pela ditadura.**

## 24. Uma sessão de tortura

— Porra, vá chamar o Miranda, avie!

Ela ouviu o grito da sala de onde saía uma pessoa. Ao sair, o homem bateu a porta com tanta violência que o barulho repercutiu por todo o corredor. Ela ainda pôde ouvir um gemido abafado de muito sofrimento. Não era a primeira vez que ouvia gritos de pavor naquele prédio. Depois, começou a ouvir o som alto de uma música que se sobrepunha a todo o barulho do corredor comprido que fedia a cigarro.

Foi levada novamente para a Sala de Operações. A sala ficava no final do corredor. Na porta, estava fixada uma tabuleta branca, de plástico, com letras vermelhas. Era uma sala grande, fria e fedendo a creolina. Era a terceira vez que a levavam para lá desde que começara a ser investigada.

Na Sala de Operações, observou que dois homens fumavam e conversavam reservadamente num canto. O corte de cabelo de um deles era militar, seus gestos eram de uma pessoa educada e usava óculos escuros. Portava uma pasta com papéis e, assim que ela entrou, ele saiu sem falar com ninguém. Ele sempre conversava com a pessoa que dirigia os interrogatórios. Não era a primeira vez que via aquele homem alí, que sempre saía quando ela chegava. Nunca o viu assistindo as sessões de tortura.

Após o assassinato do marido pela ditadura,

acusado de pertencer à VPR, a Vanguarda Popular Revolucionária, ela ficou sob suspeição e ameaças de torturas físicas e prisão. Da primeira vez, sempre a ameaçando com torturas físicas, perguntaram sobre vários nomes e um sem número de apelidos de pessoas. Queriam que ela confirmasse se os conhecia.

Na segunda vez trouxeram algumas fotografias de lugares públicos, algumas em praças, rodovias, aeroportos, mas a maioria, em bares e lanchonetes do Recife, João Pessoa e Natal. Apontavam a pessoa e pediam que ela identificasse. Ela não conhecia ninguém. Nem os nomes e nem as pessoas nas fotos.

— Agora, você vai pro pau de arara! Os policiais se zangavam e faziam novas ameaças.

Na segunda vez, quando deixava o prédio, um policial já idoso, alcançou-a e disse:

— Moça, venha assim mesmo! Sempre bem vestida, porque quem vier aqui com roupa de pobre, está lascado!

Neste dia, foram buscá-la em casa e a levaram direto para a Sala de Operações. Pouco depois, surgiu um grupo de homens arrastando um rapaz de cabelos pretos e longos e de olhos miúdos. Ele estava com a roupa pregada ao corpo, de suor ou água, e sangrava muito pela boca. Era um animal acuado, mas vinha com a cabeça erguida encarando todo mundo.

Ao se aproximar da cadeira onde a mandaram

sentar, viu um dos homens se postar atrás da vítima e bater de uma só vez com as mãos nos ouvidos dele. Ele se contorceu de dor, mas voltou a cabeça e fuzilou com os olhos o agressor.

Os homens riram e um deles comentou:

— O seu telefone está mais fraco que caldo de biloca, mais tarde eu lhe ensino como se faz! E completou:

— E olha que eu aprendi com o Doutor Barreto, viste!?

Quando ela sentou na cadeira em frente ao rapaz, uma lâmpada foi acesa, de forma que ela ficara bem visível.

Depois do golpe nos ouvidos, deixaram-o nú e o sentaram numa cadeira grande de placas de zinco e colocaram vários fios no corpo dele. Depois, um dos homens jogou um balde d'água no seu corpo, espirrando a água por todo lado. A água misturou-se com o sangue que saía da sua boca e escorreu por um ralo próximo da cadeira.

— Agora você vai dizer o nome dessa mulher e onde era o ponto que vocês se encontravam aqui no Recife!

Antes que ele respondesse, um dos homens com uma caixa de madeira, cujos fios estavam ligados ao corpo dele, girou uma manivela e ele se contorceu várias vezes. Mas, como estava amarrado na cadeira, não conseguia levantar e ficou gemendo um bom tempo. O rosto dele era só dor.

Nisso, entraram dois homens jovens e fortes e

foram conversar com o que dirigia as torturas:

— Doutor — disse um deles — é o caso daquela empregada doméstica... o negócio do colar de pérolas!

O homem não gostou. Fez cara feia e respondeu com brutalidade:

— Vocês já deram um pau nela? Ela falou?

— É justamente isso doutor! O Catatau quebrou o braço dela!

— Porra! Que merda! É só eu descuidar que vocês fazem merda!

O outro rapaz, que permanecia calado, falou:

— Doutor o pior é que a madame disse que achou o colar! Ela tinha guardado em outro lugar e só se lembrou hoje cedo! Ela já veio até buscar a empregada.

— Levou?

— Aí é que está o problema! Ela disse que não mandou ninguém quebrar o braço da mulher. Era só para dar um aperto. E está reclamando que agora não tem quem faça as coisas na casa dela, porque a outra empregada ficou com medo e foi embora.

— Olha! Eu não vou entrar nessa não! Mande a madame dar um jeito nisso.

— Doutor! Acontece que o marido dela é capitão do exército!

Nisso, entraram outros homens e chamaram os dois rapazes para conversar fora da sala.

O Doutor ficou ali espumando de raiva. Virou-se para a parede e falou sozinho: Esses filhos da

puta só botam a gente em enrascada! Ditadura de bosta!

Haviam interrompido a sessão de tortura, mas o rapaz continuava arquejando, respirando com dificuldade.

— Vamos começar de novo que eu não tenho o dia todo não! Gritou o chefe dos torturadores.

Um dos torturadores se aproximou e levantou a cabeça do rapaz:

— Agora diga quem é essa moça! O nome, o nome!

— Eu não a conheço! Ele tinha um sotaque estrangeiro, assim como argentino, uruguaio, chileno, talvez.

O homem girou a manivela e ele se contorceu novamente. Deu um urro de dor.

Geni começou a ter ânsia de vômito.

— Se vomitar aqui, vai limpar! Gritou um dos torturadores ameaçando-a com um bofete.

Ela fechou os olhos.

— O nome dela e o ponto onde se encontravam!?

— Não! Eu nunca ví esta moça!

Um dos homens pegou uma mangueira num armário, fixou na torneira no canto da parede e enfiou a outra ponta na boca do rapaz e tapou seu nariz.

— Liga! Abriram a torneira e o rapaz começou a se afogar. Agora era choque e afogamento.

— Fala, filho da puta! O nome e o ponto!

— Eu nunca ví esta moça! Não conheço! A voz do rapaz estava bem fraca.

Um dos homens se voltou para ela e disse encarando-a:

— Depois é a sua vez! O olhar dele era de sadismo, um olhar degenerado.

Os policiais sorriram e um deles saiu pulando pela sala, saltitando, um sorriso no rosto, comemorando com gritinhos histéricos.

Um dos torturadores mandou que ela virasse a cabeça.

— Olhe bem agora! Conhece? Diga o nome dessa mulher, cabra safado!

Ele balançou a cabeça negativamente e disse já quase sem forças, mas com altivez:

— Eu não conheço essa moça! Eu nunca vi essa moça! E mesmo que conhecesse não falaria não, bando de viados!

Levou um murro na boca e começou a sangrar de novo.

— Ele só vai falar no pau de arara! Disse um deles.

— Aqui, nenhum filho da puta aguenta cinco dias de serviço completo! Gritou um dos torturadores olhando para Geni com ódio.

O homem girou a manivela de novo e ele soltou um grito terrificante e arriou completamente o corpo, a cabeça pendendo para frente.

— Filho duma puta! Eu não lhe disse para tomar cuidado com essa merda! Gritou o policial que

dirigia a tortura para o que estava com a máquina de choque.

Um dos homens saiu e voltou acompanhado por outra pessoa que devia ser um médico, que após examiná-lo, disse:

— Por enquanto, é melhor parar!

Quando iam saindo, chegou um homem de terno claro, gravata borboleta e fumando uma piteira dourada. Vinha muito perfumado, espalhando um cheiro agradável naquele ambiente fétido. Parou todo mundo na porta.

— E então? Perguntou o chefe dos torturadores.

— É aquele negócio do desfalque do gerente do banco! Respondeu o de gravata borboleta.

— Qual é o banco? Perguntou o chefe da tortura. Mas, logo em seguida disse:

— Deixa prá lá, deixa prá lá!

— Quanto? Continuou perguntando.

— Cinco! Respondeu o da gravatinha, e continuou:

— Dois e meio agora e dois e meio depois.

— Quanto o cara levou?

— Foi muito!

— Quanto?!

— Dizem que foi mais de novecentos!

— Porra! ...você confirma?

— Bem, eu acho... Não,... é que a amante dele disse que o cara comprou um Maverick zero e um apartamento no Rio, tudo no dinheiro!

— E ela?

— Não, não, ela tá colaborando! Do cara ela só queria mesmo o dinheiro, jóias, restaurantes...Triste é a situação da família. Mulher com um bucho por acolá... Mas eu acho...que deve ser mesmo uns oitocentos, porque a turma da segurança do banco tá fazendo muita questão!

— Eu não quero saber o que você acha! Confirma ou não confirma?

— Confirmo!

— Então vá lá e peça para que eles melhorem a proposta! Afinal, não vai ser um servicinho não. Depois, olhou com desconfiança para o homem da gravatinha e completou taxativo:

— Deve ter muita gente envolvida! É muito dinheiro!

Aquela conversa toda, aquele descaramento, aquela certeza de que para eles, ela não era nada, foi deixando Geni nervosa, impaciente. Ela doida para sair, ir embora e eles não a liberavam. Depois de algum tempo foi dado a ordem:

— Pode mandar a moça embora! Mande que ela venha amanhã, às quinze!

Voltou para a casa arrasada. Foi assim mais uma sessão de tortura.

Depois de muito tempo, quase dois anos, os depoimentos no DOPS de Pernambuco foram suspensos:

— Por enquanto está suspenso, mas mantenha seu endereço atualizado aqui! Podemos lhe cha-

mar a qualquer hora! Disse-lhe o policial com toda a autoridade do mundo e tendo certeza da humilhação que fazia.

**28 de outubro de 1973. Foi assassinado no Recife, Jose Carlos Mata Machado, dirigente a Ação Popular. Ele havia sido preso em São Paulo no dia 18 de outubro de 1973. Até hoje não se conhece os motivos de sua transferência para o Recife. Testemunhas comprovam que o militante morreu sob tortura no DOI-CODI do Recife. A ditadura mandou publicar outra versão. E os jornais publicaram.**



## 25. Um pé de fruta-pão

— Mas, porque isso agora? Geni perguntou ansiosa e foi se acomodar na mureta da porta do cemitério olhando aperreada para o coveiro, que, impassível e com a mesma voz sonora de sempre, comunicava-lhe uma tragédia:

— É a lei! Sentenciava, olhando para o lado, sem encará-la.

Ela não acreditava naquilo que ouvia. Agora que as coisas estavam mais ou menos bem, esse problema. Fitava o coveiro angustiada e não se conformava com aquela notícia devastadora. Ela ia uma vez por mês no cemitério. Levava flores, acendia uma vela e orava por José Manoel. Depois, gratificava o coveiro conforme o combinado. Plantara até algumas flores que agora vicejavam sobre aquelas covas de indigentes. Era assim há mais de dois anos desde que ela prometera que um dia daria um enterro digno ao marido. Agora morando em Natal, continuava indo todo mês no cemitério da Várzea, no Recife, orar pelo marido. Mudara-se para Natal, para a casa dos pais e com muita dificuldade criava seus filhos.

— É isso mesmo que você ouviu! Estou aqui cumprindo ordens! Disse o coveiro, também um tanto nervoso. E completou:

— Eu não posso fazer nada, só cumprir as determinações dos homens quem mandam aqui!

— Mas vocês não podem fazer isso! insistiu Geni.

— Bem, é a lei! O administrador do cemitério já determinou e é assim mesmo, depois de dois anos os ossos dos indigentes vão para o ossário, o buraco do inferno! Por minha conta, eu esperei até você vir.

— Mas ele não é uma coisa! É José Manoel é meu marido e é um cristão!

— Aqui é tudo cristão, mas vão prá lá do mesmo jeito!

— Mas eu podia falar com o administrador, você não acha?

— Eu acho é que ia complicar mais para você e para mim devido à situação do seu marido! Eles continuam vigiando por aqui! De vez em quando vem um sondar, fazer perguntas. Nós já nos acostumamos! Eles já ficaram donos daquela área do cemitério!

Agora o problema era sério. Ela conseguira que o coveiro cuidasse por dois anos da cova de indigente de José Manoel. Só ela e o coveiro sabiam que aquela era a cova de José Manoel. Os livros de registros estavam rasurados. A ditadura matava José Manoel mais uma vez. Guardara aquele segredo temendo a repressão contra os seus familiares e os do marido. E chorava toda vez que via dona Luiza, sua sogra, sentada no fundo do quintal da casa com olhar fixo na estrada do Recife, horas e horas aguardando que um dia seu filho voltasse.

Geni via aquilo, e saía para chorar. Mas não podia revelar que José Manoel estava enterrado no Cemitério da Várzea, no Recife. Era um segredo dela e do coveiro.

Agora, ante a informação do coveiro, via o mundo desmoronar:

— Ah! Essa não! Ficar sem os despojos de Zezinho e não ter mais um lugar onde pudesse orar por ele, uma cova! Todo cristão tem uma cova!

Sentia faltar forças para lutar. Matavam José Manoel mais uma vez. Estava apavorada. Começou a passar mal e o coveiro aperreou-se. Saiu e voltou com um copo d'água.

— Beba, por favor! Eu também estou sentindo muito tudo isso, pois o pessoal da polícia que vem aqui não tem nenhum sentimento!

Ela se recompôs e disse ao coveiro:

— Mas Zezinho não vai para esse buraco do inferno não!

— Mas como? Assustado, retrucou o coveiro.

— Você tem que me ajudar! Fica novamente entre eu e você! Me diga um lugar do cemitério que você acha que não vão mexer tão cedo?

— E você está pensando em quê? E mesmo a contragosto e achando aquilo tudo um absurdo, pensou e depois olhou em volta e disse:

— Eu acho que junto do pé de fruta-pão. Talvez seja difícil que um dia vão bulir naquela área! Mas lhe digo que isso é crime!

— Pois é isso mesmo! Eu vou enterrar os os-

sos dele lá! E quando for possível eu levo para Natal ou Toritama e faço um enterro para ele. Aí então eu vou requerer com documento e fica tudo certo para você, sem problemas!

O coveiro acendeu um cigarro, deu uma forte tragada e falou quase num apelo, soltando fumaça pelo nariz e boca:

— Moça, você está doida! Moça, você não pode fazer isso ! Isso é um crime!

— Posso sim! Crime maior o governo fez com ele! Ele é um cristão e não pode ir para esse buraco do inferno não!

— E como a senhora vai fazer isso, de que maneira?

— Me espere que eu volto logo! Saiu e foi até um mercadinho. Voltou com uma bacia, álcool, sacos plásticos e alguns panos.

O coveiro não acreditava em tudo aquilo e quis recuar:

— É hora do almoço, tenho que fechar o cemitério!

— Feche que eu fico aqui para resolver o problema! Ela disse decidida.

O coveiro foi, fechou a porta do cemitério e voltou para tentar dissuadí-la:

— Moça! Isso é um crime!

— Você cava, ou quer que eu cave?

Ele se apiedou dela e não esperou mais. Pegou a pá e começou a cavar.

O coveiro estava assustado. Mesmo com o ce-

mitério fechado, ela cavava e olhava para os lados com medo, muito medo.

Geni, ao ver os primeiros ossos de José Manoel, emocionou-se e chorou tudo que estava preso naqueles anos fúnebres de muito sofrimento. A medida que os ossos foram aparecendo, ela foi apanhando um a um, limpando, lavando com álcool, enxugando e colocando nos sacos plásticos. Depois foi até o pé de fruta-pão. O cozeiro fez uma nova cova, pouco profunda e ela colocou os sacos com os ossos de José Manoel.

— Um dia eu volto para dar um enterro digno para ele! Foi só o que disse. E o segredo ficou enterado ali. Geni nunca mais foi ao cemitério da Várzea.

**3 outubro de 1975, página 2, Jornal Opinião, “Uma toalha na cela. O delegado Wanderley Girão Maia, do DOPS cearense, ainda não disse a que conclusões chegou o inquérito instaurado para apurar as causas e circunstâncias da morte do pedreiro Pedro Jerônimo de Souza, que estava detido naquela delegacia. Pedro, veterano militante comunista, foi — segundo informações policiais — encontrado morto em sua cela, enforcado com uma toalha”. Depois provou-se que ele morreu sob tortura. O deputado Alfredo Marques, do MDB, denunciou o então tenente Horácio Marques Gondim, como um dos assassinos.**



## 26. Barro Vermelho

Era um caminhão carga seca lotado de entulhos de construção, que vinha do centro e, sabe-se lá por qual motivo, entrou naquela rua que não dava em lugar nenhum. Uma rua irregular, como quase todas as outras do Barro Vermelho e só usadas pelos moradores do bairro e pelos vendedores ambulantes e seus pregões que ecoavam pelas colinas suaves do bairro. Um entrançado de ruas, um labirinto que, depois de muitas voltas, finalmente davam acesso às avenidas e levavam a algum lugar.

Ela viu quando o caminhão entrou na rua choroso e o motorista desviando de um buraco para cair num outro mais à frente. A roda traseira afundou toda, até o eixo. A rua era estreita e ficou só um pequeno vão que mal dava para passar carros pequenos. Não era problema pois era uma rua quase morta.

Ela parou de esfregar a roupa e olhou aquela arrumação na rua. Quase nada acontecia de novidade naquela rua de doze casas, nenhum comércio e com um nome de presidente que ninguém nunca ouvira falar. Uma rua sem calçamento que no inverno virava um lamaçal vermelho e escorregadio.

Filhos de uma puta! Ela não falou, pois evitava o palavrão. Pensou e se recriminou logo em seguida: A mãe desses bandidos não tem culpa! Falou baixinho, um susurro, para si mesma:

— De novo meu Deus, como é possível viver assim?

Eram eles que passavam pela quarta ou quinta vez naquela semana. Vinham num automóvel grande, sem placas e eram quatro. Olhavam acintosamente. Não escondiam os rostos e olhavam daquela maneira, para ela saber que a estavam vigiando. Sorriam com escárnio.

Naquele dia, passava das quatro da tarde e ela aproveitava a estiagem e estava lavando roupa na frente da casa debaixo de um jambeiro. Um resto de enxurrada ainda escorria rente ao meio fio, vermelha, parecendo sangue.

Eles vinham quase parando, desviando do caminhão de entulhos, que tomava quase toda a rua, e das pessoas que se juntaram ao redor do veículo na tentativa de tirá-lo do buraco.

— Papai, são eles de novo! Ela gritou.

Seu pai, depois de todas aquelas atribulações da filha, adoecera, ficara cego e definhava. Estava sentado no fundo da varanda, levantou-se e foi tateando na parede até a frente da casa. O carro veio, com os mesmos quatro homens e passaram olhando para ela, nem se importando com a presença do pai.

— Tenha paciência minha filha! Um dia tudo isso acaba! Pediu, impotente. Uma dor apertando ainda mais seu peito. Uma dor estranha, agoniada.

Era uma semana ruim para Geni. No dia anterior, seu filho voltara chorando da escola e contou-

lhe o ocorrido: Caminhava para a sala de aula, após o recreio, e, no corredor, um professor apontou para ele com deboche, e disse: Olha aí! Esse aí é filho de terrorista! Nesta escola tem até filho de terrorista!

Agora ela não suportava mais aquilo, ver o pai definhando e aqueles homens ali, zombando dela e do seu pai.

**22 de dezembro de 1975. Jornal Movimento, pagina 7: O senador Dinarte Mariz, que é frequentemente recebido pelo presidente da República, falou numa entrevista ao Correio Brasiliense, sobre a importância da imprensa: “Muito mais importante do que vocês próprios imaginam quando estão escrevendo, elogiando ou criticando, daí a necessidade de uma ampla união aos militares e aos políticos no combate sistemático ao comunismo. A Revolução não pode e não deve ser contestada, principalmente pela imprensa”. Revolução para o senador biônico da ARENA do Rio Grande do Norte era como chamava o golpe de 1964.**



## 27. Terroristas, em Natal

Geni caminhava na Avenida Rio Branco e vinha pensando o quanto era belo o entardecer em Natal. Era outubro de 1976. Aquela luz difusa, rutilante, uma sensação de brumas que parecia exalar do rio Potengi e envolver a cidade e depois, um resplandecer final efêmero e de repente, a escuridão, como uma cortina que se fecha abruptamente. Agora só amanhã, neste mesmo horário! Falou para si, sorrindo. Estava feliz dentro daquele possível de sua vida atribulada pelas perseguições que nunca cessaram desde o assassinato de José Manoel. Mudara-se para Natal e a perseguição mudou junto.

Naquele começo de noite, voltava para o Barro Vermelho onde morava com os pais. Fora levar um remédio para o avô na Cidade Alta, quase no centro. Passava na frente de um restaurante que, naquele horário, ainda estava com as mesas vazias, quando um homem de barba comprida e óculos escuros, saído não sabe de onde, aproximou-se e disse:

— Continue caminhando e olhe só para o chão! Obedeça que é melhor para você!

Ela sentiu um frio intenso e a boca secar imediatamente. As pernas fraquejaram e ela bamboleou sob o olhar atento do homem. Na sua memória, veio uma imagem de alguma coisa já acontecida. Ela parecia esperar que um dia isso acontecesse. Ti-

nha aquela impressão. Continuou caminhando, agora com o homem ao seu lado. Na esquina o homem determinou: Dobre a esquerda! E sem gracinhas!

Não havia quase ninguém na rua àquela hora. O comércio já fechara, a maioria dos ônibus já haviam passado e poucos carros circulavam naquele local. Um grupo de homens à frente dobraram no Beco da Lama. Vão aos bares, pensou Geni que agora apressava o passo na tentativa de alcançar o grupo.

— Nada de gracinhas, eu disse! Devagar! Era o homem novamente dando as ordens. A voz firme, demonstrando tranquilidade.

Ao lado da igreja ela viu alguns veículos estacionados e quando passava junto de uma perua Veraneio, a porta se abriu abruptamente e ela foi jogada dentro do carro. Foi tudo muito rápido. A praça estava deserta e os poucos transeuntes nem observaram o que acontecia. Foi encapuzada e percebeu que rodavam com ela na cidade. Ouvia o barulho dos ônibus, buzinas de carros, as paradas nas esquinas e então o veículo estacionou, sem no entanto desligar o motor. Estavam numa rua movimentada e sentiu quando outro homem subiu no veículo.

Tudo limpo? Perguntou o homem.

Tudo! Respondeu um deles que estava no banco dianteiro.

O homem sentou ao lado dela. Agora estava entre dois homens e um deles com uma arma en-

costada nela. Ela sentia o frio do metal no pescoço. Quando o homem entrou no carro, Geni sentiu um cheiro forte de bebida que se misturou ao cheiro de cigarro impregnado no carro. Teve náuseas.

— Sem gracinhas! Falou o homem que portava a arma.

Depois de algum tempo percebeu que o veículo se afastava da cidade. E aí, começou.

— O dinheiro? O que a gente quer saber é sobre o dinheiro! Onde seu marido deixou o resto do dinheiro? Gritavam todos de uma só vez.

Notou que a velocidade aumentara e percebeu que tomaram uma estrada de terra devido os solavancos do carro.

— Quais eram as ligações dele aqui em Natal? Vamos, responda! Aos gritos eles continuavam todos de uma vez.

— Os pontos aqui em Natal! Vamos!

— O dinheiro!? Você abre e a gente não faz nada com você! Disse o homem com cheiro de bebida, e que agora também fumava, tocando-a.

Ela novamente sentiu náuseas.

— Eu não sei do que vocês estão falando! Disse quase numa súplica.

Percebeu o veículo perdendo velocidade até parar de vez. Agora só ouvia os sons noturnos da mata. Não ouvia mais barulho nenhum de veículos.

— Desça! E não adianta gritar porque ninguém vai escutar! Um dos homens foi falando e empurrando-a com violência para fora do carro.

E aí foi uma sessão de tortura. Murros e tapas. Atirada ao chão pelos homens e a sequência de perguntas: dinheiro e os pontos em Natal. Parece que tudo girava em torno da história do cofre do Ademar.

Ela desconhecia tudo aquilo. Eles tinham quase certeza disso. Mas não custa tentar! Disse um deles e convenceu o grupo.

Depois, foi estuprada. Lutou e resistiu o quanto pôde. Eram quatro homens e ora diziam que eram do exército, ora da polícia, ora polícia federal.

**24 de outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog, 38 anos, então diretor da TV Cultura, apresentou-se no DOI-CODI em São Paulo, para prestar esclarecimentos sobre suas ligações com o PCB. Foi torturado e assassinado. Assim que a notícia do assassinato do jornalista se espalhou, um silêncio profundo tomou conta de tudo, redações de jornais, rádios, tvs, universidades, etc. Esse protesto silencioso marcou o início da derrocada da ditadura.**

## 28. Recordações de Pernambuco

— Mas, padre, esses homens devem ser os mesmos que torturaram e mataram meu marido! Falou desesperada.

— Ah! minha filha, você vai ter este filho! Aborto, nem pensar! Você é cristã e sabe o pecado que pode cometer! Era o padre falando, mas nem demonstrava tanta certeza no que dizia.

Era uma cena de desespero. Ela aflita com tudo aquilo, procurara o padre que havia sido seu professor na escola católica. Ele que a viu crescer naquela escola, adolescente, cheia de sonhos e ela buscando forças para abortar o filho indesejado, fruto de uma violência da ditadura.

Ela custava a acreditar naquilo tudo. Gravidez. Depois do estupro, a gravidez. Escondera da sua família tudo o que passara naquela noite fatídica. Dissera que fora assaltada e não comentou mais o assunto. Mas e agora? Ela, uma cristã que sempre fora contra o aborto iria seguir com aquela gravidês fruto do estupro praticado por seus torturadores?

— Ah! filha... E o padre despediu-se, virou-se e foi embora sem falar mais nada.

Tomou um ônibus para o Recife e quando viu a placa na divisa de Pernambuco, começou a rememorar o seu drama. Por fim, lembrou-se com muita força do ocorrido no dia que sequestraram Zezinho. Ela havia apagado aquilo tudo, mas, ago-

ra, vinha-lhe à memória, vivo, vivo, o dia do sequestro do seu marido. E via seu filho, ainda criança, em desabalada carreira por entre ruas e becos de Toritama e ela sem forças para chamá-lo. O menino foi para a pedra da Torre nos arredores de Toritama. No imaginário dos meninos de Toritama, a pedra da Torre era o esconderijo ideal para resistir. E ele resistiria.

O desespero de Geni aumentava à medida que o ônibus avançava. Recordava-se da sua viagem para Natal buscando o socorro do pai:

— Papai, deve ser alguma coisa com o imposto, porque Zezinho não paga imposto dos calçados que fabrica e vende!

E o pai com todo carinho:

— Veja lá minha filha quanto é que ele tem que pagar ao governo que a gente arruma, paga e soltam ele!

E à noite quando voltou para Toritama, aquele reboleto todo. Sua casa toda revirada. Sofás e colchões rasgados, móveis quebrados, paredes destruídas. Tudo jogado no chão.

E no outro dia, ela desesperada em Recife sem conseguir notícias do marido. A polícia negando, o Exército negando, a Marinha negando, todos negando. E na quinta-feira, dia 11, quatro dias depois da prisão de Zezinho, as notícias nos jornais: *terrorista!* Tudo aquilo vinha agora num filme para ela.

Com quem contaria agora em Recife, depois de todo o ocorrido? Bateu em algumas portas que

se fecharam, agora definitivamente. Os antigos vizinhos tinham medo e filhos para criar, diziam.

Por fim, uma antiga vizinha a ajudou. Fez o aborto, as coisas complicaram e ela findou num hospital do Recife. Os médicos perceberam logo o problema: Mais uma que veio do matadouro! Disse o médico para a enfermeira.

Ela ouviu aquilo e se lembrou de Soledad em Toritama em busca de ajuda para fazer um aborto. Quatro anos haviam se passado.

Após o atendimento no hospital, sedada, adormeceu logo. À noite, depois da refeição, veio-lhe à memória tudo que lhe dissera a doutora Mércia, a sempre terna doutora Mércia: “VÍ seu marido no necrotério. Ele estava muito inchado. Vi todos os seis mortos lá. Eu fui lá em busca do Jarbas! Você o conhecia? Jarbas já me falara há alguns dias que estava com medo e desconfiado que eles estavam sendo traídos. Na quarta-feira, eu soube que havia seis corpos no necrotério do Santo Amaro, fui lá e fiquei horrorizada com o que vi. Estavam todos seminus e inchados. Seu marido estava muito inchado. Todos eles tinham marcas de tiro no peito e na cabeça. A Soledad estava com os olhos e a boca aberta. Havia muito sangue coagulado e o feto estava nos seus pés. Era uma cena de filme de terror. A Pauline estava com a boca arrebitada, parece que rasgaram sua boca. O Jarbas parece que foi enforcado pois estava com a língua de fora e uma mancha escura no pescoço”.

Perto da meia-noite, uma auxiliar da enfermaria foi até ela e falou baixinho:

— Você tem algum problema com a polícia?

— Não, penso que não tenho! falou assustada.

— Na portaria estão dois polícias perguntando por você! Falou e saiu rapidamente.

Geni aperreada, fugiu. Àquela hora, sem saber para onde. Por fim, foi para a rodoviária e voltou para Natal, abalada com tudo aquilo.

**24 de agosto de 1977. Jornal O Estado de São Paulo, página 12: “Estudantes saem à rua e confundem polícia. Com jatos d’água, gás lacrimogêneo e golpes de cassetetes, uma passeata de mais de mil estudantes foi dispersada por tropas de choque da Polícia Militar quando se reunia à tarde no Largo do Rosário, a principal praça de Campinas. Os estudantes pretendiam fazer a leitura de um manifesto dirigido à população brasileira sob o título O Brasil é feito por nós”.**

## 29. Incidente em Brasília

Um dos homens da segurança fez sinal para o outro apontando para ela. Quando foi entrar o segurança lhe barrou o caminho:

— A senhora está proibida de entrar! Disse com arrogância. E completou:

— São ordens da presidência da casa!

Ela não discutiu. Nem esboçou nenhuma reação. Os amigos, ex-marinheiros, que estavam com ela protestaram:

— Cadê a democracia? O Congresso Nacional é a casa do povo! Gritaram, em vão.

Mas ela tinha outros planos e já imaginava mesmo que seria barrada. O episódio do dia anterior havia repercutido muito mal. A imprensa havia lhes chamado de baderneiros. Aquilo só agradava aos órfãos da ditadura que não se conformavam com os avanços democráticos conseguidos pelo povo com muita luta.

Ela serenou os ânimos dos amigos que entraram protestando e quando foi saindo, um homem — depois ficou sabendo que era um deputado da extrema direita — a encarou e disse:

— Mulher de terrorista era para apanhar na cara!

O homem se afastou rapidamente e quando se virou para ver a reação de Geni, recebeu uma sapatada na cara. Os seguranças correram na dire-

ção dela que não reagiu. O deputado, deixou logo o recinto acompanhado de alguns auxiliares. Geni, calmamente apanhou o sapato e deixou o local. Saiu e aguardou um deputado que lhes dava apoio desde quando chegaram ali. Houve negociação e ela entrou de braços dados com o deputado. Os seguranças não interviram. Veio ordem para que não intervissem. Os companheiros a receberam com palmas e gritaram palavras de ordem.

Era 1988 e os marinheiros e seus familiares estavam no Congresso Nacional acompanhando a votação da nova Constituição que finalmente deveria lhes garantir a anistia. Geni viajara desde Natal até o Rio de Janeiro para se juntar à caravana organizada pela UMNA, a entidade que organizava a luta dos marinheiros. Desde 1975, eles lutavam pela anistia que viera em 1979, anistiando até torturadores, mas não os marinheiros.

Mas eles nunca desistiram da luta e, só em 2002, depois de 23 anos, conseguiram finalmente a anistia. Para o almirantado, os marinheiros que estavam na assembléia de março de 1964 no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, haviam cometido os crimes de motim, de revolta, de aliciação, incitamento e insubordinação. Para Geni, os marinheiros se reuniram para debater o que era bom para o povo brasileiro e o Brasil e não havia que pedir perdão de nada a ninguém. E em Brasília, quando lhe perguntaram sobre os atos de José Manoel, ela foi taxativa:

— Eu falaria para ele que se ele tivesse cora-

gem, poderia fazer tudo de novo. Se é para o bem da gente, para o bem da nação, o bem do nosso próximo, eu dava apoio para ele fazer!

**30 de abril de 1981, atentado do Riocentro: no pavilhão Riocentro, à noite, onde se comemorava o Dia do Trabalhador, reunindo artistas da MPB, uma bomba explodiu no colo do sargento Guilherme Pereira do Rosário, matando-o e ferindo o motorista do veículo, o capitão Wilson Dias Machado. A ação do grupo naquela noite era pichar o Riocentro com a sigla VPR, detonar bombas nos portões do pavilhão e explodir a casa de força. O primeiro IPM - Inquérito Policial Militar instaurado pelo Exército em 1981, inocentou os militares reputados vítimas de grupos de esquerda. O segundo IPM, em 1999, comprovou o envolvimento dos militares, agora anistiados. O ministro aposentado do STM, Julio de Sá Bierrenbach, declarou que nunca foi tomado o depoimento do capitão, hoje coronel e professor no Colégio Militar de Brasília.**



### 30. Tecendo a manhã

Quando Beto Galdino apanhou o grito que há muito ecoava entre ruas e becos, pôde entender que havia uma história encoberta e uma ferida aberta em Toritama. Foi nos livros e descobriu mais.

Até então, era assim em Toritama:

—Aquele Zezinho de Manoel da Santa falava todo dia com Fidel Castro e ia soltar uma bomba para destruir Toritama!

E as crianças de Toritama cresceram ouvindo essa história. E os filhos de Zezinho escorraçados, quando de qualquer desavença:

— Saia daqui filho de terrorista! Seu pai queria acabar com a cidade!

Beto Galdino, também cresceu ouvindo essa história, mas cismado, viu alguma coisa falseada naquilo tudo e quando conseguiu lançar mais longe o grito que apanhara, os ecos lhes trouxeram outra história. Bem diferente daquela que Toritama conhecia. Então, ele teceu a sua manhã mais intensa. E quando alcançou Geni em Natal, ela pôde saber que a memória de José Manoel não restaria enterrada junto ao pé de fruta pão no Cemitério da Várzea no Recife.

No dia que Geni foi com seu irmão buscar o automóvel de Zezinho na Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, no Recife, percebeu que além da vida do seu marido, a ditadura também

avançara sobre os seus bens. Tinha receio de ir, mas foi. Afinal, era seu direito reaver um bem que era seu.

Primeiro, disseram que não constava que o veículo tivesse sido apreendido.

Depois, no outro dia, um delegado lhe disse:

Sim, encontramos! Ele está no pátio! Um funcionário a acompanhou até o pátio, mas o veículo não estava lá.

Ela voltou no dia seguinte e o veículo finalmente estava no pátio. Depenado. O veículo chegara quase novo e saía muito estragado. Pneus velhos, sem o toca-fitas, o suporte, ferramentas e o banco traseiro. Até uma das portas fora substituída por outra mais velha.

Assim que saíram e se afastaram, Geni, mais aliviada, abriu o porta luvas do carro e encontrou um livro sujo, sem a capa e com manchas que pareciam sangue, mas que depois viu se tratar de tinta marrom de calçados. Os sequestradores e assassinos de José Manoel não se interessaram pelo livro e ele ficou ali naqueles anos todos.

O livro tinha o nome de José Manoel na primeira página que ficara como capa e uma data muito apagada, mas que ainda se podia ler 1968. Tinha uma marcação na página 78 com uma tirinha de couro, bem fininha, que com o tempo, manchara as duas páginas, sem no entanto atrapalhar a leitura.

Quem viu o marcador de página foi seu irmão, quando em casa e mais tranquilos, contavam a his-

tória do resgate do automóvel de José Manoel. Era um livro de poesias e na página marcada se lia a partir de uma anotação a tinta azul, manchada, o seguinte:

“E onde o levais a enterrar,  
irmãos das almas,  
com a semente de chumbo  
que tem guardada?  
Ao cemitério de Tôrres,  
irmão das almas,  
que hoje se diz Toritama,  
de madrugada.  
E poderei ajudar,  
irmãos das almas?  
vou passar por Toritama,  
é minha estrada.  
Bem que poderá ajudar,  
irmão das almas,  
é irmão das almas quem ouve  
nossa chamada.  
E um de nós pode voltar,  
irmão das almas,  
pode voltar daqui mesmo  
para sua casa.”

Geni se lembrou do episódio do livro no metrô, em Recife, a caminho do encontro com Maria do Amparo, a coordenadora do “Grupo Tortura Nunca Mais”, em Recife. Geni não conhecia o poeta João

Cabral de Melo Neto, nem a poesia que ela achou meio parecida com o que vivia agora. Ia enterrar Zezinho, com muitas sementes de chumbo no cemitério de Toritama. Ele, José Manoel, que lutara pela reforma agrária.

Naquele dia, um dia de muita tristeza, de lembranças do marido assassinado, ela reforçara uma esperança que guardava consigo desde muito: fazer o enterro do marido em Toritama e mostrar que ele não era o bandido que a ditadura propagara.

O encontro com Maria do Amparo foi de muito enternecimento e grande surpresa para Maria do Amparo que não imaginava aquele desfecho. E Geni se encheu de esperança e percebeu que estava bem próxima de lavar a honra manchada de José Manoel.

Foram ao Cemitério da Várzea e constataram que muitas páginas do livro de registro do cemitério estavam rasuradas para dificultar a localização dos corpos.

No cemitério além delas, a imprensa. Havia um novo coveiro. O outro estava aposentado, mas ficava por alí fazendo serviços de limpeza dos túmulos e pequenas reformas e assim complementava sua aposentadoria.

Ele demorou para aparecer e quando veio demonstrava medo, muito medo. Primeiro buscaram tranquilizá-lo e depois Geni perguntou:

— Você ainda lembra onde enterramos os ossos do meu marido?

— Essas coisas a gente não esquece! Disse e foi

caminhando para o pé de fruta-pão.

Quando começaram a cavar no lugar indicado, vinte, trinta centímetros talvez, surgiram os primeiros ossos, os fêmures, parte do crânio, algumas vertebrae, depois duas partes da arcada dentária com dentes intactos. Dos sacos plásticos, poucos vestígios. Foi um novo momento de comoção. Geni, procurou ser forte. E foi. O que lhe dava forças era a possibilidade real que tinha agora, passados mais de vinte anos, de gritar para todos, anunciar que Zezinho não era o terrorista que a ditadura fez o povo acreditar naqueles anos todos. Apanhou osso por osso, limpou-os e foi colocando na urna que haviam trazido. Era 19 de dezembro de 1994.

Geni chegou em Toritama à tardinha. Entrou e falou com sua cunhada:

— Ela continua lá?

— Continua! Fica lá sentadinha olhando todos os carros que chegam!

— Mas como é possível, meu Deus? Geni aperseu-se.

— Ela não acredita que ele foi assassinado! Ela ainda tem a esperança de que qualquer hora ele volte. E nós temos muito medo do que pode acontecer a ela! Geni, sentiu um aperto no peito, era uma agonia, um mal estar. Entrou, passou pela sala, pela cozinha e viu sua sogra sentada no quintal olhando a estrada.

— Ele não veio ainda! Disse-lhe a sogra, voltando-se para ela. Mas, meu coração de mãe diz que

ele vem num carro vermelho grande! Esta noite eu sonhei que ele chegava pela tardinha. Eu estou aqui esperando! Quero estar arrumada quando ele chegar! Eu só não sei se eu resistiria ao seu abraço!

Geni abraçou a sogra, engoliu o choro e disse:  
— Está bem perto dele chegar!

Em março de 1995, finalmente José Manoel voltou para Toritama. O caminhão do corpo de bombeiros, trazendo a urna mortuária apontou lá na entrada da cidade. As pessoas estavam na rua para recebê-lo. Geni nem acreditava que pudesse fazer tanto. Recuperar a imagem distorcida que a ditadura fez do seu companheiro.

E lá estava ela, Dona Luíza, sentada no quintal olhando entre as varas da cerca, as torres brancas de pedra ao longe, viu quando o carro do corpo de bombeiros apontou e aí vieram lhe dizer:

— É seu filho Zezinho que vem chegando. Ela se levantou e foi para mais perto da cerca. Olhou aquele povo todo saudando seu filho; sirenes ligadas, palavras de ordem, virou-se para a vizinha que lhe amparava e disse:

— É meu filho Zezinho que vem vindo. Ele é da Marinha!

**17 de março de 1995. em Toritama[PE]. Com o apoio da Prefeitura de Toritama e da Secretaria de Justiça de Pernambuco, o Grupo Tortura Nunca Mais [Maria do Amparo], Paróquia N. S. da Conceição,**

**Centro D. Hélder Câmara, GAJOP, Movimento de Retratção Política de José Manoel da Silva, vereadores Marcelo Santa Cruz e Dilson Peixoto e o Dep. Federal Fernando Ferro, e mais a participação da UMNA - Unidade de Mobilização Nacional pela Anistia [Coutinho], Centro de Direitos Humanos e Memória Popular [Roberto Monte] e o povo brasileiro, fizeram o traslado dos restos mortais do militante político José Manoel da Silva. O governador de Pernambuco era Miguel Arraes.**



## 31. Hoje, morreu um cristão

Ideraldo ouviu o barulho dos foguetões e das buzinas dos carros. Ele já estava de banho tomado, roupa nova e os cabelos ralos, ainda molhados, a água escorrendo pelo pescoço. Eram as pedras que falavam para ele. Os sons de Toritama chegavam até ele através das pedras, por entre as torres de pedras. E neste momento, falavam sobre José Manoel. Era 17 de março de 1995.

Um locutor num carro de som vinha anunciando pela estrada: Aplausos para José Manoel! Estamos fazendo a retratação política daquele que tombou em defesa da democracia! **A p l a u s o s** para José Manoel da Silva. O povo de Toritama vem ostensivamente...

Lá do alto, da sua casinha de telhado marronzinho e já pretejando, naquela imensidão de pedras que desciam até a estrada, ele viu a fileira de carros e de motos e o caminhão do corpo de bombeiros que seguia em direção a Toritama.

Ele sabia da homenagem e também estaria lá. Até ajudara a pintar as pedras que se transformaram nos “outdoors” com as palavras de ordem: “Zezinho Vive!”, “Tortura nunca mais!”

Morando entre pedras no alto da colina. Meia légua da cidade, mais pedra que terra e que ninguém nunca reclamara dono, pois nem para criar prestava, plantava rocinha de milho e feijão e alu-

gava seu trabalho nas várzeas. Foi a terra pedra que restou para ele e os irmãos.

Num domingo, seu filho viera para o almoço com a notícia. Quase sempre, seus filhos vinham para o almoço no domingo. Moravam em Toritama nas casinhas nuas entre pedras e sem arruamento. O progresso. Ah! O progresso! Estavam todos no trabalho das roupas, “dins”, como diziam.

— O painho lembra do finado José Manoel?

— Zezinho de Manoel da Santa que foi assassinado pela ditadura?

— Sim, ele!

— Ora meu filho, seria muita ingratidão minha e dos meus companheiros esquecer Zezinho! Foi ele que deu a esperança da reforma agrária! Ele com aquela certeza toda! Que a gente sairia daqui desta secura branca de pedras para uma várzea verdinha onde dá tudo! Ele sim, era nosso amigo! Lutava para que a gente tivesse uma vida melhor!

E recordou daquele dia de tristeza e medo quando lhe trouxeram o jornal.

— Eu nem podia acreditar que era ele de tão inchado que estava! E o jornal dizendo que ele era terrorista, um rapaz que quase ví nascer e que conhecia o pai, a mãe, os irmãos? Não, não esqueceria nunca!

O filho sabia quanto o pai lamentara aquela morte e o quanto também temeu ser assassinado. Lembrava-se da fuga do pai e dos companheiros assim que chegou a notícia em Toritama. Passaram

um bom tempo escondidos, dormindo cada dia num lugar. Insônia, desassossego e desconfiança de tudo e de todos. Em seguida, as conversas das traições contra Zezinho que foram esclarecendo tudo aquilo. Depois de muito tempo é que foram retornando aos poucos para suas casas, assustados e sofrendo preconceito. Lembrava-se das acusações infundadas que fizeram espalhar pela cidade:

— Saia daqui, terrorista safado! Cadê a bomba que você e Zezinho ia explodir em Toritama, cabra de peia?! Era uma amargura lembrar daqueles tempos, mas, enfim, chegara a grande oportunidade de esclarecer tudo e colocar a verdade no lugar. Zezinho merecia aquilo. Agora estava impaciente. Queria ir logo para Toritama.

— Ceição! Será que Tapuia vem?

— Hôme! Deixe de aperreio, parece que você não conhece seu filho! Se ele diz que vem, é porque vem!

Ceição descendia dos tapuias, povo quase todo dizimado pelos portugueses. Os que não foram assassinados, foram se casando com os brancos e pretos. Baixinha e atarracada, cabelos lisos, já quase branco. O filho tinha as feições dela, só que alto e forte. Um Tapuia. O apelido foi das ruas e ficou para sempre. Ele já se acostumara e tinha orgulho dos antepassados, homens bravos que não se curvaram ao colonizador.

Ideraldo só sossegou quando as pedras falaram novamente. Da porta da sua casa ouviu o ron-

co da motocicleta e foi para a porteira. De lá, podia ver bem longe. E viu a moto que vinha na estradinha, quase trilha, estreita por entre as pedras, aparecendo e sumindo e o som do motor alteando e quase desaparecendo.

Chegou na cidade no exato momento que Geni, à frente do cortejo e com a urna mortuária de Zezinho nos braços, coberta com a bandeira brasileira, gritava:

— Estou aqui limpando a sua honra, Zezinho! Você que foi tão pisado, tão machucado e tratado como um terrorista perigoso, como um homem sem caráter... Receba esta gratidão da sua mulher, dos seus filhos, do pessoal de Toritama e de toda a imprensa.

Um dia inesquecível para Toritama. A cidade parou para receber Zezinho de Manoel da Santa. Ele estava mais vivo do que nunca. Milhares de pessoas nas ruas, nas varandas, nas calçadas, nos muros. Um desfile colorido de guarda-sóis. Crianças em júbilo correndo de um lado para o outro. À frente as faixas, às dezenas: “Tortura nunca mais!” “Zezinho vive!”. O povo aplaudindo à passagem de Zezinho.

Primeiro vinha o caminhão do Corpo de Bombeiros, depois, o povo: velhos, jovens e crianças, homens e mulheres. Depois as bandas marciais e mais povo. Depois veículos, dezenas deles. Um carro com grandes alto-falantes anunciando:

— Zezinho vive! Tortura nunca mais! O povo

de Toritama está fazendo a retratação política de José Manoel!

E lá estava Geni, carregando uma grande coroa de flores nos braços. Estava lá, brava, valente, a cabeça erguida e gritando para toda a cidade:

— Zezinho não era o bandido que a ditadura quis fazer dele. Ele lutava por uma vida melhor para todos. Ele sempre lutou por isso!

E assim, o comércio de portinhas estreitas duas a duas reclamando pintura e os telhados compridos das casas antigas de duas águas, viram passar aquela mulher valente. O povo se acotovelando no meio fio da rua de calçamento de paralelepípedos; o povo dando vivas das varandas, o povo nos muros e nos carros; aplausos que vinham daquelas casinhas espremidas umas contra as outras.

— Quem era ele? Perguntou um forasteiro.

— É José Manoel, Zezinho de Manoel da Santa, um filho valente de Toritama! Respondeu um nativo.

E na sombrinha pequena do meio dia, sol a pino na cabeça seguia o povo de Toritama homenageando seu filho. As motos e bicicletas se entrançando por entre o povo no cortejo, percorrendo becos, ruas e avenidas. Geni à frente gritando em cada canto:

— Meu marido não era o terrorista que a ditadura disse que era. Ele lutou por nós e deu sua vida pela democracia.

E mais à frente, Geni mostra a foto do marido

assassinado. O rosto de sofrimento da tortura, irreconhecível! Torturado! Uma camponesa com um pano amarrado na cabeça se aproxima e vê e diz para a amiga:

— Eu conheci ele mocinho! Era pouco mais novo que eu! Era cheio de vida!

Não se vê sorrisos. Só cenhos fechados.

— É Zezinho de Manoel da Santa, um homem que não se curvou à ditadura! Passa outro e diz. Os panfletos são distribuídos e o povo vai lendo, informando-se. Aula de cidadania. Aula da verdade. E o povo afoito querendo saber mais. Aqui, acolá, um prédio de fachada moderna dessa modernidade que está aportando aqui: “jeans” e violência.

A multidão se espalha agora pela avenida e logo à frente se comprime no beco. Ao fundo, as casinhas simples de testeira branca.

Depois homenagem e missa no Ipiranga Futebol Clube. Ipiranga, rio vermelho, independência. Geni pensou em tudo isso num segundo. Mural nas paredes. Murais no Ipiranga Futebol Clube. E o povo lendo, buscando informação. Aula de história. História dos tempos recentes do Brasil. História escondida do Brasil. História revelada do Brasil. E velhos, crianças, homens, mulheres e jovens lendo. Avidamente lendo os murais.

Como há jovens em Toritama! Diz o visitante.

Dalí, foram para o cemitério. Um homem passou de bicicleta com os olhos marejados:

— Fomos amigos de infância! Diz e sai.

O povo vai se concentrando na rua do cemitério. Parece que todo o povo está nas ruas para prestar a homenagem a José Manoel. E o céu sempre azul.

— Como é azul o céu de Toritama! diz o visitante.

E agora trazem as bandeiras, a do Brasil, a de Pernambuco e a de Toritama. É homenagem. Homenagem pungente e o orgulho no rosto de cada pessoa. Aplausos, mais aplausos. E falou um, falaram vários. Tortura nunca mais!, todos dizem. E Toritama e seu povo se tornaram maior a partir daquele dia. Muito maior.

**3 de agosto de 1995. Jornal Correio da Paraíba, Brasília[AG] - O Governo admitiu ontem ampliar a lista dos desaparecidos políticos durante o Regime Militar de 136 para 372. [...] Requerimento do deputado Domingos Dutra [PT-MA], aprovado ontem, Jobim também terá que explicar os motivos pelos quais a proposta formulada pelo governo não prevê a hipótese do relato das circunstâncias dos desaparecimentos. ... O presidente da comissão, deputado Nilmário Miranda [PT-MG], enfatizou que, agora que o assunto dos desaparecidos deixou de ser “marginal”, várias pessoas têm contado suas histórias e que é importante ouvir todos os depoimentos. ...**



*Não meu, não meu é quanto escrevo.*

*A quem o devo?* [Fernando Pessoa, novembro de 1932]

A Geni [Genivalda Melo da Silva] que, mesmo reabrindo feridas, se propôs a contar sua história.

e mais a:

Abreu, João Batista de, As manobras da informação - Análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil, EdUFF/Mauad, Rio de Janeiro, 2000.

Almada, Izaías, A metade arrancada de mim, Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

Almeida, Anderson da Silva, Todo leme a bombordo, Marinheiros e ditadura civil-militar no Brasil: Da Rebelião de 1964 à Anistia, Programa de pós-graduação em história, UFE, Niterói, 2010.

Assis, Chico, A Trilha do Labirinto, Inojosa, Recife, 1995.

Borba, Marco Aurélio, Cabo Anselmo - A luta armada ferida por dentro, Global, São Paulo, 1981.

Cano, Wilson, Soberania e Política Econômica na América Latina, Unicamp e Unesp, São Paulo, 2000.

Capitani, Avelino Bidem, A Rebelião dos Marinheiros, Artes e Ofícios, Porto Alegre, 1997.

Cavalcanti, Paulo, O caso eu conto, como o caso foi - memórias políticas - 2º volume, Guararapes, 1980.

Duarte, Antonio, A Luta dos Marinheiros, Inverta, Rio de Janeiro, 2005.

Conserva, Paulo, Navegando no exílio, Gráfica NE, João Pessoa, 1991.

Fon, Antonio Carlos, Tortura - A história da repressão política no Brasil, Global, São Paulo, 1979.

Gabeira, O que é isso companheiro?, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.

Gaspari, Elio, A Ditadura Envergonhada, Cia das Letras, São Paulo, 2002.

Gaspari, Elio, *A Ditadura Escancarada*, Cia das Letras, São Paulo, 2002.

Gorender, Jacob, *Combate nas Trevas - A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, Ática, São Paulo, 1987.

Koval, Boris, *História do Proletariado Brasileiro - 1857 a 1967*, Alfa-Omega, São Paulo, 1982.

Laque, João Roberto, *Pedro os os lobos - Os Anos de chumbo na trajetória de um guerrilheiro urbano*, Editorial, São Paulo, sem o ano de publicação.

Maciel, Vilma Antunres, *O capitão Lamarca e a VPR - Repressão judicial no Brasil*, Alameda, 2006.

Mariani, Bethania, *O PCB e a imprensa - Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*, Revan e Unicamp, Campinas, 1988.

Mazzeo, Antonio Carlos, *Sinfonia inacabada - A política dos comunistas no Brasil*, Boitempo e UNESP-Marília, São Paulo, 1999.

Melo Neto, João Cabral de, *Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta*, Editôra do Autor, Rio de Janeiro, 1966.

Miranda, Nilmário e Tibúrcio, Carlos, *dos filhos deste solo - Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar: a responsabilidade do Estado*, Fundação Perseu Abramo e Boitempo, São Paulo, 1999.

Morel, Edmar, *A Revolta da Chibata*, Grral, Rio de Janeiro, 1979.

Mota, Urariano, *Soledad no Recife*, Boitempo, São Paulo, 2009.

Paiva, Marcelo Rubens, *Não és tu, Brasil - Romance*, Mandarin, São Paulo, 1996.

Paiva, Mauricio, *O sonho exilado*, Achiamé, Rio de Janeiro, 1986.

Palmar, Aluizio, *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?*, Travessa, Curitiba, 2006.

Parucker, Paulo Eduardo Castello, Praças em pé de guerra - o movimento político dos subalternos militares no Brasil [1961-1964] e a Revolta dos Sargentos de Brasília, Expressão, São Paulo, 2009.

Paulino, Leopoldo, Tempo de Resistência, COC, sem local de publicação, 2006.

Pedroso Júnior, Antonio, Sargento Darcy - Lugar tenente de Lamarca - Uma vida dedicada ao socialismo, Edição do Autor, Bauru, 2003.

Politi, Maurice, Resistência atrás das grades, Plena, São Paulo, 2009.

Reis Filho, Daniel Aarão, E Outros, Versões e Ficções: o sequestro da história, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1997.

Ribeiro [Pena Branca], Octávio, Por que eu traí - Confissões de Cabo Anselmo, Global, São Paulo, 1984.

Rodrigues, Flávio Luis, Vozes do Mar - O movimento dos marinheiros e o golpe de 64, Cortez, São Paulo, 2004.

Rollemberg, Denise, Exílio - entre raízes e radares, Record, Rio de Janeiro, 1999.

Silva, Alberto Galdino da, Movimento de Retratação Política de José Manoel da Silva - Zezinho Vive, Vivo entre nós, Cópia reprográfica - Torirama[PE], 1995.

Silva, Antonio Ozai, História das Tendências no Brasil [Origens, cisões e propostas], Proposta Editorial, São Paulo, sem o ano de publicação.

Silva Filho, Emiliano José e Miranda, Oldack de, Lamarca o capitão da guerrilha, Global, São Paulo, 1980.

Syrkis, Alfredo, Os Carbonários - memórias da guerrilha perdida, Global, São Paulo, 1980.

Souza, Percival de, Eu, cabo Anselmo - Depoimento a Percival de Souza, Globo, São Paulo, 1999.

Tapajós, Renato, Em Câmara Lenta - Romance, Alfa-Omega, São Paulo, 1979.

Toledo, Caio Navarro, O governo Goulart e o golpe de 64, Brasiliense, São Paulo, 1988.

Ventura, Zuenir, 1968 O ano que não terminou - A aventura de uma geração, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988.

Viegas, Pedro, Trajetória Rebelde, Cortez, SP, 2004.

e mais a:

Arquidiocese de São Paulo, Um relato para a História - BRASIL: NUNCA MAIS, Vozes, Rio de Janeiro, 1985.

Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, Instituto de Estudo da Violência do Estado - IEVE - Grupo Tortura Nunca Mais - RJ e PE, Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a Partir de 1964, CEPE, Recife, 1995.

Documento do Comitê Brasileiro pela Anistia - Secção do Rio Grande do Sul, Dossiê dos Mortos e Desaparecidos, AL do RS, Porto Alegre, 1984.

PCB: vinte anos de política - documentos 1958-1979, LECH, São Paulo, 1980.

Relato da guerrilha do Araguaia, autor desconhecido, cópia reprográfica de documento datilografado, data presumível 1975.

Revista Carta Capital, Editora Confiança., SP, 18/3/2009.

Revista Carta Capital, Editora Confiança, SP, 17/6/2009.

Revista ISTOÉ, Editora Três, São Paulo, 28/3/1984.

Revista ISTOÉ, Editora Três, São Paulo, 28/12/2007.

Revista Manchete - Edição histórica, Bloch Editores, Rio de Janeiro, ano 11 - abril de 1964.

Revista O Cruzeiro Extra - Edição histórica da revolução, O Cruzeiro S/A, Rio de Janeiro, 10/4/1964.

revista O Cruzeiro Extra - A crise militar em fotos, O Cruzeiro S/A, Rio de Janeiro, 30/5/1964.

Revista O Cruzeiro, O Cruzeiro S/A, RJ, 10/4/1964.

Revista O Cruzeiro. O Cruzeiro S/A, RJ, 08/8/1964.

Revista VEJA, Editora Abril, SP, 18/02/1970.

Programa Linha Direta Justiça - Rede Globo de Televisão -

Caso Cabo Anselmo - exibido em 05/7/2007.

Programa Canal Livre - TV Bandeirantes - Cabo Anselmo - exibido em 30/8/2009.

Vídeo. José Manoel, um herói não reconhecido, Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, FAVIP-Faculdade do Vale do Ipojuca [PE], Natália Maciel e Oiarllane Muniz[Direção], 2006.

Vídeo. Zezinho de Manoel da Santa Vive, Retratação política de José Manoel da Silva, Divanildo Foto e Vídeo Produções, Toritama[PE], 1995

Vídeo. Retrospectiva dos 25 anos da UMNA [Unidade de Mobilização Nacional pela Anistia, ex-União dos Militares não Anistiados], Rio de Janeiro, 1989.

e mais a:

Relatório de José Anselmo dos Santos, Declarações prestadas nesta Especializada de Ordem Social, Documento n° 03 - 209 - Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Política, Policia Civil de São Paulo, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, Divisão de Ordem Social, Setor de Análise, Operações e Informações, São Paulo, 1971.

Relatório de *Paquera*, referente a: Onofre Pinto, Maria do Carmo Brito e Marcio Moreira Alves, Documento n° 09 - 143, Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Política, Policia Civil de São Paulo, Departamento Estadual de Ordem Política e Social, Divisão de Ordem Social, Setor de Análise, Operações e Informações, São Paulo, 1971.

Exame em Local de Ocorrência, Portaria 11/73 de 9/1/1973 - Granja São Bento, município de Paulista[PE}, Secretaria da Segurança Pública - Instituto de Polícia Técnica - Pernambuco, Recife, 09/01/1973.

e mais a:

Arquivo Edgar Leuenroth - Projeto Brasil Nunca Mais - UNICAMP - [http://segall.ifch.unicamp.br/site\\_ael/](http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/)

Banco de Dados da Folha de São Paulo - Acervo de Jornais: 28/3/1964 e 29/12/1964, sítio:bd.folha.iol.co.br

Carta O Berro - vanderleycaixe@revistaoberro.com.br  
Chagas, Fábio A. G. das, As Teses de Jamil e a luta armada dos anos 1960-70 no Brasil, Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, vol. 1, n° 2, dezembro de 2009. [www.rbhcs.com]

Motta, Rodrigo Patto Sá, Modernizando a repressão: a USAID e a polícia brasileira, no sítio:

[www.scielo.br/pdf/rbh/v30n59/v30n59a12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n59/v30n59a12.pdf)

[www.armazemmemoria.com.br](http://www.armazemmemoria.com.br)

[www.averdadesufocada.com](http://www.averdadesufocada.com)

[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)

[www.direitoshumanos.gov.br](http://www.direitoshumanos.gov.br)

[www.resgatehistorico.com.br](http://www.resgatehistorico.com.br)

[www.ternuma.com.br](http://www.ternuma.com.br)

[www.torturanuncamais-rj.org.br](http://www.torturanuncamais-rj.org.br)

[www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br)

e mais a:

Antídio Lima, Beto Galdino, Carlos Gregório, Clarissa Maria, Genaldo Gomes, Gustavo Cabral, José Gomes, José Rodrigues, Luiz Ernesto, Maria do Rosário, Mery Medeiros e Ni Guerra[in memoriam].